ISSN 2318-6852

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Acompanhamento da Safra Brasileira

GRÃOS

V.1 - **SAFRA 2013/14**
N.12 - Décimo Segundo Levantamento
Setembro/2014

Observatório Agrícola

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)
Neri Geller

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa
Alessandro Lúcio Marques
Bernardo Nogueira Schlemper
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Eledon Pereira de Oliveira
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Martha Helena Gama de Macêdo
Roberto Alves de Andrade

Superintendências Regionais
Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Acompanhamento da Safra Brasileira
GRÃOS

V.1 - **SAFRA 2013/14**
N.12 – Décimo Segundo Levantamento
Setembro/2014

ISSN 2318-6852
Acomp. safra bras. grãos, v.1 - Safra 2013/14, n.12 - Décimo Segundo Levantamento, Brasília, p. 1-127, set. 2014

Observatório Agrícola

Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores
Társis Rodrigo de Oliveira Piffer (Geote)
Fernando Arthur Santos Lima (Geote)
Francielle do Monte Lima (Geote)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)
Patricia Maurico Campos (Geote)
Divino Cristino de Figueiredo (Geote)
Lucas Barbosa Fernandes (Geote)
Edna Matsunaga de Menezes (Geint)
Elza Mary de Oliveira (Geint)
Iure Rabassa Martins (Geint)
Leandro Menegon Corder (Geole – Mamona)
Luciene de Souza Ribeiro (Geint)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)
Mozar de Araújo Salvador (INMET)
Djalma Fernandes de Aquino (Gefip – Algodão)
Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab – Trigo)
Sérgio Roberto dos Santos (Gerab – Arroz)
Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)

Colaboradores das Superintendências
Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luíz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; Cézar Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos
Arquivo Geosafras/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização
Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal
Disponível em: http://www.conab.gov.br
Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).
ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Introdução..... 4
2. Estimativa da área plantada 4
3. Estimativa da produtividade..... 6
4. Estimativa da produção 7
5. Custo de produção 8
6. Monitoramento agrícola via satélite.....10
6.1. Mapeamentos realizados – Safra 2013/14..... 10
6.2. Estimativa de produtividade – Monitoramento espectral..... 14
6.3. Estimativa de produtividade – Monitoramento agrometeorológico..... 31
6.3.1. Série histórica (outubro/2013 – julho/2014)..... 31
6.3.2. Monitoramento agrometeológico atual – Agosto/2014..... 35
7. Prognóstico climático..... 39
8. Crédito rural..... 41
9. Preços agropecuários..... 47
10. Câmbio..... 60
11. Exportações de arroz, milho e do complexo soja e importação de trigo..... 60
12. Análise das culturas..... 64
12.1. Culturas de verão..... 64
12.1.1. Algodão..... 64
12.1.1.1. Oferta e demanda..... 69
12.1.2. Amendoim..... 70
12.1.2.1. Amendoim primeira safra..... 70
12.1.2.2. Amendoim segunda safra..... 71
12.1.2.3. Amendoim total..... 72
12.1.3. Arroz..... 73
12.1.3.1. Oferta e demanda..... 80
12.1.4. Feijão..... 80
12.1.4.1. Feijão primeira safra..... 82

12.1.4.2. Feijão segunda safra..... 85
12.1.4.3. Feijão terceira safra..... 87
12.1.4.4. Feijão total..... 90
12.1.5. Girassol..... 91
12.1.6. Mamona..... 93
12.1.7. Milho..... 94
12.1.7.1. Milho primeira safra..... 97
12.1.7.2. Milho segunda safra..... 100
12.1.7.3. Milho total..... 104
12.1.7.4. Oferta e demanda..... 105
12.1.8. Soja..... 106
12.1.8.1. Oferta e demanda..... 111
12.1.9. Sorgo..... 112
12.2. Culturas de inverno..... 113
12.2.1. Aveia..... 113
12.2.2. Canola..... 115
12.2.3. Centeio..... 116
12.2.4. Cevada..... 117
12.2.5. Trigo..... 118
12.2.5.1. Oferta e demanda..... 122
12.2.6. Triticale..... 123
13. Histórico das estimativas de área plantada 125
14. Balanço de oferta e demanda..... 126

1. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras.

O principal objetivo dessa atribuição é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação da Política Agrícola e de Abastecimento e no atendimento aos demais agentes oficiais e privados do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Nas pesquisas são levantadas informações de área plantada e/ou a ser plantada, produção estimada, produtividade média estimada, evolução do desenvolvimento das culturas, pacote tecnológico utilizado pelos produtores, evolução da colheita, influência climática, dentre outras informações pertinentes, objetivando agregar qualidade, como forma de fortalecer os dados divulgados pela Companhia. Essas pesquisas são realizadas graças à colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, Secretarias de Agricultura, órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros e revendedores de insumos, que subsidiam os técnicos desta Companhia com informações pertinentes aos levantamentos.

Ao longo do tempo, a qualidade alcançada na informação das safras e sua tempestiva divulgação atingiram elevado nível de credibilidade nos mercados agrícolas globais, que a utilizam como parâmetro para a formação de expectativas presentes e futuras.

A metodologia de avaliação de safras da Conab segue recomendação expressa do Banco Mundial, no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e políticas de abastecimento seguras, capazes de contribuir para a minimização da fome no planeta, na direção, também preconizada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), que tem solicitado aos países-membros uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a reduzir as fortes discrepâncias nas suas estatísticas de produção. Em atenção a essa demanda, os levantamentos têm sido realizados em estreita colaboração com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), consolidando o processo de harmonização das estimativas oficiais de safra para as principais lavouras brasileiras.

Vale destacar também que, o presente Boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do IBGE e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos, que direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

2. Estimativa da área plantada (56,94 milhões de hectares)

Neste levantamento da safra 2013/14, que contempla informações já definidas para as áreas cultivadas com as culturas de verão de primeira e segunda safras, a área está estimada em 56,94 milhões de hectares. Esse valor é 6,3% superior à área cultivada na safra 2012/13, representando um aumento de 3,38 milhões de hectares (Tabela 1). Para as culturas de inverno e culturas de terceira safra na Região Centro-Sul, bem como as culturas da Região Norte/Nordeste (com exceção das áreas de cerrado) as áreas ainda não estão totalmente definidas.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1000 ha)

PRODUTO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2012/13	2013/14		Percentual	Absoluta
	(a)	Ago/2014 (b)	Set/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	894,3	1.121,6	1.121,6	25,4	227,3
AMENDOIM TOTAL	96,6	105,3	105,3	9,0	8,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	86,3	94,2	94,2	9,2	7,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	10,3	11,1	11,1	7,8	0,8
ARROZ	2.399,6	2.396,4	2.386,9	(0,5)	(12,7)
FEIJÃO TOTAL	3.075,3	3.334,5	3.333,4	8,4	258,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.125,0	1.165,7	1.163,6	3,4	38,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.299,9	1.494,3	1.491,2	14,7	191,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	650,4	674,5	678,6	4,3	28,2
GIRASSOL	70,1	145,7	145,7	107,8	75,6
MAMONA	87,4	101,3	101,3	15,9	13,9
MILHO TOTAL	15.829,3	15.769,1	15.800,7	(0,2)	(28,6)
MILHO 1ª SAFRA	6.783,1	6.642,1	6.618,0	(2,4)	(165,1)
MILHO 2ª SAFRA	9.046,2	9.127,0	9.182,7	1,5	136,5
SOJA	27.736,1	30.135,4	30.173,1	8,8	2.437,0
SORGO	801,7	719,3	731,0	(8,8)	(70,7)
SUBTOTAL	50.990,4	53.828,6	53.899,0	5,7	2.908,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013	2014		Percentual	Absoluta
	(a)	Ago/2014 (b)	Set/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	170,1	153,9	154,5	(9,2)	(15,6)
CANOLA	45,5	45,3	45,2	(0,7)	(0,3)
CENTEIO	1,5	1,8	1,8	20,0	0,3
CEVADA	102,9	118,1	118,1	14,8	15,2
TRIGO	2.209,8	2.667,6	2.682,0	21,4	472,2
TRITICALE	42,8	38,8	38,8	(9,3)	(4,0)
SUBTOTAL	2.572,6	3.025,5	3.040,4	18,2	467,8
BRASIL	53.563,0	56.854,1	56.939,4	6,3	3.376,4

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Os destaques são as culturas de soja, com crescimento de 8,8% (2.437 mil hectares), trigo, com 21,4% (472,2 mil hectares), feijão total, com 8,4% (258,1 mil hectares) e algodão, com 25,4% (227,3 mil hectares). Em seguida, as culturas que apresentam os maiores aumentos são: o girassol, com 107,8% (75,6 mil hectares), a cevada, com 14,8% (15,2 mil hectares) e a mamona, com 15,9% (13,9 mil hectares). O milho total apresenta redução de 0,2% (28,6 mil hectares), resultado da redução de área na primeira safra de 2,4% (165,1 mil hectares) e aumento de área de 1,5% na segunda safra (136,5 mil hectares).

3. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

PRODUTO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2012/13	2013/14		Percentual	Absoluta
	(a)	Jun/2014 (b)	Jul/2014 (c)	(b/a)	(b-a)
ALGODÃO EM CAROÇO (1)	3.723	3.841	3.927	5,5	204,6
ALGODÃO EM PLUMA	1.465	1.520	1.546	5,5	81,0
AMENDOIM TOTAL	3.379	3.001	2.998	(11,3)	(380,4)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.555	3.097	3.095	(12,9)	(459,6)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.906	2.180	2.179	14,3	272,9
ARROZ	4.926	5.083	5.095	3,4	169,5
AVEIA	2.339	2.714	2.708	15,8	369,0
CANOLA	1.330	1.506	1.527	14,8	197,0
CENTEIO	1.800	2.000	2.000	11,1	200,0
CEVADA	3.510	3.511	3.527	0,5	17,0
FEIJÃO TOTAL	913	1.032	1.033	13,2	120,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	858	1.077	1.076	25,5	218,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	851	880	878	3,2	27,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.131	1.291	1.300	15,0	169,1
GIRASSOL	1.570	1.599	1.597	1,7	27,0
MAMONA	180	577	439	144,2	259,5
MILHO TOTAL	5.149	4.982	5.057	(1,8)	(92,0)
MILHO 1ª SAFRA	5.097	4.770	4.783	(6,2)	(314,7)
MILHO 2ª SAFRA	5.188	5.136	5.255	1,3	67,0
SOJA	2.938	2.842	2.854	(2,9)	(84,2)
SORGO	2.621	2.661	2.587	(1,3)	(34,5)
TRIGO	2.502	2.813	2.859	14,3	357,0
TRITICALE	2.449	2.698	2.701	10,3	252,0
BRASIL (2)	3.522	3.403	3.433	(2,5)	(89,0)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Não considera a produtividade de algodão em pluma.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

4. Estimativa de produção (195,47 milhões de toneladas)

A produção estimada é de 195,47 milhões de toneladas, 3,6% superior à obtida na safra 2012/13, quando atingiu 188,66 milhões de toneladas (Tabela 3). Esse resultado representa um ganho de 6,81 milhões de toneladas em relação à safra 2012/13.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

PRODUTO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2012/13	2013/14		Percentual	Absoluta
	(a)	Ago/2014 (b)	Set/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO [1]	2.018,7	2.603,9	2.670,7	32,3	652,0
ALGODÃO - PLUMA	1.310,3	1.704,5	1.734,0	32,3	423,7
AMENDOIM TOTAL	326,3	316,0	315,8	(3,2)	(10,5)
AMENDOIM 1ª SAFRA	306,7	291,8	291,6	(4,9)	(15,1)
AMENDOIM 2ª SAFRA	19,6	24,2	24,2	23,5	4,6
ARROZ	11.819,7	12.182,0	12.161,7	2,9	342,0
FEIJÃO TOTAL	2.806,3	3.442,2	3.444,2	22,7	637,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	964,6	1.255,8	1.252,5	29,8	287,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.106,2	1.315,4	1.309,7	18,4	203,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	735,3	871,0	882,0	20,0	146,7
GIRASSOL	110,0	233,1	232,7	111,5	122,7
MAMONA	15,8	58,3	44,5	181,6	28,7
MILHO TOTAL	81.505,7	78.554,0	79.905,5	(2,0)	(1.600,2)
MILHO 1ª SAFRA	34.576,7	31.681,4	31.652,9	(8,5)	(2.923,8)
MILHO 2ª SAFRA	46.928,9	46.872,6	48.252,6	2,8	1.323,7
SOJA	81.499,4	85.656,1	86.120,8	5,7	4.621,4
SORGO	2.101,5	1.914,3	1.890,9	(10,0)	(210,6)
SUBTOTAL	182.203,1	184.959,9	186.786,8	2,5	4.583,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013	2014		Percentual	Absoluta
	(a)	Ago/2014 (b)	Set/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	397,9	417,7	418,4	5,2	20,5
CANOLA	60,5	68,2	69,0	14,0	8,5
CENTEIO	2,7	3,6	3,6	33,3	0,9
CEVADA	361,1	414,6	416,5	15,3	55,4
TRIGO	5.527,9	7.503,5	7.667,2	38,7	2.139,3
TRITICALE	104,8	104,7	104,8	-	-
SUBTOTAL	6.454,9	8.512,3	8.679,5	34,5	2.224,6
BRASIL [2]	188.658,0	193.472,2	195.466,3	3,6	6.808,3

Legenda: [1] Produção de caroço de algodão; [2] Exclui a produção de algodão em pluma.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**1.881,6**	**2.126,6**	**13,0**	**2.935**	**2.967**	**1,1**	**5.522,8**	**6.309,8**	**14,2**
RR	41,5	39,5	(4,8)	3.798	3.600	(5,2)	157,6	142,2	(9,8)
RO	421,4	421,9	0,1	2.859	2.900	1,4	1.204,7	1.223,7	1,6
AC	71,6	64,3	(10,2)	1.902	1.925	1,2	136,2	123,8	(9,1)
AM	21,5	19,7	(8,4)	1.953	2.132	9,2	42,0	42,0	-
AP	5,7	5,5	(3,5)	877	1.018	16,1	5,0	5,6	12,0
PA	506,0	515,1	1,8	2.666	2.750	3,2	1.349,0	1.416,5	5,0
TO	813,9	1.060,6	30,3	3.229	3.164	(2,0)	2.628,3	3.356,0	27,7
NORDESTE	**7.211,7**	**8.271,0**	**14,7**	**1.663**	**2.031**	**22,1**	**11.993,0**	**16.794,3**	**40,0**
MA	1.615,7	1.769,1	9,5	2.211	2.431	10,0	3.572,5	4.300,6	20,4
PI	1.264,4	1.388,1	9,8	1.266	2.001	58,1	1.601,1	2.777,3	73,5
CE	787,7	921,5	17,0	281	621	121,0	221,1	572,6	159,0
RN	29,1	69,0	137,4	447	555	24,2	13,0	38,3	194,6
PB	109,8	155,3	41,4	421	373	(11,4)	46,2	57,9	25,3
PE	275,9	482,0	74,7	280	392	40,0	77,2	188,9	144,7
AL	79,5	81,2	2,1	689	828	20,2	54,8	67,2	22,6
SE	244,4	266,5	9,0	4.195	4.216	0,5	1.025,2	1.123,5	9,6
BA	2.805,2	3.138,3	11,9	1.919	2.443	27,3	5.381,9	7.668,0	42,5
CENTRO-OESTE	**20.680,5**	**22.055,2**	**6,6**	**3.785**	**3.701**	**(2,2)**	**78.277,6**	**81.636,5**	**4,3**
MT	12.310,3	13.323,0	8,2	3.729	3.580	(4,0)	45.907,9	47.702,6	3,9
MS	3.630,8	3.768,5	3,8	3.832	3.840	0,2	13.914,1	14.470,5	4,0
GO	4.604,4	4.777,0	3,7	3.843	3.838	(0,1)	17.696,8	18.333,4	3,6
DF	135,0	186,7	38,3	5.621	6.052	7,7	758,8	1.130,0	48,9
SUDESTE	**4.977,8**	**5.063,6**	**1,7**	**4.065**	**3.532**	**(13,1)**	**20.234,7**	**17.884,1**	**(11,6)**
MG	3.068,1	3.233,9	5,4	3.942	3.604	(8,6)	12.093,6	11.655,5	(3,6)
ES	40,6	38,1	(6,2)	1.887	1.945	3,1	76,6	74,1	(3,3)
RJ	10,3	8,0	(22,3)	1.990	1.988	(0,1)	20,5	15,9	(22,4)
SP	1.858,8	1.783,6	(4,0)	4.328	3.442	(20,5)	8.044,0	6.138,6	(23,7)
SUL	**18.811,4**	**19.423,0**	**3,3**	**3.861**	**3.750**	**(2,9)**	**72.629,9**	**72.841,6**	**0,3**
PR	9.449,2	9.612,6	1,7	3.872	3.727	(3,7)	36.586,0	35.823,8	(2,1)
SC	1.303,4	1.326,4	1,8	4.858	4.955	2,0	6.332,0	6.572,1	3,8
RS	8.058,8	8.484,0	5,3	3.687	3.589	(2,7)	29.712,0	30.445,7	2,5
NORTE/NORDESTE	**9.093,3**	**10.397,6**	**14,3**	**1.926**	**2.222**	**15,4**	**17.515,8**	**23.104,1**	**31,9**
CENTRO-SUL	**44.469,7**	**46.541,8**	**4,7**	**3.849**	**3.703**	**(3,8)**	**171.142,2**	**172.362,2**	**0,7**
BRASIL	**53.563,0**	**56.939,4**	**6,3**	**3.522**	**3.433**	**(2,5)**	**188.658,0**	**195.466,3**	**3,6**

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras),
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

5. Custo de produção

O custo de produção agrícola é fundamental na gestão das atividades produtivas e de geração de importantes informações para subsidiar as tomadas de decisões pelos produtores rurais e, também, de formulação de estratégias pelo setor público e privado.

De forma resumida, a finalidade dos custos de produção são: mensurar as condições de concorrência com outros mercados; identificar diferenças competitivas entre regiões/países; estimar volume de recursos necessários para o financiamento de cada safra agrícola; prever os insumos e serviços necessários para o plantio; servir de instrumento de tomada de decisão governamental; ser um dos principais parâmetros para fixação dos preços mínimos e dimensionar a renda e a rentabilidade do setor agrícola. Os custos de produção da safra 2013/14 elaborados pela Conab, tomando por base sua metodologia, encontram-se na tabela seguinte.

Boa parte dos custos apresenta variação negativa no período da safra anterior para atual, devido à tendência baixista nos preços dos insumos que ocorreu até julho do

corrente ano, em decorrência da desvalorização do Dólar em relação ao Real. Esta tendência começou a se inverter em agosto e a partir desse mês os preços dos insumos estão se elevando, justamente no período de preparação para o cultivo da safra de verão 2014/15.

As informações detalhadas dos custos de produção podem ser obtidas na página eletrônica da Companhia (www.conab.gov.br - acesso a produtos e serviços – informações agropecuárias - custos de produção); endereço: http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=545&t=2.

Tabela 5 – Custos de produção – Safra 2013/14

	CV			CO		
	nov/2013	jul/2014	%	nov/2013	jul/2014	%
Arroz em casca (R$/50 kg)						
Cachoeira do Sul - RS	27,35	27,74	1,43%	30,71	31,38	2,18%
Pelotas - RS	27,48	28,24	2,77%	29,61	30,47	2,90%
Uruguaiana - RS	24,95	25,68	2,93%	27,61	28,21	2,17%
Arroz em casca (R$/60 kg)						
Balsas - MA	26,86	31,02	15,49%	35,11	38,96	10,97%
Sorriso - MT	35,78	33,75	-5,67%	45,31	43,63	-3,71%
Milho 1ª safra (R$/60 kg)						
Balsas - MA	16,21	17,21	6,17%	17,62	18,62	5,68%
Barreiras - BA	21,27	19,89	-6,49%	22,89	21,63	-5,50%
Campo Mourão - PR	21,02	14,54	-30,83%	24,14	16,13	-33,18%
Chapadão do Sul - MS	15,01	14,93	-0,53%	16,74	16,7	-0,24%
Londrina - PR	18,74	18,47	-1,44%	20,98	21,37	1,86%
Passo Fundo - RS	18,65	18,39	-1,39%	20,61	20,43	-0,87%
Unaí - MG	18,89	17,08	-9,58%	21,29	18,98	-10,85%
Milho 2ª safra (R$/60 kg)						
Campo Mourão - PR	17,16	18,82	9,67%	22,36	22,35	-0,04%
Campo Novo dos Parecis - MT	13,14	13,39	1,90%	14,44	14,83	2,70%
Campo Verde - MT	18,31	17,62	-3,77%	21,53	19,89	-7,62%
Chapadão do Sul - MS	19,87	20,14	1,36%	22,5	22,82	1,42%
Londrina - PR	19,74	19,62	-0,61%	23,39	22,35	-4,45%
Rio Verde - GO	22,19	22	-0,86%	23,93	23,82	-0,46%
Sorriso - MT	16,1	16,07	-0,19%	17,43	17,48	0,29%
Ubiratã - PR	15,59	15,93	2,18%	17,34	17,83	2,83%
Soja convencional (R$/60 kg)						
Campo Novo dos Parecis - MT	36,32	34,69	-4,49%	39,04	37,66	-3,53%
Londrina - PR	34,21	32,9	-3,83%	41,25	39,67	-3,83%
Primavera do Leste - MT	41,85	38,89	-7,07%	44,57	42,38	-4,91%
Sorriso - MT	37,42	39,47	5,48%	40,11	42,32	5,51%
Unaí - MG	28,18	32,04	13,70%	34,36	36,87	7,31%
Soja transgênica (R$/60 kg)						
Balsas - MA	26,18	27,27	4,16%	35,43	36,45	2,88%
Barreiras - BA	31,97	28,36	-11,29%	35,93	32,71	-8,96%
Brasília - DF	27	26,68	-1,19%	30,95	30,84	-0,36%
Campo Novo dos Parecis - MT	36,87	34,95	-5,21%	39,66	37,99	-4,21%
Chapadão do Sul - MS	34,13	35,43	3,81%	39,97	41,57	4,00%
Londrina - PR	30,95	31,43	1,55%	35,78	37,62	5,14%
Primavera do Leste - MT	42,06	37,34	-11,22%	44,77	40,81	-8,85%
Rio Verde - GO	27,78	26,83	-3,42%	30,14	29,28	-2,85%
Sorriso - MT	37,82	39,58	4,65%	40,7	42,64	4,77%
Trigo (R$/60 kg)						
Cascavel - PR	32,19	35,34	9,79%	39,24	43,71	11,39%
Cruz Alta - RS	30,82	31,56	2,40%	34,56	36,34	5,15%
Londrina - PR	34,98	36,58	4,57%	41,48	41,15	-0,80%
Passo Fundo - RS	30,88	32,62	5,63%	36,84	38,54	4,61%
Ubiratã - PR	31,87	37,26	16,91%	38,07	43,66	14,68%

Fonte: Conab/Dipai/Suinf/Gecup.
Legenda: CV – Custo Variável; CO – Custo Operacional.

6. Monitoramento agrícola via satélite

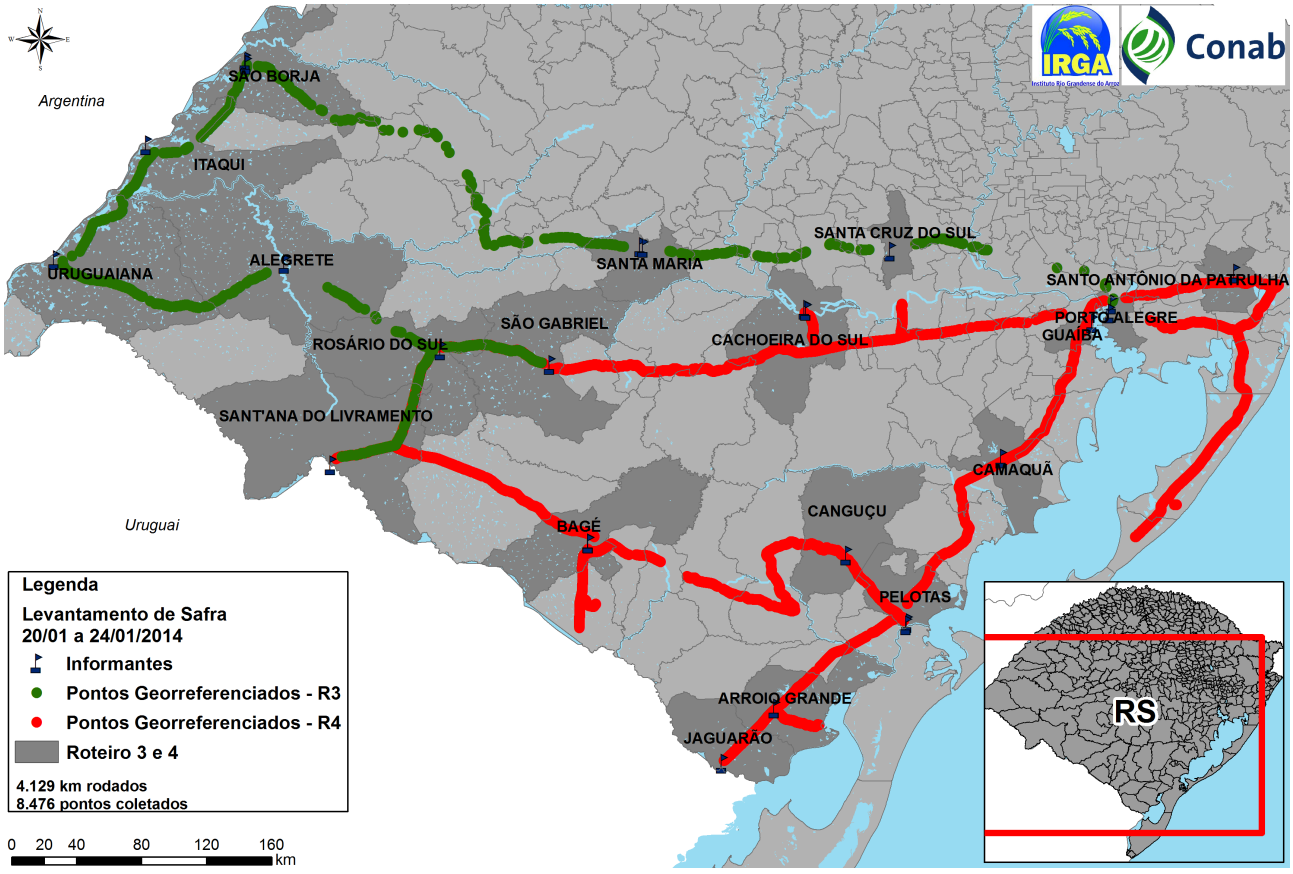
6.1. Mapeamentos realizados – Safra 2013/14

Arroz

A Conab, em parceria com o Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA), realizou o mapeamento da cultura de arroz no Rio Grande do Sul referente à safra 2013/14. A primeira etapa do trabalho consistiu na coleta de pontos georreferenciados, para auxiliar a identificação das lavouras nas imagens de satélite.

Foram percorridos 4.129 km durante todo o percurso e computados 8.476 pontos, destacando a localização de lavouras de arroz, girassol, milho, soja e sorgo e outras informações pertinentes, como áreas nativas, em pousio, fumo e pastagem. Os pontos serviram de auxílio para a classificação visual das lavouras nas imagens (Figura 1).

Figura 1 – Coleta de pontos georreferenciados para o mapeamento da safra 2013/14 do arroz

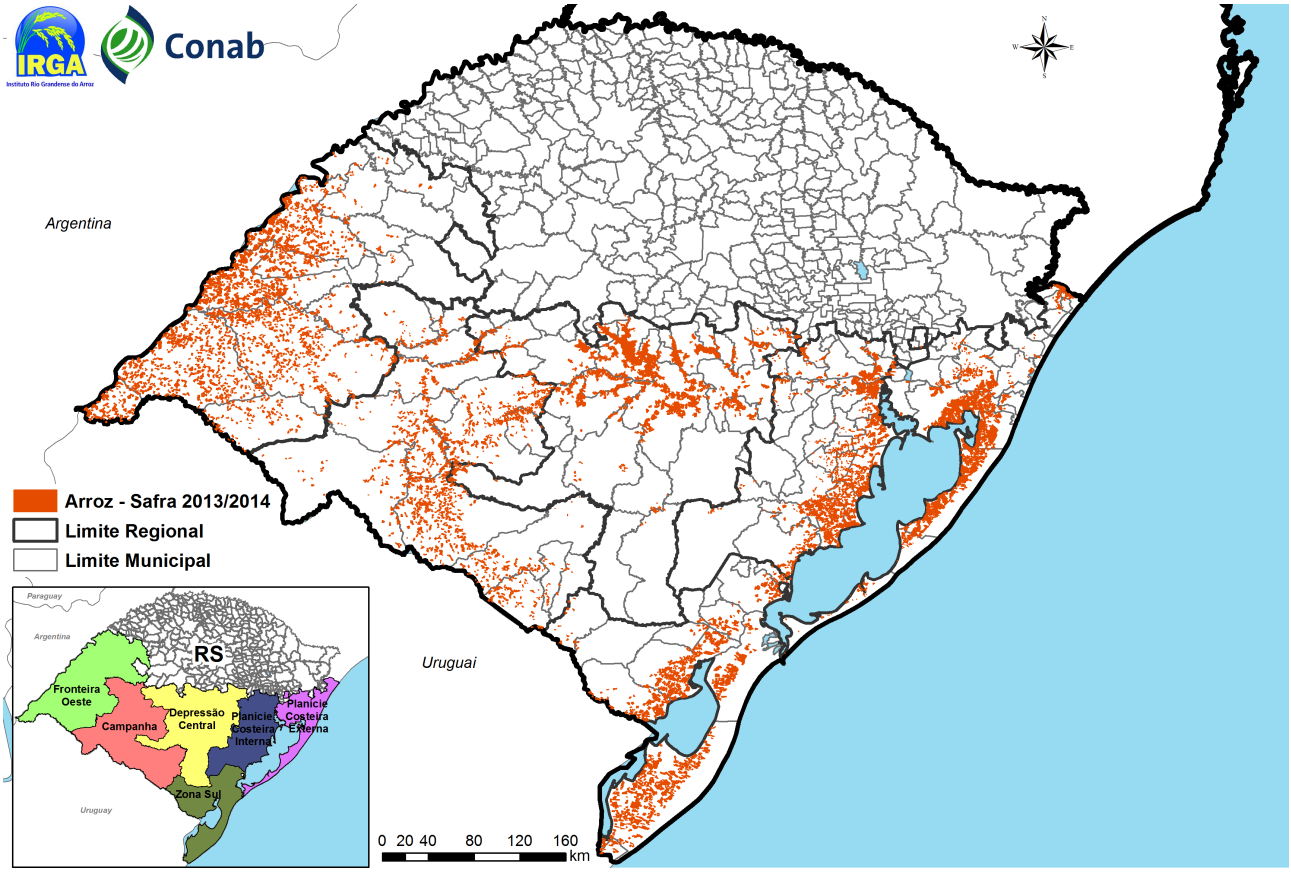


Além dos pontos coletados, foi utilizado como referência o mapeamento da safra anterior (2012/13), e as imagens utilizadas são do sensor Landsat 8, cuja resolução espacial é de 15 metros. A análise das imagens de diferentes períodos do ciclo de desenvolvimento da cultura do arroz possibilitou o mapeamento da safra 2013/14 no Rio Grande do Sul. A Figura 2 apresenta a distribuição espacial das áreas de arroz na região arrozeira do estado.

O mapeamento do arroz com o uso de geotecnologia é importante como método complementar e não excludente nas estimativas de safra. Em virtude da confusão espectral da cultura com outras coberturas, como a soja, espécies forrageiras e áreas nativas de várzeas, o mapeamento do arroz exige um bom conhecimento de campo, daí a importância da participação do IRGA.

As visitas a campo são importantes para a obtenção de pontos de controle, que subsidiam a interpretação das imagens de satélite e auxiliam na tomada de decisão. Outra vantagem é a observação in loco e a aproximação com os técnicos locais, permitindo a troca de informações quanto às condições agronômicas das lavouras.

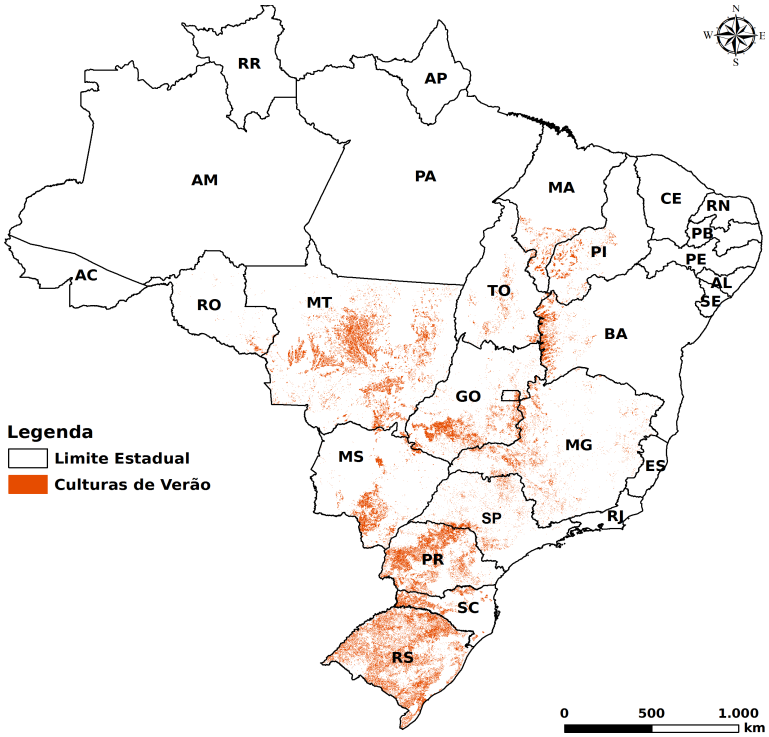
Figura 2 – Mapeamento da safra 2013/14 da cultura do arroz



Culturas de verão

Para auxiliar a estimativa de área plantada e subsidiar o monitoramento agrícola, a Conab realizou mapeamentos das culturas de verão (milho primeira safra e soja) – safra 2013/14 - nos principais estados produtores, como é apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Mapeamentos das culturas de verão (safra 2013/14) nos principais estados produtores



Análise dos mapeamentos das culturas de verão no MATOPIBA

Na Figura 4, é possível visualizar a evolução espacial da área plantada com as culturas de verão na região que abrange o sul do Maranhão, o Tocantins, o sudoeste do Piauí e o oeste da Bahia (MATOPIBA). No Gráfico 1, observa-se a alta correlação entre os resultados dos mapeamentos e as áreas estimadas pelo levantamento subjetivo, o que dá maior consistência às previsões de área divulgadas pela Companhia.

Figura 4 – Evolução da área plantada com as culturas de verão na região do MATOPIBA

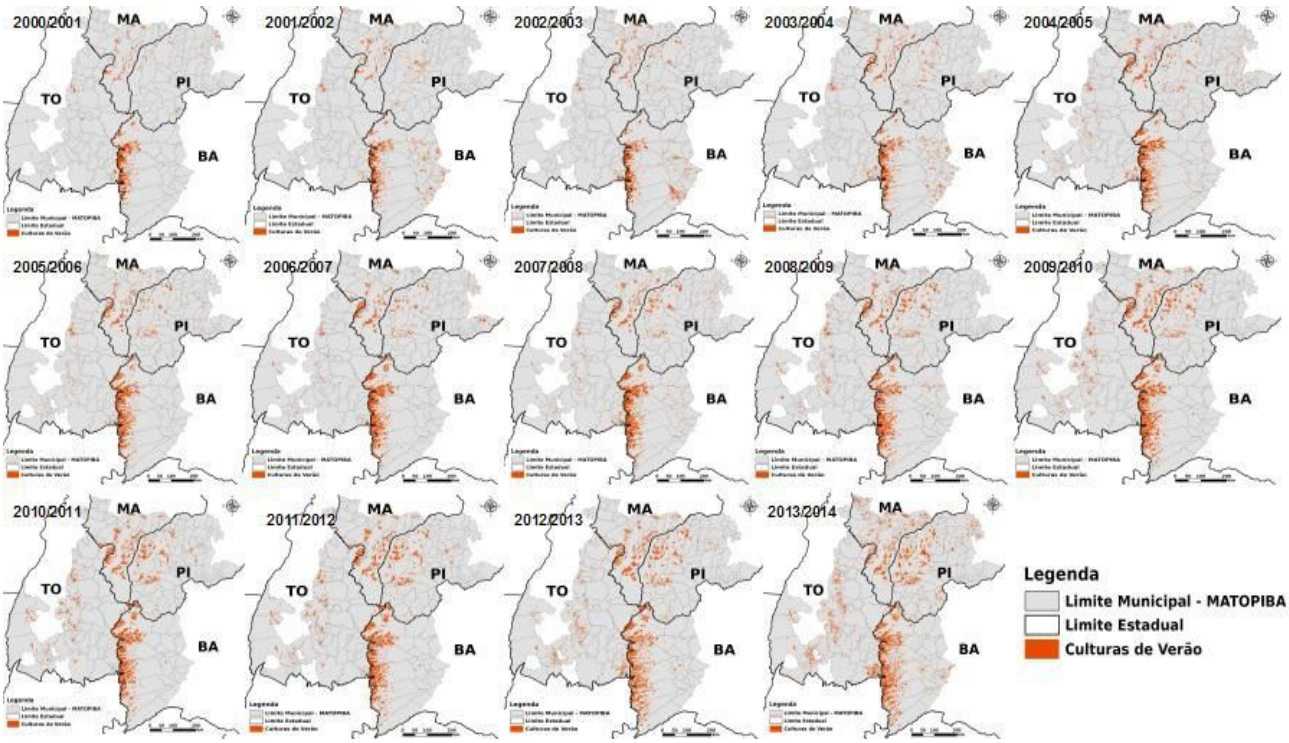
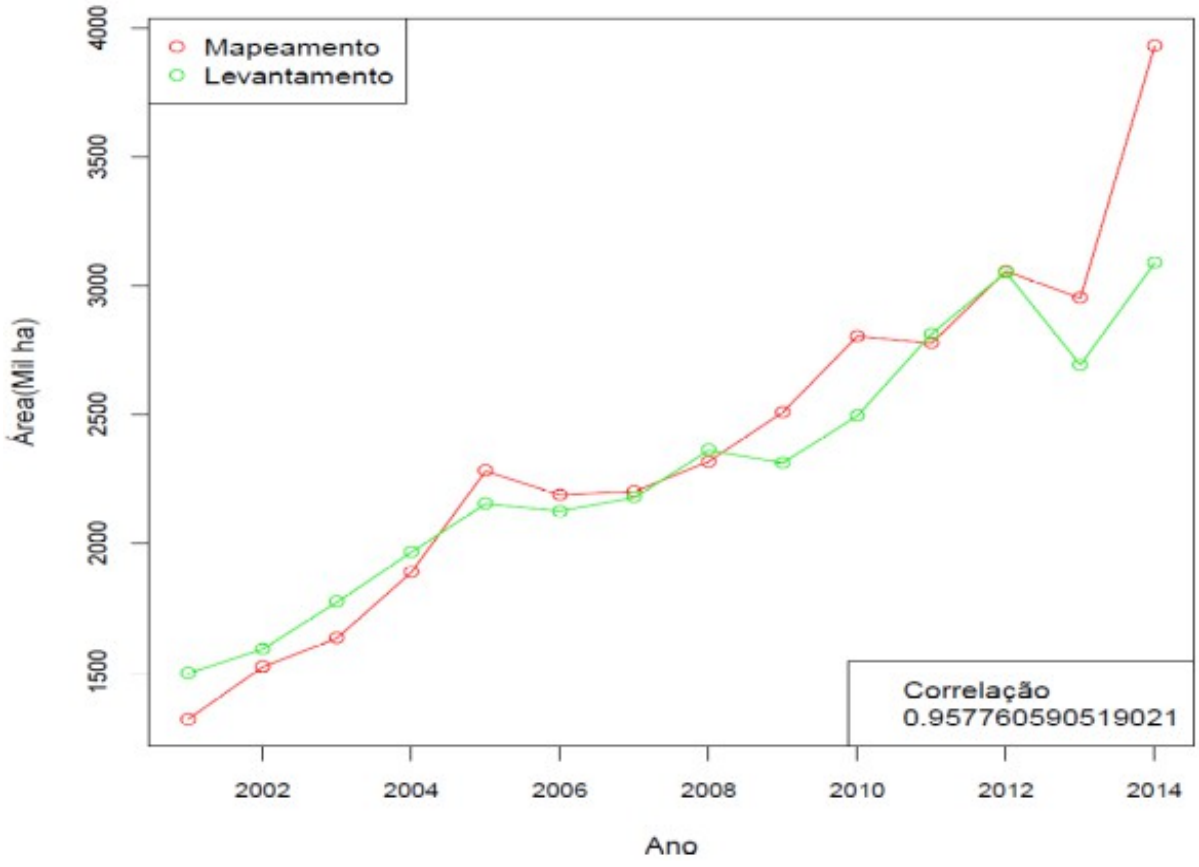


Gráfico 1 – Correlação entre os resultados dos mapeamentos das culturas de verão na região do MATOPIBA e as estimativas de área do levantamento subjetivo



6.2. Estimativa de produtividade – Monitoramento espectral

O monitoramento espectral é feito a partir do acompanhamento do Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, ao longo de todo o ciclo fenológico das lavouras, identificadas a partir dos mapeamentos. Para a obtenção dos indicativos de produtividade, o IV da safra atual é comparado com o de outras safras e/ou a média histórica. Os mapas de anomalia mostram a relação espacial entre o IV da safra atual e a média histórica, na última quinzena. Já os gráficos de evolução possibilitam o acompanhamento do valor médio do IV (de toda a área mapeada) ao longo do tempo, e a comparação entre diferentes anos safra.

São monitoradas as principais mesorregiões produtoras do país, que representam mais de 74% da área plantada com as culturas de verão (soja, milho primeira safra, algodão e feijão), mais de 89% da área plantada com milho segunda safra e mais de 82% da área plantada com trigo (Tabela 6). Os resultados detalhados de todos os monitoramentos, assim como, maiores informações sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, elaborados pela Conab em parceria com o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), e divulgados quinzenalmente no site da Companhia. A última edição está acessível na área de destaques da página principal.

Tabela 6 –Área monitorada das culturas de verão, do milho segunda safra e do trigo, nas mesorregiões estaduais com produção mais significativa.

	Mesorregião	Culturas de Verão* (set a abr)		Milho 2ª Safra (jan a jul)		Trigo (abr a nov)	
		Área (mil ha)	% País	Área (mil ha)	% País	Área (mil ha)	% País
1	Norte Mato-grossense - MT	6.006,9	14,6	2.271,6	24,9	-	-
2	Noroeste Rio-grandense - RS	3.870,7	9,4	-	-	1.061,7	39,8
3	Sul Goiano - GO	2.744,8	6,7	874,4	9,6	-	-
4	Extremo Oeste Baiano - BA	1.902,5	4,6	-	-	-	-
5	Sudeste Mato-grossense - MT	1.709,4	4,1	548,5	6,0	-	-
6	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.517,5	3,7	1.067,8	11,7	-	-
7	Nordeste Mato-grossense - MT	1.272,3	3,1	337,5	3,7	-	-
8	Oeste Paranaense - PR	1.259,5	3,1	877,2	9,6	-	-
9	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	1.065,3	2,6	-	-	-	-
10	Norte Central Paranaense - PR	990,8	2,4	627,1	6,9	240,8	9,0
11	Sudoeste Piauiense - PI	766,1	1,9	-	-	-	-
12	Centro Ocidental Paranaense - PR	764,4	1,9	412,1	4,5	102,6	3,8
13	Centro Oriental Paranaense - PR	746,1	1,8	24,4	0,3	162,8	6,1
14	Centro Ocidental Rio-grandense - RS	734,3	1,8	-	-	109,6	4,1
15	Centro-Sul Paranaense - PR	732,7	1,8	16,2	0,2	101,1	3,8
16	Leste Goiano - GO	724,8	1,8	-	-	-	-
17	Noroeste de Minas - MG	716,3	1,7	-	-	-	-
18	Sul Maranhense - MA	645,4	1,6	82,1	0,9	-	-
19	Sudoeste Paranaense - PR	631,0	1,5	54,7	0,6	174,9	6,6
20	Oeste Catarinense - SC	596,9	1,4	-	-	57,2	2,1
21	Norte Pioneiro Paranaense - PR	583,5	1,4	312,3	3,4	139,8	5,2
22	Sudeste Paranaense - PR	525,1	1,3	13,9	0,2	42,8	1,6
23	Oriental do Tocantins - TO	362,3	0,9	-	-	-	-
24	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	-	-	290,0	3,2	-	-
25	Assis - SP	-	-	191,5	2,1	-	-
26	Noroeste Paranaense - PR	-	-	154,1	1,7	-	-
Total 26 mesorregiões		**30.868,4**	**74,9**	**8.155,4**	**89,4**	**2.193,4**	**82,2**
Total Brasil		**41.233,6**	**100,0**	**9.127,0**	**100,0**	**2.667,6**	**100,0**

*- Algodão, Feifão Total, Milho 1ª Safra e Soja

Fonte: Conab/IBGE

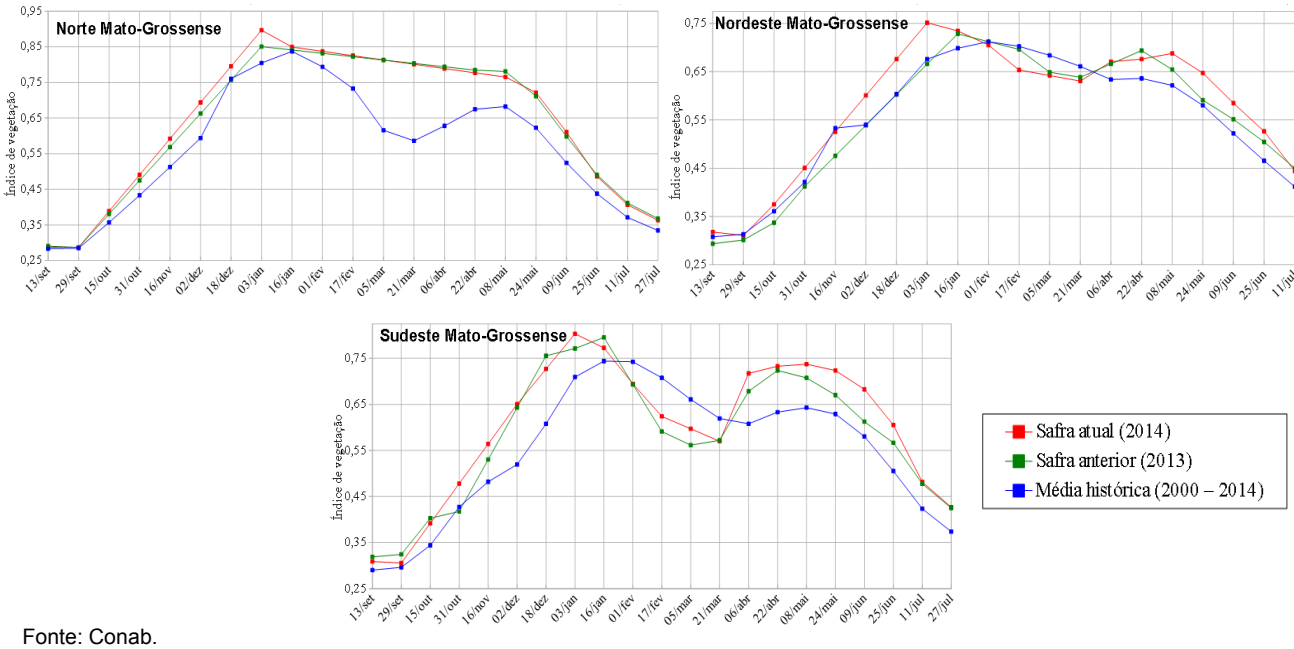
Série histórica (setembro/2013 – julho/2014)

Neste relatório é mostrada a síntese de todos os monitoramentos da safra de grãos 2013/14, desde o plantio das culturas de verão até o início da colheita das culturas de inverno. Para cada estado, são apresentados os gráficos de evolução do IV das mesorregiões monitoradas, de acordo com os períodos de desenvolvimento de cada cultura: culturas de verão, milho segunda safra e trigo.

Como recurso para análise do comportamento das lavouras ao longo dos ciclos dos cultivos são utilizados os gráficos da evolução temporal, que mostram o comparativo da safra atual em relação à média histórica e à safra passada. No eixo vertical, são indicados os valores dos IV alcançados pelas lavouras. Ao longo do eixo horizontal consta o período que cobre o ciclo completo dos cultivos, desde o plantio até a colheita. No período de germinação, as áreas cultivadas apresentam baixas respostas de IV, por essa razão, o ponto onde se inicia a ascensão das linhas nos gráficos indica o começo de cobertura foliar, que acontece algumas semanas após o plantio, variando de acordo com a cultura. A rampa de subida representa as fases de desenvolvimento, de floração e de enchimento de grãos. Quando a curva começa a declinar tem-se o início da maturação das lavouras e, no final, com baixos valores de IV, está o final da colheita.

Mato Grosso

Gráfico 2 - Monitoramento das culturas de verão e do milho 2ª safra – setembro/13 a julho/14



Fonte: Conab.

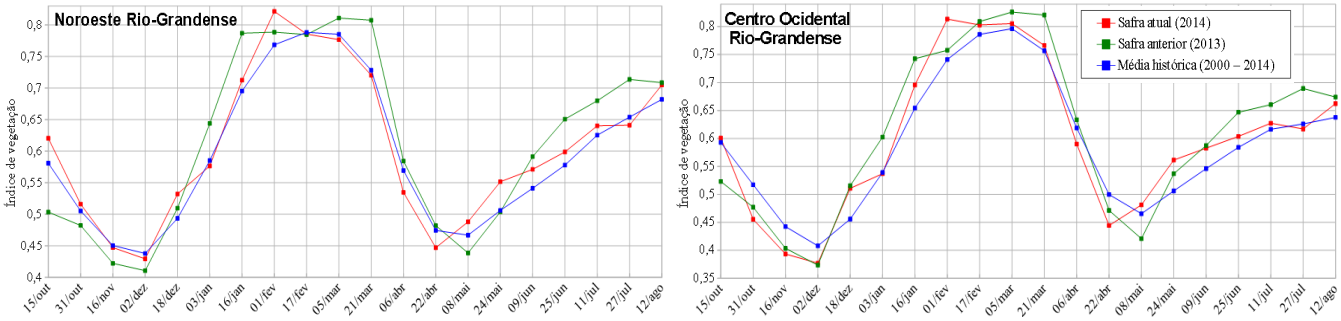
Os gráficos acima mostram a evolução das lavouras da safra de verão e de segunda safra no período de setembro de 2013 a julho de 2014 em Mato Grosso. A primeira elevação das linhas (29/setembro) ilustra o início do crescimento das culturas de verão e a segunda (21/março) corresponde ao crescimento dos cultivos de segunda safra. A linha da média histórica (azul), um pouco mais diferenciada das demais evidencia as mudanças nos calendários de plantio em decorrência do aumento da área dos cultivares de ciclo curto, em anos mais recentes, principalmente soja. Este procedimento tem por finalidade liberar, mais cedo, áreas para o milho safrinha, aproveitando o período chuvoso ainda no começo do ano.

O trecho em forte ascensão chegando ao pico no início de janeiro, especialmente da safra atual (linha vermelha), mostrou a boa resposta das lavouras. Isto já indicava, desde aquele mês, bom potencial de rendimento da safra de verão, o que foi confirmado pelos levantamentos de campo. O trecho da linha vermelha, em declínio no início de janeiro, mostra o início da maturação das lavouras, e na sequência as colheitas principalmente da soja. A linha azul, mais deslocada para a direita, mostra que na média histórica estas fases aconteciam mais tarde.

Pela segunda elevação dos gráficos vemos que houve pequenos atrasos no plantio e consequentemente nas demais fases dos cultivos de segunda safra. Entretanto, não se constata penalização das lavouras. O formato das curvas, com altas respostas de IV e com boa amplitude temporal, de março a julho, é indicativo de bom potencial de produtividade, fato confirmado pelas colheitas recém-concluídas no estado.

Rio Grande do Sul

Gráfico 3 - Monitoramento das culturas de verão e do trigo – setembro/13 a agosto/14



Fonte: Conab.

Os gráficos acima mostram a evolução das lavouras no Noroeste e no Centro-Ocidental Rio-Grandense. Essas duas mesorregiões são as mais representativas na produção de soja, milho e trigo no estado. A elevação principal, no centro dos gráficos, corresponde à safra de verão, já colhida, e os trechos em ascensão a partir de maio correspondem aos cultivos de inverno ainda em monitoramento.

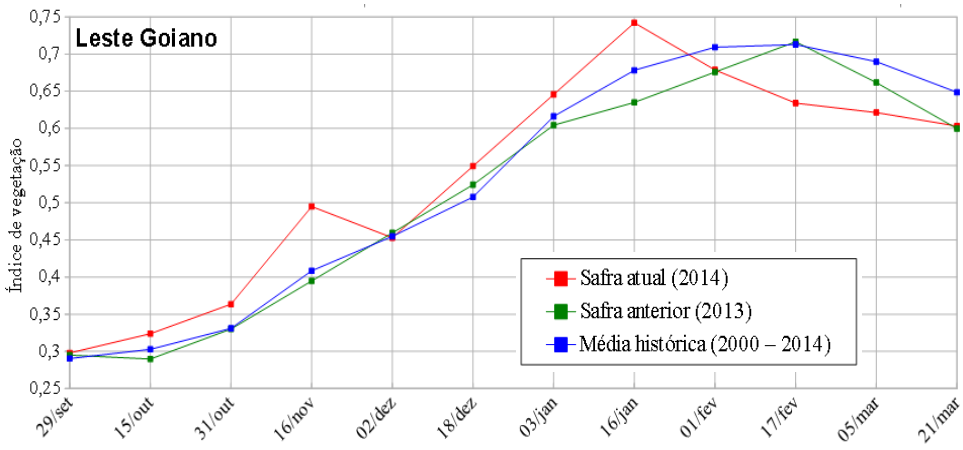
Em ambos os gráficos, os trechos das linhas em descida no período de outubro até meados de novembro representam a fase final das colheitas dos cultivos de inverno do ano passado e o período de plantio da safra de verão 2013/14. A ascensão a partir de dezembro mostrava que naquele mês já havia cobertura foliar dos cultivos semeados mais cedo, iniciando o desenvolvimento vegetativo. A linha vermelha mostra que a safra atual teve bom padrão de desenvolvimento até meados de dezembro. No período seguinte observa-se queda do padrão quando comparado ao da safra passada. A partir de janeiro houve boa recuperação chegando a superar, no início de fevereiro, a safra 2012/13. Porém, a partir daquele mês voltou a cair, mantendo-se com respostas de IV relativamente baixos, indicando, desde março, que o potencial de produtividade ficaria abaixo da safra do ano passado, o que foi confirmado, para a soja que é a cultura mais expressiva na região.

Nos trechos correspondentes aos cultivos de inverno a linha vermelha mostra que a safra atual teve uma ascensão menos forte que a safra passada a partir de início de junho. Tal comportamento decorre do atraso no plantio em parte das áreas destinadas aos cultivos de inverno, em função do excesso de chuvas na região, no

período tradicional da semeadura. O trecho da linha que finaliza em 27 de julho enfatiza os efeitos adversos provocados pelo excesso de chuvas. O traçado deste ano está bem diferente quando comparado ao do ano passado. Houve recuperação no penúltimo trecho, mas volta a cair no momento atual. Previsibilidade ainda indefinida para o potencial de rendimento dos cultivos de inverno (safra 2014) no estado.

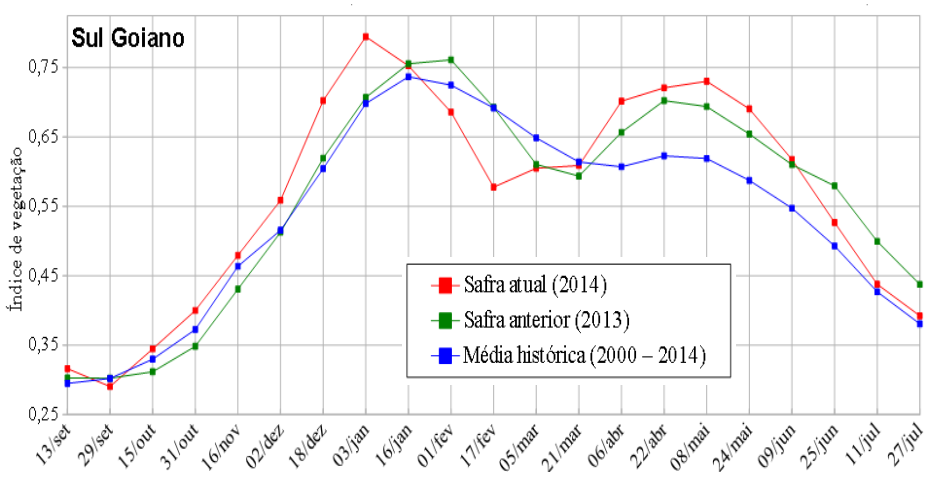
Goiás

Gráfico 4 - Monitoramento das culturas de verão – setembro/13 a março/14



Fonte: Conab.

Gráfico 5 - Monitoramento das culturas de verão e do milho 2ª safra – setembro/13 a julho/14



Fonte: Conab.

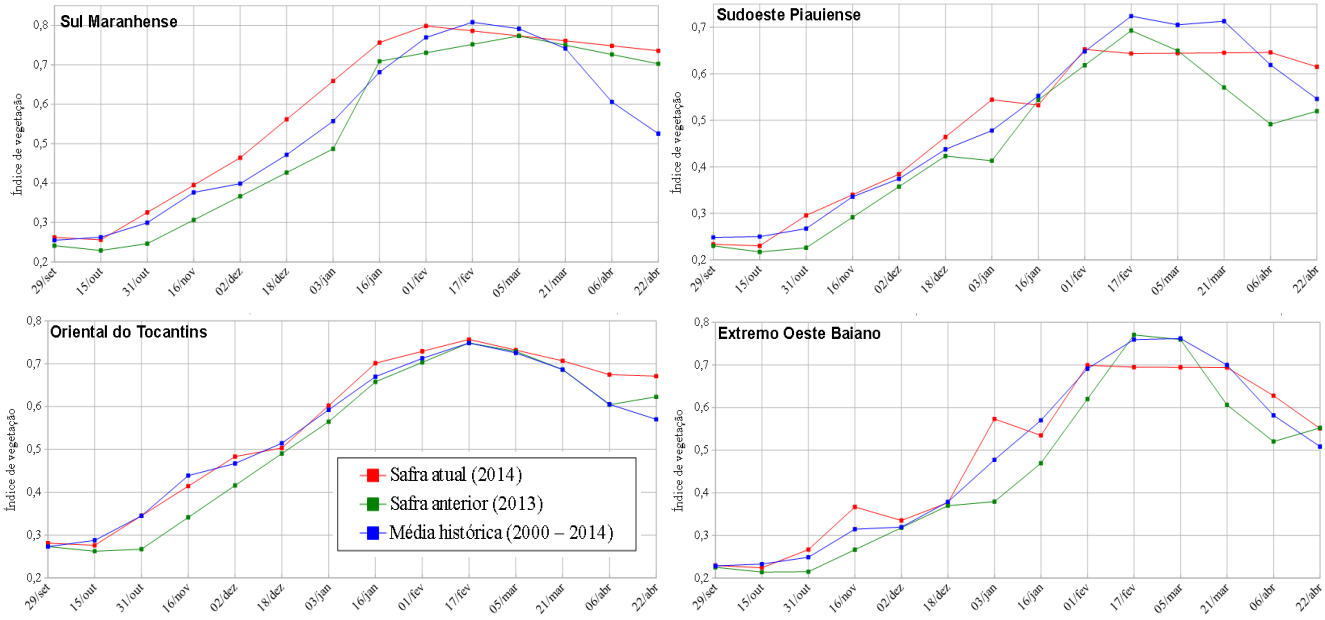
O primeiro gráfico acima traça o perfil temporal relativo à evolução das lavouras da safra de verão no Leste Goiano. O segundo gráfico corresponde ao Sul Goiano e cobre o período das duas safras, de setembro de 2013 a julho de 2014. Em ambos os gráficos, os trechos das linhas com baixos valores de IV em setembro representam o início do plantio das culturas de verão. A linha vermelha mostra que a safra de verão teve bom desenvolvimento até o início de janeiro. Em seguida observa-se forte queda, em decorrência de estiagens na região, em fases reprodutivas das lavouras. A baixa disponibilidade hídrica antecipou a maturação das lavouras com enchimento incompleto

dos grãos e, consequentemente, houve queda de rendimento. As chuvas que retornaram depois não foram suficientes para recuperação plena. Essa queda da produtividade dos grãos foi constatada em levantamentos realizados em campo pela Companhia.

No gráfico do Sul Goiano a segunda elevação segue em continuidade à primeira e traça o perfil da evolução dos cultivos de segunda safra na região. Os traçados com respostas das linhas vermelha e verde, bem acima da média histórica, durante todo ciclo reprodutivo, caracterizam o aumento anual das áreas dos cultivos de segunda safra na região, especialmente do milho safrinha. O trecho da linha vermelha em forte declínio, em janeiro até meados de fevereiro, mostra a colheita precoce da primeira safra. Esse ambiente climático propiciou a antecipação do plantio dos cultivos de segunda safra, em especial do milho safrinha. O plantio antecipado foi benéfico pela coincidência do bom período chuvoso na região, nas fases de desenvolvimento, floração e frutificação dos cultivos de segunda safra. Percebe-se ascensão já a partir de meados de fevereiro. A partir do final de março e início de abril as respostas das lavouras ao IV foi expressiva, superando as safras anteriores. A descendência antecipada da linha vermelha, a partir de junho, retrata a maturação que, naturalmente, ocorreu mais cedo devido à antecipação de todo o ciclo das lavouras. O traçado da linha vermelha com altos valores de IV e com larga amplitude temporal, cobrindo todas as fases reprodutivas dos cultivos, caracteriza bom potencial de rendimento, o que foi confirmado pelos levantamentos que se seguiram, realizados em campo pela Conab.

MATOPIBA

Gráfico 6 - Monitoramento das culturas de verão – setembro/13 a abril/14



Fonte: Conab.

Nos principais estados produtores de grãos do Nordeste: Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia os monitoramentos da safra de verão indicaram situações distintas, conforme segue:

No Extremo Oeste Baiano a linha vermelha do gráfico mostra que a safra de verão apresentou variações desde o plantio. Seguiu bem na segunda quinzena de dezembro,

caiu na quinzena seguinte, mas, como a maioria das lavouras estava em desenvolvimento vegetativo, elas e recuperaram (em parte) com o retorno das chuvas na segunda quinzena de janeiro. No entanto, o IV voltou a cair em fevereiro e se manteve abaixo das safras anteriores até o início de março. Em abril o padrão estava relativamente bom em decorrência do incremento de áreas agrícolas, da quantidade de áreas irrigadas e, também, devido ao atraso no plantio da soja em algumas partes da região, que possibilitou a recuperação das lavouras que ainda estavam em desenvolvimento vegetativo no período da estiagem. Os últimos trechos indicam bom potencial de rendimento.

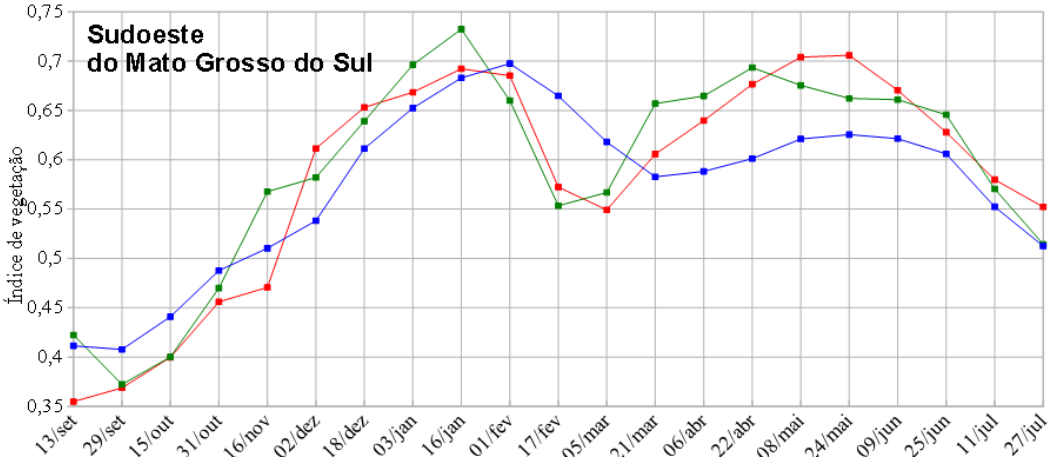
No Sudoeste Piauiense a linha vermelha mostra que o padrão de desenvolvimento das lavouras foi bom até o início de janeiro. Na quinzena seguinte houve declínio, que provavelmente foi devido às estiagens. Na segunda quinzena de janeiro novamente houve recuperação. Na primeira quinzena de fevereiro houve novamente queda, conforme mostra o trecho da linha daquele período. Porém os dois últimos monitoramentos mostram altas respostas de IV indicando bom padrão de desenvolvimento.

No Sul Maranhense a linha vermelha mostra que os cultivos seguiram bem desde o plantio. Na média das lavouras cultivadas na região, observa-se altas respostas de IV até abril, possivelmente devido ao milho, indicando bom padrão de desenvolvimento desta cultura.

Na mesorregião Oriental do Tocantins a linha vermelha mostra que o padrão de desenvolvimento das lavouras seguiu bem desde o plantio até a colheita, indicando o bom potencial de rendimento da soja na região.

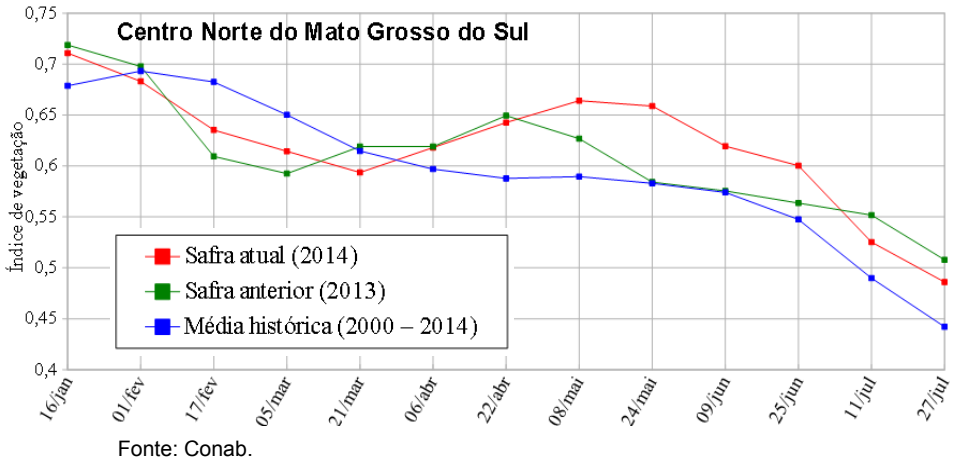
Mato Grosso do Sul

Gráfico 7 - Monitoramento das culturas de verão e do milho 2ª safra – setembro/13 a julho/14



Fonte: Conab.

Gráfico 8 - Monitoramento do milho 2ª safra – janeiro a julho/14



Fonte: Conab.

O primeiro gráfico acima cobre todo o período da primeira e segunda safras no Sudoeste do Mato Grosso do Sul, mostrando o comportamento das lavouras de setembro de 2013 a julho de 2014.

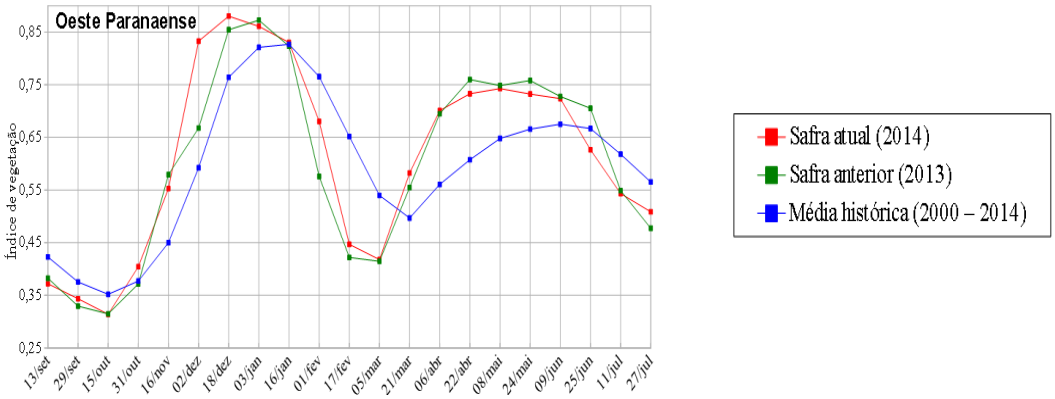
Nesse gráfico a linha vermelha mostra um possível e pequeno atraso no plantio da safra 2013/14 em relação à média histórica. O trecho da linha correspondente ao período de 15 de outubro a 16 de novembro seguiu abaixo da média histórica e também em relação ao ano passado. Porém, a linha mostra que houve recuperação nas duas quinzenas seguintes. No final de dezembro e início de janeiro situou acima da média histórica e abaixo do ano passado. Em fevereiro inverteu, ficando acima da safra passada e abaixo da média histórica. Embora com algumas oscilações, o traçado da linha vermelha de setembro do ano passado a fevereiro desse ano, com boa ascensão nas fases reprodutivas, indicava boas perspectivas de rendimento da safra de verão o que realmente ficou confirmado posteriormente.

O segundo gráfico, corresponde ao Centro Norte do estado, cobre o ciclo da segunda safra, que vai de janeiro a julho de 2014.

Nos dois gráficos acima o deslocamento da linha vermelha para a direita, em relação ao ano passado, indica algum atraso do plantio de segunda safra. No entanto, a ascensão a partir do início de março até final de maio, alcançando altos valores de IV, mostra que nas fases mais representativas da produtividade das lavouras, floração e enchimento de grãos, as plantas responderam bem. Os segmentos da linha em declínio indicam maturação e início das colheitas dos cultivos de segunda safra.

Paraná

Gráfico 9 - Monitoramento das culturas de verão e do milho 2ª safra – setembro/13 a julho/14

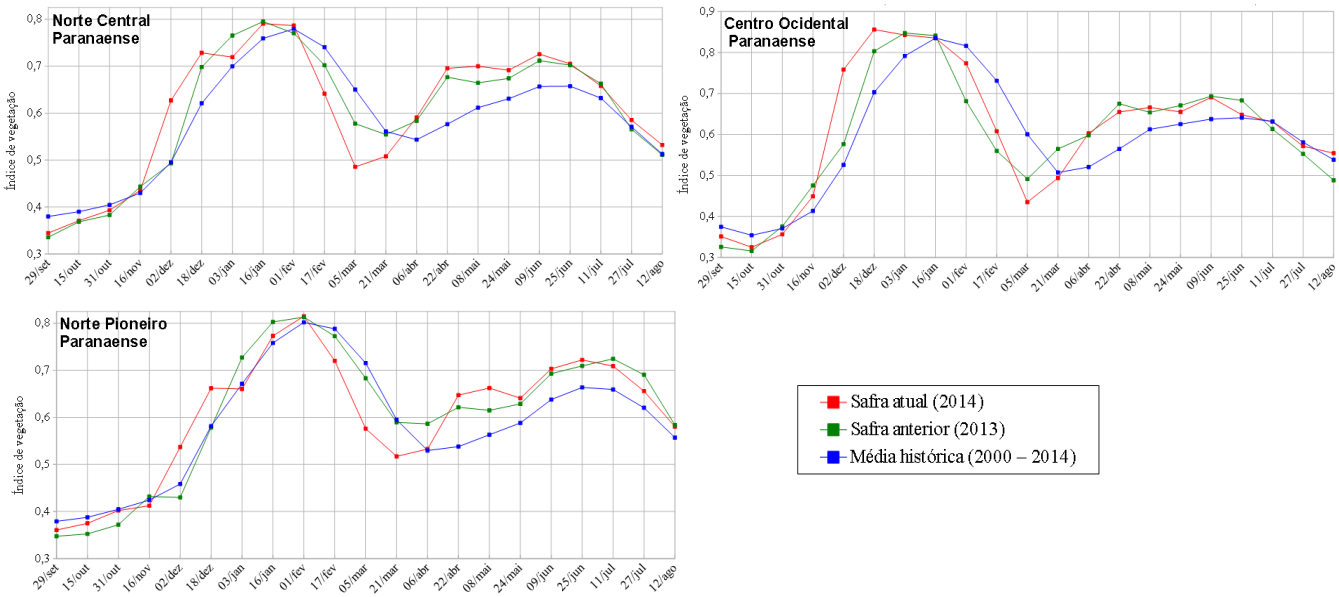


Fonte: Conab.

O gráfico acima traça o perfil de evolução das culturas de verão e de segunda safra 2013/14, no Oeste do Paraná. A elevação da esquerda corresponde à safra de verão e a da direita mostra o comportamento dos cultivos de segunda safra. A ascensão a partir de outubro mostra que naquele mês já havia cobertura foliar dos cultivos semeados mais cedo, iniciando o desenvolvimento vegetativo. A forte ascensão a partir de outubro superou as safras anteriores e atingiu o pico máximo do IV em dezembro, cobrindo o período das fases reprodutivas das lavouras de soja e milho primeira safra. O início do declínio a partir do final de dezembro e início de janeiro indica que parte dos cultivos já estava em maturação. A descida mais acentuada a partir do final de janeiro indica a existência de lavouras prontas para colheitas e áreas já colhidas.

Na elevação da direita a linha vermelha mostra que a partir de março até maio (período crítico dos cultivos de segunda safra), a ascensão foi forte, equiparando-se à safra passada. O declínio do trecho no final de junho, mais forte que no ano passado, se deve a efeitos negativos (erosão, perda de nutrientes e doenças), provocados nas culturas pelo excesso de chuvas naquele período. Porém, o traçado da linha com altas respostas de IV e boa amplitude temporal caracteriza bom potencial de rendimento das lavouras de segunda safra na região.

Gráfico 10 - Monitoramento das culturas de verão, do milho 2ª safra e do trigo – setembro/13 a agosto/14



Fonte: Conab.

Os gráficos acima, do período de setembro de 2013 a agosto de 2014, foram utilizados no monitoramento da safra de verão e de segunda safra em três mesorregiões do Paraná.

No gráfico do Norte Central a linha vermelha mostra que a safra atual seguiu aproximadamente o mesmo padrão da safra passada e da média histórica até meados de novembro. Nas duas quinzenas seguintes teve forte ascensão. Na segunda quinzena de dezembro observa-se queda no padrão de desenvolvimento, implicando em resposta abaixo da safra passada. Nas duas quinzenas seguintes, o padrão esteve próximo ao da média histórica e também em relação ao ano passado. Em fevereiro o declínio foi forte, indicando que o ciclo reprodutivo das plantas foi reduzido, implicando em penalização das lavouras ainda susceptíveis às condições climáticas adversas. Indicativo de queda no potencial produtivo da safra de verão nesta parte do estado.

O gráfico do Norte Pioneiro mostra comportamento parecido ao do Norte Central. A safra de verão apresentou bom padrão de desenvolvimento até meados de dezembro. Na quinzena seguinte ocorreu declínio, possivelmente, devido à estiagem. Nas duas quinzenas que seguiram constata-se recuperação chegando a igualar as safras anteriores. Contudo, o declínio dos últimos trechos da linha caracteriza antecipação da fase de maturação dos cultivos, fator que compromete o enchimento de grãos ocasionando, consequentemente, queda do potencial de produtividade na região.

No gráfico do Centro Ocidental, a linha vermelha mostra boa ascensão desde o início do desenvolvimento das lavouras da safra de verão. O declínio na segunda quinzena de dezembro mostra maturação parcial das lavouras. Nas quinzenas seguintes o declínio se manteve, indicando a continuidade da maturação e o andamento das colheitas. O formato geral da linha, com altas respostas de IV nas fases críticas e declínio nas épocas certas, é indicativo de boa safra de verão.

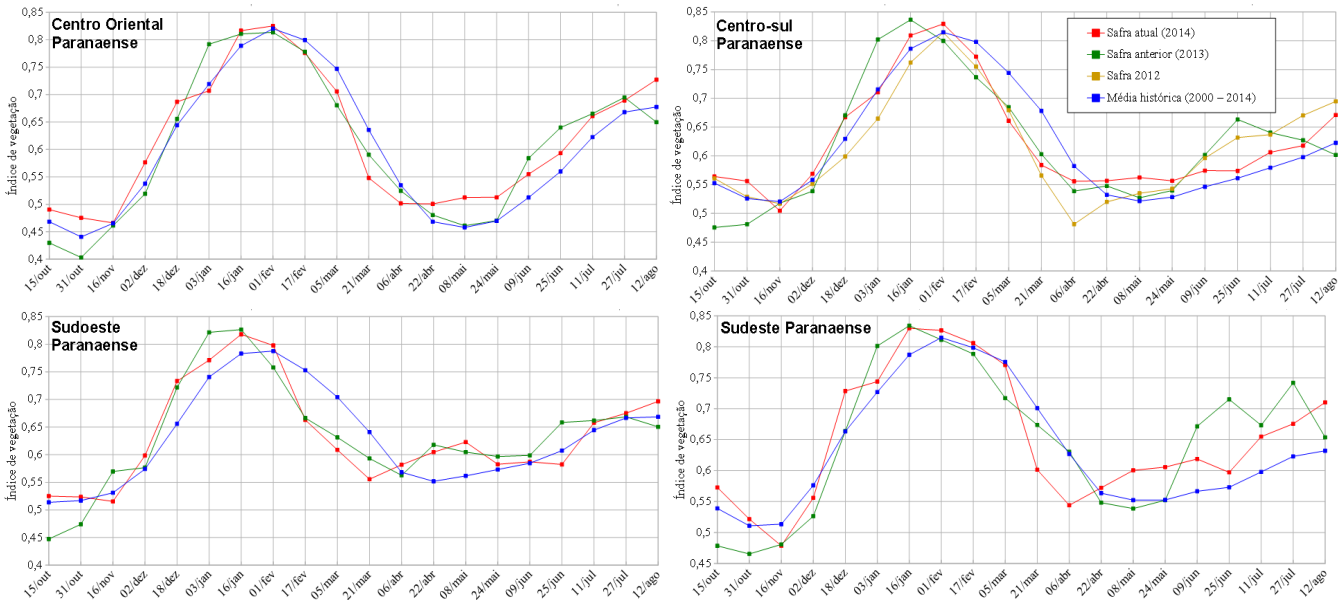
O trecho do gráfico do Norte Central a partir de março corresponde aos cultivos de segunda safra e de inverno. A linha vermelha mostra que o plantio da atual safra aconteceu um pouco mais cedo conforme mostra a ascensão antecipada da linha. A partir

de então, a resposta do IV continuou crescente, com características parecidas às da safra do ano passado, situando-se acima das safras anteriores até agosto. Perspectiva de bom potencial de rendimento.

O trecho do gráfico do Norte Pioneiro a partir de abril corresponde às lavouras de segunda safra e também aos cultivos de inverno. A linha vermelha mostra que na segunda quinzena de março as lavouras de segunda safra começaram a responder com alguma cobertura vegetal. Os trechos da linha de 6 de abril até 24 de maio, com altas respostas de IV, correspondem ao milho safrinha em bom desenvolvimento. Os trechos em ascensão a partir de 24 de maio correspondem principalmente aos cultivos de inverno nas fases de desenvolvimento, floração e enchimento de grãos. Embora se constate uma queda no final de julho em decorrência de eventos climáticos adversos, no geral, o traçado da safra atual indica potencial de rendimento dentro da normalidade.

O trecho do gráfico do Centro Ocidental a partir de março corresponde ao monitoramento dos cultivos de segunda safra e dos de inverno. A linha vermelha mostra boa ascensão desde o início do desenvolvimento das lavouras. Apesar dos altos e baixos, a evolução do IV seguiu de forma parecida à da safra passada. A queda mais acentuada no final de junho representa os efeitos negativos nas lavouras, pelo excesso de chuvas em parte da região naquele período. No momento, segue equiparado à média histórica, e acima do ano passado, com expectativa de normalidade do potencial de rendimento.

Gráfico 11 - Monitoramento das culturas de verão e do trigo – setembro/13 a agosto/14



Fonte: Conab.

Os gráficos acima, do período de setembro de 2013 a agosto de 2014, foram utilizados no monitoramento da safra de verão e de trigo em quatro mesorregiões do Paraná. A maior elevação localizada mais à esquerda nos gráficos corresponde à safra de verão, e o trecho que se segue mais à direita corresponde aos cultivos de inverno.

No gráfico do Centro Oriental a linha vermelha indica que as lavouras de verão seguiram em boa ascensão até meados de dezembro. Na segunda quinzena daquele mês teve uma queda, provavelmente devido à estiagem. Nas duas quinzenas seguintes chegou ao topo do enchimento de grãos, principalmente, da soja (parte mais alta do gráfico). A queda nas quinzenas seguintes indica as fases de maturação e colheita, principalmente, da soja e do milho primeira safra.

No gráfico do Centro-Sul a linha vermelha mostra que as lavouras da safra atual tiveram uma queda em meados de novembro com recuperação nas quinzenas seguintes. Em janeiro ficou acima da média histórica. O declínio em fevereiro e início de março da linha indica maturação e colheita, e também uma penalização parcial do potencial médio de rendimento da safra de verão.

No gráfico do Sudoeste a linha vermelha correspondente à safra atual, mostra avanço expressivo no padrão de desenvolvimento das lavouras até meados de janeiro. O declínio em fevereiro se deve ao início da maturação. Nas quinzenas seguintes ocorreu forte declínio que caracteriza principalmente redução do ciclo reprodutivo das lavouras.

No gráfico do Sudeste a linha vermelha mostra que a safra atual respondeu bem no início de dezembro. Na quinzena seguinte houve uma redução na taxa de fotossíntese, possivelmente devido a alguma estiagem. Voltou a subir e assim permaneceu até o início de março. Nas quinzenas seguintes teve queda brusca ficando abaixo das safras anteriores. Não é seguro afirmar ainda que tenha havido redução do potencial de produtividade do trigo. Outros fatores podem também ter contribuído para essa queda, até mesmo dessecagem de áreas agrícolas para o plantio da próxima safra de verão..

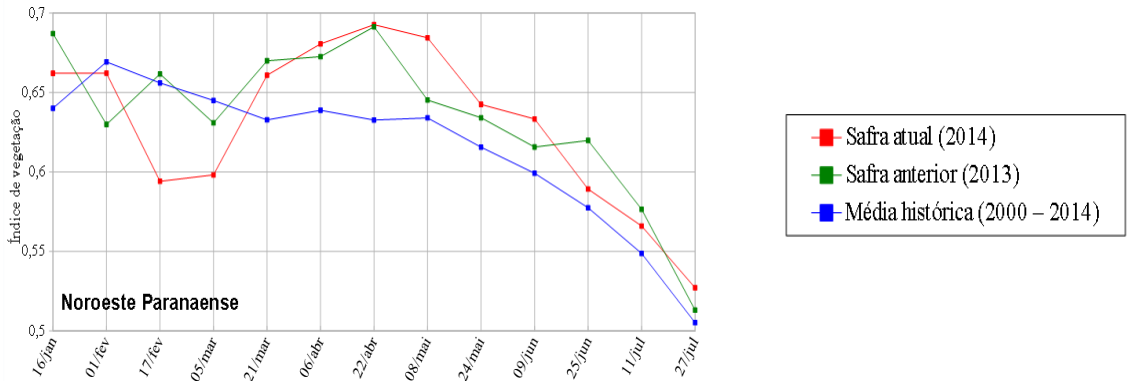
No trecho em ascensão a partir de abril no gráfico do Centro Oriental a linha vermelha mostra que a atual safra de inverno seguiu com padrão inferior ao da safra do ano passado até o final de junho. Entretanto, teve boa recuperação no início de julho e primeira quinzena de agosto. Possivelmente parte desse incremento se deve ao aumento da área de trigo que respondeu bem naquele período. No momento ocorre forte queda da linha indicando início da maturação ou eventuais efeitos de temperaturas extremamente baixas e também à presença de áreas dessecadas para a próxima safra de verão. Salvo eventuais condições climáticas adversas, as condições das lavouras devem seguir na normalidade.

No Centro-Sul o trecho em ascensão a partir de abril corresponde ao monitoramento dos cultivos de inverno. A linha vermelha mostra que a safra atual foi penalizada em junho e julho, provavelmente pelo excesso de chuvas em partes da Região. No começo de agosto houve recuperação. Possivelmente parte dessa ascensão se deve ao aumento da área de trigo que, no momento, responde acima das duas últimas safras e também em relação à média histórica. Perspectiva de bom potencial de rendimento.

No Sudoeste o trecho em ascensão a partir de março foi utilizado no monitoramento dos cultivos de inverno. A linha vermelha mostra que as lavouras atuais responderam bem de março ao início de maio. A partir do final de maio e no mês de junho ocorreu uma queda indicando atraso de plantio possivelmente por excesso de chuvas no período regular de semeadura. Porém, no começo de julho teve excelente recuperação chegando a superar, nos três últimos monitoramentos, os padrões das safras anteriores. Expectativa de bom potencial de produtividade.

No gráfico do Sudeste o trecho em ascensão a partir de abril corresponde aos cultivos de inverno. A linha vermelha mostra que a safra atual respondeu abaixo da safra passada no final de junho. Isso, provavelmente, devido ao excesso das chuvas em partes da região que atrasou o plantio dos cultivos de inverno. A partir do início de julho houve recuperação e, na primeira quinzena de agosto, o IV situava-se acima da média histórica e também em relação ao ano passado. Possivelmente parte dessa ascensão se deve ao aumento da área de trigo. Como o trigo foi plantado mais tarde o gráfico indica que há possibilidade de rendimento normal, desde que continuem as condições climáticas favoráveis.

Gráfico 12 - Monitoramento do milho 2ª safra – setembro/13 a agosto/14

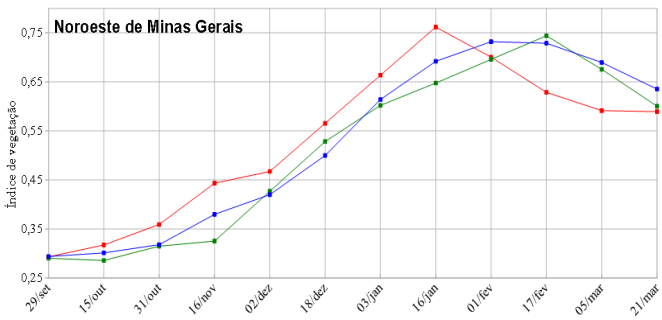


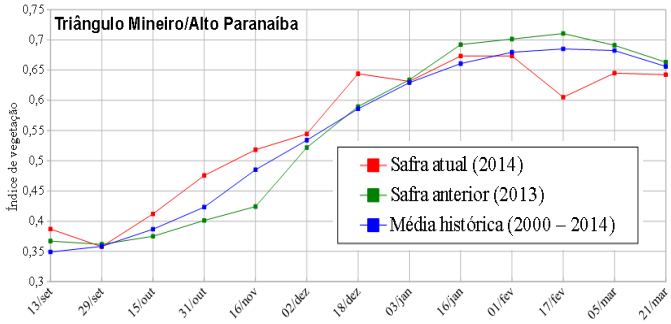
Fonte: Conab.

No gráfico acima a linha vermelha mostra que na primeira quinzena de março as lavouras de segunda safra responderam bem, com altos valores de IV. A ascensão continuou nas quinzenas seguintes. O declínio a partir de maio indica início de maturação do milho safrinha. Na segunda quinzena de julho a linha já indicava que os cultivos de segunda safra estavam praticamente colhidos. Perspectiva de bom potencial de produtividade.

Minas Gerais

Gráfico 13 - Monitoramento das culturas de verão – setembro/13 a março/14





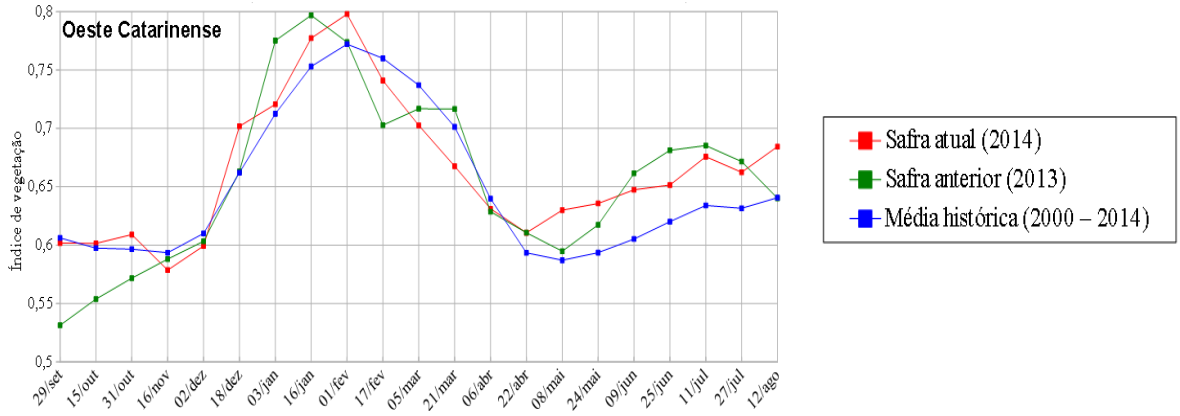
Fonte: Conab.

O gráfico correspondente ao Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, mostra que as lavouras seguiram acima das safras anteriores até meados de dezembro. Em seguida houve uma queda, e continuou abaixo da safra do ano passado. O forte declínio em meados de fevereiro mostra a intensidade com que as lavouras foram afetadas pelas estiagens prolongadas na região. Indicativo de queda de rendimento da safra de verão nessa região.

No Noroeste do estado a situação foi parecida. O gráfico mostrava bom padrão de desenvolvimento das lavouras até meados de janeiro. A partir daí houve queda. Nas três últimas quinzenas monitoradas, o forte declínio caracteriza redução do ciclo reprodutivo das plantas com consequente diminuição do enchimento de grãos. Indícios claros de queda do potencial produtivo agrícola nesta região.

Santa Catarina

Gráfico 14 - Monitoramento das culturas de verão e do trigo – setembro/13 a agosto/14



Fonte: Conab.

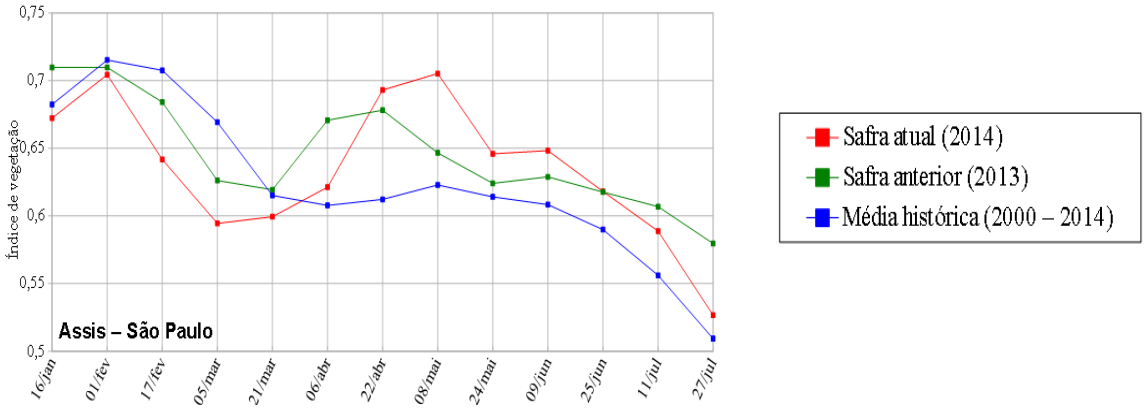
O gráfico acima mostra o comportamento das lavouras de verão e de inverno no oeste de Santa Catarina. A elevação principal, no centro do gráfico, corresponde à safra de verão já colhida, e os trechos em ascensão a partir de maio correspondem aos cultivos de inverno ainda em monitoramento.

No gráfico acima, a linha vermelha mostra que até o início de dezembro o padrão de desenvolvimento das lavouras da atual safra seguiu próximo da média histórica. O declínio a partir do início de fevereiro decorre, em parte, das fases de maturação e colheita do milho de primeira safra que, devido ao estágio em que se encontrava, não foi penalizado pela falta de chuva em fevereiro. No entanto, houve penalização da soja em fases ainda vulneráveis ao deficit hídrico, principalmente nas lavouras semeadas após meados de novembro, onde a floração concentrou em dezembro/janeiro e o enchimento de grãos em fevereiro.

Na parte em ascensão, a linha vermelha mostra que em junho e julho deste ano os cultivos de inverno apresentaram comportamento com padrão abaixo da safra passada. Chuvas em excesso atrasaram o plantio e até mesmo comprometeram lavouras que já tinham sido semeadas. Em agosto constata-se forte ascensão. Como o trigo foi plantado mais tarde, o gráfico indica que há possibilidade de rendimento normal, desde que ocorram condições climáticas favoráveis.

São Paulo

Gráfico 15 - Monitoramento do milho 2ª safra – janeiro a julho/14



Fonte: Conab.

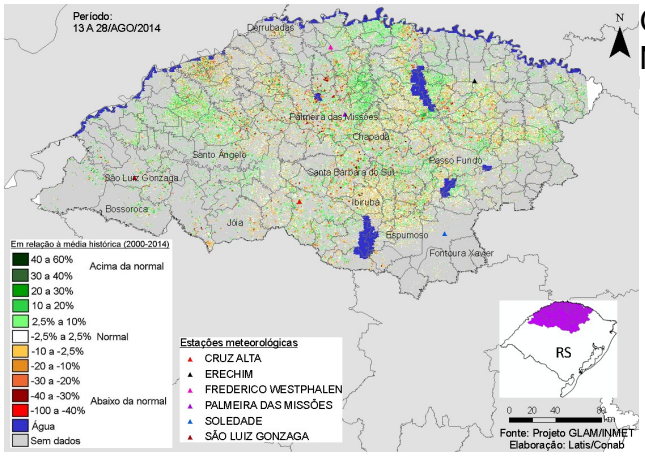
No gráfico acima o deslocamento da linha vermelha mostra um possível e pequeno atraso no plantio da segunda safra em relação à safra passada. A linha mostra que houve recuperação entre abril e maio que corresponde ao período das fases críticas das lavouras. Os últimos trechos em descendência correspondem às fases de maturação e colheita, principalmente do milho safrinha. A evolução da linha da safra atual indica bom potencial de rendimento na região.

Monitoramento espectral atual – Agosto/2014

O monitoramento atual é direcionado aos cultivos de inverno, em especial ao trigo. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento dos cultivos da safra atual e da média histórica por meio de uma composição de imagens de uma quinzena. Já os gráficos de evolução possibilitam o acompanhamento do IV ao longo do tempo e a comparação entre diferentes anos safra, proporcionando indicativos de produtividade.

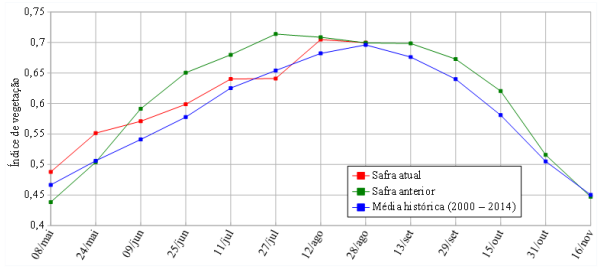
No total, estão sendo monitoradas dez mesorregiões produtoras, que representam mais de 82% da área plantada de trigo no país. Abaixo, são apresentadas as análises do monitoramento das principais mesorregiões produtoras de trigo, que estão com a cultura em pleno desenvolvimento vegetativo.

Figura 5 – Anomalia do IV no Noroeste Rio-grandense – RS



Fonte: Conab.

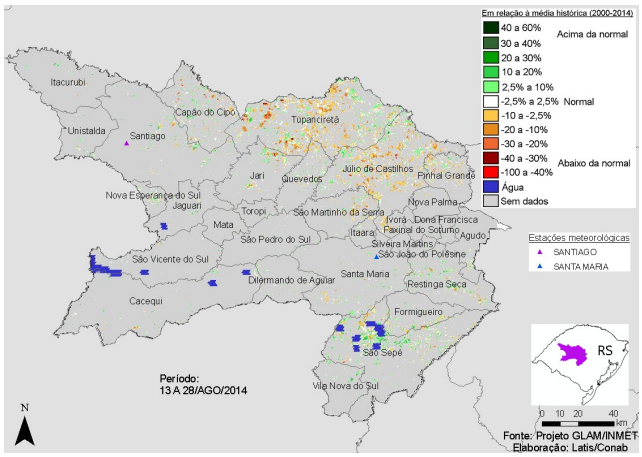
Gráfico 16 – Evolução temporal do IV no Noroeste Rio-grandense – RS



Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov
% Relat média histórica	5	9	6	4	2	-2	3	1					
% Relat safra anterior	11	9	-3	-8	-6	-10	-1	0					
Fases – cult. de inverno			P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

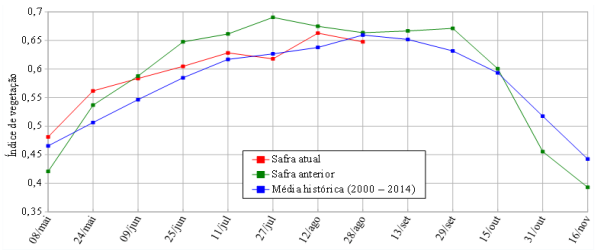
Fonte: Conab.

Figura 6 – Anomalia do IV no Centro Ocidental Rio-grandense – RS



Fonte: Conab.

Gráfico 17 – Evolução temporal do IV no Centro Ocidental Rio-grandense – RS



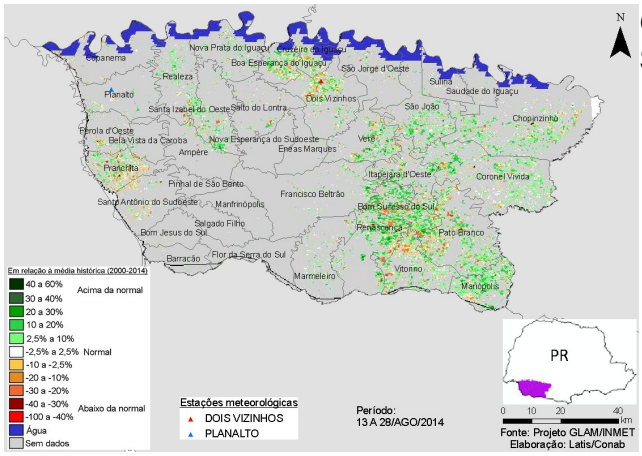
Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras													
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov
% Relat média histórica	3	11	7	3	2	-1	4	-2					
% Relat safra anterior	14	5	-1	-7	-5	-11	-2	-2					
Fases – cult. de inverno			P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Conab.

Nos mapas acima (Figuras 5 e 6), as cores em verde são cultivos de inverno com relativamente bom padrão de desenvolvimento. Porém, parte das lavouras de trigo, que eventualmente podem estar sendo afetadas por doenças em decorrência de condições climáticas adversas, vem respondendo com baixos valores de IV, e, nessas condições, elas se apresentam em amarelo e marrom no mapa. Áreas agrícolas já colhidas ou dessecadas para o plantio da próxima safra de verão, também se mostram nesses padrões de cores.

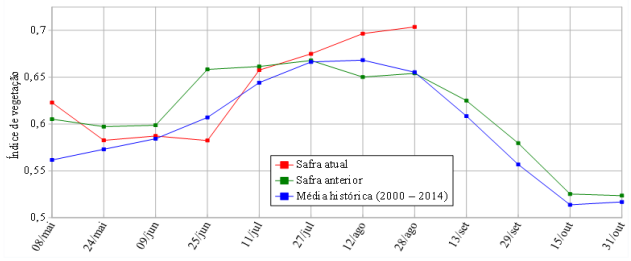
Nos Gráficos 16 e 17 a linha vermelha correspondente à safra atual, mostra uma ascensão menos forte que a safra passada a partir de início de junho. Tal comportamento decorre do atraso de plantio em parte das áreas destinadas aos cultivos de inverno, em função do excesso de chuvas na região, no período tradicional da semeadura. O trecho da linha que finaliza em 27 de julho enfatiza os efeitos adversos provocados pelo excesso de chuvas. O traçado deste ano está bem diferente quando comparado ao do ano passado. Houve recuperação no penúltimo trecho mas volta a cair no momento atual. Previsibilidade ainda indefinida para o potencial de rendimento.

Figura 7 – Anomalia do IV no Sudoeste Paranaense – PR



Fonte: Conab.

Gráfico 18 – Evolução temporal do IV no Sudoeste Paranaense - PR



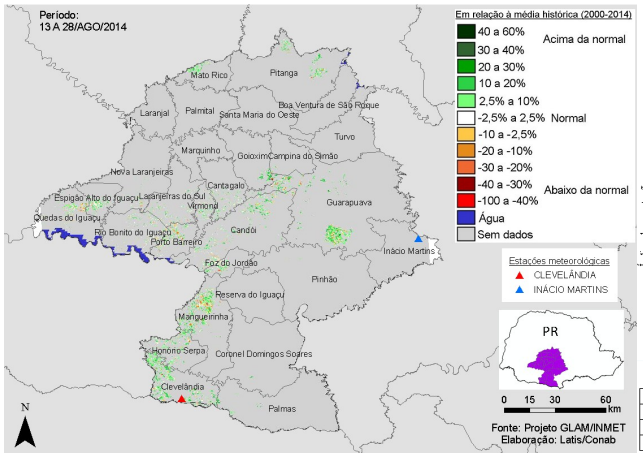
	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras											
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out
% Relat média histórica	11	2	1	-4	2	1	4	7				
% Relat safra anterior	3	-2	-2	-12	-1	1	7	**8**				
Fases – cult. de inverno	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Conab.

O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em verde são cultivos de inverno com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são principalmente milho safrinha já colhido ou em colheita. Eventuais áreas dessecadas respondem também nesse padrão de cores. Essas duas aparentes anomalias, tanto a positiva quanto a negativa decorrem, principalmente, da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica e, desta forma, não implicam obrigatoriamente em quebra nem em aumento de produtividade.

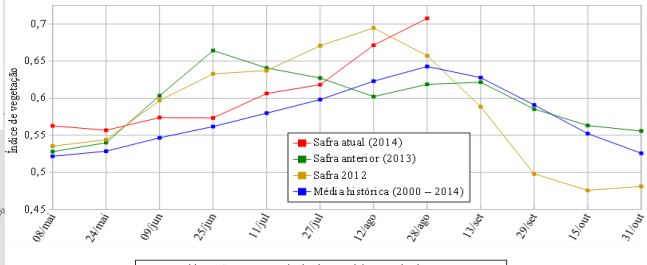
No gráfico acima, a linha vermelha mostra que as lavouras atuais não responderam bem até o final de junho que é indicativo de atraso de plantio possivelmente por excesso de chuvas no período regular de semeadura. Porém, no começo de julho teve excelente recuperação chegando a superar, nos três últimos monitoramentos, os padrões das safras anteriores. Expectativa de bom potencial de produtividade até o momento.

Figura 8 – Anomalia do IV no Centro-Sul Paranaense – PR



Fonte: Conab.

Gráfico 19 – Evolução temporal do IV no Centro-Sul Paranaense - PR



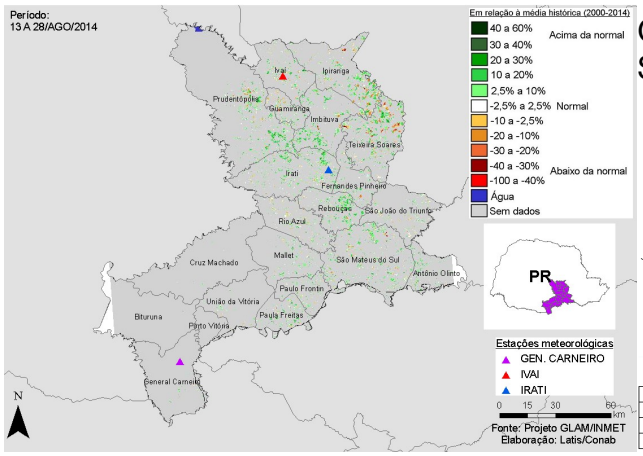
	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras											
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out
% Relat média histórica	8	5	5	2	5	3	8	**10**				
% Relat safra anterior	7	3	-5	-14	-5	-1	12	**14**				
Fases – cult. de inverno	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Conab.

O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em verde são cultivos de inverno com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são principalmente áreas de milho safrinha em colheita, lavouras dessecadas ou que estão aguardando o plantio de verão.

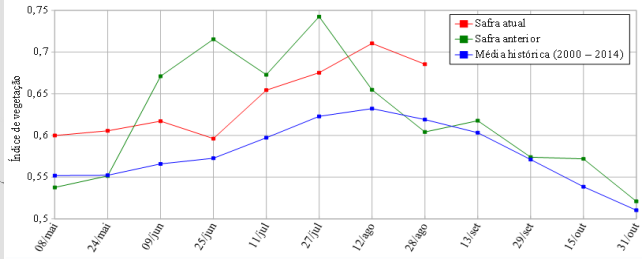
No gráfico acima, a linha vermelha mostra que a safra atual foi penalizada, em junho e julho, provavelmente pelo excesso de chuvas em partes da região. No começo de agosto houve recuperação. Possivelmente parte dessa ascensão se deve ao aumento da área de trigo que, no momento, responde acima das duas últimas safras e também em relação à média histórica. Perspectiva de bom potencial de rendimento.

Figura 9 – Anomalia do IV no Sudeste Paranaense – PR



Fonte: Conab.

Gráfico 20 – Evolução temporal do IV no Sudeste Paranaense - PR



Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras

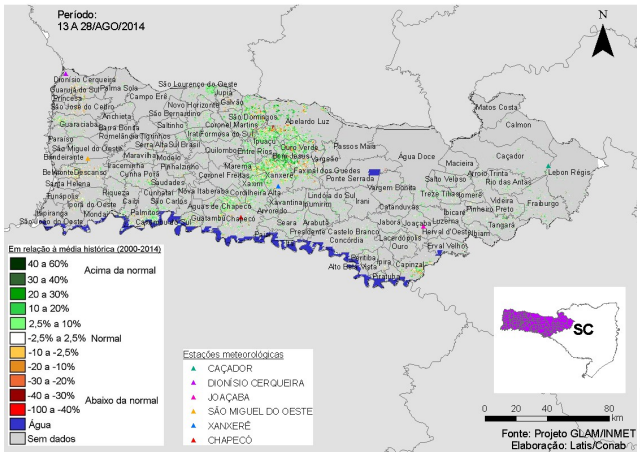
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out
% Relat média histórica	9	10	9	4	10	8	12	**11**				
% Relat safra anterior	12	10	-8	-17	-3	-9	9	**13**				
Fases – cult. de inverno	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Conab.

No mapa acima, o predomínio das áreas em verde caracteriza bom desenvolvimento dos cultivos de inverno. Perspectiva de normalidade para os cultivos atuais.

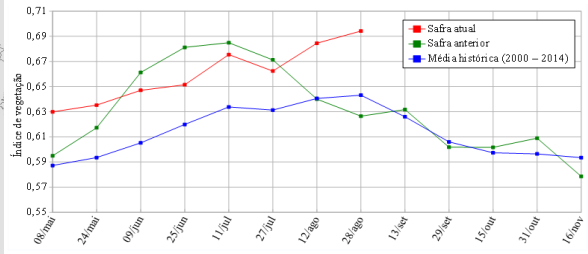
No gráfico acima, a linha vermelha mostra que a safra atual respondeu bem abaixo da safra passada no final de junho. Isso provavelmente devido ao excesso de chuvas em partes da região que atrasou o plantio dos cultivos de inverno. A partir do início de julho houve recuperação e, no momento, situa acima da média histórica e também em relação ao ano passado. Possivelmente parte dessa ascensão se deve ao aumento da área de trigo. A queda do último trecho indica colheita do milho safrinha. Como o trigo foi plantado mais tarde, o gráfico indica que há possibilidade de rendimento normal, desde que continue as condições climáticas favoráveis.

Figura 10 – Anomalia do IV no Oeste Catarinense – SC



Fonte: Conab.

Gráfico 21 – Evolução temporal do IV no Oeste Catarinense - SC



Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras

Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov
% Relat média histórica	7	7	7	5	7	5	7	**8**					
% Relat safra anterior	6	3	-2	-4	-1	-1	7	**11**					
Fases – cult. de inverno			P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Conab.

No mapa acima há predomínio das áreas em verde sobre as demais cores indicando padrão acima da média histórica dos cultivos de inverno, especialmente do trigo. Porém essa aparente anomalia positiva se deve basicamente à diferença entre os calendários de plantio dos anos mais recentes e os da média histórica. Expectativa de normalidade das culturas atuais.

No gráfico acima, a linha vermelha mostra que em junho e julho os cultivos atuais apresentaram comportamento com padrão abaixo da safra passada. Chuvas em excesso atrasaram o plantio e até mesmo comprometido lavouras que já tinham sido semeadas. Em agosto constata-se forte ascensão. Como o trigo foi plantado mais tarde, o gráfico indica que há possibilidade de rendimento normal, desde que ocorra condições climáticas favoráveis.

6.3. Estimativa de produtividade – Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições de desenvolvimento das grandes culturas em cada mesorregião estadual com produção significativa. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

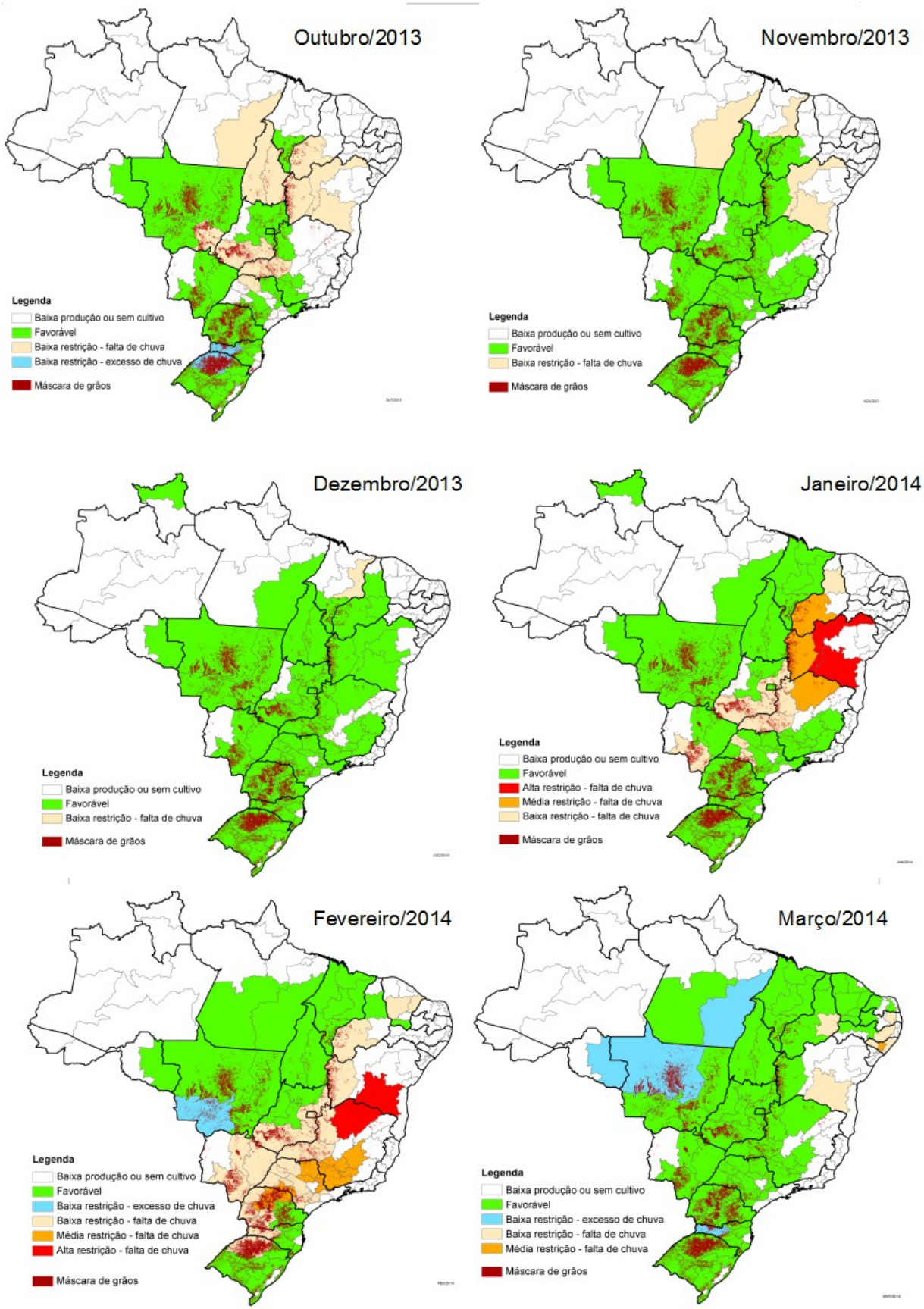
Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Para a elaboração dos mapas das condições hídricas para os cultivos, é atribuído maior peso à cultura com maior área plantada no momento da análise, e a classificação é feita da seguinte forma:

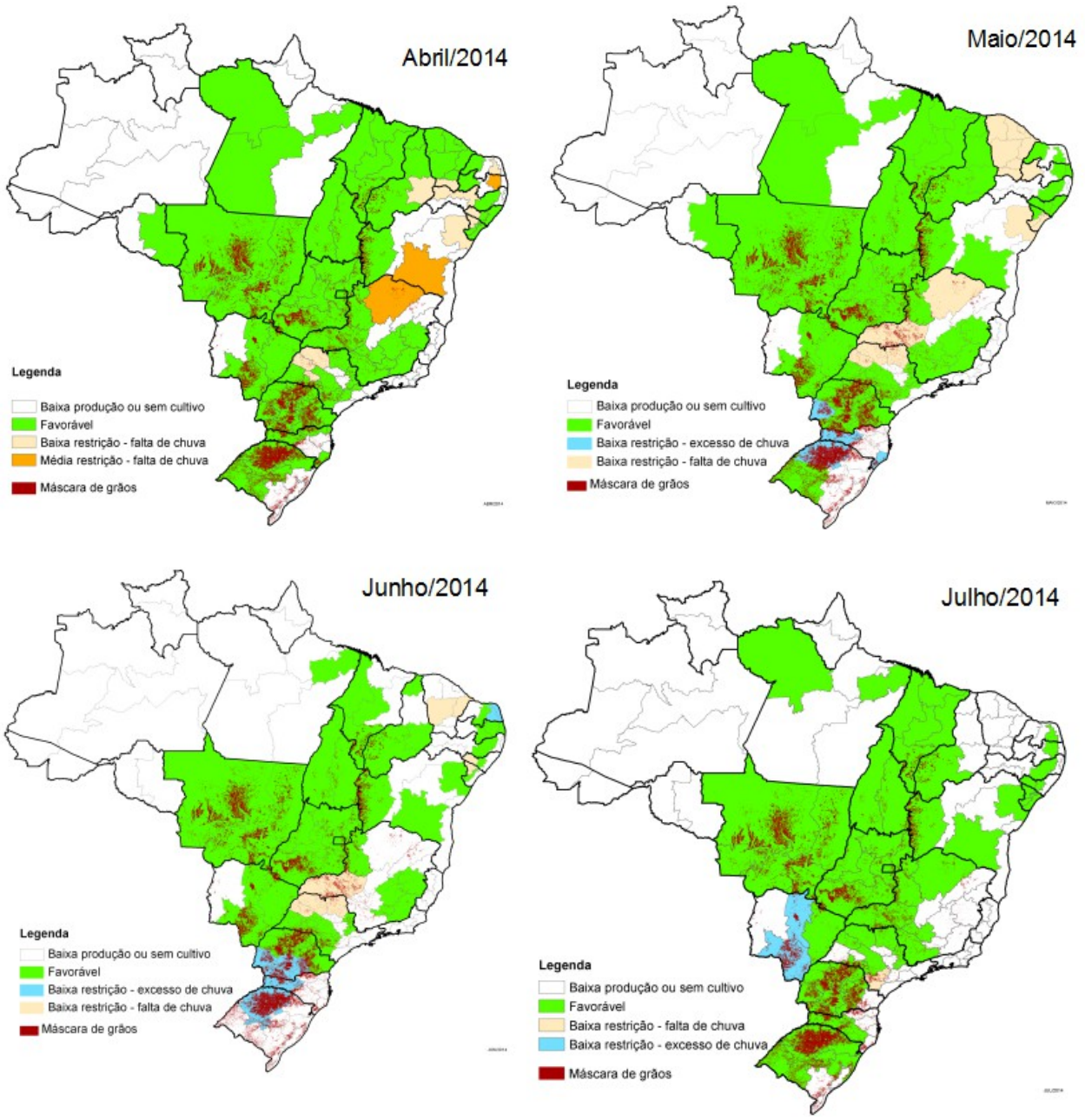
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

6.3.1. Série histórica (outubro/2013 – julho/2014)

A série histórica dos monitoramentos agrometeorológicos realizados no período de outubro/2013 a julho/2014 fornece um panorama dos eventos meteorológicos ocorridos ao longo da primeira e segunda safra 2013/14, além da safra 2014 de inverno que ainda está em andamento. A série histórica é mostrada através das figuras da condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores, em cada mês, e de uma tabela indicando as condições de desenvolvimento de cada cultura, por UF e/ou mesorregião estadual, ao longo desse período.

Figura 11 – Condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores do Brasil, desde outubro de 2013 a julho de 2014.





Na tabela, há indicação das condições de desenvolvimento ao longo do ciclo das culturas monitoradas: germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e/ou frutificação, maturação e colheita. Caso tenham ocorrido problemas por falta e/ou excesso de chuva em algum estado, há especificação da mesorregião, do mês e da fase em que a cultura se encontrava no momento em que houve a restrição.

Tabela 7 – Condições de desenvolvimento das culturas de primeira, segunda safra e inverno no período de outubro a julho

Cultura	Condições favoráveis ao longo do ciclo para: G, DV, F, FR, M e C*.	Problemas por excesso de chuva em algum momento do ciclo.	Problemas por falta de chuva em algum momento do ciclo.
Algodão	- TO - MA, PI**, BA** - MG**, SP** - MT**, MS**, GO**	- MT:norte (2ªsafra): jan (P) - MS: centro-norte: jul (C)	- BA - centro: nov (G), jan (F), fev (F), mar (FR), abr (FR/M); oeste: jan (F), fev (F) - PI - sul: jan (F), fev (F) - SP - sul: fev (FR) - MG - Triângulo: jan (F), fev (F) ; e noroeste: jan (F), fev (F) - GO - sul: jan (F), fev (F) - MS - centro-norte e leste: fev (F)
Amendoim 1ª safra	- TO** - MG**, SP - PR**, RS** - GO**		- TO - oeste: out (G/DV) - MG - Triângulo: out (G/DV); fev (FR) - GO - sul: out (G/DV); jan (FR); fev (FR) - SP - sul: nov (G/DV); centro-oeste: jan (F/FR); todo estado: fev (FR) - PR - oeste e noroeste: fev (FR) - RS - noroeste: fev (FR)
Amendoim 2ª safra	- SP**		- SP - noroeste: abr (F/FR); mai (FR)
Arroz	- RO**, RR (irrig), PA**, TO** - MA, PI** - SP - RS (irrig), SC (irrig) - MT, MS, GO	- RO: leste: mar (C)	- PA - sudeste: out (DV), nov (DV) - TO - out (DV) - PI: centro-norte: jan (FR); sul: jan (FR) e fev (FR)
Feijão 1ª safra	- BA** - MG, SP - PR, SC, RS - GO**, DF		- GO - sul : out (P) - BA - centro: nov (G); jan (FR); fev (FR)
Feijão 2ª safra	- PA, TO - MA, CE**, PB**, PE**, AL**, PI**, RN** - MG**, SP - PR**, SC**, RS** - MS, MT**, GO**	- RN - centro-leste: jun (FR) - SC - oeste: mar (DV/F); mai (M/C); jun (C); sul: mai (M/C) - RS - noroeste: mai (M); jun (C) - PR - oeste: mai (C); jun (C) - GO - sul e leste: mar (DV/F) - MT - norte: mar (FR)	- CE - leste: fev (DV/F); sul: abr (FR); centro: jun (FR/M) - PI: sudeste: mar (DV/F); abr (FR) - PE - leste: mar (P); noroeste: abr (FR) - RN - centro-leste: abr (DV/F) - PB - leste: mar (P); abr (DV/F) - AL: todo estado: mar (G/DV) - MG - todo estado, exceto noroeste e Triângulo: fev (G); norte: abr (FR)
Feijão 3ª safra	- TO (irrig) - MG**, SP (irrig) - MT (irrig), GO (irrig), DF (irrig) - PE**,BA, SE**, AL**		- BA - nordeste: abr (G); mai (DV) - PE - noroeste: abr (G) - SE - oeste: abr (G) ; sul: mai (DV/F), jun (F) - AL - oeste: abr (G) ; jun (F) - MG - norte: mai (F)
Milho 1ª safra	- RO**,PA**, TO - MA, PI**, CE**, PE**, PB**, RN**, AL**, BA** - MG**, SP** - PR**, SC**, RS** - GO**, DF**	- RO**,PA**, TO - MA, PI**, CE**, PE**, PB**, RN**, AL**, BA** - MG**, SP** - PR**, SC**, RS** - GO**, DF**	- PA - sudeste: out (G/DV); nov (DV) - GO - sul: out (P); jan (FR); fev (FR); leste: jan (FR); fev (FR) - DF: jan (FR) ; fev (FR) - SP – todo estado: fev (FR); noroeste: out (G); centro-oeste: jan (FR) - RS - sul: dez (F); noroeste: fev (FR) - PI - sul: jan (DV/F); fev (FR); sudeste: mar (DV); abr (F/FR) - PE - leste: mar (P); noroeste: abr (DV); mai (F) - PB - leste: mar (P); abr (DV); oeste: mai (FR) - RN - centro-leste: abr (DV) - AL - todo estado: mar (G/DV) - BA - oeste: jan (DV/F); fev (FR) - MG - norte, Triângulo e noroeste: jan (DV/F); todo estado: fev (FR) - PR – todo estado, exceto leste: fev (FR) - SC - oeste: fev (FR) - CE - centro: fev (DV); jun (FR/M); sul: abr (F/FR); todo estado: mai (FR)

Milho 2ª safra	- SE**, BA**, PE, AL, MA - SP, MG** - PR** - MS**, MT**, GO**	- MT - centro-sul e sudoeste: fev (P); norte: jan (P); mar (DV/F) - GO - sul: mar (DV) - PR - oeste: mai (M); jul (C) - MS - sul e centro-norte: jul (C)	- MG - Triângulo: fev (G); mai (FR) - BA - nordeste: mai (DV) - GO - sul: mai (FR) - SE - oeste: jun (F/FR); sul: mai (G/DV)
Girassol	- MS, MT, GO**	- MS - sul: jul ©	- GO - sul: mai (F); jun (F)
Soja	- PA**, RO**, TO** - MA**, PI**, BA** - MG**, SP** - PR**, SC**, RS** - MT**, MS**, GO**, DF**	- RO - leste: mar (C) - PA - sudeste: mar (C) - SC - oeste: mar (C) - MT - norte: mar (C) - GO - parte do leste e sul: mar (C)	- MT - todo estado: out (P); parte do sudeste: nov (DV/F) - GO - sul: out (P); jan (FR); fev (FR); leste: jan (FR); fev (FR) - DF - jan (FR); fev (FR) - PI - sul: out (P); jan (F); fev (FR) - BA: oeste: out (P); jan (F); fev (FR) - TO – todo estado: out (P) - PA - sudeste: out (P); nov (DV) - MA - sul: out (G); leste: nov (G), dez (DV) - MG - Triângulo: out (P); jan (FR) fev (FR); noroeste: out (P), jan (FR); fev (FR) - RS - sul: dez (F); noroeste: fev (FR) - SP – centro-oeste de SP: jan (FR); norte e sul: fev (FR) - PR: todo estado, exceto leste: fev (FR) - SC - oeste: fev (FR) - MS - sudoeste: jan (FR), fev (FR)
Sorgo	- BA** - MG**, SP** - RS** - MT**, MS**, GO, DF	- MT - norte: mar (DV/F) - MS - centro-norte: jul (C)	- BA - oeste e centro-sul: out (P) - RS - sudoeste: dez (F) - MG - Triângulo e noroeste: mai (FR) - SP - noroeste: abr (F); norte: mai (F/FR), jun (FR/M)
Trigo	- MG**,SP** - MS - PR**, SC**, RS**	- SC (safra anterior – 2013): oeste: out (M/C) - RS (safra anterior – 2013): noroeste: out (M/C) - SC: oeste: mai (P); jun (P) - RS: noroeste: mai (P); jun (P) - PR: sul: jun (G/DV)	- MG: Triângulo: mai (F); jun (FR) - SP: sul: jul (FR)
Aveia	- RS**, PR	- RS (safra anterior – 2013): noroeste: out (M/C)	
Cevada	- RS**, PR	- RS**, PR	

- *(P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
- ** Nesse estado, houve problemas por falta ou excesso de chuva. Nas colunas ao lado, há indicação do problema ocorrido com indicação do período e da fase fenológica.
Fonte: Conab.

6.3.2. Monitoramento agrometeológico atual – Agosto/2014

Na tabela, são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo a colheita; e onde pode estar ocorrendo possíveis problemas por falta de chuvas, para cada cultura.

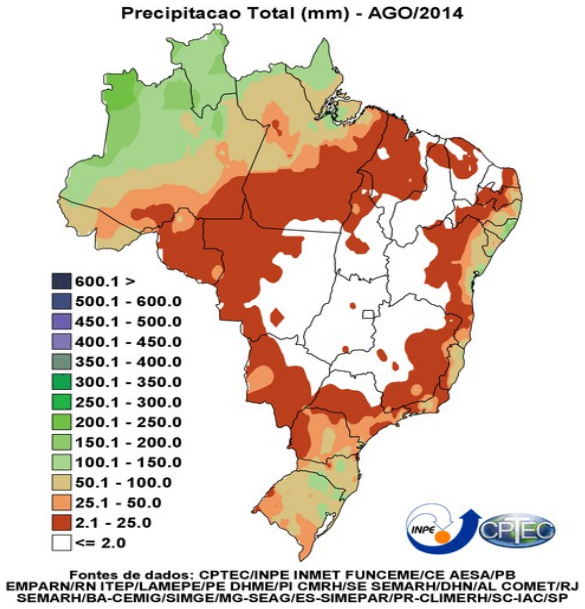
Nas Figuras 12 e 13, são apresentados, para o mês de julho, os mapas de precipitação acumulada e de anomalia da precipitação com relação à média; nas Figuras 14 e 15, os mapas de anomalia de temperatura máxima e mínima; na Figura 16, o mapa de chuva acumulada, climatologia e anomalia da Região Nordeste; e na Figura 17 verificam-se as condições hídricas gerais nos principais estados produtores do Brasil. Na Tabela 8, observam-se as condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases dos cultivos de cada cultura, por mesorregião estadual.

No MATOPIBA, as condições agrometeorológicas foram favoráveis para a colheita do algodão e do milho segunda safra. Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, o cenário de baixa ou ausência de precipitação também favoreceu a colheita dessas culturas. Essa condição é benéfica ao feijão terceira safra que se encontra em maturação/colheita nessas duas regiões brasileiras.

No norte paranaense, a condição de baixa precipitação foi favorável para a maturação das lavouras de trigo. No sul do Paraná e de Santa Catarina, onde as lavouras se encontram em pleno desenvolvimento, as precipitações foram suficientes. No Rio Grande do Sul, as condições agrometeorológicas indicam perspectiva de recuperação do potencial produtivo do trigo após o período de intensas chuvas do final junho ao início de julho. Nessas regiões produtoras, não ocorreram geadas que afetassem o potencial produtivo das lavouras. Inclusive, os mapas de anomalia de temperatura máxima e mínima (Figuras 4 e 5) demonstram temperaturas acima da média.

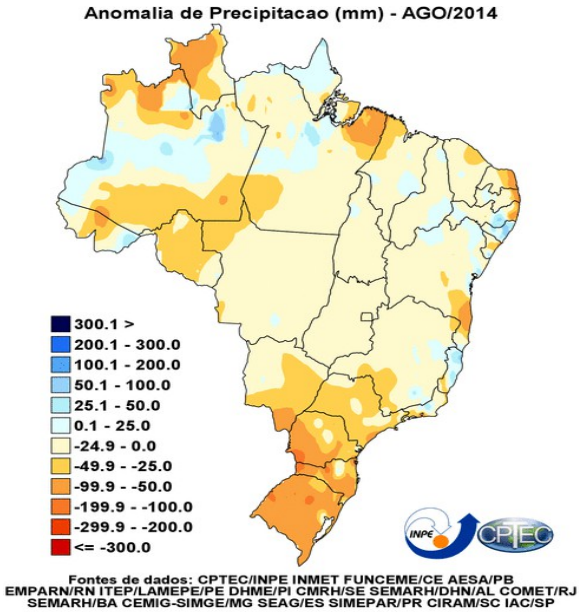
Na Região Nordeste, as precipitações observadas não atrapalharam a colheita do feijão e do milho em Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia e leste de Pernambuco.

Figura 12 – Chuva acumulada em agosto



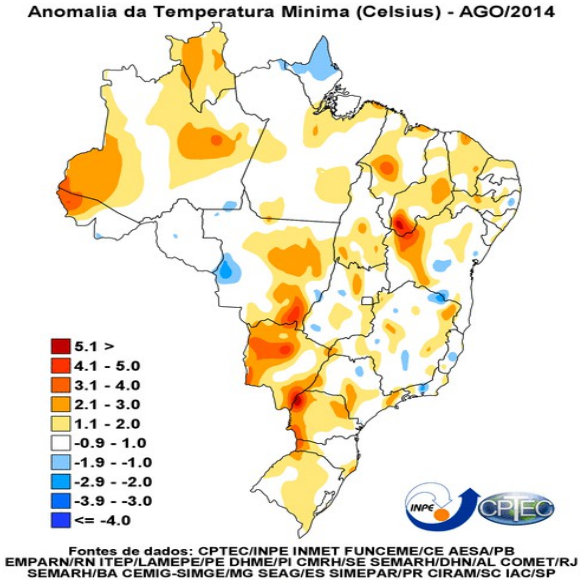
Fonte: Inmet.

Figura 13 – Anomalia de precipitação em agosto de 2014



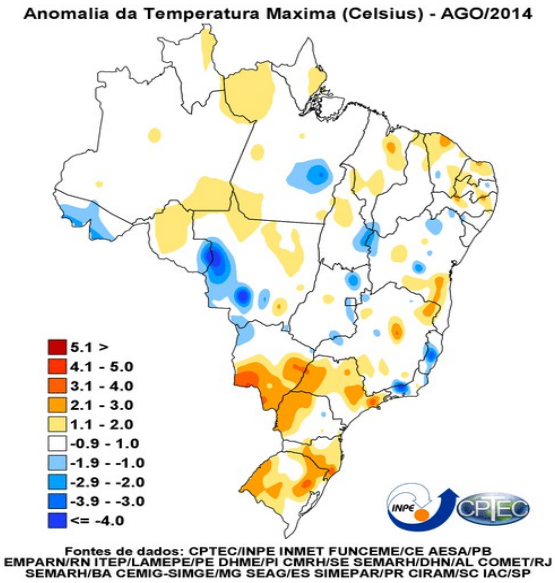
Fonte: Inmet.

Figura 14 – Anomalia de temperatura mínima em agosto



Fonte: Inmet.

Figura 15 – Anomalia de temperatura mínima em agosto.



Fonte: Inmet.

Figura 16 – Chuva acumulada, climatologia e anomalia observada em agosto na Região Nordeste

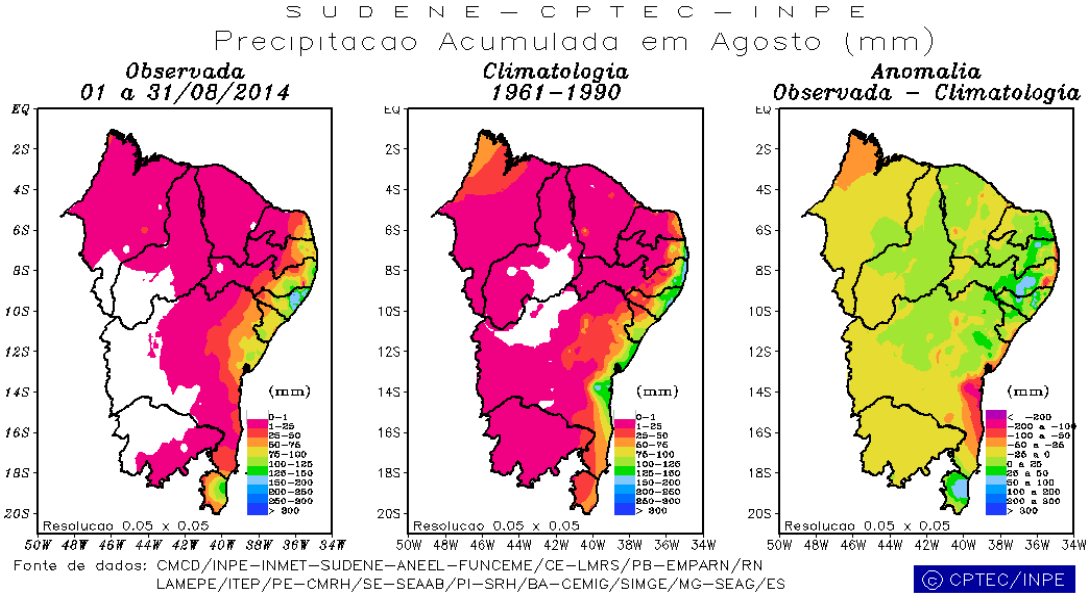
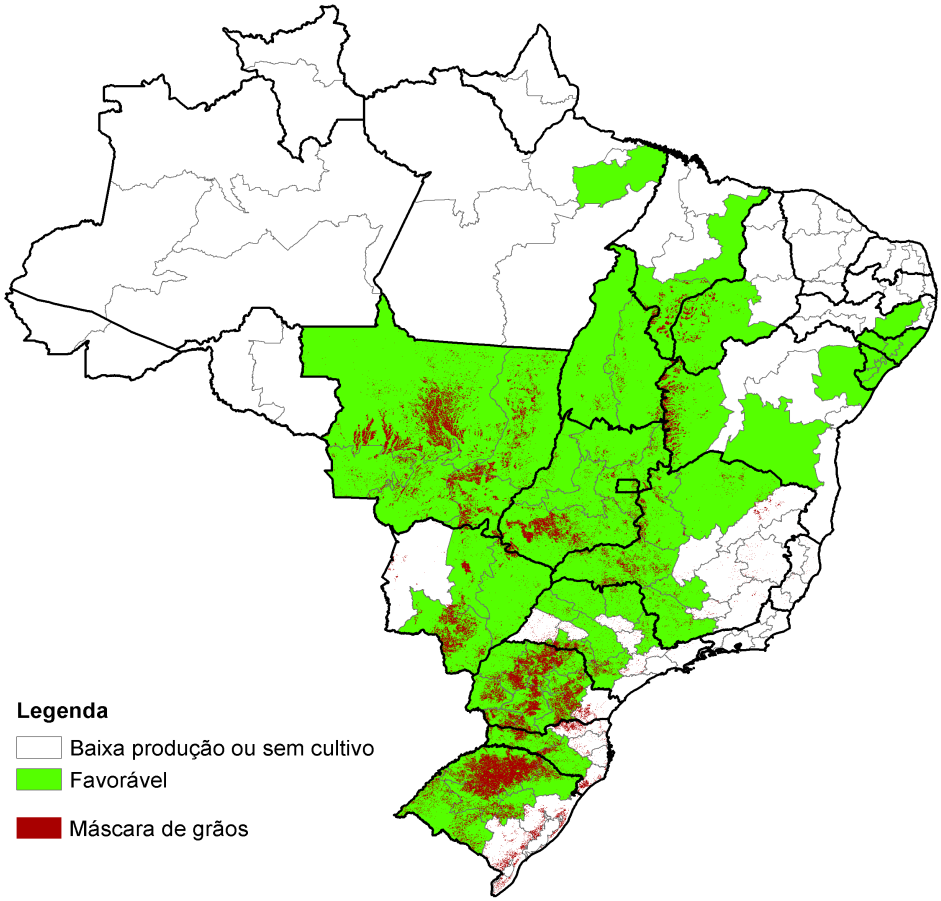


Figura 17 – Condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores do Brasil em julho de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 8 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* dos cultivos de grãos em agosto.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			- leste do TO (C) - sudoeste do PI (C) - oeste e centro da BA (C) - Triângulo e noroeste de MG (C) - sul de GO (C) - todo o estado do MT (1ª e 2ª safra) (C) - centro-norte e leste do MS (C)	
Feijão 2ª safra			- leste do MA (C) - leste de PE (M/C)	
Feijão 3ª safra			- nordeste do PA (C) - oeste do TO (C) - todo estado de SE (M/C) - todo estado de AL (M/C) - nordeste da BA (M/C) - todo estado de MG (C) - todo estado de SP (C) - norte e sudeste do MT (C) - todo estado de GO (M) - DF (M)	

Milho 2ª safra			- sul do MA (C) - Triângulo MG (C) - sul de GO (C) - norte do MT (C) - todo estado do MS (C) - sul de SP (C) - todo o estado do PR (C) - todo estado de AL (M/C) - todo estado de SE (M/C) - nordeste da BA (M/C) - agreste de PE (M/C)	
Girassol			- leste do MS (C) - sul de GO (C)	
Sorgo			- norte de SP (C) - todo estado de GO (C) - DF (C) - norte e leste do MT (C) - centro-norte e leste do MS (C)	
Trigo	- norte e sul do PR (FR/M e F) - oeste e sul de SC (DV/F) - todo estado do RS (DV/F)		- Triângulo MG (C) - sul de SP (M/C) - sudoeste do MS (M/C)	
Aveia	- norte e sul do PR (FR/M e F) - todo estado do RS (DV/F)			
Cevada	- sul do PR (F) - todo estado do RS (DV/F)			

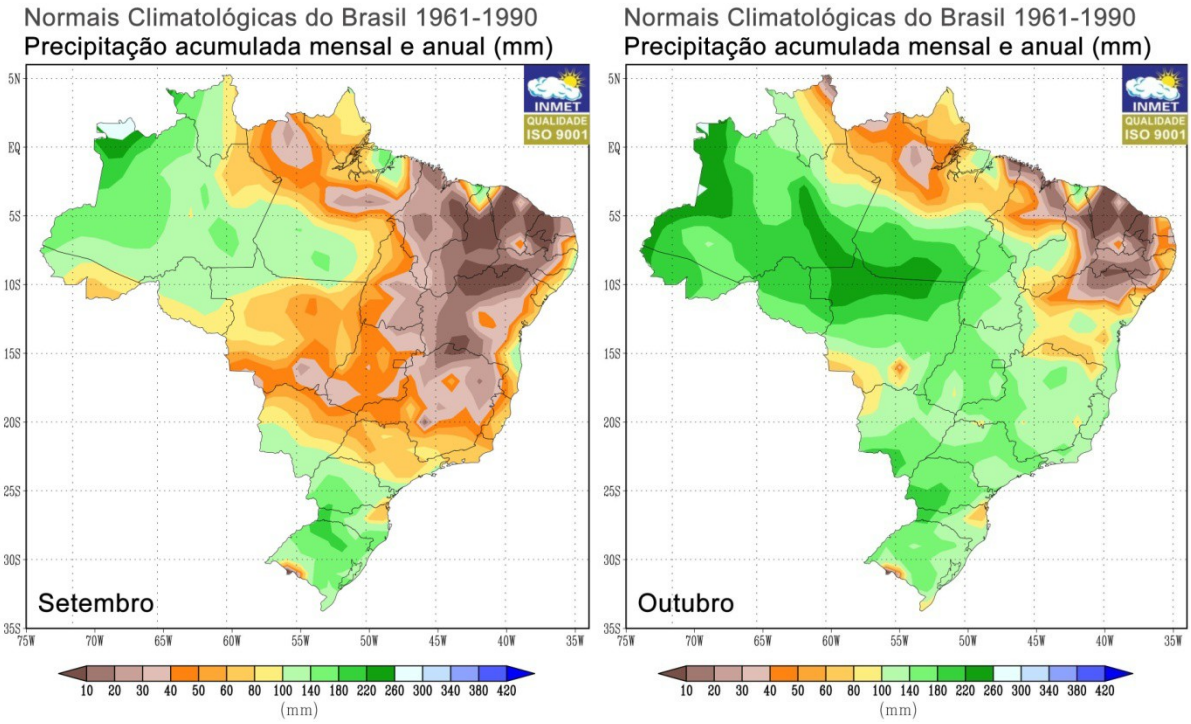
Legenda: (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

7. Prognóstico climático[1]

As temperaturas elevadas e a ocorrência de pancadas de chuva em várias localidades das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, no início do mês, são características típicas de um período de transição entre o inverno seco, com temperaturas mais baixas e o início da primavera, com temperaturas mais altas, umidade em elevação e precipitação. Contudo, apesar dessas chuvas nos primeiros dias, o tempo seco ainda deve predominar em setembro, pois o período climatológico da precipitação, em grande parte do Brasil, tem seu início em outubro, quando há uma maior frequência de dias chuvosos – principalmente a partir da segunda quinzena – e volumes acumulados que podem superar os 100 mm ou mais. Essa diferença entre as médias históricas dos meses de setembro e outubro pode ser facilmente percebida observando os mapas da climatologia da precipitação pluviométrica (Figura 18).

1 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Figura 18 – Normais climatológicas do Brasil – Precipitação acumulada mensal de setembro e outubro



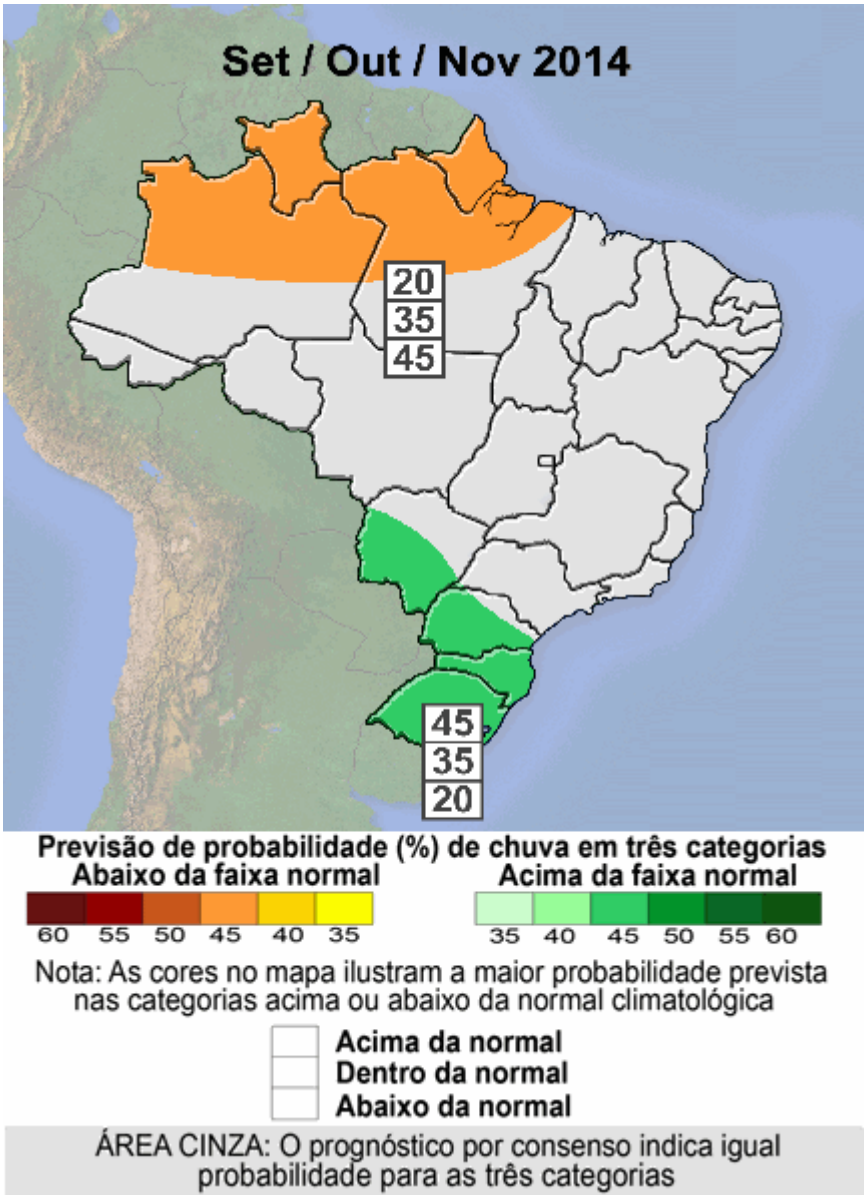
Fonte: Inmet.

Prognóstico para o trimestre SON/2014

O prognóstico climático elaborado pelo CPTEC/INPE e o INMET (Figura 19) indica que há uma maior probabilidade de que o acumulado de chuvas fique dentro da faixa normal ou acima em toda a Região Sul e no sul do Mato Grosso do Sul durante o trimestre setembro-outubro-novembro. No norte da Região Norte, o prognóstico se inverte, apresentando maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo. Nas outras áreas, o prognóstico indica igual probabilidade para as três categorias (acima, abaixo e dentro da faixa normal).

Para as três últimas semanas de setembro, de forma geral, os modelos indicam que a ocorrência de chuvas deve ser menor que na primeira, prevalecendo os dias secos na maior parte do Centro-Oeste, Sudeste e na região do MATOPIBA. Os maiores acumulados de chuva no mês devem se concentrar principalmente na Região Sul, na faixa leste do Nordeste e no oeste da Região Norte.

Figura 19 – Previsão probabilística (em tercis) de consenso do total de chuva para o trimestre agosto, setembro e outubro de 2014



8. Crédito rural

A demanda e a liberação do crédito na safra 2013/14

Pode afirmar que a liberação de crédito para a safra 2013/14 ocorreu normalmente nas principais regiões produtoras.

Na Região Centro-Oeste, a liberação de crédito ocorreu dentro das necessidades e atendida a demanda. O crédito de custeio foi liberado de forma antecipada e alguns produtores utilizam de recursos próprios e, na utilização de recursos oriundos dos fornecedores de insumos, o que se observou foi a troca de insumos por grãos a serem

entregues por ocasião da colheita, com preços pré-fixados.

Na Região Nordeste, a liberação de crédito atendeu às necessidades dos produtores. As principais fontes de recursos foram, principalmente, os agentes financeiros, os fornecedores de insumos, as tradings e o uso de recursos próprios.

Na Região Norte, as liberações podem ser consideradas normais. Os financiamentos foram com recursos próprios, crédito dos agentes financeiros, do sistema cooperativo, das empresas fornecedoras de insumos e das agroindústrias.

Em Rondônia, em se tratando de arroz de sequeiro e milho primeira safra nas pequenas propriedades, utilizou-se de recursos próprios. Em áreas maiores, o crédito teve como origem as casas de lavouras e cerealistas que fornecem os insumos para o plantio. Em Tocantins, pequenos produtores de arroz encontraram dificuldades na liberação de recursos, uma vez que os fornecedores de crédito consideraram a cultura de alto risco.

Na Região Sudeste, a liberação do crédito atendeu a procura dos produtores. Pode-se destacar que diversas alternativas foram utilizadas para o financiamento da safra. A comercialização antecipada, seja por adiantamento de recursos ou pré-fixação, foi uma das fontes utilizadas pelos produtores. Foi observado, também, a utilização de recursos oriundos dos agentes financeiros e a troca de insumos para pagamento na colheita, em espécie ou produto.

Na Região Sul, a liberação de crédito pode ser considerada dentro da normalidade e em tempo hábil para uso correto pelos produtores.

Fontes de financiamentos da safra 2013/14

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional.

A Conab realizou pesquisa subjetiva para obter informações a respeito das fontes de financiamentos que são utilizadas pelos produtores no plantio, para as culturas de milho e soja.

As informações coletadas geraram três fontes de financiamento (ver Tabelas 9 e 10). Os agentes financeiros obedecem as regras estabelecidas no Manual de Crédito Rural (MCR), elaborado pelo Banco Central do Brasil. O segundo grupo, chamado de fornecedores de insumos, pode ser caracterizado pelas agroindústrias, revendedores de material para o cultivo, às cooperativas e organizações onde se observa a troca de insumos por grãos a serem entregues por ocasião da colheita com preços pré-fixados. O terceiro grupo se refere aos produtores que utilizam recursos próprios para financiamento da produção.

Milho

Tabela 9 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura do milho

UF	FINANCIAMENTO/CREDITO														
	Banco					Fornecedores de Insumos					Recursos Próprios				
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra13/14	Var. (%)	Var. (%)
	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)	(g)	(h)	(i)	(h/g)	(i/g)
RO	5,0	5,0	0,0	-	(100,0)	80,0	80,0	70,0	-	(12,5)	15,0	15,0	30,0	-	100,0
TO	50,0	38,0	35,3	(24,0)	(29,4)	31,0	42,0	12,6	35,5	(59,4)	19,0	20,0	52,1	5,3	174,2
PI	75,0	75,0	50,0	-	(33,3)	10,0	10,0	30,0	-	200,0	15,0	15,0	20,0	-	33,3
MT	19,0	20,0	15,2	5,3	(20,0)	44,0	43,0	54,4	(2,3)	23,6	37,0	37,0	30,4	-	(17,8)
MS	42,0	46,0	40,1	9,5	(4,5)	43,0	38,0	37,8	(11,6)	(12,1)	15,0	16,0	22,1	6,7	47,3
GO	46,0	48,0	75,0	4,3	63,0	23,0	22,0	14,0	(4,3)	(39,1)	31,0	30,0	11,0	(3,2)	(64,5)
MG	50,0	50,0	55,3	-	10,6	26,0	27,0	24,3	3,8	(6,5)	24,0	23,0	20,4	(4,2)	(15,0)
SP	55,0	55,0	51,7	-	(6,0)	25,0	25,0	25,6	-	2,4	20,0	20,0	22,7	-	13,5
PR	46,0	45,0	38,5	(2,2)	(16,3)	23,0	20,0	22,0	(13,0)	(4,3)	31,0	35,0	39,5	12,9	27,4
SC	54,0	53,0	58,3	(1,9)	8,0	32,0	33,0	25,0	3,1	(21,9)	14,0	14,0	16,7	-	19,3
RS	61,0	60,0	77,0	(1,6)	26,2	25,0	25,0	16,0	-	(36,0)	14,0	15,0	7,0	7,1	(50,0)
BRASIL	42,8	41,9	43,6	(2,1)	1,9	31,0	30,5	27,4	(1,6)	(11,6)	26,2	27,6	29,0	5,3	10,7

Fonte: Conab
Nota: Levantamento dezembro/2013

As informações das fontes de financiamentos são das safras 2011/12, 2012/13 e 2013/14, o que oferece um bom entendimento de uso do crédito pelo produtor rural. Em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras são a maioria. Em seguida, os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito. Por fim, a utilização de recursos próprios tem um percentual que chama a atenção pela sua dimensão.

Observando as três safras, pode-se comentar que houve um ligeiro aumento no uso de crédito bancário e uma redução do uso de recursos de fornecedores de insumo. Deve-se destacar o aumento do uso de recursos próprios pelos produtores.

Analisando as informações da Região Centro-Oeste, observa-se que no Mato Grosso o uso de recursos de fornecedores de insumos é superior às demais fontes, diferente da média nacional. A fonte de recursos próprios é também superior àquela oriunda dos agentes financeiros. Observa-se que há redução no uso de recursos bancários e próprios e aumento na utilização de crédito de fornecedores de insumos.

Em Goiás pode-se perceber que nesta safra houve forte redução dos percentuais até então existentes na fonte de recursos próprios e da dependência de crédito dos fornecedores de insumos, com transferência para o financiamento bancário, o que era a tendência observada nas safras anteriores.

No Mato Grosso do Sul, o que aumenta na safra 2013/14 é o uso de recursos próprios e se observa a redução dos financiamentos pelo setor bancário.

Na Região Norte, as informações de Tocantins nos apresentam com forte queda na utilização dos financiamentos oriundos dos fornecedores de insumos e aumento no uso de recursos próprios.

No Piauí, único com pesquisa completa na Região Nordeste, observa-se o aumento do uso de recursos de fornecedores e de recursos próprios para o plantio da safra 2013/14. Houve redução na fonte de bancos no financiamento agrícola.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo apresentam pequenas alterações no percentual de uso de recursos das três fontes de financiamento, com destaque para os financiamentos bancários, com aproximadamente 53% de atendimento da demanda.

Na Região Sul, a fonte de recursos de fornecedores de insumos tem se mantido constante no Paraná, mas há uma transferência da utilização da fonte bancária para o

uso de recursos próprios no financiamento da produção.

Em Santa Catarina, observa-se que na safra atual há o aumento do uso de recursos da fonte do sistema financeiro e de financiamento próprio, com redução da utilização da fonte dos fornecedores de insumos.

No Rio Grande do Sul, o uso de recursos das instituições financeiras destaca-se das demais fontes de financiamento, sendo que nesta safra houve forte transferência das fontes de fornecedores de insumos e de recursos próprios para os financiamentos bancários.

Soja

Tabela 10 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura da soja

UF	FINANCIAMENTO/CRÉDITO															
	Banco					Fornecedores de Insumos					Recursos Próprios				
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)
	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)	(g)	(h)	(i)	(h/g)	(i/g)
RO	20,0	20,0	20,0	-	-	60,0	60,0	60,0	-	-	20,0	20,0	20,0	-	-
TO	37,0	32,0	49,5	(13,5)	33,8	46,0	60,0	34,8	30,4	(24,3)	17,0	8,0	15,7	(52,9)	(7,6)
PI	70,0	70,0	50,0	-	(28,6)	20,0	20,0	30,0	-	50,0	10,0	10,0	20,0	-	100,0
MT	23,0	23,0	23,1	-	0,4	47,0	46,0	51,2	(2,1)	8,9	30,0	31,0	25,7	3,3	(14,3)
MS	42,0	46,0	39,4	9,5	(6,2)	44,0	40,0	37,1	(9,1)	(15,7)	14,0	14,0	23,5	-	67,9
GO	52,0	52,0	57,0	-	9,6	30,0	31,0	32,0	3,3	6,7	18,0	17,0	11,0	(5,6)	(38,9)
MG	32,0	33,0	35,3	3,1	10,3	46,0	45,0	47,3	(2,2)	2,8	22,0	22,0	17,4	-	(20,9)
SP	59,0	63,0	54,7	6,8	(7,3)	29,0	23,0	27,7	(20,7)	(4,5)	12,0	14,0	17,6	16,7	46,7
PR	49,0	46,0	45,6	(6,1)	(6,9)	20,0	21,0	19,9	5,0	(0,5)	31,0	33,0	34,5	6,5	11,3
SC	48,0	46,0	50,0	(4,2)	4,2	35,0	36,0	29,1	2,9	(16,9)	17,0	18,0	20,9	5,9	22,9
RS	52,0	51,0	57,0	(1,9)	9,6	32,0	32,0	23,0	-	(28,1)	16,0	17,0	20,0	6,3	25,0
BRASIL	41,0	40,5	43,5	(1,2)	6,1	35,7	35,7	32,3	-	(9,5)	23,3	23,8	24,2	2,1	3,9

Fonte: Conab
Nota: Levantamento dezembro/2013

As informações também são das safras 2011/12, 2012/13 e 2013/14. Em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras são a maioria. Os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito para os produtores. A utilização de recursos próprios tem um percentual que chama a atenção pela sua dimensão.

Analisando as informações da Região Centro-Oeste, observa-se que no Mato Grosso o uso de recursos de fornecedores de insumos é superior às demais fontes. A fonte de recursos próprios é um pouco acima daquela oriunda dos agentes financeiros.

Em Goiás pode-se perceber que nesta safra houve queda no uso de recursos próprios. A fonte de crédito dos fornecedores de insumos permaneceu no mesmo patamar e o financiamento bancário teve aumento na sua utilização. No Mato Grosso do Sul, o que aumenta na safra 2013/14 é o uso de recursos próprios e se percebe a redução dos financiamentos pelo setor bancário e pelos fornecedores de insumos.

Na Região Norte, as informações de Tocantins nos apresentam com forte queda na utilização dos financiamentos oriundos dos fornecedores de insumos e aumento no uso de recursos próprios e dos financiamentos bancários.

No Piauí, pode-se observar que houve aumento do uso de recursos de fornecedores e de recursos próprios para o plantio da safra 2013/14, com razoável perda percentual na fonte de bancos no financiamento agrícola.

Na Região Sudeste, Minas Gerais apresenta dependência dos produtores de soja para com os fornecedores de insumos. Nesta safra se observa uma redução no uso dos recursos próprios e de pequeno aumento na utilização do sistema financeiro.

Em São Paulo, o que prevalece é a utilização dos financiamentos bancários. Nesta

safra há uma pequena elevação no uso do crédito próprio e daquele oriundo dos fornecedores de insumos.

Na Região Sul, as fontes de recursos para o plantio têm se mantido constante no Paraná, mas há um aumento no uso dos recursos próprios.

Em Santa Catarina, observa-se que na safra atual há o aumento do uso de recursos da fonte do sistema financeiro e de financiamento próprio, com redução da utilização da fonte dos fornecedores de insumo.

No Rio Grande do Sul, o uso de recursos das instituições financeiras é a principal fonte de financiamento da safra agrícola. Na presente safra observa-se o aumento do uso da fonte bancária e dos recursos próprios e na redução da dependência dos financiamentos dos fornecedores de insumos.

O crédito rural em 2014

No período de janeiro a julho de 2014 foi concedido o montante de R$11,9 bilhões de recursos de crédito pelo Pronaf destinados a financiamentos rurais no país, destacando-se que 64% foram para investimentos, onde o maior volume foi destinado à Região Sul (38,18%) e Sudeste (22,34%). O restante dos recursos (36%) foram destinados a custeio, alocados na maior parte, também, para a Região Sul (62,35%) e Sudeste (20,07%).

Tabela 11 – Pronaf[1] – Financiamentos rurais concedidos no país – janeiro a julho de 2014

R$ Milhões

Região	Finalidade	Contratos	Valor
Centro-Oeste	Custeio	14.949	303.906
	Investimento	15.899	521.127
Nordeste	Custeio	37.051	319.498
	Investimento	409.911	1.510.868
Norte	Custeio	8.546	135.620
	Investimento	51.920	988.456
Sudeste	Custeio	53.613	866.924
	Investimento	95.720	1.708.707
Sul	Custeio	139.018	2.693.184
	Investimento	80.896	2.920.582
Total Brasil		**907.523**	**11.968.871**

Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor).
Legenda: [1] Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Neste mesmo período foram concedidos R$ 8,2 bilhões de financiamentos do crédito rural a cooperativas, contabilizando-se 64,38% para custeio, 33,62% para investimento e 2% para comercialização.

Os recursos para custeio concentraram-se na Região Sul (66,42%) e Sudeste (26,84%). O mesmo ocorreu na modalidade investimento, quando mais da metade foi destinada para o Sul (57,29%) e Sudeste (36,93%).

Para fins de comercialização, a distribuição dos recursos se concentraram na Região Sudeste (39,70%), Sul (35,48%) e Centro-Oeste (23,02%).

Tabela 12 – Financiamentos rurais concedidos a cooperativas – Janeiro a julho de 2014

R$ Milhões

Região	Finalidade	Contratos	Valor
Centro-Oeste	Comercialização	25	638.950
	Custeio	52	326.664
	Investimento	1	4.000
Nordeste	Comercialização	5	49.860
	Custeio	16	30.122
	Investimento	11	5.519
Norte		1	1.437
Sul	Comercialização	201	984.586
	Custeio	829	3.529.798
	Investimento	72	94.380
Sudeste	Comercialização	126	1.101.919
	Custeio	538	1.426.423
	Investimento	21	60.833
Total Brasil		**1.898**	**8.254.492**

Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proago (Sicor)

Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proago (Sicor).

Nos financiamentos de custeio de lavoura concedidos a produtores e cooperativas, no período, janeiro a julho 2014, foram destinados o total de R$ 26,2 bilhões de recursos do crédito rural. Distribuídos na maior parte nas seguintes Regiões: Sul (35,41%), Centro-Oeste (28,07%) e Sudeste (24,93%).

Tabela 13 – Financiamentos de custeio de lavoura concedidos a produtores e cooperativas – Janeiro a julho de 2014

R$ Milhões

Região	Contratos	Valor	Área (mil ha)
Centro-Oeste	19.190	7.369.587	5.400
Nordeste	27.657	2.488.775	1.436
Norte	4.339	553.234	379
Sudeste	70.895	6.545.001	2.689
Sul	206.723	9.296.480	7.230
Total Brasil	**328.804**	**26.253.076**	**17.134**

Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proago (Sicor).

Do ponto de vista da destinação destes mesmos recursos às principais lavouras (algodão, amendoim, arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale), constata-se que o crédito de custeio a produtores e cooperativas foram de R$ 20,2 bilhões, o que representa 77,18% do total empreendido nesta modalidade.

Mais da metade destes recursos foram destinados ao custeio do ciclo produtivo da soja (54,92%) e aos demais produtos (45,08%), distribuídos da seguinte forma: milho (18,33%), trigo (11,65%), arroz (5,09%), algodão (4,49%) e mamona (2,85%), restando aos demais produtos recursos em torno de 1%.

Tabela 14 – Financiamentos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Janeiro a julho de 2014

Produto[1]	Contratos	Valor (R$ Milhões)	Área (Mil ha)
Algodão	488	910.007	272
Amendoim	80	14.781	5
Arroz	5.039	1.031.421	480
Aveia	1.626	110.590	152
Canola	539	20.051	22
Centeio	4	191	0
Cevada	1.164	71.640	54
Feijão	5.227	288.824	149
Girassol	14	3.401	4
Mamona	2.403	576.571	401
Milho	58.605	3.714.713	2.748
Soja	54.358	11.129.150	8.788
Sorgo	334	28.849	40
Trigo	51.644	2.360.844	2.251
Triticale	27	1.064	2
Total	**181.552**	**20.262.096**	**15.368**

Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor)..

Legenda: [1] Cesta selecionada dentre o total de produtos financiados.

9. Preços agropecuários

A tomada de decisão dos agentes econômicos para o plantio e a comercialização da safra 2013/14 se baseou, principalmente, nos preços das culturas. Nas tabelas abaixo encontram-se os preços recebidos pelos produtores no período entre agosto/2013 e agosto/2014, pesquisados pela Conab e disponibilizados na sua página eletrônica (www.conab.gov.br – destaque no portal principal).

A intenção é oferecer ao usuário deste documento, uma visão de como se comportou os preços dos principais produtos agropecuários durante o ciclo da safra 2013/14 e a situação observada para as culturas ainda em processo de desenvolvimento, colheita e comercialização.

Tabela 15 – Preço de algodão em pluma (15 kg) no MT e BA

Período	Mato Grosso				Bahia
	Lucas do Rio Verde	Primavera do Leste	Rondonópolis	Sapezal	Barreiras
08/2013	66,52	67,01	67,51	66,57	69,99
09/2013	66,05	66,55	66,65	65,60	68,97
10/2013	65,98	66,48	66,58	65,68	67,66
11/2013	63,60	64,10	64,25	63,25	67,75
12/2013	64,78	65,28	65,45	64,55	68,61
01/2014	67,35	68,02	68,11	67,21	70,71
02/2014	70,18	70,28	70,78	69,88	72,33
03/2014	68,20	68,70	68,80	67,90	71,61
04/2014	64,80	65,10	64,65	64,16	68,72
05/2014	60,68	61,15	61,13	60,26	62,88
06/2014	58,20	58,20	58,78	57,88	61,26
07/2014	57,05	56,93	57,03	56,13	57,50
08/2014	51,56	52,05	52,15	51,24	53,01

Fonte: Conab.

Tabela 16 – Preço de arroz longo fino em casca (50 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Alegrete	Arroio Grande	Bagé	Cachoeira do Sul	Camaquã
08/2013	32,51	34,50	33,27	33,30	35,59
09/2013	32,50	34,19	33,44	33,14	35,55
10/2013	32,06	33,85	32,78	31,73	35,05
11/2013	32,76	33,88	32,98	31,73	34,98
12/2013	33,90	35,88	34,37	33,81	35,69
01/2014	34,61	37,00	35,57	34,08	37,43
02/2014	34,52	36,50	34,88	34,15	36,44
03/2014	31,80	34,50	33,76	34,81	33,05
04/2014	32,69	34,40	34,22	33,80	35,70
05/2014	33,88	36,00	35,29	34,30	37,90
06/2014	34,59	36,88	35,46	34,63	37,88
07/2014	34,69	35,94	35,02	33,78	37,44
08/2014	34,80	35,80	35,01	33,80	37,15

Fonte: Conab.

Tabela 17 – Preço de arroz longo fino em casca (50 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Capivari do Sul	Dom Pedrito	Itaqui	Jaguarão	Mostardas	Nova Palma
08/2013	32,76	33,19	33,20	34,38	33,68	32,00
09/2013	32,76	32,81	32,99	33,67	33,68	32,32
10/2013	32,41	31,99	32,20	33,60	33,12	30,68
11/2013	32,54	32,21	32,48	34,00	33,54	30,53
12/2013	34,21	33,99	33,83	35,90	33,21	32,98
01/2014	35,73	34,56	34,13	36,49	34,88	33,69
02/2014	35,92	33,89	33,23	35,63	35,55	33,83
03/2014	31,67	31,88	33,29	35,47	31,88	33,53
04/2014	34,42	32,40	33,00	34,67	35,55	32,92
05/2014	34,67	33,83	34,20	36,90	35,24	33,82
06/2014	35,19	34,52	34,70	37,10	35,43	33,93
07/2014	34,53	34,27	34,42	35,50	35,55	33,73
08/2014	34,71	34,30	34,56	35,80	36,11	33,49

Fonte: Conab.

Tabela 18 – Preço de arroz longo fino em casca (50 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Palmares do Sul	Pantano Grande	Pelotas	Rosário do Sul	Santa Maria	Santa Vitória do Palmar
08/2013	33,53	31,94	35,81	32,98	33,69	33,75
09/2013	33,53	31,94	35,04	32,53	33,31	33,50
10/2013	33,53	31,12	34,37	32,10	32,40	33,17
11/2013	32,89	29,97	35,23	31,00	32,96	33,66
12/2013	34,21	31,50	36,90	32,68	35,07	36,00
01/2014	35,82	32,56	37,76	34,17	35,19	36,76
02/2014	35,03	32,70	37,19	34,38	33,83	36,13
03/2014	32,44	34,88	33,00	32,07	34,00	33,03
04/2014	35,08	32,44	35,71	33,00	33,12	33,90
05/2014	35,56	32,53	38,00	33,90	34,68	35,70
06/2014	35,46	33,22	38,37	34,50	34,84	37,33
07/2014	35,68	33,63	37,38	34,38	34,91	36,44
08/2014	35,16	33,59	37,07	34,20	35,04	35,50

Fonte: Conab.

Tabela 19 – Preço de arroz longo fino em casca (50 kg) no Rio Grande do Sul

Período	São Borja	São Gabriel	São Sepé	Uruguaiana	Viamão
08/2013	34,53	32,50	33,50	33,21	31,81
09/2013	34,22	32,38	33,21	32,83	31,92
10/2013	33,16	31,90	31,68	32,63	31,90
11/2013	33,10	32,38	31,62	32,96	31,69
12/2013	34,44	34,51	33,54	34,58	32,74
01/2014	34,73	35,50	34,49	34,72	33,75
02/2014	33,27	34,13	34,32	34,08	35,08
03/2014	32,25	34,08	32,88	34,97	34,97
04/2014	34,08	32,94	33,80	33,70	33,02
05/2014	35,19	34,70	34,73	34,83	34,52
06/2014	35,56	35,38	34,70	35,08	34,85
07/2014	35,46	35,18	34,70	34,83	34,61
08/2014	35,50	34,00	34,70	35,30	33,68

Fonte: Conab.

Tabela 20 – Preço de arroz longo fino em casca (50 kg) no Santa Catarina

Período	Forquilhinha	Gaspar	Guaramirim	Jacinto Machado	Jaraguá do Sul	Joinville	Massaranduba
08/2013	35,00	31,00	31,00	34,00	31,00	31,00	31,00
09/2013	34,83	31,00	31,00	33,65	31,00	31,00	31,00
10/2013	34,75	31,00	31,00	33,50	31,00	31,00	31,00
11/2013	33,63	31,00	31,00	33,50	31,00	31,00	31,00
12/2013	34,28	31,70	31,05	33,50	31,35	31,70	31,30
01/2014	36,05	34,00	33,10	34,02	33,30	33,60	32,72
02/2014	36,75	35,38	34,94	36,34	35,13	34,88	34,88
03/2014	34,55	33,21	34,00	34,53	34,00	33,53	33,21
04/2014	34,96	33,00	34,00	34,33	33,67	33,17	33,00
05/2014	36,23	33,00	33,50	35,29	33,13	33,13	33,00
06/2014	37,00	33,00	34,45	35,50	33,74	33,84	33,00
07/2014	36,84	33,00	33,00	35,50	33,00	33,00	33,00
08/2014	36,49	33,00	33,00	35,50	33,12	33,00	33,00

Fonte: Conab.

Tabela 21 – Preço de arroz longo fino em casca (50 kg) no Santa Catarina

Período	Meleiro	Nova Veneza	Paulo Lopes	Pouso Redondo	Rio do Sul	Tubarão	Turvo
08/2013	33,00	34,00	33,00	31,00	31,00	33,00	34,00
09/2013	33,00	33,65	33,00	31,00	31,00	33,00	33,65
10/2013	32,94	33,50	33,00	31,00	31,00	33,00	33,40
11/2013	32,05	33,05	33,00	31,00	31,00	33,00	33,00
12/2013	32,70	33,15	33,00	31,70	31,90	33,30	33,15
01/2014	33,90	34,15	33,00	33,80	34,00	34,50	34,15
02/2014	35,94	36,75	36,81	34,88	34,88	36,00	36,75
03/2014	34,00	35,08	35,21	33,76	33,21	35,00	35,08
04/2014	34,50	35,00	35,00	33,36	33,00	35,00	35,14
05/2014	35,00	35,48	35,00	33,06	33,00	35,00	35,79
06/2014	33,92	36,00	35,16	33,42	33,00	35,16	36,63
07/2014	35,50	36,00	36,00	33,00	33,00	35,35	35,67
08/2014	35,28	35,28	35,36	33,00	33,00	35,00	35,04

Fonte: Conab.

Tabela 22 – Preço de feijão cores (60 kg) no Paraná

Período	Capanema	Cascavel	Castro	Francisco Beltrão	Guarapuava	Ivaiporã	Londrina	Maringá	Pato Branco
08/2013	152,65	135,50	154,00	91,25	140,50	152,50	120,00	156,75	137,00
09/2013	141,25	120,75	130,10	82,50	128,00	139,50	129,00	142,25	128,00
10/2013	135,40	120,00	119,20	80,00	116,00	131,00	130,00	125,20	130,60
11/2013	120,00	120,00	98,75	80,00	104,00	117,50	130,00	114,75	120,00
12/2013	87,11	88,68	86,74	80,53	88,95	93,05	93,16	106,84	112,89
01/2014	93,16	71,67	76,84	75,20	75,50	77,08	90,00	95,00	81,00
02/2014	93,44	68,44	93,44	80,00	87,19	74,38	79,23	91,25	72,50
03/2014	105,40	75,25	122,00	98,50	98,25	94,75	130,50	116,65	92,00
04/2014	1113,75	75,00	116,15	93,00	97,00	116,00	126,40	111,75	100,00
05/2014	86,20	76,60	92,20	77,20	78,00	84,60	85,80	105,80	83,60
06/2014	74,25	62,25	76,75	62,00	65,50	59,00	83,75	97,75	63,50
07/2014	61,50	55,25	77,00	55,75	54,50-	58,50	88,50	93,50	60,00
08/2014	60,00	48,60	69,88	44,50	53,20	57,50	77,60	75,00	51,50

Fonte: Conab.

Tabela 23 – Preço de feijão cores (60 kg) em Minas Gerais

Período	Bambuí	Carmo do Rio Claro	Paracatu	Passos	Patos de Minas	Rio Pardo de Minas	Uberaba	Uberlândia	Unaí
08/2013	137,13	142,50	148,75	148,75	148,75	165,00	137,50	135,00	142,50
09/2013	130,00	131,25	133,75	132,50	120,00	142,50	130,00	132,50	138,75
10/2013	126,00	134,00	120,00	126,00	120,00	150,00	120,00	121,00	122,00
11/2013	107,50	112,50	105,00	112,50	112,50	140,00	107,50	105,00	125,00
12/2013	100,00	105,00	100,00	100,00	100,00	127,50	100,75	107,50	100,00
01/2014	96,19	95,48	90,48	92,38	92,38	115,05	94,29	97,38	92,38
02/2014	107,50	110,00	116,25	108,75	108,75	112,50	106,25	117,50	118,75
03/2014	137,50	144,38	147,50	140,00	121,88	135,00	131,25	137,50	135,00
04/2014	125,00	130,00	125,00	140,00	125,00	135,00	131,25	126,25	97,50
05/2014	104,00	118,00	122,00	128,00	108,00	146,00	114,00	111,00	102,50
06/2014	85,63	72,50	92,00	81,88	81,88	123,75	87,50	100,00	93,50
07/2014	78,75	75,00	90,00	81,25	85,00	100,00	80,00	95,00	88,75
08/2014	78,00	79,00	83,00	80,00	81,00	90,00	75,00	82,00	82,00

Fonte: Conab.

Tabela 24 – Preço de feijão preto (60 kg) no Paraná

Período	Campo Mourão	Capanema	Cascavel	Castro	Curitiba	Cândido de Abreu	F. Beltrão
08/2013	154,00	154,50	137,50	140,25	139,50	129,00	100,00
09/2013	160,00	138,12	120,00	162,25	137,50	123,50	103,00
10/2013	156,80	143,08	120,00	170,00	139,00	125,20	110,00
11/2013	157,00	144,75	120,00	168,00	137,50	150,25	110,00
12/2013	145,26	128,26	135,79	155,00	135,00	140,26	127,37
01/2014	131,50	134,21	122,78	139,07	123,30	125,50	126,20
02/2014	107,81	133,69	115,63	153,13	124,69	123,75	115,31
03/2014	130,00	148,25	115,25	183,50	141,50	150,00	122,80
04/2014	132,50	145,60	115,00	186,25	140,00	140,00	130,00
05/2014	126,80	134,80	107,80	162,80	112,40	120,00	109,80
06/2014	89,70	94,25	84,25	134,50	94,25	94,25	84,25
07/2014	89,75	81,25	80,00	141,25	92,75	87,25	71,50
08/2014	90,00	80,20	83,20	148,80	90,00	89,28	66,00

Fonte: Conab.

Tabela 25 – Preço de feijão preto (60 kg) no Paraná

Período	Guarapuava	Irati	Ivaiporã	Pato Branco	Ponta Grossa	Prudentópolis	União da Vitória
08/2013	150,00	143,00	133,75	140,00	140,10	147,75	135,50
09/2013	150,00	135,00	129,75	140,00	146,00	149,50	135,00
10/2013	150,00	137,20	142,00	133,60	144,60	149,00	138,40
11/2013	150,00	134,50	142,50	130,00	144,00	150,00	140,00
12/2013	141,32	130,00	142,63	130,00	147,37	141,05	140,00
01/2014	125,50	124,47	125,83	129,00	139,00	126,30	126,00
02/2014	127,50	125,94	120,63	120,00	132,50	129,06	121,25
03/2014	132,50	141,50	138,50	133,00	150,00	131,50	138,75
04/2014	143,50	137,75	139,50	136,25	146,75	136,24	146,00
05/2014	114,20	112,20	118,80	114,20	146,75	131,00	120,00
06/2014	97,50	103,75	89,00	83,75	138,20	99,00	99,50
07/2014	100,25	93,25	81,00	79,00	101,00	113,00	95,00
08/2014	107,60	98,12	84,40	82,60	98,20	118,40	91,40

Fonte: Conab.

Tabela 26 – Preço de milho (60 kg) em Goiás

Período	Cristalina	Itapuranga	Jataí	Niquelândia	Palmeiras de Goiás	Paraúna
08/2013	18,90	23,00	16,49	22,60	16,97	16,70
09/2013	20,56	23,00	17,61	21,58	17,93	17,73
10/2013	19,53	23,00	17,40	21,90	18,12	17,58
11/2013	21,34	23,00	18,66	23,34	19,53	18,92
12/2013	22,61	23,67	19,96	25,42	20,19	20,01
01/2014	23,27	25,08	20,56	26,00	21,87	20,78
02/2014	24,20	25,88	22,22	26,54	22,50	22,19
03/2014	25,86	27,11	24,83	26,57	24,72	24,83
04/2014	24,00	28,50	24,39	25,59	24,28	24,36
05/2014	21,99	27,04	21,55	25,71	22,88	21,54
06/2014	19,88	24,16	19,14	23,37	20,29	19,32
07/2014	18,75	23,65	17,01	23,00	17,75	17,18
08/2014	17,39	20,75	16,44	17,10	16,78	17,39

Fonte: Conab.

Tabela 27 – Preço de milho (60 kg) em Goiás

Período	Pontalina	Porteirão	Rio Verde	Sta Helena de Goiás	São Luís de Montes Belos
08/2013	16,55	17,25	16,83	16,67	18,02
09/2013	16,50	18,00	18,00	17,68	18,88
10/2013	16,88	18,00	17,74	17,69	19,40
11/2013	19,13	18,11	18,26	18,88	18,97
12/2013	19,89	18,38	19,39	20,00	19,97
01/2014	21,42	19,76	20,60	20,68	21,22
02/2014	22,15	21,00	21,82	22,05	23,19
03/2014	23,83	24,50	24,00	24,72	25,11
04/2014	24,25	23,83	24,97	24,47	25,72
05/2014	21,08	22,38	22,69	21,54	23,04
06/2014	19,24	19,79	19,66	19,71	20,74
07/2014	17,20	17,25	17,65	17,36	18,90
08/2014	16,32	16,00	16,58	16,24	18,02

Fonte: Conab.

Tabela 28 – Preço de milho (60 kg) em Minas Gerais

Período	Alfenas	Bambuí	Formiga	Frutal	Januária	Paracatu	Passos
08/2013	21,75	22,13	22,47	20,00	33,50	20,13	21,61
09/2013	23,50	24,00	25,89	22,63	33,50	21,98	23,37
10/2013	23,10	23,00	25,40	22,50	33,50	21,29	23,17
11/2013	23,86	23,50	24,54	22,50	33,50	22,23	22,73
12/2013	26,03	23,98	26,13	23,35	33,50	23,72	25,16
01/2014	25,17	24,38	25,48	23,68	33,50	23,81	25,23
02/2014	27,50	26,38	27,88	25,75	33,50	24,75	26,98
03/2014	29,82	27,50	32,75	27,88	33,50	27,00	29,00
04/2014	26,38	29,50	30,63	26,00	33,50	25,25	27,55
05/2014	26,08	25,70	31,50	25,30	33,92	24,70	25,83
06/2014	24,56	24,88	26,93	23,23	32,70	21,94	24,56
07/2014	21,88	25,88	24,08	21,12	31,00	20,38	22,72
08/2014	21,59	21,80	22,59	19,58	30,20	19,10	21,39

Fonte: Conab.

Tabela 29 – Preço de milho (60 kg) em Minas Gerais

Período	Patos de Minas	Piumhi	Três Corações	Uberaba	Uberlândia	Unaí
08/2013	21,00	20,50	23,00	20,69	21,00	21,08
09/2013	21,65	22,47	25,40	23,11	23,02	22,18
10/2013	21,87	23,54	25,15	22,74	22,51	22,62
11/2013	21,83	23,93	25,30	23,08	22,69	22,15
12/2013	23,24	26,62	26,13	23,44	23,65	23,68
01/2014	23,88	26,09	26,35	23,62	23,98	23,86
02/2014	25,63	27,25	28,00	25,34	25,42	24,34
03/2014	27,75	29,00	30,38	28,65	28,50	26,48
04/2014	27,13	27,00	29,75	25,40	26,25	25,18
05/2014	25,50	26,20	28,80	24,74	25,42	24,36
06/2014	24,00	26,00	26,38	22,43	23,03	21,98
07/2014	22,25	24,00	22,75	20,93	21,20	20,60
08/2014	20,10	21,10	22,60	19,46	20,08	19,33

Fonte: Conab.

Tabela 30 – Preço de milho (60 kg) no Paraná

Período	Apucarana	Campo Mourão	Capanema	Cascavel	Castro	Cornélio Procópio	Curitiba
08/2013	18,65	17,05	16,90	16,95	22,30	17,03	18,30
09/2013	19,43	17,33	17,00	17,31	22,50	17,33	18,05
10/2013	18,00	16,72	17,00	16,96	22,00	16,69	18,00
11/2013	18,65	17,48	17,45	17,52	22,35	17,56	17,95
12/2013	19,76	18,49	18,00	18,53	23,74	18,43	18,32
01/2014	19,38	19,00	18,70	19,02	24,10	18,97	18,80
02/2014	20,72	20,67	20,63	21,28	24,50	20,37	19,91
03/2014	23,08	22,98	22,52	23,37	27,90	23,13	23,55
04/2014	22,84	22,87	22,95	22,99	27,93	22,83	24,00
05/2014	23,78	21,18	21,28	21,18	27,45	21,22	23,48
06/2014	21,88	19,62	19,68	19,61	25,25	19,60	21,30
07/2014	20,80	18,10	18,35	18,48	23,43	18,08	19,60
08/2014	19,24	18,00	18,00	18,46	22,54	18,00	18,92

Fonte: Conab.

Tabela 31 – Preço de milho (60 kg) no Paraná

Período	Francisco Beltrão	Goioerê	Guarapuava	Irati	Ivaiporã	Jacarezinho	Lapa
08/2013	17,17	16,97	17,85	18,95	17,45	17,04	18,25
09/2013	17,52	17,33	18,13	19,43	17,76	17,35	18,00
10/2013	17,00	17,00	17,52	18,76	17,20	16,72	18,00
11/2013	17,50	17,35	18,12	18,88	17,77	17,49	18,15
12/2013	18,00	18,47	19,09	18,87	18,79	18,56	18,64
01/2014	19,20	19,00	19,70	19,38	19,26	21,42	19,40
02/2014	21,34	20,88	21,03	21,20	20,39	21,03	19,69
03/2014	23,24	23,19	23,43	24,15	23,20	23,16	22,35
04/2014	23,03	22,99	23,57	24,10	23,06	22,93	24,00
05/2014	22,38	21,34	21,88	23,74	21,58	21,40	23,88
06/2014	20,88	19,55	20,32	20,95	19,90	19,68	21,00
07/2014	18,68	18,50	18,77	19,45	18,31	18,63	19,38
08/2014	18,46	18,46	18,70	18,86	18,38	18,16	19,00

Fonte: Conab.

Tabela 32 – Preço de milho (60 kg) no Paraná

Período	Laranjeiras do Sul	Londrina	Maringá	Medianeira	Paranavaí	Pato Branco	Pitanga
08/2013	17,91	17,05	17,05	16,98	16,63	18,11	17,40
09/2013	18,57	17,33	17,33	17,23	17,40	18,33	17,80
10/2013	18,00	16,72	16,70	16,86	16,59	17,70	17,18
11/2013	18,29	17,54	17,51	17,41	17,48	18,29	17,60
12/2013	19,53	18,48	18,48	18,50	18,25	19,31	18,77
01/2014	21,00	19,00	18,99	19,00	18,97	19,92	19,30
02/2014	21,69	20,46	20,56	20,50	20,09	21,40	20,53
03/2014	23,49	23,16	23,10	22,95	22,67	23,56	23,15
04/2014	23,42	22,83	22,86	23,20	22,76	23,65	23,14
05/2014	22,21	21,14	21,18	21,38	21,44	22,08	21,76
06/2014	20,27	19,60	19,60	19,65	19,61	20,45	20,05
07/2014	19,11	18,08	18,08	18,40	18,13	18,93	18,58
08/2014	19,00	18,00	18,00	18,50	18,00	18,90	18,40

Fonte: Conab.

Tabela 33 – Preço de milho (60 kg) no Paraná

Período	Ponta Grossa	Rolândia	Toledo	Ubiratã	Umuarama	União da Vitória
08/2013	20,34	17,05	17,05	17,02	17,05	20,12
09/2013	21,08	17,33	17,33	17,25	17,33	20,63
10/2013	20,02	16,70	16,74	17,06	16,72	19,50
11/2013	20,38	17,51	17,49	17,42	17,51	21,03
12/2013	21,46	18,48	18,52	18,15	18,52	22,00
01/2014	23,05	19,00	19,00	19,00	19,00	21,85
02/2014	24,06	20,56	20,67	20,88	20,71	21,51
03/2014	25,60	23,16	23,12	23,20	23,08	24,64
04/2014	26,38	22,86	22,88	23,02	22,87	25,00
05/2014	25,88	21,18	21,20	21,36	21,18	24,40
06/2014	23,80	19,60	19,55	19,65	19,60	22,51
07/2014	21,38	18,08	18,23	18,50	18,08	21,39
08/2014	21,46	18,01	18,20	18,50	18,00	20,37

Fonte: Conab.

Tabela 34 – Preço de milho (60 kg) em Santa Catarina

Período	Abelardo Luz	Campo Belo do Sul	Campos Novos	Canoinhas	Chapecó
08/2013	19,74	21,53	21,41	21,33	21,18
09/2013	20,54	23,23	23,13	22,64	22,80
10/2013	19,97	22,08	22,14	21,43	21,73
11/2013	20,43	22,74	22,55	23,41	23,63
12/2013	21,54	23,50	23,30	23,34	23,08
01/2014	21,68	23,23	23,30	22,69	22,23
02/2014	22,43	23,47	23,47	22,53	22,50
03/2014	24,66	25,92	25,99	25,01	24,55
04/2014	24,47	26,25	26,47	25,21	24,81
05/2014	23,44	25,17	25,57	24,63	23,85
06/2014	22,03	23,11	23,37	22,95	22,45
07/2014	20,59	21,88	22,00	21,60	21,28
08/2014	20,58	21,50	21,52	21,49	21,38

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Preço de milho (60 kg) em Santa Catarina

Período	Concórdia	Curitibanos	Joaçaba	Mafra	Palmitos	Porto União
08/2013	21,38	21,39	21,20	21,48	21,05	21,23
09/2013	22,10	23,13	22,30	22,76	22,60	22,73
10/2013	21,25	22,29	21,17	21,81	21,66	21,77
11/2013	23,42	22,53	23,05	23,41	23,16	23,61
12/2013	23,10	22,83	23,71	23,35	23,05	23,45
01/2014	22,53	22,96	22,43	22,50	22,33	22,43
02/2014	22,22	23,25	22,34	22,89	22,37	22,38
03/2014	24,34	25,79	24,34	25,21	24,24	25,11
04/2014	24,82	26,39	24,36	25,17	24,67	25,08
05/2014	23,81	25,59	23,81	24,42	24,08	24,27
06/2014	21,89	23,34	21,82	22,94	22,27	22,87
07/2014	21,08	21,83	20,95	21,48	21,19	21,55
08/2014	20,74	21,50	20,50	21,29	20,91	21,50

Fonte: Conab.

Tabela 36 – Preço de milho (60 kg) em Santa Catarina

Período	Rio do Sul	São José do Cedro	São Lourenço do Oeste	São Miguel do Oeste	Xanxerê
08/2013	20,63	20,78	20,83	21,30	21,01
09/2013	22,20	22,68	22,68	22,80	22,56
10/2013	22,04	21,79	21,79	21,71	21,68
11/2013	22,00	23,61	23,61	23,61	23,37
12/2013	22,00	23,28	23,28	23,40	23,38
01/2014	22,70	22,33	22,33	22,23	22,60
02/2014	23,03	22,47	22,47	22,34	22,64
03/2014	25,39	24,58	24,47	24,84	24,84
04/2014	26,42	24,81	24,81	24,83	24,69
05/2014	25,69	23,75	23,79	23,85	23,51
06/2014	23,71	22,74	22,74	22,50	22,64
07/2014	22,03	21,45	21,23	21,38	21,38
08/2014	21,66	21,30	21,30	21,38	21,22

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Preço de milho (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Arroio do Tigre	Bagé	Cachoeira do Sul	Canguçu	Carazinho	Cruz Alta
08/2013	21,01	24,67	21,74	26,38	20,89	21,25
09/2013	21,13	25,03	21,74	26,38	21,37	20,89
10/2013	21,01	23,55	21,49	25,99	20,62	20,81
11/2013	21,26	22,89	22,74	25,92	21,01	21,26
12/2013	21,56	24,50	23,45	25,78	21,49	21,26
01/2014	22,31	24,72	22,89	25,65	21,86	21,61
02/2014	22,72	24,37	23,07	25,65	22,10	21,49
03/2014	23,57	24,79	23,70	26,16	23,33	22,84
04/2014	24,06	25,40	24,31	26,62	24,12	24,43
05/2014	23,40	25,79	23,65	27,70	23,43	23,74
06/2014	21,98	24,30	21,98	27,90	21,98	24,91
07/2014	20,70	25,86	21,25	27,23	21,37	25,16
08/2014	20,18	24,40	20,91	26,57	20,52	22,01

Fonte: Conab.

Tabela 38 – Preço de milho (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Encantado	Erechim	Frederico Westphalen	Ibirubá	Ijuí	Lagoa Vermelha
08/2013	23,94	21,49	21,68	21,74	21,69	22,47
09/2013	24,40	21,49	20,52	21,49	21,49	22,84
10/2013	23,92	21,49	20,52	21,49	21,49	22,67
11/2013	24,56	21,49	20,64	21,98	21,88	21,83
12/2013	23,88	21,49	21,25	23,45	23,45	23,35
01/2014	24,92	21,49	22,05	23,08	23,08	23,08
02/2014	26,01	21,37	21,43	22,47	21,43	22,79
03/2014	25,86	23,02	22,84	23,21	22,75	24,56
04/2014	27,52	23,61	23,45	24,19	22,72	26,58
05/2014	26,67	23,40	23,40	23,61	24,28	25,88
06/2014	24,91	21,49	22,10	21,98	23,88	23,74
07/2014	23,03	22,16	22,72	21,25	23,69	23,08
08/2014	21,59	21,30	21,79	21,01	22,18	21,68

Fonte: Conab.

Tabela 39 – Preço de milho (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Nova Palma	Não-Me-Toque	Palmeira das Missões	Panambi	Passo Fundo	Pelotas
08/2013	24,43	20,89	22,84	20,90	21,44	25,89
09/2013	24,43	21,25	21,49	21,01	21,61	25,89
10/2013	24,43	20,62	22,49	20,91	21,25	25,89
11/2013	24,43	20,89	21,44	21,01	21,25	25,77
12/2013	24,43	21,49	21,61	21,01	21,68	25,65
01/2014	24,06	22,05	21,68	21,57	22,08	25,89
02/2014	23,45	22,23	21,61	21,62	22,84	25,77
03/2014	24,43	23,57	21,74	22,97	24,06	26,38
04/2014	24,43	24,06	24,31	23,63	24,63	26,77
05/2014	24,91	23,25	22,76	23,16	24,49	27,45
06/2014	24,91	21,74	21,98	22,23	22,69	25,04
07/2014	24,06	20,89	20,40	21,07	21,65	27,36
08/2014	23,06	20,52	19,44	20,52	21,06	26,48

Fonte: Conab.

Tabela 40 – Preço de milho (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Santa Rosa	Santo Ângelo	Sarandi	São Borja	Tupanciretã	Vacaria
08/2013	20,76	22,59	21,25	20,52	21,49	24,06
09/2013	22,47	23,57	20,52	22,47	21,49	25,65
10/2013	21,30	23,06	20,52	21,01	21,49	23,84
11/2013	20,54	22,62	20,76	20,52	21,01	24,08
12/2013	20,52	22,71	21,49	20,52	21,49	24,43
01/2014	20,61	22,23	22,61	20,71	21,68	24,61
02/2014	21,01	22,06	21,61	21,01	21,74	24,67
03/2014	21,13	23,05	23,08	21,01	22,72	25,65
04/2014	22,57	24,43	24,19	22,72	23,06	28,23
05/2014	23,16	24,62	23,35	23,15	23,25	27,36
06/2014	21,74	23,39	21,74	21,49	22,10	25,57
07/2014	21,31	21,37	20,76	21,08	21,13	23,70
08/2014	20,57	20,81	20,52	19,54	20,72	22,47

Fonte: Conab.

Tabela 41 – Preço de soja (60 kg) no Mato Grosso

Período	Campo Novo do Parecis	Campo Verde	Cuiabá	Lucas do Rio Verde	Nova Xavantina	Primavera do Leste
08/2013	53,81	56,17	58,28	53,68	52,72	57,83
09/2013	57,44	59,42	57,67	58,67	59,13	62,27
10/2013	61,64	61,64	61,97	59,40	60,60	64,35
11/2013	63,75	64,18	57,75	62,04	63,00	64,63
12/2013	60,75	63,65	57,00	59,63	59,68	64,64
01/2014	53,50	59,37	56,52	53,79	52,79	58,48
02/2014	51,34	54,36	57,00	51,20	52,08	54,79
03/2014	52,15	55,55	57,00	53,20	53,35	56,63
04/2014	52,65	57,25	57,00	53,90	55,40	57,20
05/2014	54,44	58,30	59,20	54,78	57,02	58,06
06/2014	55,88	57,56	60,75	55,50	57,35	58,47
07/2014	53,69	54,63	57,25	53,88	53,93	55,55
08/2014	55,46	57,95	60,30	54,65	56,76	57,86

Fonte: Conab.

Tabela 42 – Preço de soja (60 kg) no Mato Grosso

Período	Querência	Rondonópolis	Sapezal	Sinop	Sorriso	Tangará da Serra
08/2013	52,48	57,84	53,85	52,72	53,35	54,60
09/2013	58,51	63,81	55,75	57,19	58,73	61,05
10/2013	58,30	66,00	58,40	57,10	59,65	61,80
11/2013	60,00	66,38	61,75	61,00	63,22	64,58
12/2013	56,75	64,80	60,25	61,00	60,35	63,20
01/2014	50,70	58,50	55,33	55,06	54,08	55,36
02/2014	49,08	56,71	54,30	50,15	51,38	51,75
03/2014	51,00	58,85	56,80	52,13	53,25	53,75
04/2014	53,19	58,68	55,89	53,03	53,46	53,38
05/2014	54,97	59,80	56,85	54,17	54,60	54,73
06/2014	55,77	58,93	56,19	54,35	55,49	55,85
07/2014	51,60	56,88	51,75	53,00	54,13	54,78
08/2014	54,02	59,44	54,25	54,30	55,05	55,04

Fonte: Conab.

Tabela 43 – Preço de soja (60 kg) em Goiás

Período	Cristalina	Jataí	Niquelândia	Palmeiras de Goiás	Paraúna
08/2013	61,21	53,33	54,05	52,64	54,20
09/2013	63,80	57,23	55,45	54,44	58,35
10/2013	62,94	57,42	56,02	55,19	59,48
11/2013	63,11	59,53	59,68	58,58	61,63
12/2013	65,47	62,43	60,68	59,82	63,59
01/2014	60,39	59,54	57,00	57,36	59,92
02/2014	58,32	59,55	60,34	59,19	59,66
03/2014	59,23	60,40	61,91	60,78	60,50
04/2014	58,39	59,03	60,17	58,67	59,22
05/2014	58,51	58,63	59,63	58,83	58,73
06/2014	59,42	59,05	59,67	58,24	59,29
07/2014	55,40	54,35	54,30	54,33	54,48
08/2014	55,80	53,59	53,65	53,31	53,81

Fonte: Conab.

Tabela 44 – Preço de soja (60 kg) em Goiás

Período	Pontalina	Porteirão	Rio Verde	Sta Helena de Goiás	São Luís de Montes Belos
08/2013	53,36	55,60	52,24	53,03	53,63
09/2013	55,52	59,58	55,40	56,29	56,95
10/2013	55,83	59,88	56,32	57,64	59,16
11/2013	57,55	61,26	58,81	59,66	60,66
12/2013	58,84	63,00	61,06	62,33	62,50
01/2014	57,16	59,38	59,42	59,95	62,35
02/2014	58,59	59,50	59,43	59,50	58,69
03/2014	60,79	60,75	60,81	60,61	61,33
04/2014	59,46	59,88	59,22	59,22	60,44
05/2014	59,13	59,71	59,02	58,75	59,92
06/2014	58,17	60,11	59,29	59,32	60,00
07/2014	54,67	56,80	54,88	54,93	56,25
08/2014	53,96	56,02	53,85	53,73	53,38

Fonte: Conab.

Tabela 45 – Preço de soja (60 kg) no Paraná

Período	Apucarana	Campo Mourão	Capanema	Cascavel	Castro	Cornélio Procópio	Francisco Beltrão	Goioerê
08/2013	60,10	60,35	58,80	60,23	63,49	60,28	60,23	60,00
09/2013	63,33	63,33	63,15	63,15	72,50	63,23	63,28	63,10
10/2013	64,92	64,96	64,26	64,94	72,24	64,90	64,94	65,10
11/2013	67,20	67,08	66,00	67,00	73,33	66,95	66,93	67,10
12/2013	66,92	66,95	66,58	66,92	74,92	66,82	66,82	67,32
01/2014	62,53	62,40	62,45	62,35	69,10	62,26	62,38	62,48
02/2014	62,34	62,47	61,38	62,44	67,25	62,28	62,50	62,19
03/2014	63,58	63,48	63,80	63,45	69,10	63,70	63,60	63,83
04/2014	61,89	61,77	61,00	61,85	66,75	61,84	61,92	61,82
05/2014	62,38	62,42	61,80	62,38	68,00	62,46	62,18	62,44
06/2014	61,33	61,38	60,95	61,30	67,89	61,33	61,35	61,38
07/2014	57,17	57,15	57,33	57,10	63,80	57,20	57,10	57,18
08/2014	56,80	56,86	56,54	56,90	64,48	56,82	56,82	56,82

Fonte: Conab.

Tabela 46 – Preço de soja (60 kg) no Paraná

Período	Guarapuava	Irati	Ivaiporã	Laranjeiras do Sul	Londrina	Maringá	Medianeira
08/2013	61,45	59,05	60,70	60,23	60,28	60,25	59,38
09/2013	64,32	62,35	63,62	63,47	63,23	63,33	63,48
10/2013	66,14	62,68	65,48	64,87	64,98	64,84	64,52
11/2013	68,14	63,85	67,28	66,90	67,03	67,03	66,40
12/2013	68,17	65,68	67,21	67,41	66,92	66,89	67,00
01/2014	63,44	62,58	62,32	62,98	62,40	62,43	62,80
02/2014	63,56	63,17	62,38	62,46	62,63	62,44	62,00
03/2014	64,65	67,05	63,93	64,11	63,60	63,63	63,50
04/2014	62,87	65,20	62,10	61,98	61,79	61,82	61,37
05/2014	63,51	64,06	62,87	62,45	62,44	62,44	62,28
06/2014	62,47	62,95	61,60	61,71	61,33	61,30	61,40
07/2014	58,28	57,50	57,46	57,91	57,15	57,23	57,38
08/2014	57,96	56,12	57,08	57,18	56,82	56,84	57,16

Fonte: Conab.

Tabela 47 – Preço de soja (60 kg) no Paraná

Período	Pato Branco	Pitanga	Ponta Grossa	Rolândia	Toledo	Ubiratã	União da Vitória
08/2013	60,83	60,00	64,00	60,25	60,35	59,65	59,15
09/2013	63,73	63,95	70,60	63,28	63,25	63,35	63,73
10/2013	65,46	65,42	69,70	65,00	65,00	64,76	63,16
11/2013	67,50	66,97	65,43	67,05	66,93	66,78	65,47
12/2013	67,42	67,89	66,82	66,92	66,89	67,89	65,97
01/2014	62,80	62,95	64,93	62,83	62,35	62,60	63,00
02/2014	62,97	62,63	64,47	62,50	62,34	62,00	62,38
03/2014	64,05	64,75	66,63	63,68	63,53	64,50	66,53
04/2014	62,27	62,05	66,05	61,82	61,75	61,48	65,60
05/2014	62,90	62,68	65,02	62,50	62,38	62,14	64,70
06/2014	61,83	61,90	64,53	61,33	61,33	61,35	63,55
07/2014	57,68	57,68	58,13	57,23	57,20	57,70	59,20
08/2014	57,34	57,46	57,08	56,86	56,80	56,84	57,74

Fonte: Conab.

Tabela 48 – Preço de soja (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Arroio do Tigre	Bagé	Cachoeira do Sul	Carazinho	Cruz Alta	Encantado	Erechim
08/2013	59,22	64,12	58,38	59,10	60,17	59,16	57,42
09/2013	62,27	65,39	63,24	62,09	63,28	62,21	62,62
10/2013	62,30	62,41	62,69	62,01	63,35	61,87	62,11
11/2013	64,54	64,75	65,80	63,76	66,29	63,76	64,82
12/2013	63,05	65,20	65,56	63,40	65,41	63,82	64,80
01/2014	60,06	65,22	61,06	60,42	60,46	60,45	61,02
02/2014	60,77	62,88	61,73	60,53	62,31	60,65	60,05
03/2014	63,58	63,96	63,64	63,64	64,12	63,72	62,50
04/2014	61,60	64,16	61,72	60,26	61,96	63,10	60,50
05/2014	60,38	64,68	61,36	60,48	61,84	-	60,38
06/2014	60,09	65,12	60,70	60,09	65,58	-	59,72
07/2014	56,00	59,40	56,72	56,06	61,51	-	56,57
08/2014	55,64	61,16	56,47	56,08	57,74	-	55,87

Fonte: Conab.

Tabela 49 – Preço de soja (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Frederico Westphalen	Ibirubá	Ijuí	Júlio de Castilhos	Lagoa Vermelha	Não-Me-Toque
08/2013	58,14	58,86	56,79	61,68	58,74	59,22
09/2013	63,16	62,21	61,81	64,61	63,52	62,33
10/2013	62,40	62,49	60,94	64,39	63,64	62,40
11/2013	65,20	64,36	62,21	66,94	64,96	63,76
12/2013	63,34	65,08	62,21	66,32	65,43	64,24
01/2014	60,45	61,34	59,29	62,11	62,82	60,47
02/2014	60,29	59,81	59,13	61,67	60,82	60,77
03/2014	63,04	64,24	62,72	64,61	63,38	63,85
04/2014	61,30	59,95	62,18	61,59	63,65	61,23
05/2014	60,28	59,89	63,13	61,75	61,78	60,38
06/2014	60,85	59,23	63,26	61,92	61,94	59,97
07/2014	58,50	55,20	61,16	56,67	59,60	55,69
08/2014	57,30	55,20	60,56	56,86	56,06	55,30

Fonte: Conab.

Tabela 50 – Preço de soja (60 kg) no Rio Grande do Sul

Período	Palmeira das Missões	Panambi	Pantano Grande	Passo Fundo	Pelotas	Santa Rosa
08/2013	59,82	60,01	59,22	59,40	60,29	56,76
09/2013	62,81	62,81	62,33	62,63	65,56	61,79
10/2013	63,45	62,79	62,20	62,54	62,78	61,11
11/2013	65,57	64,60	63,76	63,35	65,56	62,87
12/2013	63,52	62,93	63,17	63,70	66,51	62,80
01/2014	59,97	60,16	60,02	60,66	66,02	58,83
02/2014	60,17	61,26	60,77	61,19	64,13	59,16
03/2014	61,97	63,17	63,40	64,42	64,72	62,80
04/2014	61,78	61,41	60,99	62,95	64,15	60,69
05/2014	60,38	61,80	60,48	61,78	64,09	62,03
06/2014	60,70	61,55	59,97	62,32	63,75	61,13
07/2014	56,79	57,28	55,69	57,47	62,33	59,58
08/2014	56,57	57,01	55,49	56,38	59,01	57,06

Fonte: Conab.

Tabela 51 – Preço de soja (60 kg) no Rio Grande do Sul

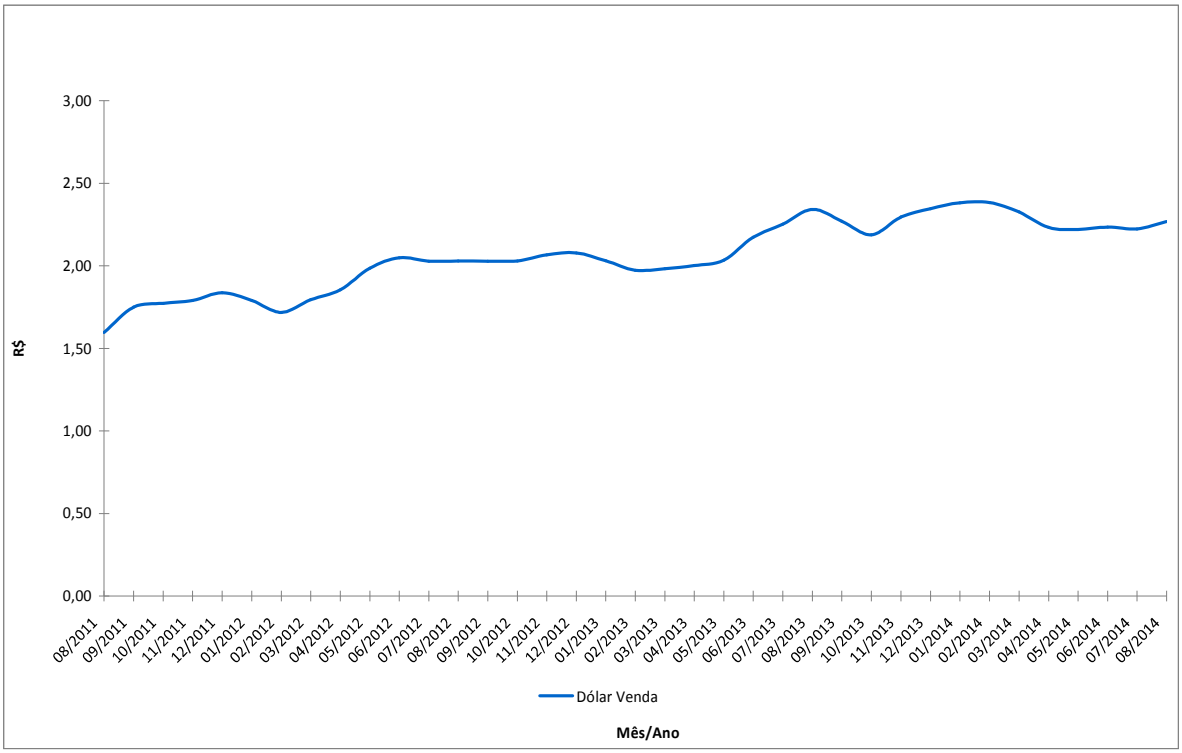
Período	Santo Ângelo	Sarandi	São Borja	São Luiz Gonzaga	Tupanciretã	Vacaria
08/2013	59,93	59,46	58,14	58,62	60,17	65,32
09/2013	62,75	63,04	61,25	62,03	63,28	67,37
10/2013	61,92	63,07	60,96	61,87	63,35	64,20
11/2013	63,05	64,84	62,45	63,04	63,76	69,17
12/2013	63,52	63,64	61,01	61,49	63,41	70,10
01/2014	61,67	60,79	58,29	58,95	60,20	64,49
02/2014	61,67	60,77	59,34	59,81	61,25	65,64
03/2014	63,63	63,52	61,97	62,45	63,76	67,62
04/2014	61,60	60,50	60,87	60,87	61,84	62,81
05/2014	62,28	60,67	61,94	61,94	61,94	65,17
06/2014	62,71	60,45	60,33	61,06	61,55	65,46
07/2014	58,44	55,93	60,82	58,56	56,79	60,61
08/2014	58,33	55,30	54,81	56,13	56,47	60,47

Fonte: Conab.

10. Câmbio

O câmbio é um componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural que tem como foco as commodities. Abaixo, as cotações de venda do dólar americano no período de agosto de 2011 a agosto de 2014.

Gráfico 22 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Banco Central do Brasil.

11. Exportação de arroz, milho, do complexo soja e café e importação de trigo

A balança comercial do agronegócio fechou com um saldo positivo de US$ 82,743 bilhões, de agosto/2013 a julho/2014, com queda de 1,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Comparando os períodos de agosto a julho de 2012/13 e 2013/14, pode-se observar que o montante das exportações de arroz, milho, complexo soja, café e trigo cresceu 7,8%, destacando-se o aumento de 46,1% na comercialização do arroz e de 19,6% no complexo soja, bem como a redução nos gastos com a importação de trigo (3,1%).

O arroz teve um expressivo aumento no quantitativo exportado (55,4%) o que, mesmo observando a redução dos preços internacionais, proporcionou saldo positivo na balança comercial do produto. Outro fator importante no resultado foi a redução do quantitativo importado do produto (27%) no período sob análise.

Quadro 1 – Balança comercial do agronegócio – Soja, milho, café, arroz e trigo – Acumulada em 12 meses

	Valor (US$ milhões)			Quantidade (mil toneladas)			Preço Médio (US$/t)		
	Agosto/12 a Julho/13	Agosto/13 a Julho/14	Δ%	Agosto/12 a Julho/13	Agosto/13 a Julho/14	Δ%	Agosto/12 a Julho/13	Agosto/13 a Julho/14	Δ%
EXPORTAÇÕES									
Arroz	318	464	46,1	718	1.115	55,4	450	416	-7,6
Complexo Soja	28.297	33.838	19,6	51.518	64.079	24,4	549	528	-3,9
Milho	6.979	4.869	-30,2	25.434	23.383	-8,1	274	208	-24,1
Café	5.983	5.640	-5,7	1.732	1.986	14,7	3.455	2.839	-17,8
TOTAL	41.577	44.810	7,8	79.401	90.564	14,1	-	-	-
IMPORTAÇÕES									
Trigo	2.225	2.156	-3,1	7.010	6.642	-5,3	317	325	2,2
Arroz	397	290	-27,0	837	610	-27,1	474	475	0,2
TOTAL	2.622	2.445	-6,7	7.847	7.252	-7,6	-	-	-

	Exportação (US$ milhões)			Importação (US$ milhões)			Saldo (US$ milhões)		
	Agosto/12 a Julho/13	Agosto/13 a Julho/14	Δ%	Agosto/12 a Julho/13	Agosto/13 a Julho/14	Δ%	Agosto/12 a Julho/13	Agosto/13 a Julho/14	Δ%
Total Balança Comercial	239.788	238.286	-0,6	230.529	235.142	2,0	9.259	3.144	-66,0
Demais produtos da Balança Comercial	138.858	138.473	-0,3	213.528	218.072	2,1	-74.670	-79.599	6,6
Agronegócio	100.930	99.813	-1,1	17.001	17.070	0,4	83.929	82.743	-1,4
Soja, milho, café, arroz e trigo (A)	41.577	44.810	7,8	7.847	7.252	-7,6	33.730	37.558	11,3
Participação no agronegócio (A) %	41,19	44,89	-	46,2	42,5	-	-	-	
Participação Balança Comercial (A) %	17,34	18,81	-	3,4	3,1	-	-	-	

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX / MDIC

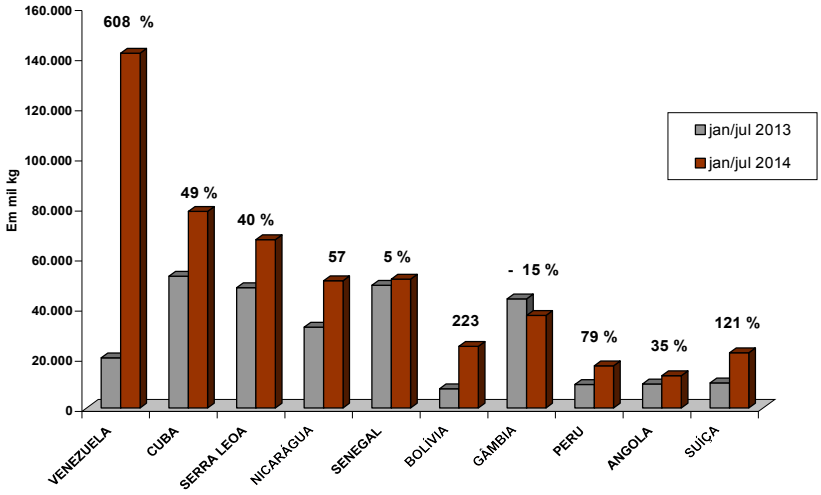
Elaboração: Mapa e Conab/Dipai/Suinf/Geint

O complexo soja é o destaque das exportações brasileiras do agronegócio e, no período de agosto/2013 a julho/2014, o valor exportado atingiu US$ 33,8 bilhões, representando um aumento de 19,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Mesmo ocorrendo redução no preço médio no mercado internacional, houve aumento de 24,4% na quantidade exportada.

O milho é outro destaque na balança comercial brasileira. No período observado, a redução do valor apurado na exportação de milho (30,2%) deve-se a dois fatores: o primeiro no decréscimo do quantitativo exportado e outro na redução dos preços médios praticados no mercado internacional.

As quantidades importadas de trigo pelo Brasil no período de agosto/2013 em 5,3% em comparação com o período agosto/2012 a julho/2013. Mesmo com aumento dos preços internacionais, os gastos com a operação foram 3,1% menores na comparação nos períodos sob análise.

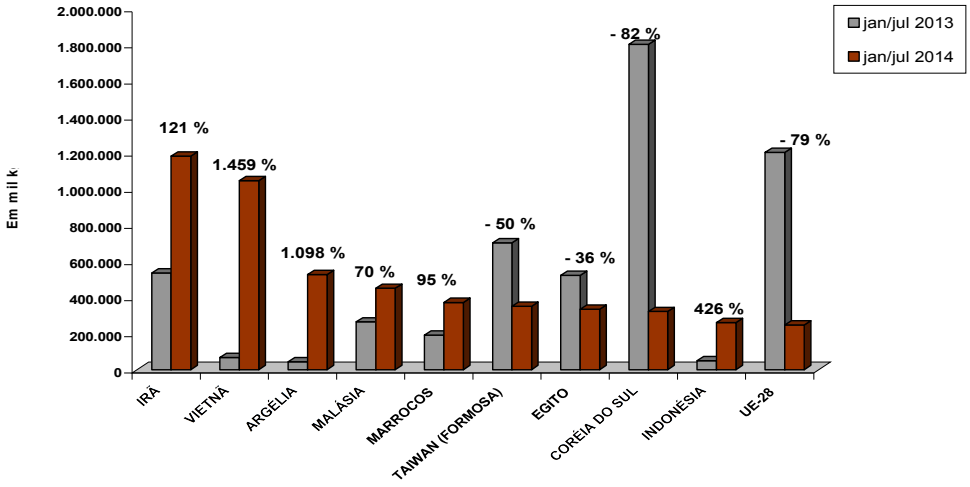
Gráfico 23 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

De janeiro a julho deste ano, observa-se que o arroz exportado foi direcionado, principalmente, para países da América Latina, onde se destacam a Venezuela e a Bolívia, com aumento de aproximadamente 600% e 200%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior. Outros países na região importadores do arroz nacional foram Cuba, Nicarágua e Peru. Deve-se registrar a exportação de arroz para países africanos e a Suíça.

Gráfico 24 – Exportação brasileira de milho – Principais países importadores

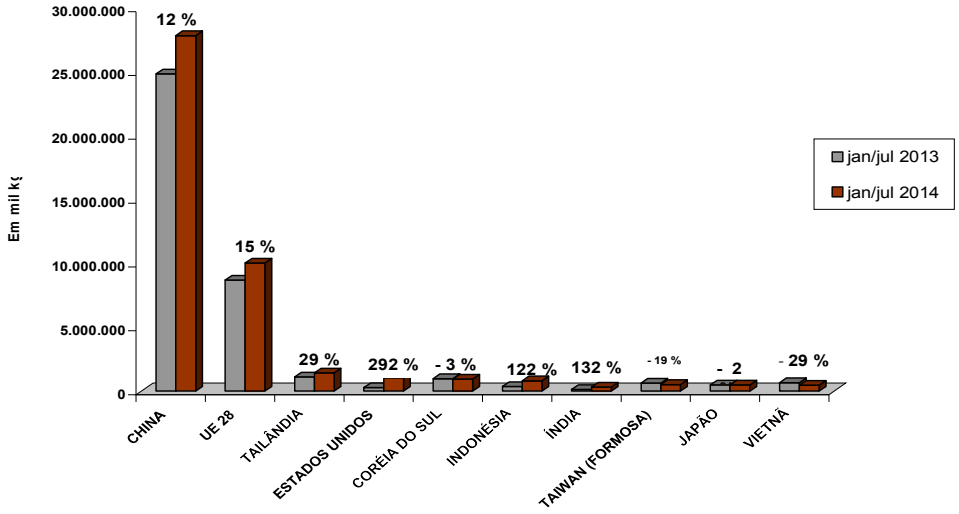


Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Observando o período de janeiro a julho de 2013 e 2014, pode-se destacar o Irã e o Vietnã como destino das exportações de milho brasileiro. No entanto, deve-se registrar

a redução na exportação do cereal para a União Europeia (79%) e Coreia do Sul (82%).

Gráfico 25 – Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Quadro 2 – Exportações brasileiras do complexo soja

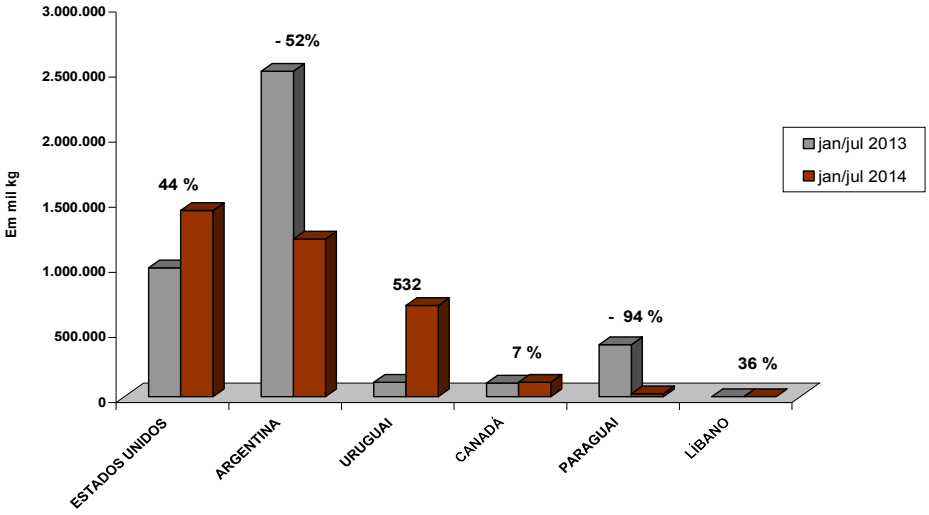
	jan/jul 2013	jan/jul 2014	VAR. %
	QUANT. t	QUANT. t	2014/2013
COMPLEXO SOJA	**39.866.614**	**46.457.052**	**16,53**
CHINA	24.861.919	27.870.672	12,10
UE 28	8.702.836	10.043.444	15,40
TAILÂNDIA	1.116.556	1.439.485	28,92
ESTADOS UNIDOS	271.666	1.065.512	292,21
CORÉIA DO SUL	978.657	946.512	-3,28
INDONÉSIA	369.511	819.921	121,89
ÍNDIA	136.486	316.632	131,99
TAIWAN (FORMOSA)	643.964	518.902	-19,42
JAPÃO	498.984	487.208	-2,36
VIETNÃ	665.476	469.643	-29,43
Sub-total	**38.246.055**	**43.977.932**	**14,99**
OUTROS	1.620.559	2.479.119	52,98

Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC

Elaboração: MAPA/SRI/DPI

A China é o grande mercado para complexo soja do Brasil, em seguida, a União Europeia. Na comparação das exportações no período entre janeiro a julho de 2014 e 2013, pode-se observar aumento substancial na exportação para os Estados Unidos (292%), Índia (132%) e Indonésia (122%).

Gráfico 26 – Importação brasileira do trigo – Principais países exportadores.



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Quadro 3 – Importações brasileiras do trigo

	jan/jul 2013	jan/jul 2014	VAR. %
	QUANT. t	QUANT. t	2014/2013
TRIGO	**4.107.354**	**3.476.264**	**-15,36**
ESTADOS UNIDOS	991.171	1.429.940	44,27
ARGENTINA	2.501.069	1.211.654	-51,55
URUGUAI	110.707	700.126	532,41
CANADÁ	104.406	111.449	6,75
PARAGUAI	399.980	23.065	-94,23
LÍBANO	21	29	36,34
Total	4.107.354	3.476.264	-15,36

Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC

Elaboração: MAPA/SRI/DPI

A maior parte do trigo importado em 2014, de janeiro a julho, veio dos Estados Unidos, ultrapassando a Argentina, que no mesmo período do ano anterior era nosso maior fornecedor. No âmbito do Mercosul, enquanto o Uruguai se constituiu no terceiro exportador do trigo para o Brasil, de outro lado o fornecimento do trigo paraguaio reduziu em 94%, na comparação do período sob análise.

12. Análise das culturas

12.1. Culturas de verão

12.1.1. Algodão

Em pouco menos de 20 anos, o Brasil deu um enorme salto tanto quantitativo quanto qualitativo na produção de algodão, a ponto de conquistar a confiança do mercado

internacional. A atividade, que tinha como característica a mão de obra familiar e era conduzida de forma manual, transformou-se em um grande empreendimento, com extensas lavouras, sofisticado maquinário e modernas usinas de beneficiamento.

O algodão mudou o cenário do Centro-Oeste e oeste da Bahia. Na maior região de cultivo no país, o plantio é conduzido por grandes produtores e/ou grandes grupos empresariais, com alta tecnologia e investimentos. Os antigos produtores da Região Nordeste se voltaram a nichos específicos da cotonicultura, como os segmentos de orgânicos e de fibras coloridas, também agregando valor ao produto.

Em termos mundiais, o Brasil ocupa a quinta posição entre os maiores produtores, ficando atrás de China, Índia, Estados Unidos e Paquistão.

Nos últimos anos, a forte expansão das áreas cultivadas no país tem proporcionado a difusão de novas tecnologias nas principais culturas cultivadas no Brasil. Para o algodão, novas variedades têm proporcionado um ciclo mais definido, alta produtividade, rendimento de pluma mais alto, resistência ao ataque de pragas e tolerância às principais doenças.

Consolidou-se um incremento de 25,4% na área plantada com algodão no país, sobretudo, no Mato Grosso, líder no processo produtivo brasileiro. Com a recuperação dos preços no mercado interno ao longo de 2013, devido à oferta mais restrita e à elevação dos preços no mercado externo, com tendência de manutenção, refletiu positivamente neste ganho de área.

No Mato Grosso, o excesso de chuva nesta safra, além de ter impedido a aplicação da adubação de cobertura no estádio recomendado, é possível que tenha colaborado para a lixiviação de parte do adubo aplicado. A chuva também atrapalhou a aplicação de inseticidas, o que aumentou o dano causado pela lagarta Helicoverpa armigera, e de fungicidas, o que aumentou a pressão de doenças. O tempo nublado no desenvolvimento vegetativo também foi outro fator que afetou o desenvolvimento da cultura, uma vez que compromete a fotossíntese da planta. Para evitar a ocorrência de chuva na época da abertura de pluma do algodão, o que compromete a qualidade da pluma, os cotonicultores têm tido preferência pelo cultivo do algodão segunda safra, plantado em janeiro.

As novas variedades de algodão disponíveis no mercado, geralmente, são mais produtivas e possuem alta qualidade da pluma produzida, além de um bom rendimento (cerca de 42%, contra cerca de 35% das variedades antigas). Apesar disso, elas não se recuperam do dano causado pelo ataque de pragas e/ou apodrecimento de maçãs pelo excesso de precipitação, diferente das variedades antigas que eram mais rústicas e, apesar de sofrer perdas do terço inferior (baixeiro) no início do desenvolvimento, a planta emitia novas maçãs no terço médio e terço superior, e assim, recuperava a produtividade perdida no baixeiro.

A área plantada no estado do Mato Grosso está estimada em 643,1 mil hectares e representa 57,34% da área cultivada com algodão no Brasil nesta safra. A produtividade estimada é 3.960 kg/ha e deve gerar uma produção de 2.546,7 mil toneladas de algodão em caroço. Cerca de 87% da área do algodão já foi colhida.

A Bahia, segundo maior produtor nacional, que responde por 28,48% da área total de algodão no país, ocupa na presente safra um montante de área de 319,4 mil hectares, um incremento de 17,7% sobre os 271,4 mil hectares cultivados na safra passada. A produtividade média estimada é de 3.870 kg/ha. Se confirmado este prognóstico, a produção de algodão em caroço deverá totalizar cerca de 1.236,1 mil toneladas, sendo 483,3 mil toneladas de pluma.

Em Goiás a área deverá crescer 16,3%, atingindo 53,6 mil hectares, diante dos 46,1 mil hectares cultivados na safra anterior. O clima foi favorável na fase reprodutiva da

cultura. Aproximadamente 90% do algodão foi semeado como segunda safra.

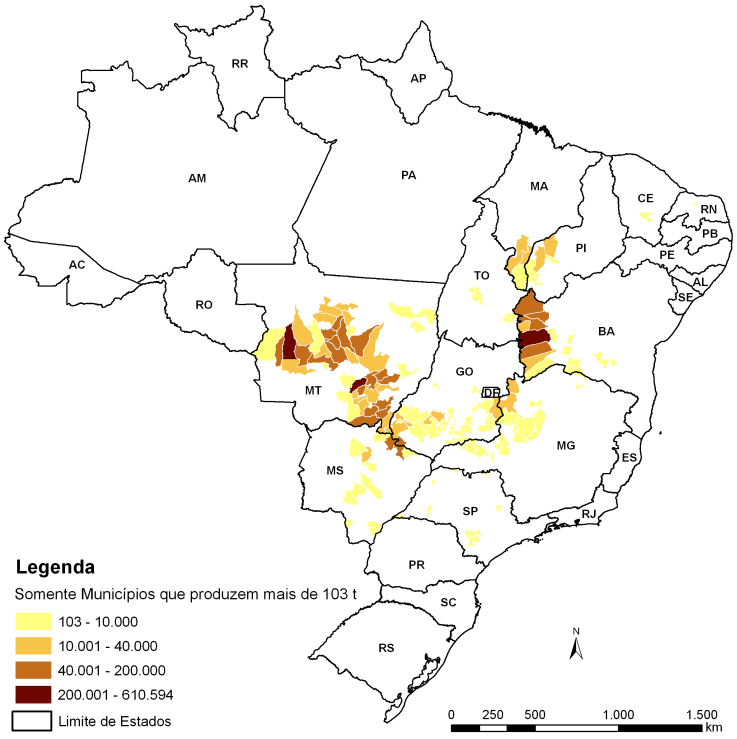
Apesar de ocorrer alguns ataques isolados de Helicoverpa armigera, o controle em tempo hábil evitou danos econômicos à cultura. Devido à alta tecnologia empregada na cultura, como adubação em cobertura e controles realizados com agroquímicos, a sanidade das lavouras é satisfatória.

Em Mato Grosso do Sul a cultura encontra-se em fase final de colheita. Na região sul do estado a colheita já foi encerrada, sendo providenciada a destruição de soqueiras e plantas tigueras. Na região de Chapadão do Sul e Costa Rica, maiores produtores, se mantém uma boa expectativa de produtividade e qualidade de fibra em suas áreas de cultivo, com média de 4.350 e 4.200 kg/ha, respectivamente. Tanto nesta safra quanto na passada, a lagarta Helicoverpa Armigera e o Bicudo do algodoeiro (Anthonomus grandis) causaram danos econômicos e provocaram maior gasto com controle, o que reforça a necessidade de se realizar um vazio sanitário eficiente.

Na região de São Gabriel e Bandeirantes as lavouras apresentam bom potencial produtivo, sendo esperada produtividade de aproximadamente 3.750 kg/ha. Tal situação é justificada pelo excesso de chuvas em junho, que causou abortamento no terço inferior da planta, além de ocorrências de granizo, afetando também o ponteiro das plantas. Estima-se que algumas lavouras tiveram perdas de potencial de produção na ordem de 750 kg/ha. A área cultivada no estado apresenta uma redução de 5% em relação à safra passada, enquanto a produção esperada tem uma redução estimada em 7%.

A previsão é de que a oferta total de algodão em caroço nesta safra atinja 4.404,7 mil toneladas, representando um incremento de 32,3% em relação ao período anterior. Essa performance deverá redundar numa produção estimada de algodão em pluma de 1.734 mil toneladas, contra uma produção de 1.310,3 mil toneladas, verificadas na safra 2012/13.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

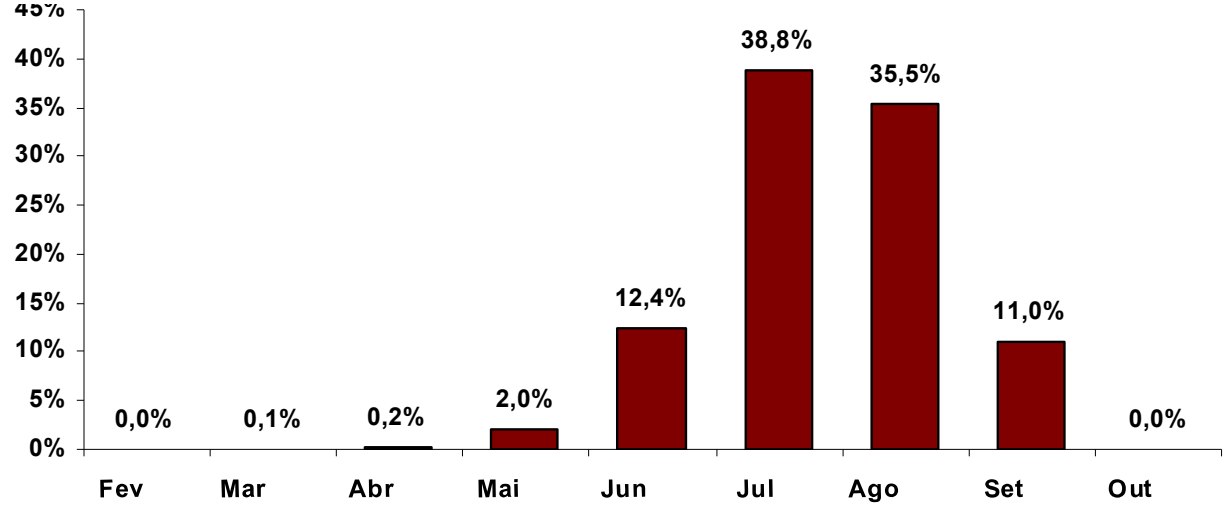
Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P					C	C	C	
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Gráfico 27 – Distribuição mensal da colheita - Algodão



Fonte: Conab.

Tabela 52 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**6,0**	**4,8**	**(20,0)**	**3.150**	**4.020**	**27,6**	**18,9**	**19,3**	**2,1**
TO	6,0	4,8	(20,0)	3.150	4.020	27,6	18,9	19,3	2,1
NORDESTE	**300,8**	**352,8**	**17,3**	**3.351**	**3.872**	**15,6**	**1.007,9**	**1.366,2**	**35,5**
MA	16,7	18,6	11,4	3.970	4.140	4,3	66,3	77,0	16,1
PI	11,4	12,1	6,3	3.270	4.125	26,1	37,3	49,9	33,8
CE	0,9	1,8	100,0	295	780	164,4	0,3	1,4	366,7
RN	0,1	0,4	500,0	3.000	3.810	27,0	0,2	1,5	650,0
PB	0,1	0,1	-	300	660	120,0	-	0,1	-
PE	0,1	0,3	200,0	380	540	42,1	-	0,2	-
AL	0,1	0,1	-	320	480	50,0	-	-	-
BA	271,4	319,4	17,7	3.330	3.870	16,2	903,8	1.236,1	36,8
CENTRO-OESTE	**560,9**	**734,2**	**30,9**	**3.943**	**3.974**	**0,8**	**2.211,6**	**2.917,6**	**31,9**
MT	475,3	643,1	35,3	3.915	3.960	1,1	1.860,8	2.546,7	36,9
MS	39,5	37,5	(5,0)	4.365	4.275	(2,1)	172,4	160,3	(7,0)
GO	46,1	53,6	16,3	3.870	3.930	1,6	178,4	210,6	18,0
SUDESTE	**25,8**	**28,9**	**12,0**	**3.429**	**3.443**	**0,4**	**88,5**	**99,5**	**12,4**
MG	20,0	20,9	4,5	3.375	3.469	2,8	67,5	72,5	7,4
SP	5,8	8,0	38,0	3.615	3.375	(6,6)	21,0	27,0	28,6
SUL	**0,8**	**0,9**	**12,5**	**2.625**	**2.375**	**(9,5)**	**2,1**	**2,1**	**-**
PR	0,8	0,9	12,5	2.625	2.375	(9,5)	2,1	2,1	-
NORTE/NORDESTE	**306,8**	**357,6**	**16,6**	**3.347**	**3.874**	**15,8**	**1.026,8**	**1.385,5**	**34,9**
CENTRO-SUL	**587,5**	**764,0**	**30,0**	**3.919**	**3.952**	**0,9**	**2.302,2**	**3.019,2**	**31,1**
BRASIL	**894,3**	**1.121,6**	**25,4**	**3.723**	**3.927**	**5,5**	**3.329,0**	**4.404,7**	**32,3**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Tabela 53 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**6,0**	**4,8**	**(20,0)**	**1.213**	**1.548**	**27,6**	**7,3**	**7,4**	**1,4**
TO	6,0	4,8	(20,0)	1.213	1.548	27,6	7,3	7,4	1,4
NORDESTE	**300,8**	**352,8**	**17,3**	**1.323**	**1.515**	**14,5**	**397,9**	**534,6**	**34,4**
MA	16,7	18,6	11,4	1.568	1.635	4,3	26,2	30,4	16,0
PI	11,4	12,1	6,3	1.275	1.629	27,8	14,5	19,7	35,9
CE	0,9	1,8	100,0	103	273	165,0	0,1	0,5	400,0
RN	0,1	0,4	500,0	1.050	1.448	37,9	0,1	0,6	500,0
PB	0,1	0,1	-	105	231	120,0	-	-	-
PE	0,1	0,3	200,0	133	189	42,1	-	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	112	168	50,0	-	-	-
BA	271,4	319,4	17,7	1.315	1.513	15,1	357,0	483,3	35,4
CENTRO-OESTE	**560,9**	**734,2**	**30,9**	**1.551**	**1.569**	**1,2**	**869,7**	**1.152,2**	**32,5**
MT	475,3	643,1	35,3	1.539	1.564	1,6	731,3	1.005,9	37,5
MS	39,5	37,5	(5,0)	1.724	1.689	(2,0)	68,1	63,3	(7,0)
GO	46,1	53,6	16,3	1.525	1.548	1,5	70,3	83,0	18,1
SUDESTE	**25,8**	**28,9**	**12,0**	**1.341**	**1.347**	**0,5**	**34,6**	**39,0**	**12,7**
MG	20,0	20,9	4,5	1.316	1.353	2,8	26,3	28,3	7,6
SP	5,8	8,0	38,0	1.428	1.333	(6,7)	8,3	10,7	28,9
SUL	**0,8**	**0,9**	**12,5**	**1.000**	**903**	**(9,8)**	**0,8**	**0,8**	**-**
PR	0,8	0,9	12,5	998	903	(9,5)	0,8	0,8	-
NORTE/NORDESTE	**306,8**	**357,6**	**16,6**	**1.321**	**1.516**	**14,8**	**405,2**	**542,0**	**33,8**
CENTRO-SUL	**587,5**	**764,0**	**30,0**	**1.541**	**1.560**	**1,2**	**905,1**	**1.192,0**	**31,7**
BRASIL	**894,3**	**1.121,6**	**25,4**	**1.465**	**1.546**	**5,5**	**1.310,3**	**1.734,0**	**32,3**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Tabela 54 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**6,0**	**4,8**	**(20,0)**	**1.937**	**2.472**	**27,6**	**11,6**	**11,9**	**2,6**
TO	6,0	4,8	(20,0)	1.937	2.472	27,6	11,6	11,9	2,6
NORDESTE	**300,8**	**352,8**	**17,3**	**2.028**	**2.357**	**16,2**	**610,0**	**831,6**	**36,3**
MA	16,7	18,6	11,4	2.402	2.505	4,3	40,1	46,6	16,2
PI	11,4	12,1	6,3	1.995	2.496	25,1	22,8	30,2	32,5
CE	0,9	1,8	100,0	192	507	164,1	0,2	0,9	350,0
RN	0,1	0,4	500,0	1.950	2.362	21,1	0,1	0,9	800,0
PB	0,1	0,1	-	195	429	120,0	-	0,1	-
PE	0,1	0,3	200,0	247	351	42,1	-	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	208	312	50,0	-	-	-
BA	271,4	319,4	17,7	2.015	2.357	17,0	546,8	752,8	37,7
CENTRO-OESTE	**560,9**	**734,2**	**30,9**	**2.392**	**2.404**	**0,5**	**1.341,9**	**1.765,4**	**31,6**
MT	475,3	643,1	35,3	2.376	2.396	0,8	1.129,5	1.540,8	36,4
MS	39,5	37,5	(5,0)	2.641	2.586	(2,1)	104,3	97,0	(7,0)
GO	46,1	53,6	16,3	2.345	2.382	1,6	108,1	127,6	18,0
SUDESTE	**25,8**	**28,9**	**12,0**	**2.088**	**2.096**	**0,4**	**53,9**	**60,5**	**12,2**
MG	20,0	20,9	4,5	2.059	2.116	2,8	41,2	44,2	7,3
SP	5,8	8,0	38,0	2.187	2.042	(6,6)	12,7	16,3	28,3
SUL	**0,8**	**0,9**	**12,5**	**1.628**	**1.473**	**(9,5)**	**1,3**	**1,3**	**-**
PR	0,8	0,9	12,5	1.628	1.473	(9,5)	1,3	1,3	-
NORTE/NORDESTE	**306,8**	**357,6**	**16,6**	**2.026**	**2.359**	**16,4**	**621,6**	**843,5**	**35,7**
CENTRO-SUL	**587,5**	**764,0**	**30,0**	**2.378**	**2.392**	**0,6**	**1.397,1**	**1.827,2**	**30,8**
BRASIL	**894,3**	**1.121,6**	**25,4**	**2.257**	**2.381**	**5,5**	**2.018,7**	**2.670,7**	**32,3**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.1.1. Oferta e demanda

Neste levantamento de campo da safra 2013/14, realizado pela Conab, aponta, em relação à pesquisa antecedente, aumento de 1,73% no volume de produção. O que se espera, portanto, na safra atual é que o Brasil colha um volume total de 1.734 mil toneladas de pluma. Em contrapartida, ocorreu uma redução de 2% na estimativa de produção de pluma na Região Nordeste, se comparada ao informe precedente. Entretanto, o aumento de 3,52% observado na Região Centro-Oeste foi suficiente para elevar a avaliação do montante total produzido no país.

Ressalta-se que a Conab manteve sua previsão de consumo para a safra, conservando inalterado o número de 870 mil toneladas a serem utilizadas ao longo da safra 2014. As estimativas em relação ao comércio, também não sofreram alterações, dessa maneira a previsão de exportação permanece em 660 mil toneladas, enquanto que a importação total continua sendo estimada em 30 mil toneladas.

Considerando a atual conjuntura, a configuração do quadro de suprimento estimado para 2014 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) situa-se em 2.069,1 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é estimada em 1.530 mil toneladas.

Com o aumento da produção, a nova previsão de estoque de passagem no encerramento do exercício de 2014 passa a ser de 539,1 mil toneladas de pluma, ou seja, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período ligeiramente superior a quatro meses.

12.1.2. Amendoim

12.1.2.1. Amendoim primeira safra

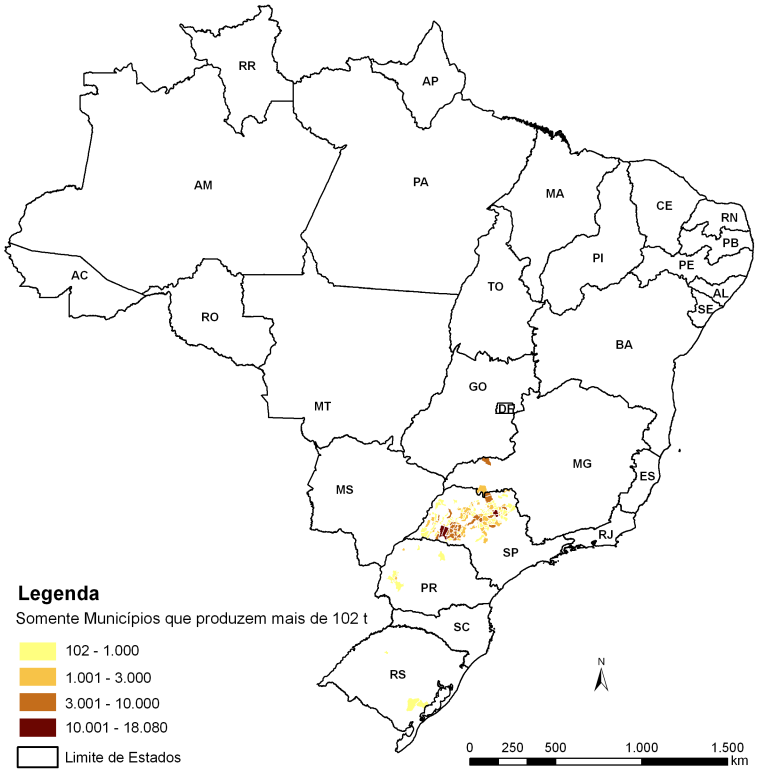
Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

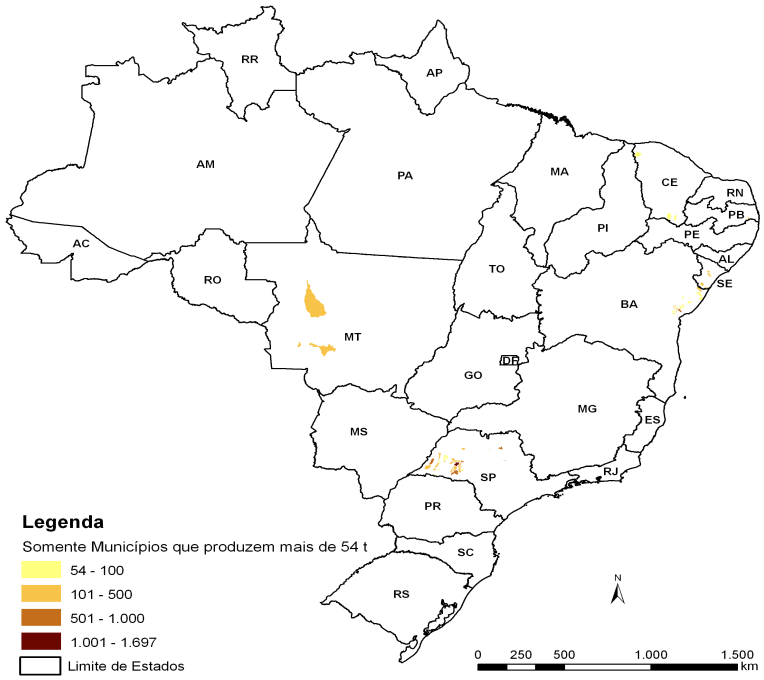
Tabela 55 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
SUDESTE	**80,5**	**88,8**	**10,3**	**3.660**	**3.162**	**(13,6)**	**294,7**	**280,8**	**(4,7)**
MG	2,9	2,6	(10,3)	3.379	3.680	8,9	9,8	9,6	(2,0)
SP	77,6	86,2	11,1	3.671	3.146	(14,3)	284,9	271,2	(4,8)
SUL	**5,8**	**5,4**	**(6,9)**	**2.084**	**1.998**	**(4,1)**	**12,0**	**10,8**	**(10,0)**
PR	2,4	2,2	(8,3)	2.850	2.408	(15,5)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,2	(5,9)	1.544	1.716	11,1	5,2	5,5	5,8
CENTRO-SUL	**86,3**	**94,2**	**9,2**	**3.555**	**3.095**	**(12,9)**	**306,7**	**291,6**	**(4,9)**
BRASIL	**86,3**	**94,2**	**9,2**	**3.555**	**3.095**	**(12,9)**	**306,7**	**291,6**	**(4,9)**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P			C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

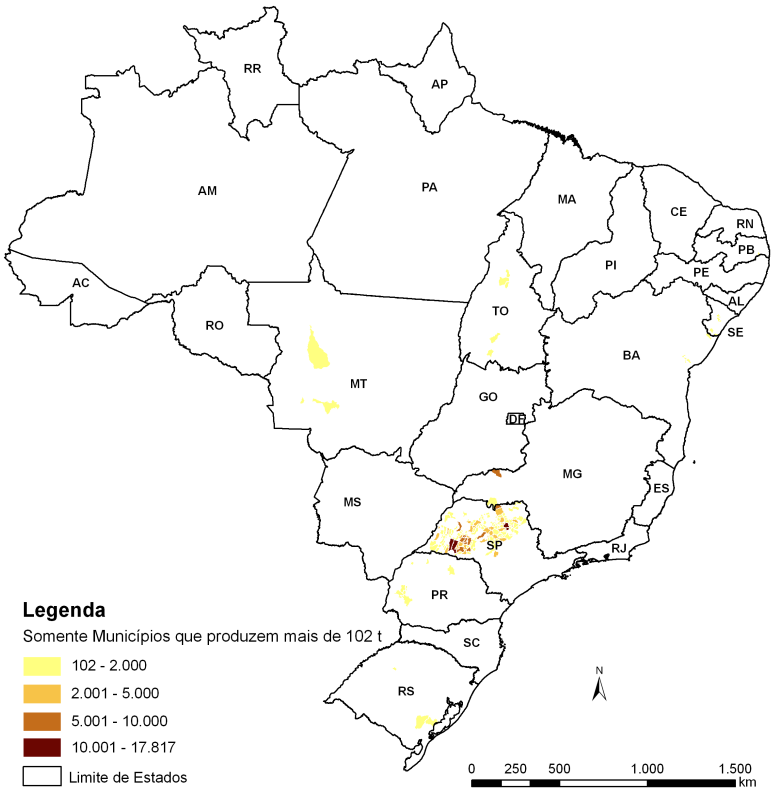
Tabela 56 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**1,5**	**0,8**	**(46,7)**	**3.969**	**3.556**	**(10,4)**	**6,0**	**2,8**	**(53,3)**
TO	1,5	0,8	(46,0)	3.969	3.556	(10,4)	6,0	2,8	(53,3)
NORDESTE	**5,7**	**3,9**	**(31,6)**	**915**	**1.215**	**32,9**	**5,2**	**4,8**	**(7,7)**
CE	1,1	1,0	(12,3)	270	1.154	327,4	0,3	1,2	300,0
PB	0,5	0,3	(32,7)	800	319	(60,1)	0,4	0,1	(75,0)
SE	1,1	1,3	18,0	1.300	1.740	33,8	1,4	2,3	64,3
BA	3,0	1,3	(56,7)	1.029	945	(8,2)	3,1	1,2	(61,3)
CENTRO-OESTE	**0,2**	**0,4**	**100,0**	**1.633**	**2.500**	**53,1**	**0,3**	**1,0**	**233,3**
MT	0,2	0,4	100,0	1.633	2.500	53,1	0,3	1,0	233,3
SUDESTE	**2,9**	**6,0**	**106,9**	**2.806**	**2.600**	**(7,3)**	**8,1**	**15,6**	**92,6**
SP	2,9	6,0	106,2	2.806	2.600	(7,3)	8,1	15,6	92,6
NORTE/NORDESTE	**7,2**	**4,7**	**(34,7)**	**1.551**	**1.614**	**4,0**	**11,2**	**7,6**	**(32,1)**
CENTRO-SUL	**3,1**	**6,4**	**106,5**	**2.730**	**2.594**	**(5,0)**	**8,4**	**16,6**	**97,6**
BRASIL	**10,3**	**11,1**	**7,8**	**1.906**	**2.179**	**14,3**	**19,6**	**24,2**	**23,5**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.2.3. Amendoim total

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 57 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**1,5**	**0,8**	**(46,7)**	**3.969**	**3.556**	**(10,4)**	**6,0**	**2,8**	**(53,3)**
TO	1,5	0,8	(46,7)	3.969	3.556	(10,4)	6,0	2,8	(53,3)
NORDESTE	**5,7**	**3,9**	**(31,6)**	**915**	**1.215**	**32,9**	**5,2**	**4,8**	**(7,7)**
CE	1,1	1,0	(9,1)	270	1.154	327,4	0,3	1,2	300,0
PB	0,5	0,3	(40,0)	800	319	(60,1)	0,4	0,1	(75,0)
SE	1,1	1,3	18,2	1.300	1.740	33,8	1,4	2,3	64,3
BA	3,0	1,3	(56,7)	1.029	945	(8,2)	3,1	1,2	(61,3)
CENTRO-OESTE	**0,2**	**0,4**	**100,0**	**1.633**	**2.500**	**53,1**	**0,3**	**1,0**	**233,3**
MT	0,2	0,4	100,0	1.633	2.500	53,1	0,3	1,0	233,3
SUDESTE	**83,4**	**94,8**	**13,7**	**3.631**	**3.126**	**(13,9)**	**302,8**	**296,4**	**(2,1)**
MG	2,9	2,6	(10,3)	3.379	3.680	8,9	9,8	9,6	(2,0)
SP	80,5	92,2	14,5	3.640	3.110	(14,5)	293,0	286,8	(2,1)
SUL	**5,8**	**5,4**	**(6,9)**	**2.084**	**1.998**	**(4,1)**	**12,0**	**10,8**	**(10,0)**
PR	2,4	2,2	(8,3)	2.850	2.408	(15,5)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,2	(5,9)	1.544	1.716	11,1	5,2	5,5	5,8
NORTE/NORDESTE	**7,2**	**4,7**	**(34,7)**	**1.551**	**1.614**	**4,0**	**11,2**	**7,6**	**(32,1)**
CENTRO-SUL	**89,4**	**100,6**	**12,5**	**3.526**	**3.063**	**(13,1)**	**315,1**	**308,2**	**(2,2)**
BRASIL	**96,6**	**105,3**	**9,0**	**3.379**	**2.998**	**(11,3)**	**326,3**	**315,8**	**(3,2)**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.3. Arroz

Entre os produtos destinados à alimentação humana, é o segundo em importância, ficando atrás, apenas, do trigo e, em algumas partes do mundo, principalmente na Ásia, é base da alimentação de sua população.

Segundo os dados divulgados pelo FAS/USDA, para a safra 2014/15, a produção mundial de arroz deverá ser de 714,9 milhões de toneladas base casca ou 479,43 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Para tanto, foram plantados 161,48 milhões de hectares, sendo esperada uma produtividade média de 4.427 kg/ha. Em comparação com a safra passada haverá acréscimo na área destinada à orizicultura no mundo de 0,57% e incremento de 0,41% na produção, todavia, a produtividade do setor sofrerá uma retração de 0,16%.

A expressiva relação estoque/consumo da última safra é resultado da política intervencionista instaurada pelo governo tailandês ao longo dos últimos anos. Esta política baseia-se na formação de estoque de passagem, objetivando a elevação do preço do arroz tailandês no mercado internacional. Logo, o resultado dessas compras governamentais, no maior exportador mundial dos anos 2000, refletiu negativamente na oferta e no volume transacionado no comércio internacional do arroz.

Outro efeito relevante foi o acréscimo da participação indiana no comércio internacional, fazendo da Índia o maior exportador mundial do produto nas safras 2011/12 (10,4 milhões de toneladas), 2012/13 (10,87 milhões de toneladas) e 2013/14 (10 milhões de toneladas). Para a atual safra 2014/15, o USDA estima uma retomada por parte da Tailândia da posição de maior exportador mundial, na qual a previsão é de um volume transacionado de 10 milhões de toneladas. Em 2014 houve mudança de governo na Tailândia e subsequente alteração da política orizícola empregada nos últimos períodos.

A China, maior produtor mundial, não participa de forma ativa no comércio internacional, sendo a sua produção fortemente controlada pelo seu governo, o qual busca o equilíbrio entre a oferta e a demanda interna. Esse controle visa mitigar a dependência chinesa dos mercados externos, garantindo, juntamente com um alto

estoque de passagem, a segurança no abastecimento do produto no país. No caso chinês, nos últimos anos, as importações e as exportações têm sido utilizadas como pequenos ajustes da demanda e da oferta do arroz. A Índia atualmente é o segundo maior exportador e produtor mundial.

Com base nos dados divulgados pelo FAS/USDA, os países integrantes do Mercosul deverão produzir, na safra 2014/15, o total de 16 milhões toneladas de arroz em casca (evolução de 16,96% desde a safra 2006/07), sendo o Brasil responsável por 78,27% da produção do bloco.

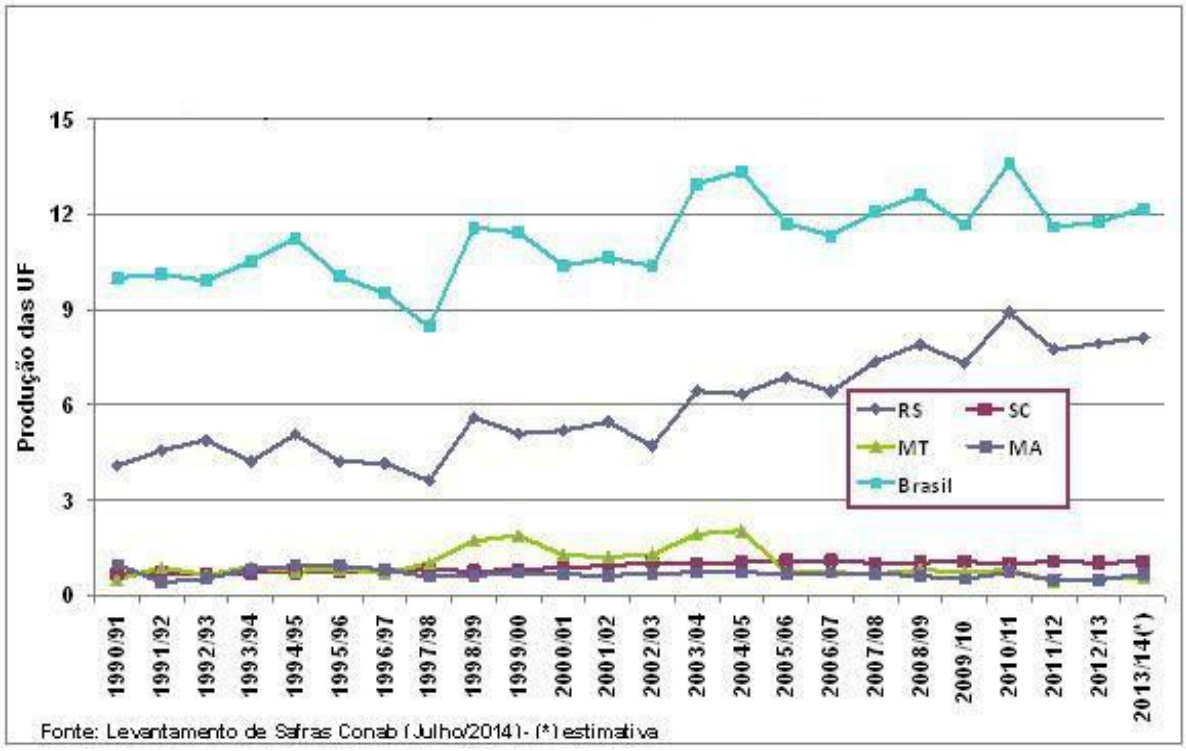
Dada a sua relevância no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícolas e de abastecimento. É um dos produtos que o governo brasileiro tem dado maior atenção, de modo que quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o Estado tem sido bem presente.

Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,5 milhão de toneladas e 1,4 milhão de toneladas, respectivamente. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira se apresentam como importantes mercados importadores, suprindo, quando necessário, os deficits brasileiros entre a oferta e a demanda interna. Recentemente, o Paraguai, com uma produção estimada de 0,4 milhão de toneladas para a próxima safra, apresenta-se como supridor de parte da demanda por arroz das indústrias de beneficiamento localizadas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste. Esta demanda brasileira por arroz paraguaio elevou-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção da Região Sul e dos elevados preços nacionais.

Acerca do consumo, o Brasil destaca-se como maior mercado consumidor, com uma demanda estimada de 12 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional (o Brasil é o mais importante destino). Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 1,1 milhão de toneladas, o principal destino são países não pertencentes ao grupo, com destaque para algumas nações africanas, a Venezuela e alguns países centro-americanos. Por meio dos dados disponibilizados pelo Aliceweb/MDIC para Junho/14, cabe destacar que os preços efetivos de exportação (US$ 620,82/t) apresentaram ser significativamente superiores aos preços efetivos de importação (US$ 524,29/t).

Analisando o mercado brasileiro no Gráfico 1, observa-se o crescimento apresentado pela orizicultura nos últimos anos. Entre as safras 1990/91 e 2012/13, a produção expandiu-se 21,88%, obtida com o aumento da produtividade do setor. O grande impulsionador do crescimento do arroz no Brasil foi o Rio Grande do Sul, que aumentou em 88,97% sua produção entre as safras 1990/91 e 2012/13. Atualmente, o Rio Grande do Sul sozinho é responsável por volta de 2/3 de toda produção do grão no Brasil.

Gráfico 28 – Principais produtores de arroz em casca e Brasil, em milhões de toneladas.



Ao analisar a Tabela abaixo, sobre a rentabilidade das diferentes culturas, com base no município de Sorriso/MT, observa-se que a previsão de rentabilidade (margem bruta/receita) do arroz de sequeiro para a próxima safra é estimada a menor, 24,55%. Na comparação com a rentabilidade da soja, que é estimada em 24,31%, nota-se a grande disparidade de rentabilidade entre as culturas. Em relação ao milho, outro substituto do arroz na ótica do produtor, observa-se uma rentabilidade prevista de menos 47,17% para a safra 2014/15, sendo este retorno significativamente inferior ao estimado para o arroz de sequeiro. Ou seja, utilizando o município de Sorriso como modelo para estas estimações, conclui-se que a forte concorrência da soja por área de plantio tem desestimulado o plantio de arroz nas Regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste. Segundo o mesmo estudo, para que as rentabilidades de soja e arroz sejam equivalentes, é necessário que o preço do arroz esteja por volta de R$ 55,50 (R$/60kg). Na Região Sul, a rentabilidade prevista para a safra 2013/14 do arroz irrigado é de 9,95%, com base no município de Cachoeira do Sul.

Tabela 58 – Rentabilidade entre produtos substitutos, em R$/hectare.

(Com base na produtividade efetiva com base nos levantamentos da Conab, em kg/ha e percentagem)

Produtos	ARROZ SEQUEIRO - MT			ARROZ IRRIGADO - RS			MILHO EM GRÃOS			SOJA EM GRÃOS		
Safras	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Preço (R$/50 kg)	**33,24**	**27,61**	**28,06**	**33,08**	**34,56**	**35,2**	**9,92**	**13,24**	**8,60**	**44,28**	**45,20**	**45,35**
Produtividade do pacote (Kg/ha)	**3.600**	**3.600**	**3.600**	**6.500**	**6.500**	**7.200**	**5.400**	**5.400**	**5.400**	**3.200**	**3.200**	**3.180**
ANÁLISE FINANCEIRA:												
A - Receita bruta (I*II)	**2.393,28**	**1.987,92**	**2.020,20**	**4.300,40**	**4.492,80**	**5.068,80**	**1.071,36**	**1.429,92**	**928,80**	**2.833,60**	**2.892,80**	**2.884,26**
B - Despesas:												
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.251,14	1.304,89	1.595,01	2.215,01	2.449,52	3.208,25	902,35	965,20	928,55	1.016,54	1.037,37	1.683,06
B2 - Custos Variáveis (CV)	**1.533,21**	**1.659,57**	**1.944,85**	**2.786,78**	**3.130,68**	**4.069,00**	**1.208,48**	**1.312,35**	**1.265,27**	**1.283,77**	**1.367,35**	**2.040,27**
B3 - Custo Operacional (CO)	1.703,35	1.801,15	2.516,26	3.215,27	3.459,75	4.564,57	1.310,19	1.388,17	1.366,96	1.425,98	1.483,21	2.183,22
a) - Margem Bruta s/ DC (A - B1)	1.142,14	683,03	425,19	2.085,39	2.043,28	1.860,55	169,01	464,72	0,25	1.817,06	1.855,43	1.201,20
b) - Margem Bruta s/ CV (A - B2)	860,07	328,35	75,35	1.513,62	1.362,12	999,80	-137,12	117,57	-336,47	1.549,83	1.525,45	843,99
c) - Margem Líquida s/ CO (A - B4)	689,93	186,77	-496,06	1.085,13	1.033,05	504,23	-238,83	41,75	-438,16	1.407,62	1.409,59	701,04
INDICADORES:												
Receita sobre o Custeio (A / B1)	1,91	1,52	1,27	1,94	1,83	1,58	1,19	1,48	1,00	2,79	2,79	1,71
Receita sobre o Custo Variável (A / B2)	1,56	1,20	1,04	1,54	1,44	1,25	0,89	1,09	0,73	2,21	2,12	1,41
Receita sobre o Custo Operacional (A / B3)	1,41	1,10	0,80	1,34	1,30	1,11	0,82	1,03	0,68	1,99	1,95	1,32
Margem Bruta (DC) / Receita (a / A)	47,72%	34,36%	21,05%	48,49%	45,48%	36,71%	15,78%	32,50%	0,03%	64,13%	64,14%	41,65%
Margem Bruta (CV) / Receita (b / A)	**35,94%**	**16,52%**	**3,73%**	**35,20%**	**30,32%**	**19,72%**	**-12,80%**	**8,22%**	**-36,23%**	**54,69%**	**52,73%**	**29,26%**
Margem Líquida (CO) / Receita (c / A)	28,83%	9,40%	-24,55%	25,23%	22,99%	9,95%	-22,29%	2,92%	-47,17%	49,68%	48,73%	24,31%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

Por meio da análise da demanda por alimentos da população brasileira, o arroz apresenta-se como principal produto da base nutricional do indivíduo comum, estando presente na mesa de todas as camadas sociais. Por meio de diversos trabalhos acadêmicos, é evidenciada a elasticidade-renda negativa do produto, o que classifica o arroz como sendo um bem inferior. Ou seja, elevações no nível de renda influenciam na redução do consumo de arroz, pois os agentes demandantes – ao disponibilizarem de mais renda – alteram seus hábitos alimentares, passando a consumir outros alimentos (especialmente comidas rápidas e massas).

Para o próximo período comercial estima-se que o país terá uma taxa de crescimento menor que o previsto, de modo que o Banco Central do Brasil (Bacen) estima uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) abaixo de 1% para 2014. Este resultado refletirá na demanda interna de arroz, que se manterá, possivelmente, nos níveis atuais – entorno de 12 milhões de toneladas – ceteris paribus. Cabe destacar, todavia, que o comportamento dos preços do arroz e de seus bens substitutivos é variável fundamental na determinação da demanda nacional de arroz. Logo, apesar de não haver indícios de que estes fatores influenciarão na comercialização do produto, expressivas variações desses, podem alterar a previsão de consumo do grão.

Outro fator que pode influenciar na demanda total do setor é o comportamento do mercado externo. A taxa de câmbio encontra-se no presente momento, estável e levemente desvalorizada em relação à série histórica dos últimos anos. Para o final do ano, a previsão do Bacen é de 2,40 R$/US$, o que poderá exercer pressão por saldos positivos na balança comercial. Na semana de 14 até 18/07/2014, o câmbio ficou cotado em R$ 2,2288/US$, valor este que refletiu em ganho de competitividade do produto nacional. Todavia, as elevadas cotações do mercado nacional agem como variável inibidora das colocações do produto brasileiro no mercado internacional. Em suma, nos quatro primeiros meses de análise do período comercial 2013/14, março a junho/14, o superavit identificado foi de 197,7 mil toneladas.

Por último, o fator mais relevante na determinação dos preços nacionais é a quantidade de produção interna, pois, a capacidade de gerar mercado para a safra

brasileira é reduzida à demanda interna, sendo o mercado externo de exportações limitado. Desta forma, uma oferta mais abundante do setor, redunda, seguramente, em preços deprimidos. Ou seja, fatores como variações climáticas e incidência de pragas, por influírem na quantidade produzida, possuem significativa importância na definição do preço de mercado vigente.

Gráfico 29 - Evolução da área, produtividade e produção de Arroz

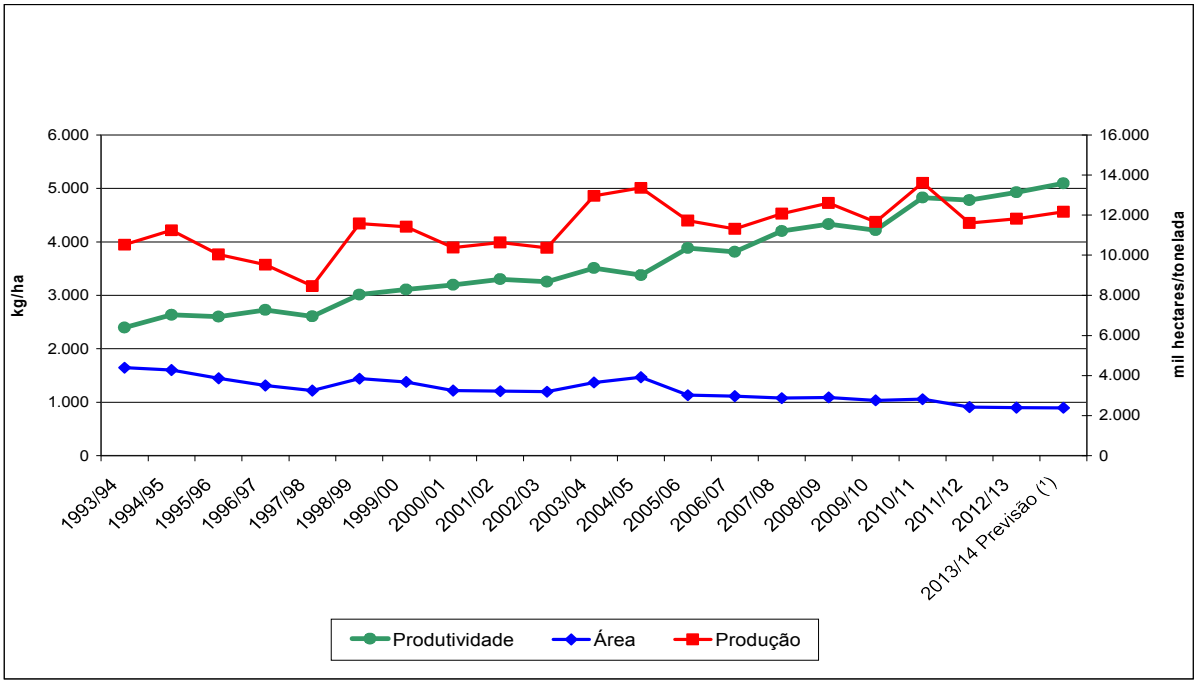
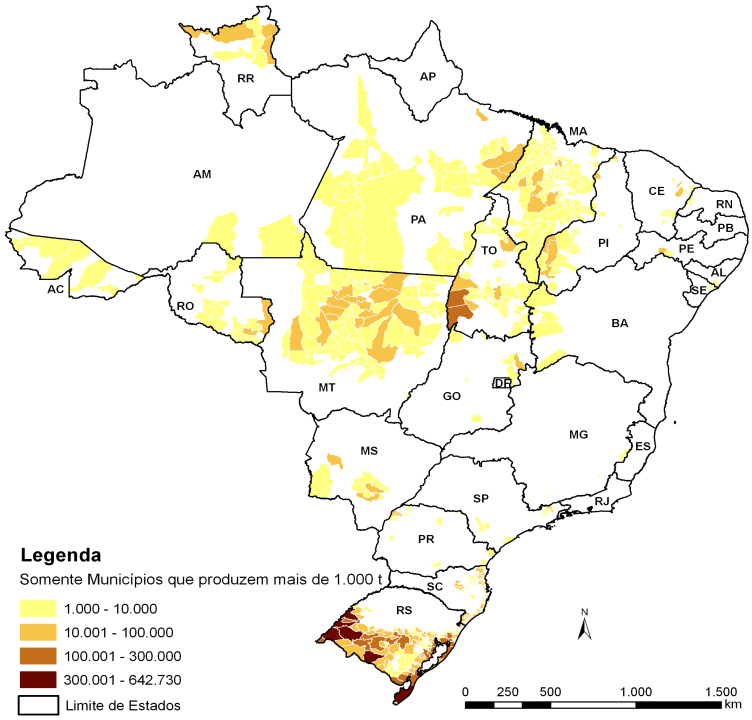


Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Arroz



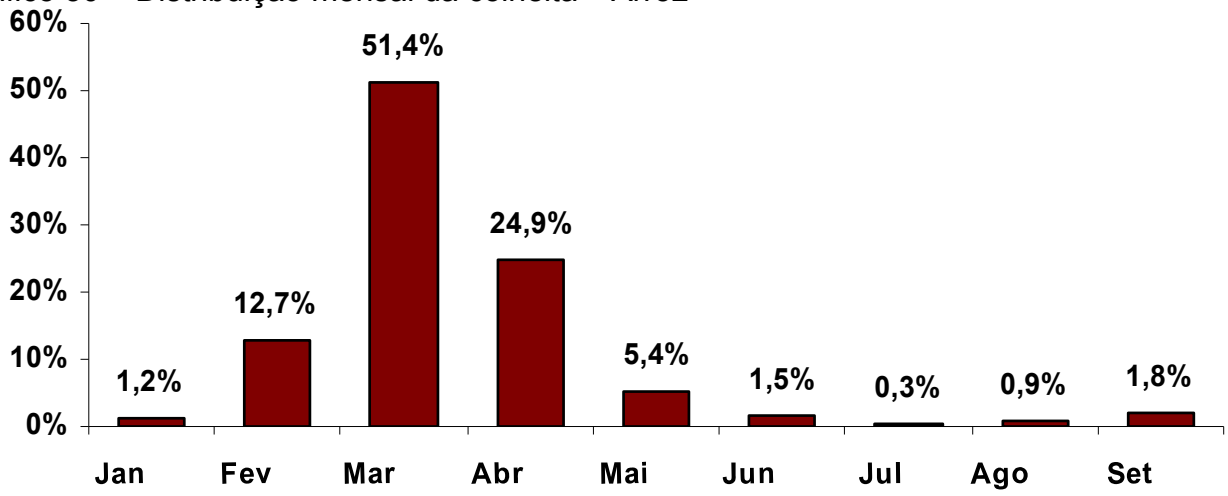
Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR										C		
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P	C	C	C	C					
AM				C	C	C	C					
AP								C	C	C		
PA					C	C	C	C	C	C		
TO	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA		P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	C	
PI		P	P	P	P	C	C	C	C	C		
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN		C	C	P/C	P			C	C	P/C	P/C	C
PB				P	P			C	C	C	C	
PE						P	P	C	C	C	C	C
AL												C
SE										C	C	
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C	C				
MS	P	P	P	C	C	C	C					
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C				
ES				C	C	C	C					
RJ				C	C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P		C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Gráfico 30 – Distribuição mensal da colheita – Arroz



Fonte: Conab.

Tabela 59 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**291,9**	**268,9**	**(7,9)**	**3.530**	**3.597**	**1,9**	**1.030,2**	**967,2**	**(6,1)**
RR	20,0	12,0	(40,0)	5.452	6.500	19,2	109,0	78,0	(28,4)
RO	48,0	48,5	1,0	2.765	2.819	2,0	132,7	136,7	3,0
AC	13,2	7,5	(43,0)	1.326	1.201	(9,4)	17,5	9,0	(48,6)
AM	2,9	3,4	17,2	2.110	2.261	7,2	6,1	7,7	26,2
AP	2,1	2,0	(4,8)	900	1.218	35,3	1,9	2,4	26,3
PA	86,6	81,6	(5,8)	2.278	2.326	2,1	197,3	189,8	(3,8)
TO	119,1	113,9	(4,4)	4.750	4.773	0,5	565,7	543,6	(3,9)
NORDESTE	**588,2**	**539,5**	**(8,3)**	**1.271**	**1.695**	**33,4**	**747,3**	**914,6**	**22,4**
MA	416,2	389,1	(6,5)	1.191	1.692	42,1	495,7	658,4	32,8
PI	125,1	105,9	(15,4)	726	1.400	92,8	90,8	148,3	63,3
CE	22,3	22,1	(0,9)	2.426	1.436	(40,8)	54,1	31,7	(41,4)
RN	1,1	1,5	40,2	2.520	3.074	22,0	2,8	4,6	64,3
PB	0,2	1,2	512,0	96	817	751,0	-	1,0	-
PE	2,5	0,7	(74,0)	5.677	6.923	21,9	14,2	4,8	(66,2)
AL	3,0	3,1	3,0	5.877	5.858	(0,3)	17,6	18,2	3,4
SE	9,9	7,1	(28,3)	6.500	5.570	(14,3)	64,4	39,5	(38,7)
BA	7,9	8,8	11,4	980	920	(6,1)	7,7	8,1	5,2
CENTRO-OESTE	**225,2**	**243,8**	**8,3**	**3.423**	**3.504**	**2,4**	**770,8**	**854,2**	**10,8**
MT	166,3	176,3	6,0	3.175	3.285	3,5	528,0	579,1	9,7
MS	15,2	15,5	2,0	6.200	6.150	(0,8)	94,2	95,3	1,2
GO	43,7	52,0	19,0	3.400	3.457	1,7	148,6	179,8	21,0
SUDESTE	**44,6**	**34,8**	**(22,0)**	**3.106**	**2.485**	**(20,0)**	**138,5**	**86,5**	**(37,5)**
MG	22,8	19,4	(14,9)	1.956	2.020	3,3	44,6	39,2	(12,1)
ES	1,0	0,5	(50,0)	2.700	2.557	(5,3)	2,7	1,3	(51,9)
RJ	1,4	0,9	(33,8)	3.100	3.476	12,1	4,3	3,1	(27,9)
SP	19,4	14,0	(27,8)	4.480	3.063	(31,6)	86,9	42,9	(50,6)
SUL	**1.249,7**	**1.299,9**	**4,0**	**7.308**	**7.185**	**(1,7)**	**9.132,9**	**9.339,2**	**2,3**
PR	33,0	29,7	(10,0)	5.291	5.356	1,2	174,6	159,1	(8,9)
SC	150,1	150,1	-	6.828	7.110	4,1	1.024,9	1.067,2	4,1
RS	1.066,6	1.120,1	5,0	7.438	7.243	(2,6)	7.933,4	8.112,9	2,3
NORTE/NORDESTE	**880,1**	**808,4**	**(8,1)**	**2.020**	**2.328**	**15,3**	**1.777,5**	**1.881,8**	**5,9**
CENTRO-SUL	**1.519,5**	**1.578,5**	**3,9**	**6.609**	**6.512**	**(1,5)**	**10.042,2**	**10.279,9**	**2,4**
BRASIL	**2.399,6**	**2.386,9**	**(0,5)**	**4.926**	**5.095**	**3,4**	**11.819,7**	**12.161,7**	**2,9**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Na Região Norte o plantio da lavoura de sequeiro ocorre na sua grande maioria, associando baixos níveis tecnológicos com as adversidades climáticas frequentes e atendem mais às circunstâncias de subsistência, uma vez que os mercados locais são literalmente invadidos por produtos de melhor qualidade e preços competitivos, oriundos de outras regiões do país.

Em Tocantins, principal estado produtor, a colheita já foi praticamente realizada e o desempenho do plantio realizado em terras altas, aliado à diminuição na área plantada, explicam a redução de 3,9% na produção deste ano. Na Região Nordeste, a despeito da existência de áreas de plantio irrigado, o clima mais amigável deste ano permitiu um bom rendimento das lavouras em relação aos últimos anos. A produção regional neste ano deverá experimentar o maior incremento percentual do país – 22,4%.

Com esse cenário, o levantamento realizado pela Conab aponta para uma queda na área de plantada com arroz de 0,5%, saindo de 2.399,6 mil hectares para os atuais 2.386,9 mil hectares, gerando uma produção de 12.161,7 mil toneladas, que representa um incremento de 2,9% em relação ao resultado da safra passada.

12.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em julho de 2014, foram importadas 73,2 mil toneladas de arroz, sendo apenas 0,9 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 3 de setembro, não foram disponibilizados os dados referentes a agosto e por esse motivo, julho é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram um ameno aumento do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em julho de 2013, essas aquisições foram de 72,5 mil toneladas, sendo 0,6 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma significativa expansão, passando de 28,7 mil toneladas em julho/2013 para 83,5 mil toneladas em julho/2014.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2013/14, obteve-se um superavit de 245,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.210,8 mil toneladas e o montante importado igual a 965,5 mil toneladas. Nos primeiros meses de análise do período comercial 2014/15, março a julho de 2014, observou-se um superavit no montante de 197,4 mil toneladas. Com estes resultados, somados à recente valorização do Real, estima-se que – para o período safra 2012/13 – a balança comercial do arroz encerre com um superavit de 100 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.100 mil toneladas e as importações em 1.000 mil toneladas.

Finalmente, para a atual safra brasileira 2013/14 de arroz, a produção média deverá ser 2,9% superior em relação à safra 2012/13, atingindo 12.161,7 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de área em face do elevado patamar de preços do produto. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2014 fechou em 1.082,1 mil toneladas devido ao baixo volume apurado no levantamento de estoques privados (496,1 mil toneladas) e do reduzido estoque em poder do governo federal (586 mil toneladas). Com esses resultados, o consumo da safra 2012/13 é estimado em 12,6 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2013/14, o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com um amena redução do superavit em relação ao período anterior, resultará em uma expansão do estoque de passagem para 1.143,8 mil toneladas.

12.1.4. Feijão

Uma avaliação do mercado internacional de feijão, considerando produção, exportação e importação, mostrando o comportamento e oscilações dos principais países. Com base nos dados secundários obtidos e analisados foi possível identificar que o Brasil, Índia, China, Myanmar e México são os cinco maiores produtores, representando mais de 65% da produção mundial de feijão. O percentual do feijão produzido, que é transacionado internacionalmente, tem aumentando continuamente, mas ainda está abaixo dos 20%. Os principais países exportadores do produto são China, EUA, Myanmar, Canadá e Argentina, que juntos são responsáveis por 73,5% do total exportado. Myanmar e Canadá estão com suas exportações em franca ascensão. Os principais países importadores do produto são Índia, EUA, Cuba, Japão e Reino Unido. Entre os grandes importadores apenas os EUA apresentam tendência definida, que é de aumento das importações. O Brasil importa feijão, principalmente da Argentina, e começa a exportar para alguns países, como EUA e África do Sul.

Os dados nacionais disponíveis, que permitem estimar o consumo alimentar domiciliar, revelam uma tendência de queda no consumo de feijão pela população, esta queda é em função do consumo de alimentos industrializados e menos saudáveis.

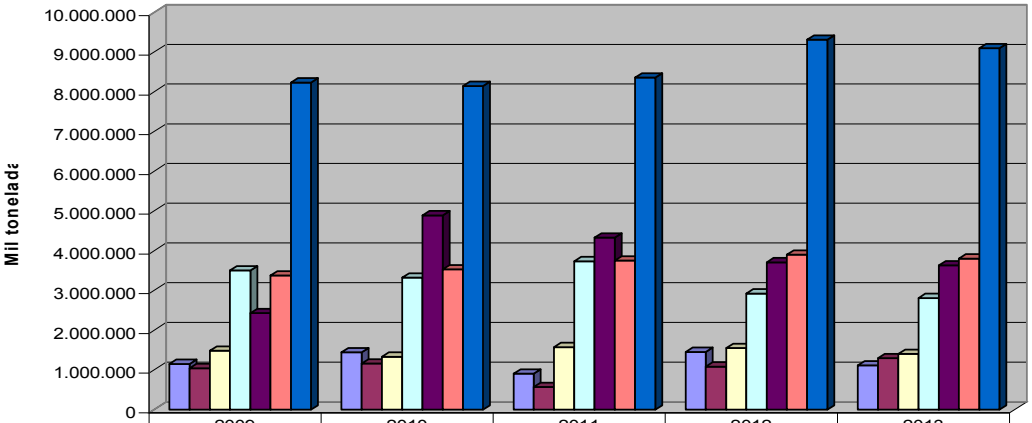
Esse grupo de alimentos, além de boa fonte de proteínas, fibras, vitaminas e

minerais, é uma fonte importante de energia para famílias de baixa renda. A participação do feijão no valor energético da alimentação diminui com o aumento da renda, portanto, as classes de renda mais elevada o consumo é menos da metade que na classe de famílias mais pobres (IBGE, 2004).

O agronegócio brasileiro possui vantagens comparativas na produção de alguns produtos importantes. O feijão, que sempre foi um produto importante na alimentação dos brasileiros, faz parte da pauta de importações do Brasil e pode vir a ser exportado em maiores quantidades nos próximos anos. Ou seja, o Brasil é um país importante no cenário mundial do feijão como produtor e importador.

A análise do mercado mundial e a identificação dos países produtores, importadores e exportadores dá um noção da importância do feijão para o mundo, justificando ou não o desenvolvimento de políticas para esta cultura no Brasil e também uma perspectiva de mercado.

Gráfico 31 – Produção mundial de feijão



	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	1.150.310	1.442.470	902.196	1.448.095	1.110.668
México	1.041.350	1.156.251	567.779	1.080.857	1.294.634
China	1.480.000	1.330.000	1.572.000	1.550.000	1.400.000
Brasil	3.502.700	3.322.500	3.732.800	2.918.400	2.806.300
Índia	2.430.000	4.890.000	4.330.000	3.710.000	3.630.000
Myanmar	3.375.000	3.530.000	3.750.000	3.900.000	3.800.000
Outros	8.233.017	8.144.903	8.356.243	9.310.151	9.097.402

Fonte: FAO/Conab.

Feijão comum carioca

Em São Paulo, no atacado a expressiva oferta do produto manteve o mercado calmo, com queda das cotações. Tal comportamento foi atribuído ao avanço das colheitas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, onde as lavouras são conduzidas sob irrigação, e na retração nas compras pelos empacotadores. Nas redes de supermercados o giro da mercadoria continua lento, com queda gradativa dos preços no varejo.

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado, em sua maioria, com produtos provenientes de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Segundo a Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná (Deral), 97% da produção oriunda da primeira safra, e 70% da segunda safra já foram comercializadas pelos produtores.

De um modo geral, o clima está favorecendo o desenvolvimento da terceira safra em quase todas as regiões produtoras do país. Na região nordeste da Bahia, importante

polo produtor, predomina o cultivo de feijão de sequeiro, consorciado com o milho. Lá, verifica-se uma pequena retração na área plantada em relação à safra anterior, no entanto, o clima está favorável ao desenvolvimento das lavouras que atravessam os estágios de florescimento a colheita. Se tudo correr bem como vem acontecendo, a safra será boa e contribuirá de forma significativa para o abastecimento do país.

Considerando os números das três safras, a produção nacional poderá chegar a 3.444,1 mil toneladas, o que representa 637,8 mil toneladas a mais que o registrado em 2013, em uma área de 3.333,4 mil hectares, ou seja, superior em 8,4% à cultivada na safra anterior.

No momento, as cotações do produto tendem a se manter, não havendo espaço para maiores reajustes nos preços devido às dificuldades encontradas pelos comerciantes em repassar tal incremento às redes de supermercados.

Contudo, agentes de mercado acreditam que, com o fim da comercialização da segunda safra, aliado à expressiva queda que vem ocorrendo nas cotações do produto, provavelmente haverá maior demanda pelo grão, o que poderá contribuir para uma melhoria dos preços.

Convém esclarecer que na Região Nordeste concentra-se a maior área de cultivo da safra de inverno, com lavouras conduzidas no regime de sequeiro, muito suscetível a fatores climáticos, que sempre comprometem o potencial produtivo.

Finalmente, é importante frisar que a Região Nordeste complementa o seu abastecimento com produtos provenientes de outras regiões, e, caso se confirme os atuais números de campo, o volume de produção será bastante superior ao registrado em 2013. Assim sendo, provavelmente ocorrerá menor demanda pela mercadoria produzida em outras regiões do país, afastando a possibilidade de significativos aumentos das cotações.

Feijão comum preto

Os preços continuam remuneradores e bem acima dos praticados com o feijão comum carioca, e o seu comportamento está diretamente relacionado ao preço e quantidade do produto disponível na Argentina. Sobre esse excedente exportável da Argentina há interesse de compra de outros países como Venezuela, Costa Rica, dentre outros.

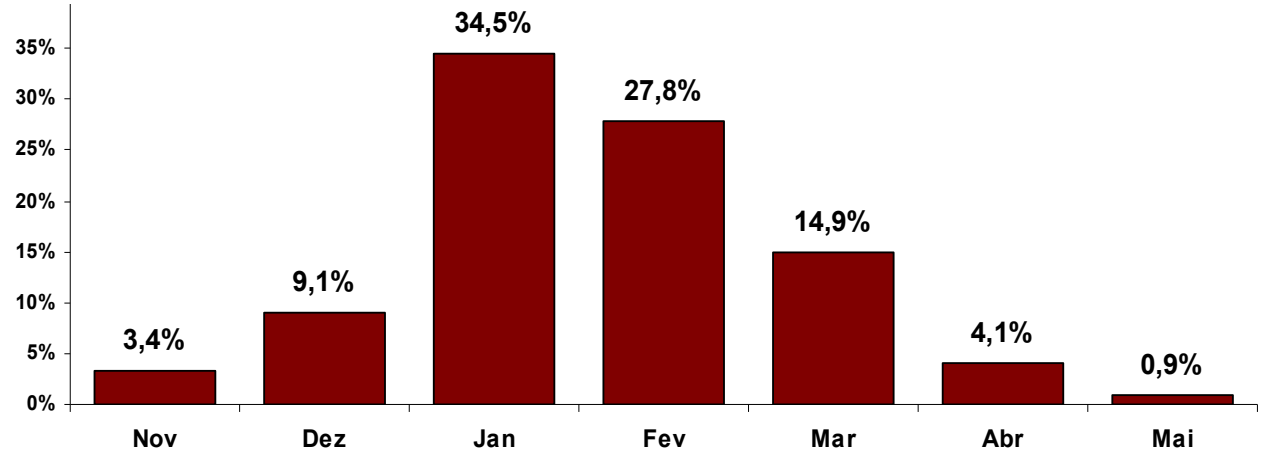
O quadro se encontra ainda mais apertado, vez que grande parte da produção nacional já foi consumida juntamente com as importações prematuras verificadas no primeiro semestre, que vieram para complementar o abastecimento interno.

A safra Argentina está estimada em 150.000 toneladas e deverá ser o balizador no comportamento do mercado. Por enquanto, o consumo está muito retraído, dificultando a formação de um mercado mais dinâmico, e as transações comerciais entre o Brasil e aquele país continuam muito reduzidas, devido ao frete caro e escasso da região produtora à fronteira, ao câmbio elevado e ao fraco desempenho das vendas no lado brasileiro.

12.1.4.1. Feijão primeira safra

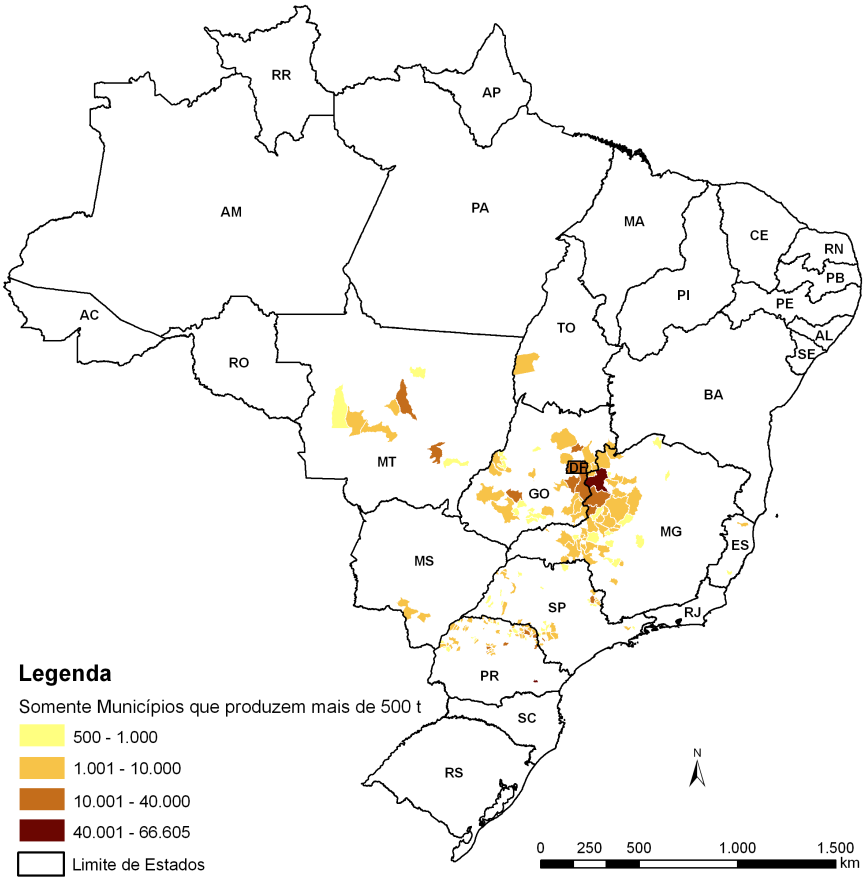
A área de feijão primeira safra foi estimada em 1.163,6 mil hectares, o que configura um crescimento de 3,4% em relação à safra passada. A produtividade média obtida para esta cultura chegou a 1.076 kg/ha na média nacional, 25,5% acima da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão da primeira safra ficou estimada em 1.252,5 mil toneladas, representando um acréscimo de 29,8%.

Gráfico 32 – Distribuição mensal da colheita – Feijão primeira safra



Fonte: Conab.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P		C	C						
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 60 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**4,3**	**4,0**	**(7,0)**	**629**	**629**	**-**	**2,7**	**2,5**	**(7,4)**
TO	4,3	4,0	(6,2)	629	629	-	2,7	2,5	(7,4)
NORDESTE	**464,6**	**501,9**	**8,0**	**199**	**324**	**62,7**	**92,5**	**162,6**	**75,8**
MA	40,2	40,8	1,6	408	430	5,4	16,4	17,5	6,7
PI	195,0	209,0	7,2	121	242	100,0	23,6	50,6	114,4
BA	229,4	252,1	9,9	229	375	63,8	52,5	94,5	80,0
CENTRO-OESTE	**82,5**	**81,8**	**(0,8)**	**1.595**	**2.225**	**39,5**	**131,5**	**182,1**	**38,5**
MT	18,6	11,9	(36,1)	1.369	1.590	16,1	25,5	18,9	(25,9)
MS	2,2	2,1	(4,5)	1.470	930	(36,7)	3,2	2,0	(37,5)
GO	49,0	55,8	13,9	1.809	2.315	28,0	88,6	129,2	45,8
DF	12,7	12,0	(5,5)	1.120	2.665	137,9	14,2	32,0	125,4
SUDESTE	**256,6**	**234,6**	**(8,6)**	**1.064**	**1.389**	**30,5**	**273,0**	**325,8**	**19,3**
MG	186,7	178,8	(4,2)	818	1.170	43,0	152,7	209,2	37,0
ES	6,5	6,5	-	727	777	6,9	4,7	5,1	8,5
RJ	1,3	1,1	(15,0)	940	895	(4,8)	1,2	1,0	(16,7)
SP	62,1	48,2	(22,4)	1.842	2.293	24,5	114,4	110,5	(3,4)
SUL	**317,0**	**341,3**	**7,7**	**1.467**	**1.698**	**15,8**	**464,9**	**579,5**	**24,7**
PR	210,2	238,2	13,3	1.430	1.689	18,1	300,6	402,3	33,8
SC	55,1	62,0	12,5	1.770	1.800	1,7	97,5	111,6	14,5
RS	51,7	41,1	(20,5)	1.293	1.596	23,4	66,8	65,6	(1,8)
NORTE/NORDESTE	**468,9**	**505,9**	**7,9**	**203**	**326**	**60,8**	**95,2**	**165,1**	**73,4**
CENTRO-SUL	**656,1**	**657,7**	**0,2**	**1.325**	**1.653**	**24,7**	**869,4**	**1.087,4**	**25,1**
BRASIL	**1.125,0**	**1.163,6**	**3,4**	**858**	**1.076**	**25,5**	**964,6**	**1.252,5**	**29,8**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.4.2. Feijão segunda safra

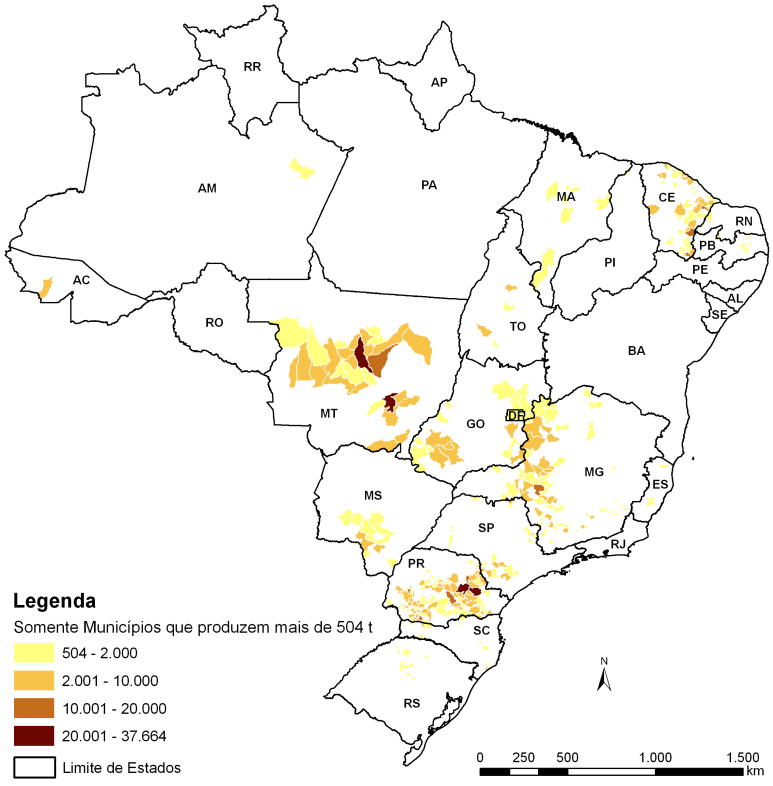
O feijão segunda safra está ocupando uma área de 1.491,2 mil hectares, chegando a 14,7% acima da área cultivada na temporada passada. Esse incremento de área foi devido às estimativas de aumento de áreas nos estados do Nordeste, com aproximadamente 167,3 mil hectares a mais do que na última safra, onde todos os estados apresentaram incremento, e também pelo crescimento no Centro-Oeste das áreas no Mato Grosso com mais 72,2 mil hectares.

Os principais estados produtores de feijão segunda safra são: Paraná com 13,8%, Mato Grosso com 56,8%, Minas Gerais com 15,8% e Ceará com 114,6%, considerando a produção da safra 2012/13.

No Paraná, as estimativas apontam um total de 272,3 mil hectares de cultivo. O plantio foi concluído em março e a colheita foi encerrada neste mês, registrando produtividade de 1.475 kg/ha. A previsão de produção de 401,6 mil toneladas será 13,8% maior do que a colhida no ano anterior, frustrada por adversidades climáticas, mas significativamente menor do que a inicialmente prevista em função dos problemas climáticos ocorridos.

Em Minas Gerais, o levantamento aponta para uma redução da área plantada da ordem de (18,1%) em relação à safra passada, em razão dos baixos preços praticados no mercado, da estiagem ocorrida a partir do mês de janeiro em todas as regiões produtoras e ao vazio sanitário do feijão, entre os meses de janeiro a março, em 18 municípios da região Noroeste. A colheita encontra-se finalizada. Estima-se uma produtividade de 1.355 kg/ha, 2,9% superior à da safra passada.

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



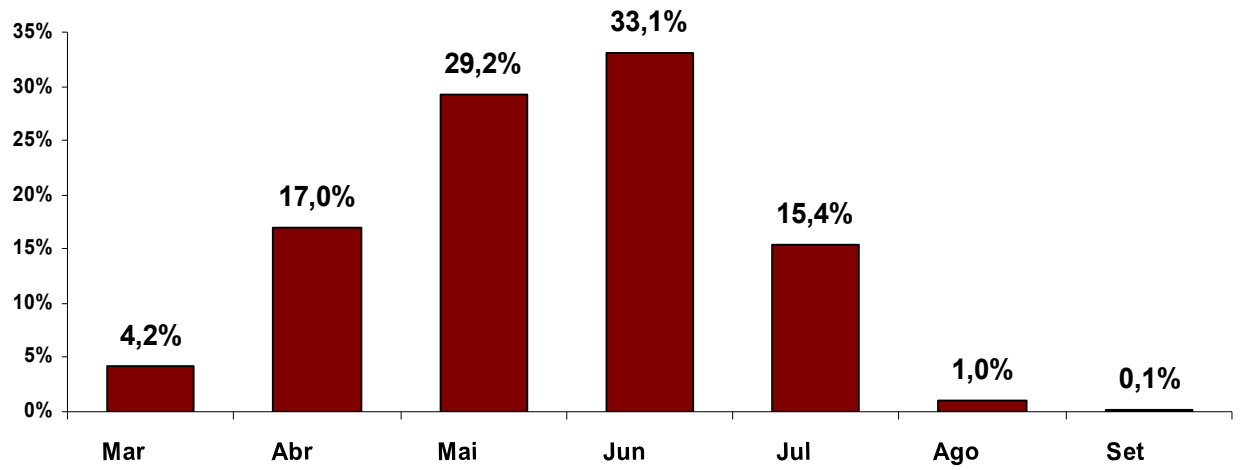
Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO				P	P	P	P/C	C	C	C		
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Gráfico 33 – Distribuição mensal da colheita – Feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Tabela 61 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**74,3**	**67,1**	**(9,7)**	**801**	**747**	**(6,7)**	**59,4**	**50,1**	**(15,7)**
RR	3,0	3,0	-	660	667	1,1	2,0	2,0	-
RO	39,5	33,0	(16,5)	790	722	(8,6)	31,2	23,8	(23,7)
AC	12,3	10,3	(16,2)	580	582	0,3	7,1	6,0	(15,5)
AM	5,7	5,3	(7,0)	897	1.027	14,5	5,1	5,4	5,9
AP	1,3	1,3	-	944	902	(4,4)	1,2	1,2	-
TO	12,5	14,2	13,6	1.027	825	(19,7)	12,8	11,7	(8,6)
NORDESTE	**533,2**	**700,2**	**31,3**	**220**	**326**	**48,4**	**117,3**	**228,5**	**94,8**
MA	49,9	52,0	4,2	501	549	9,6	25,0	28,5	14,0
PI	4,3	20,4	373,9	603	756	25,4	2,6	15,4	492,3
CE	329,5	393,8	19,5	172	309	79,7	56,7	121,7	114,6
RN	12,4	33,5	170,0	285	333	16,8	3,5	11,2	220,0
PB	55,7	76,9	38,1	346	277	(19,9)	19,3	21,3	10,4
PE	81,4	123,6	51,9	125	246	96,8	10,2	30,4	198,0
CENTRO-OESTE	**198,7**	**269,3**	**35,5**	**1.325**	**1.405**	**6,1**	**263,2**	**378,5**	**43,8**
MT	162,7	234,9	44,4	1.250	1.358	8,6	203,4	319,0	56,8
MS	17,2	17,6	2,3	1.350	1.600	18,5	23,2	28,2	21,6
GO	18,3	15,9	(13,0)	1.931	1.857	(3,8)	35,3	29,5	(16,4)
DF	0,5	0,9	80,0	2.615	2.000	(23,5)	1,3	1,8	38,5
SUDESTE	**188,7**	**150,5**	**(20,2)**	**1.369**	**1.351**	**(1,4)**	**258,4**	**203,3**	**(21,3)**
MG	148,0	121,2	(18,1)	1.317	1.355	2,9	194,9	164,2	(15,8)
ES	9,0	8,8	(1,7)	865	813	(6,0)	7,8	7,2	(7,7)
RJ	1,7	1,6	(3,8)	1.013	951	(6,1)	1,7	1,5	(11,8)
SP	30,0	18,9	(37,1)	1.800	1.606	(10,8)	54,0	30,4	(43,7)
SUL	**305,0**	**304,1**	**(0,3)**	**1.337**	**1.478**	**10,5**	**407,9**	**449,3**	**10,1**
PR	263,9	272,3	3,2	1.337	1.475	10,3	352,8	401,6	13,8
SC	21,6	22,5	4,2	1.259	1.450	15,2	27,2	32,6	19,9
RS	19,5	9,3	(52,3)	1.429	1.622	13,5	27,9	15,1	(45,9)
NORTE/NORDESTE	**607,5**	**767,3**	**26,3**	**291**	**363**	**24,8**	**176,7**	**278,6**	**57,7**
CENTRO-SUL	**692,4**	**723,9**	**4,5**	**1.343**	**1.424**	**6,1**	**929,5**	**1.031,1**	**10,9**
BRASIL	**1.299,9**	**1.491,2**	**14,7**	**851**	**878**	**3,2**	**1.106,2**	**1.309,7**	**18,4**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

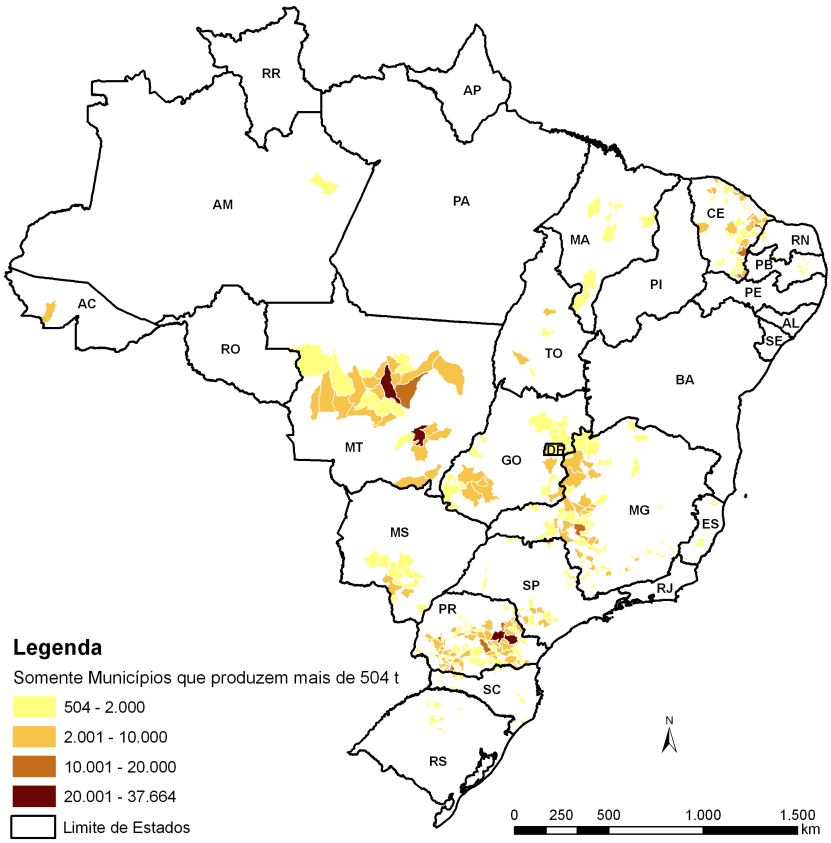
12.1.4.3. Feijão terceira safra

A área de feijão terceira safra está estimada em 678,6 mil hectares, 4,3% maior do que a área cultivada na safra passada, com um crescimento de 16,1% na Região Centro-Sul e um decréscimo de (0,7%) na Região Norte/Nordeste. As estimativas de produtividade estão acima das obtidas na safra passada, saindo de 1.131 para 1.300 kg/ha na media do país, com 15,0% de crescimento em relação à última temporada. A produção deve chegara 882,0 mil toneladas, acréscimo de 20,0%.

Em Minas Gerais as informações apontam para o plantio de 85,0 mil ha. Além dos baixos preços praticados no mercado, os produtores da região do Noroeste de Minas e Alto Paranaíba manifestaram preocupação com o aumento da incidência do ataque da mosca branca, que poderá vir a comprometer o desempenho das lavouras de feijão em razão da transmissão do vírus do Mosaico Dourado. A área plantada não apresentou nenhum incremento quando comparada com a do ano anterior, permanecendo em 85,0 mil hectares tanto na safra anterior como para a atual. A produtividade média esperada é de 2.600 kg/ha, superior em 1,8% quando comparada à da safra passada. Dessa forma, a produção é estimada em 221,0 mil toneladas, superior em 1,7% em relação à safra anterior.

De maneira geral, as lavouras são bem tecnificadas e cerca de 80% da área já foi colhida, 20% está em fase de maturação.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	C							P	P	P	C	C
Nordeste												
CE	C						P	P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P/C	C	C	C
AL								P	P		C	C
SE							P	P	P/C	C	C	C
BA							P	P	P/C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	P/C	C	C	C
MS							P	P		C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF								P	P		C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP							P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

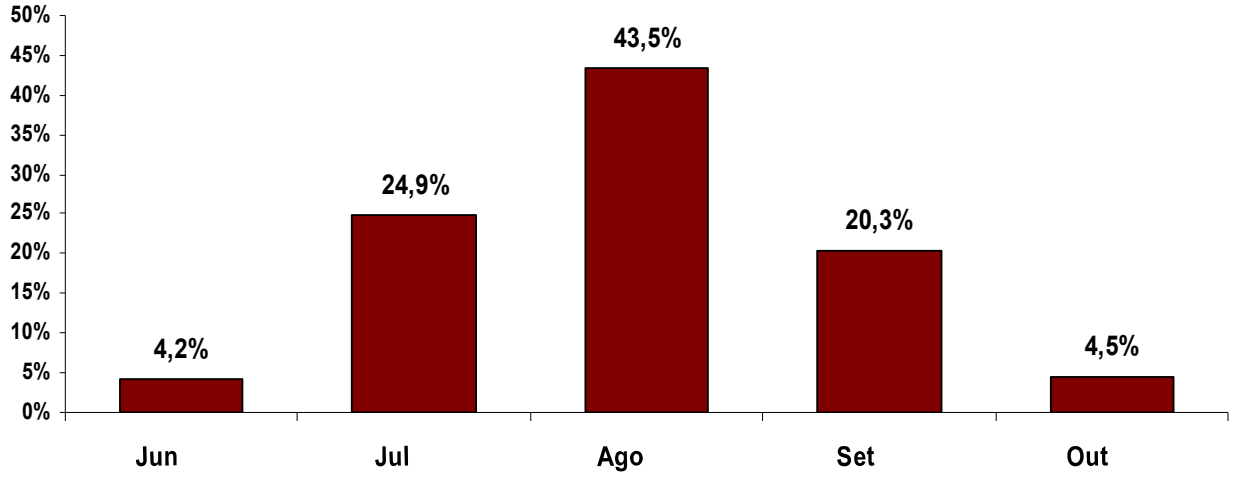
Fonte: Conab.

Tabela 62 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**54,7**	**30,2**	**(44,8)**	**777**	**798**	**2,6**	**42,5**	**24,1**	**(43,3)**
PA	48,1	28,0	(41,8)	705	760	7,8	33,9	21,3	(37,2)
TO	6,6	2,2	(66,8)	1.305	1.281	(1,8)	8,6	2,8	(67,4)
NORDESTE	**402,0**	**423,5**	**5,3**	**536**	**654**	**22,0**	**215,4**	**276,8**	**28,5**
CE	11,6	10,3	(11,6)	819	1.054	28,7	9,5	10,9	14,7
PE	95,0	122,1	28,5	380	467	22,9	36,1	57,0	57,9
AL	42,0	47,0	11,9	365	458	25,5	15,3	21,5	40,5
SE	26,8	31,5	17,5	667	746	11,8	17,9	23,5	31,3
BA	226,6	212,6	(6,2)	603	771	27,9	136,6	163,9	20,0
CENTRO-OESTE	**74,8**	**116,9**	**56,3**	**2.512**	**2.672**	**6,4**	**187,9**	**312,4**	**66,3**
MT	30,4	76,8	152,5	2.160	2.566	18,8	65,7	197,1	200,0
MS	0,4	0,4	-	1.340	1.260	(6,0)	0,5	0,5	-
GO	40,8	36,5	(10,5)	2.748	2.868	4,4	112,1	104,7	(6,6)
DF	3,2	3,2	-	3.000	3.159	5,3	9,6	10,1	5,2
SUDESTE	**113,0**	**103,1**	**(8,8)**	**2.517**	**2.558**	**1,6**	**284,5**	**263,7**	**(7,3)**
MG	85,0	85,0	-	2.555	2.600	1,8	217,2	221,0	1,7
SP	28,0	18,1	(35,4)	2.402	2.359	(1,8)	67,3	42,7	(36,6)
SUL	**5,9**	**4,9**	**(16,9)**	**850**	**1.013**	**19,2**	**5,0**	**5,0**	**-**
PR	5,9	4,9	(16,9)	850	1.013	19,2	5,0	5,0	-
NORTE/NORDESTE	**456,7**	**453,7**	**(0,7)**	**565**	**663**	**17,4**	**257,9**	**300,9**	**16,7**
CENTRO-SUL	**193,7**	**224,9**	**16,1**	**2.464**	**2.583**	**4,8**	**477,4**	**581,1**	**21,7**
BRASIL	**650,4**	**678,6**	**4,3**	**1.131**	**1.300**	**15,0**	**735,3**	**882,0**	**20,0**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Gráfico 34 – Distribuição mensal da colheita – Feijão terceira safra

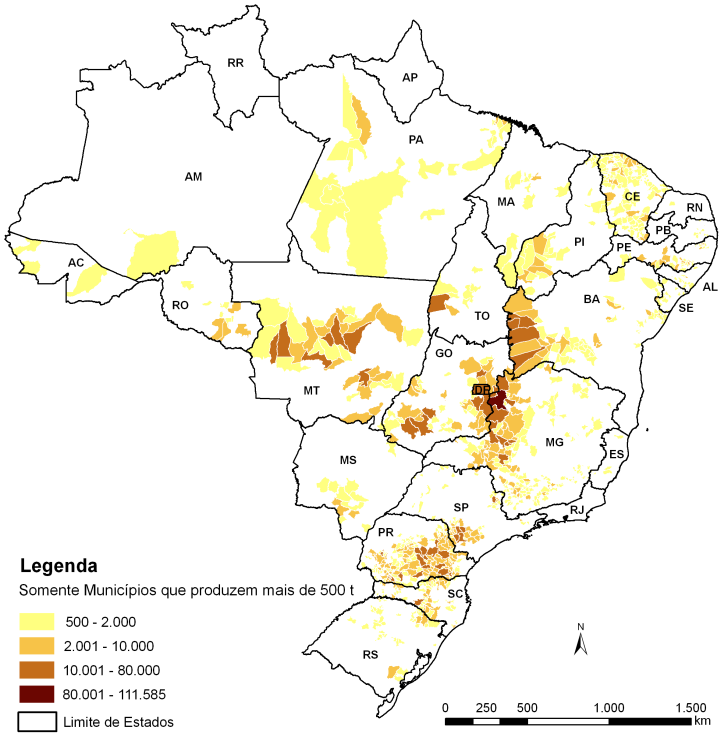


Fonte: Conab.

12.1.4.4. Feijão total

Considerando as três safras, estima-se para esse acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3.333,4 mil hectares, 8,4% maior que a safra passada. A produtividade média nacional é estimada em 13,2% acima da safra passada, totalizando 1.033 kg/ha. A produção nacional de feijão deverá alcançar 3.444,1 mil toneladas, 22,7% maior que a última safra.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte:Conab/IBGE.

Tabela 63 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**133,3**	**101,3**	**(24,0)**	**786**	**758**	**(3,5)**	**104,7**	**76,7**	**(26,7)**
RR	3,0	3,0	-	667	667	-	2,0	2,0	-
RO	39,5	33,0	(16,5)	790	721	(8,7)	31,2	23,8	(23,7)
AC	12,3	10,3	(16,3)	577	583	0,9	7,1	6,0	(15,5)
AM	5,7	5,3	(7,0)	895	1.019	13,9	5,1	5,4	5,9
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	48,1	28,0	(41,8)	705	761	7,9	33,9	21,3	(37,2)
TO	23,4	20,4	(12,8)	1.034	833	(19,4)	24,2	17,0	(29,8)
NORDESTE	**1.399,8**	**1.625,6**	**16,1**	**304**	**411**	**35,3**	**425,3**	**668,0**	**57,1**
MA	90,1	92,8	3,0	459	497	8,1	41,4	46,1	11,4
PI	199,3	229,4	15,1	131	288	118,9	26,2	66,0	151,9
CE	341,1	404,1	18,5	194	328	68,9	66,2	132,5	100,2
RN	12,4	33,5	170,2	282	334	18,4	3,5	11,2	220,0
PB	55,7	76,9	38,1	346	277	(20,1)	19,3	21,3	10,4
PE	176,4	245,7	39,3	262	356	35,5	46,3	87,4	88,8
AL	42,0	47,0	11,9	364	457	25,6	15,3	21,5	40,5
SE	26,8	31,5	17,5	668	746	11,7	17,9	23,5	31,3
BA	456,0	464,7	1,9	415	556	34,1	189,2	258,5	36,6
CENTRO-OESTE	**356,0**	**468,0**	**31,5**	**1.637**	**1.865**	**13,9**	**582,7**	**872,9**	**49,8**
MT	211,7	323,6	52,9	1.391	1.653	18,8	294,5	535,0	81,7
MS	19,8	20,1	1,5	1.364	1.522	11,6	27,0	30,6	13,3
GO	108,1	108,2	0,1	2.184	2.434	11,5	236,1	263,4	11,6
DF	16,4	16,1	(1,8)	1.530	2.727	78,2	25,1	43,9	74,9
SUDESTE	**558,3**	**488,2**	**(12,6)**	**1.461**	**1.624**	**11,1**	**815,8**	**792,7**	**(2,8)**
MG	419,7	385,0	(8,3)	1.346	1.544	14,7	564,8	594,4	5,2
ES	15,5	15,3	(1,3)	806	797	(1,1)	12,5	12,2	(2,4)
RJ	3,0	2,7	(10,0)	967	926	(4,2)	2,9	2,5	(13,8)
SP	120,1	85,2		1.962	2.155	9,9	235,6	183,6	(22,1)
SUL	**627,9**	**650,3**	**3,6**	**1.398**	**1.590**	**13,7**	**877,8**	**1.033,8**	**17,8**
PR	480,0	515,4	7,4	1.372	1.569	14,4	658,4	808,9	22,9
SC	76,7	84,5	10,2	1.626	1.707	5,0	124,7	144,2	15,6
RS	71,2	50,4	(29,2)	1.330	1.601	20,4	94,7	80,7	(14,8)
NORTE/NORDESTE	**1.533,1**	**1.726,9**	**12,6**	**346**	**431**	**24,8**	**530,0**	**744,7**	**40,5**
CENTRO-SUL	**1.542,2**	**1.606,5**	**4,2**	**1.476**	**1.680**	**13,8**	**2.276,3**	**2.699,4**	**18,6**
BRASIL	**3.075,3**	**3.333,4**	**8,4**	**913**	**1.033**	**13,2**	**2.806,3**	**3.444,1**	**22,7**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

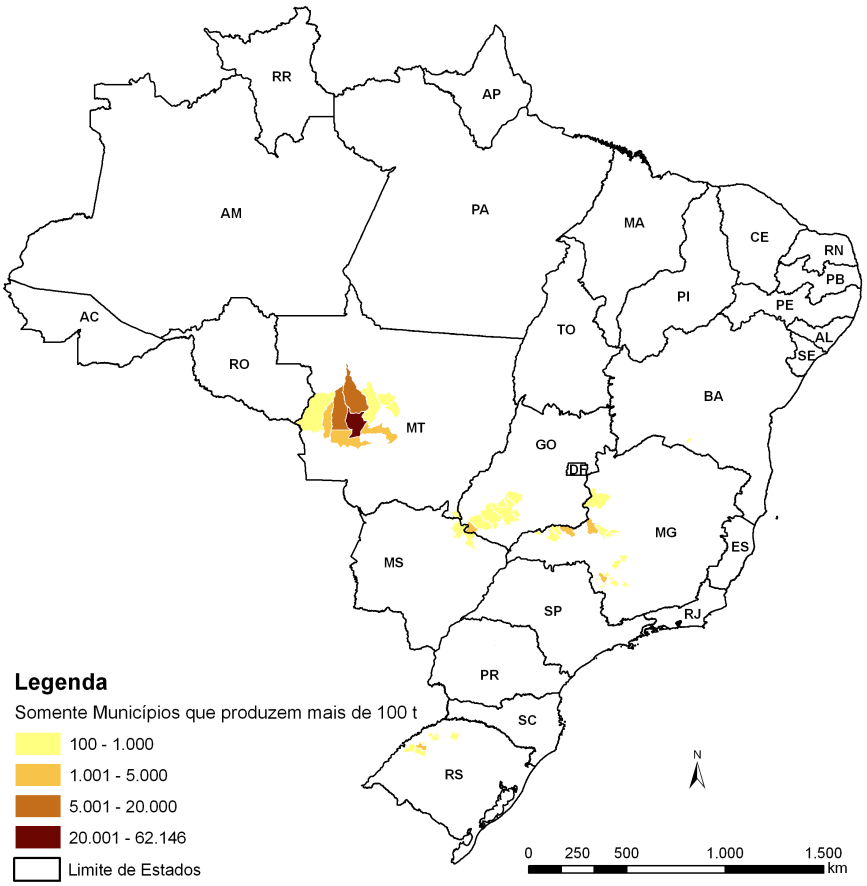
12.1.5. Girassol

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

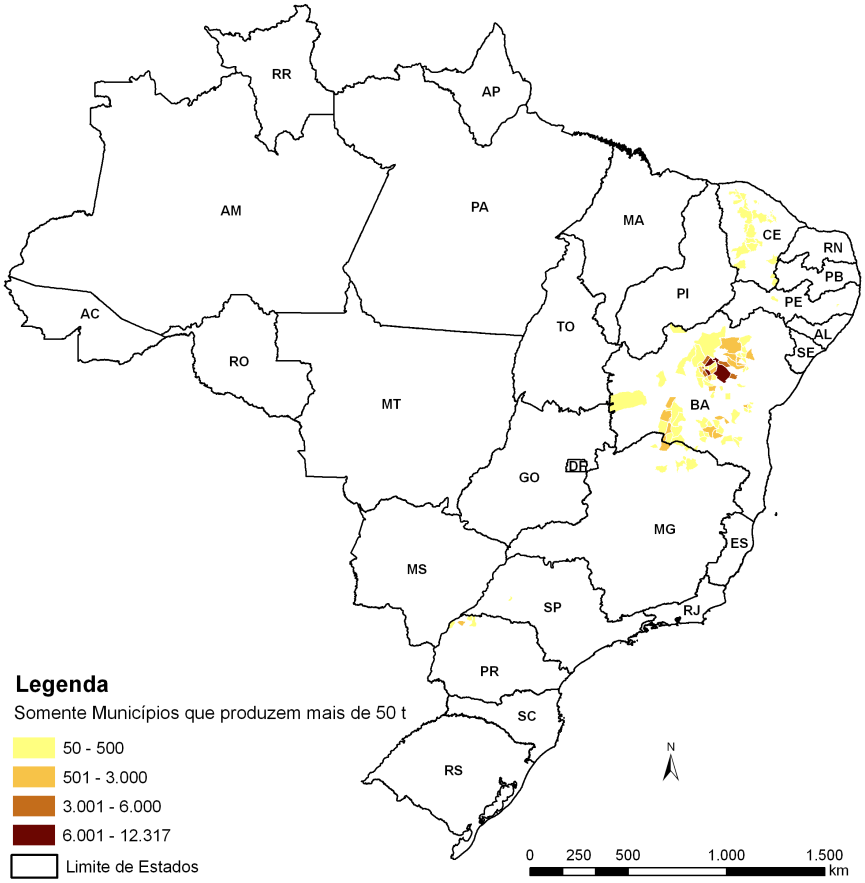
Tabela 64 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORDESTE	**0,5**	**-**	**(100,0)**	**422**	**-**	**(100,0)**	**0,2**	**-**	**(100,0)**
CE	0,2	-	(100,0)	456	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
BA	0,3	-	(100,0)	400	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CENTRO-OESTE	**55,2**	**131,1**	**137,5**	**1.666**	**1.617**	**(2,9)**	**91,9**	**212,0**	**130,7**
MT	50,7	126,2	149,0	1.671	1.611	(3,6)	84,7	203,3	140,0
MS	0,9	0,7	(22,0)	1.810	1.544	(14,7)	1,6	1,1	(31,3)
GO	3,6	4,2	16,7	1.564	1.815	16,0	5,6	7,6	35,7
SUDESTE	**11,0**	**11,3**	**2,7**	**1.192**	**1.378**	**15,6**	**13,1**	**15,6**	**19,1**
MG	11,0	11,3	2,7	1.192	1.378	15,6	13,1	15,6	19,1
SUL	**3,4**	**3,3**	**(2,9)**	**1.394**	**1.535**	**10,1**	**4,8**	**5,1**	**6,3**
PR	0,7	-	(100,0)	1.083	-	(100,0)	0,8	-	(100,0)
RS	2,7	3,3	22,0	1.475	1.535	4,1	4,0	5,1	27,5
NORTE/NORDESTE	**0,5**	**-**	**(100,0)**	**422**	**-**	**(100,0)**	**0,2**	**-**	**(100,0)**
CENTRO-SUL	**69,6**	**145,7**	**109,3**	**1.578**	**1.597**	**1,2**	**109,8**	**232,7**	**111,9**
BRASIL	**70,1**	**145,7**	**107,8**	**1.570**	**1.597**	**1,7**	**110,0**	**232,7**	**111,5**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.6. Mamona

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 65 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORDESTE	**84,4**	**98,6**	**16,8**	**163**	**439**	**170,1**	**13,8**	**43,3**	**213,8**
PI	1,0	0,7	(30,0)	75	300	300,0	0,1	0,2	100,0
CE	12,8	11,2	(12,5)	140	284	102,9	1,8	3,2	77,8
PE	1,4	4,9	249,5	267	334	25,1	0,4	1,6	300,0
BA	69,2	81,8	18,2	166	468	181,9	11,5	38,3	233,0
SUDESTE	**2,1**	**2,5**	**19,0**	**694**	**432**	**(37,8)**	**1,5**	**1,1**	**(26,7)**
MG	2,0	2,4	20,0	630	450	(28,6)	1,3	1,1	(15,4)
SP	0,1	0,1		1.980	1	(99,9)	0,2	-	(100,0)
SUL	**0,9**	**0,2**	**(77,8)**	**600**	**622**	**3,7**	**0,5**	**0,1**	**(80,0)**
PR	0,9	0,2	(78,0)	600	**622**	3,7	0,5	0,1	(80,0)
NORTE/NORDESTE	**84,4**	**98,6**	**16,8**	**163**	**439**	**170,1**	**13,8**	**43,3**	**213,8**
CENTRO-SUL	**3,0**	**2,7**	**(10,0)**	**666**	**446**	**(33,0)**	**2,0**	**1,2**	**(40,0)**
BRASIL	**87,4**	**101,3**	**15,9**	**180**	**439**	**144,2**	**15,8**	**44,5**	**181,6**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.7. Milho

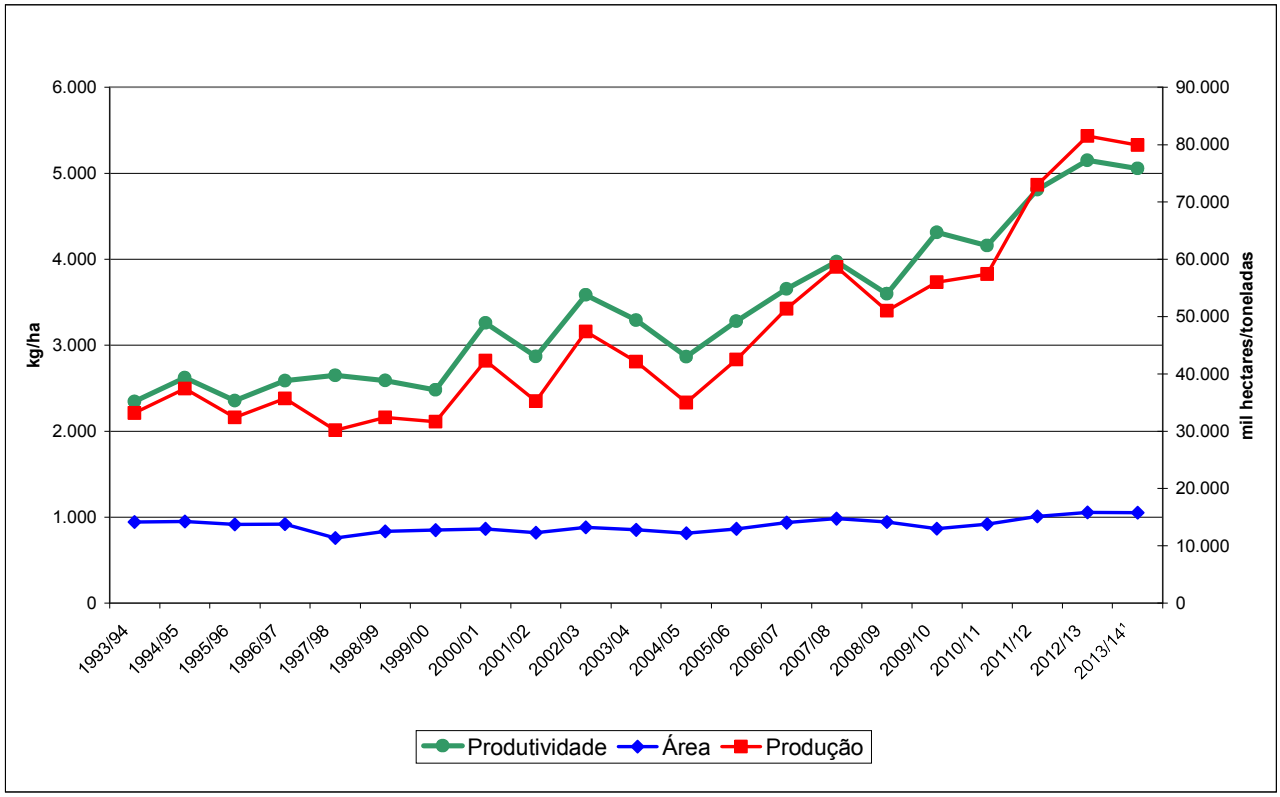
O milho é o cereal mais produzido no mundo, sendo cultivado em quase todos os países do mundo. Só esta informação já mostra o tamanho da variação genética que esta cultura possui, cultivado em diversas condições de clima e manejo.

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), na safra 2013/14 a produção mundial deve chegar a 981 milhões de toneladas do grão. Os americanos são soberanos na produção do cereal e consomem cerca de 85% do que produzem. Aproximadamente 10% da sua produção é exportada, mesmo assim é o maior exportador de milho do mundo. O forte consumo se deve, principalmente, à alta demanda para a produção de etanol. Apenas um terço da produção é destinada para este fim.

O Brasil, terceiro maior produtor mundial, deve finalizar esta safra com colheita de quase 80 milhões de toneladas e com consumo interno de menos de 55 milhões de toneladas. Neste contexto, com uma previsão de exportação de 21 milhões de toneladas, o Brasil continua sendo o segundo maior exportador do cereal.

É importante destacar que, o que permitiu elevar o país a este patamar em produção e exportação de milho foi o contínuo aumento do uso de tecnologia no país e proporcionou ganhos de produtividade recordes. Para efeito de parâmetro, a área cultivada aumentou 11,7% nos últimos 20 anos e a produção 140,9%. O ganho de produtividade foi de 115,7%. O Gráfico abaixo mostra bem essa correlação entre o aumento de produtividade e o aumento de produção, praticamente mantendo a área plantada.

Gráfico 35 – Evolução da área, produtividade e produção brasileira de milho total (1ª e 2ª safras)



Fonte: Conab.

Além do uso de tecnologia mais avançada por produtores tradicionalmente mais tecnificados, seja ela com sementes mais produtivas, variedades resistentes a pragas e/ou tolerantes a doenças, adubação localizada e direcionada de acordo com análise de solo e exigência da planta, entre outros, é importante ressaltar o aumento da difusão de tecnologia, seja pelo setor público quanto pelo privado. Isso proporcionou que mais produtores tivessem acesso a um maior uso das tecnologias disponíveis. Como parâmetro, pode-se visualizar na Tabela a seguir os ganhos de produtividade nas diferentes regiões.

Tabela 66 – Ganho de produtividade, por região, a cada dez safras

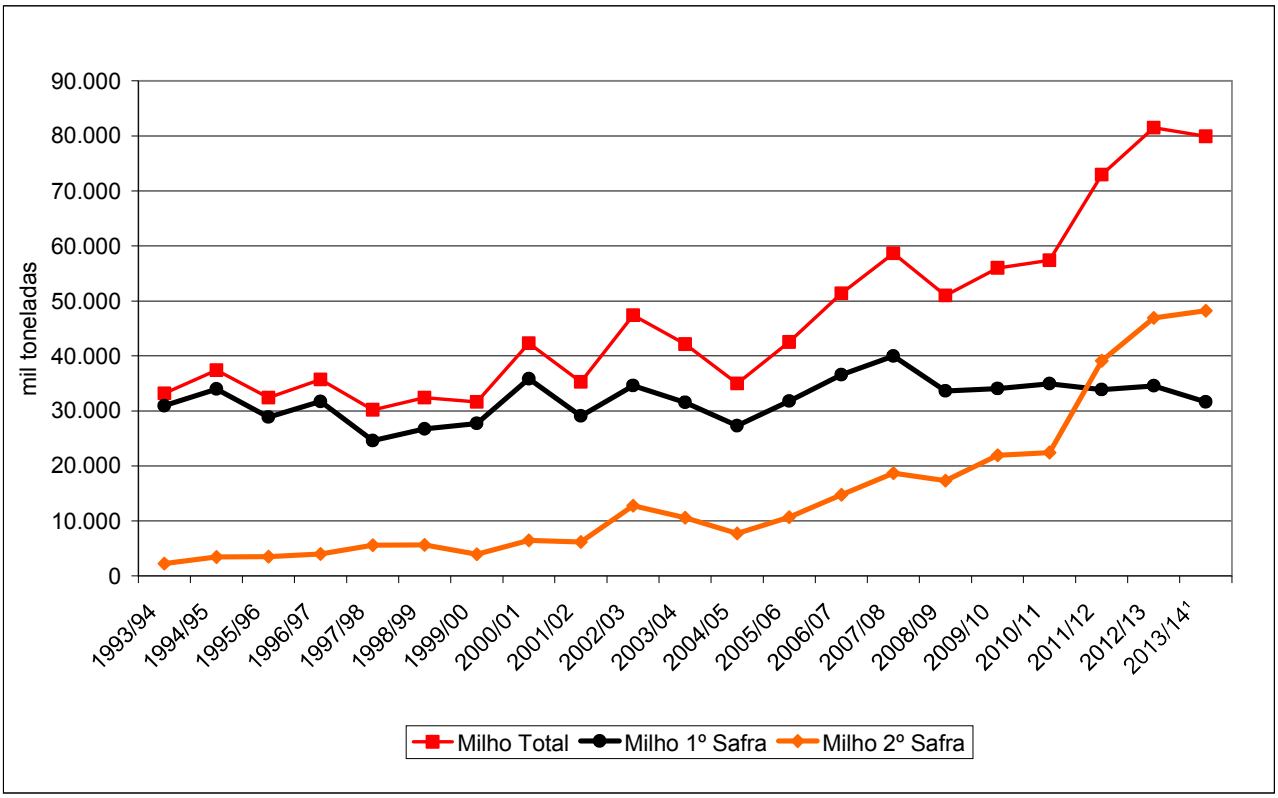
Região	**1993/94 a 2003/04**	**2003/04 a 2013/14**
Norte	21,83%	72,03%
Nordeste	31,10%	142,99%
Centro-Oeste	32,42%	40,27%
Sudeste	67,73%	17,92%
Sul	35,34%	54,51%
Norte/Nordeste	**30,59%**	**125,38%**
Centro-Sul	**43,04%**	**40,25%**
Brasil	**40,40%**	**53,66%**

Fonte:Conab.

Esse acesso às novas tecnologias nas diversas regiões do país é notório pelo aumento de produtividade na última década nas Regiões Norte e Nordeste, 72,03% e 142,99%, respectivamente, sobretudo, influenciada pelos ganhos de produtividade nos estados do MATOPIBA, Rondônia, Pará e Sergipe, que são responsáveis por mais de 90% da produção da Região Norte/Nordeste.

Outro aspecto a ser destacado é o aumento do cultivo de milho segunda safra em detrimento ao milho primeira safra na Região Centro-Sul, no MATOPIBA e Rondônia. O milho segunda safra é, na sua maior parte, cultivado em área de soja primeira safra, o que proporciona aumento de produção numa mesma quantidade de área. Na safra 2011/12, pela primeira vez, a produção de milho segunda safra foi maior do que o de primeira safra e tem se mantido até a safra atual. Isto já era uma tendência na última década e, em virtude do aumento de área de segunda safra e manutenção/decréscimo da primeira safra, deve permanecer no país.

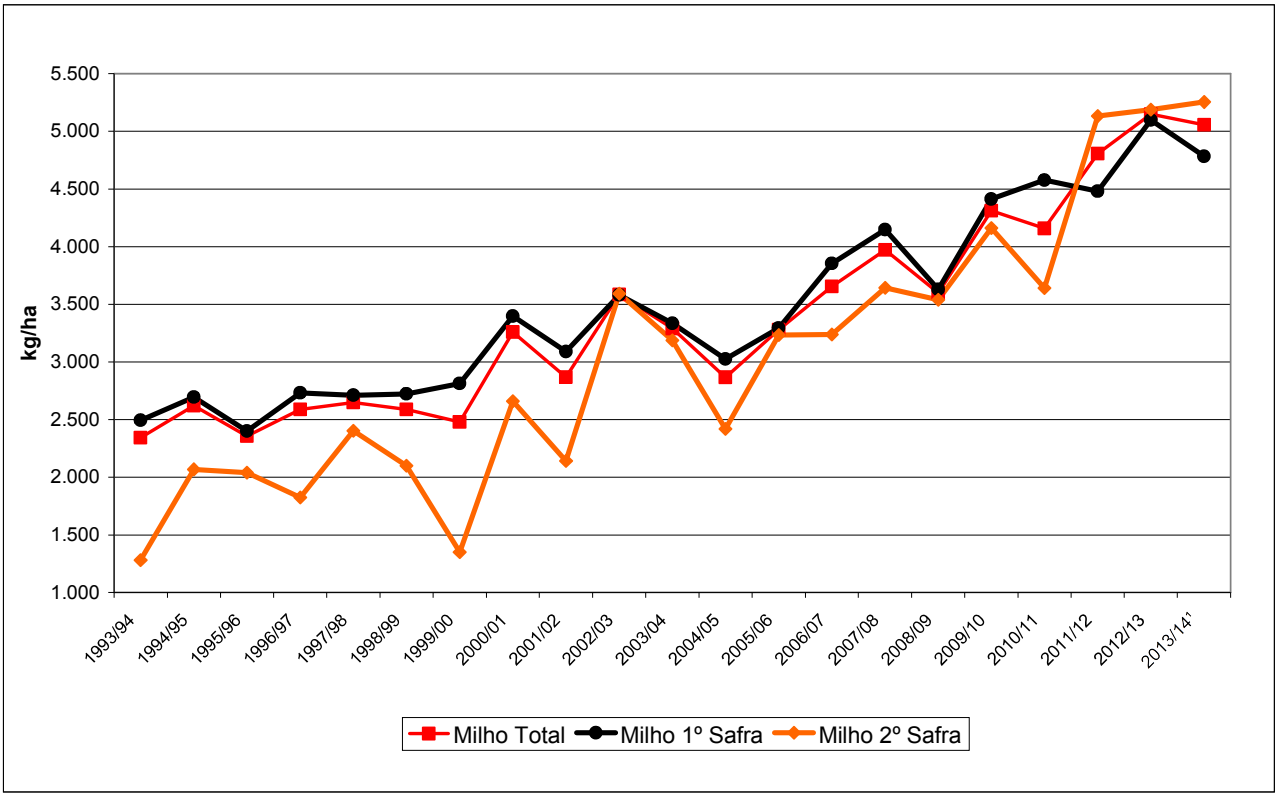
Gráfico 36 – Evolução da produção brasileira de milho (primeira safra, segunda safra e total)



Fonte: Conab.

Apesar da safrinha ser um ambiente de menor potencial produtivo, dificilmente esse quadro será revertido, visto que até a produtividade por hectare da segunda safra tem sido maior nas três últimas safras, além de permitir cultivar duas vezes na mesma área dentro do mesmo ano agrícola, sem necessidade de irrigação.

Gráfico 37 – Evolução da produtividade brasileira de milho (primeira safra, segunda safra e total)



Fonte: Conab.

12.1.7.1. Milho primeira safra

A área semeada com milho primeira safra, em 2013/14, foi estimada de 6,4 a 6,6 milhões de hectares em outubro/2014. Em função da expectativa de preços mais baixos nesta época do ano e excedente de oferta, a cultura provavelmente perderia área para a soja que estava com maior liquidez e expectativa de preços mais remuneradores. Os preços internacionais e nacionais evidenciavam, nesta época, tendência de queda que se acentuaram ainda mais com a aceleração da entrada do produto norte-americano no mercado e com o andamento normal do plantio da safra sul-americana 2013/14.

Em novembro, a expectativa de redução de área de milho primeira safra em detrimento ao aumento da área de soja se confirmava e, neste último levantamento da safra 2013/14, a área se consolidou em 6,6 milhões de hectares, dentro da expectativa prevista no início da safra 2013/14.

A produção brasileira de milho primeira safra foi estimada entre 32,3 e 33,4 milhões de toneladas, se consolidou em 31,7 milhões de toneladas, ou seja, abaixo da expectativa inicial. Isto ocorreu porque, até o final de dezembro/2014 as precipitações se encontravam na normalidade e não havia nenhum impacto no milho por falta de umidade no solo. Em razão de não haver elementos que evidenciam uma quebra na produtividade brasileira, a variação da produtividade média do país saiu de 5.081 kg/ha no primeiro levantamento (divulgado em outubro) para 5.044 no quarto levantamento (divulgado em janeiro).

Em janeiro, quando os técnicos da Conab foram a campo para o quinto levantamento, as condições climáticas eram totalmente diferentes do mês anterior. Na Região Sul havia má distribuição de chuvas, quando mais de 50% da lavoura se

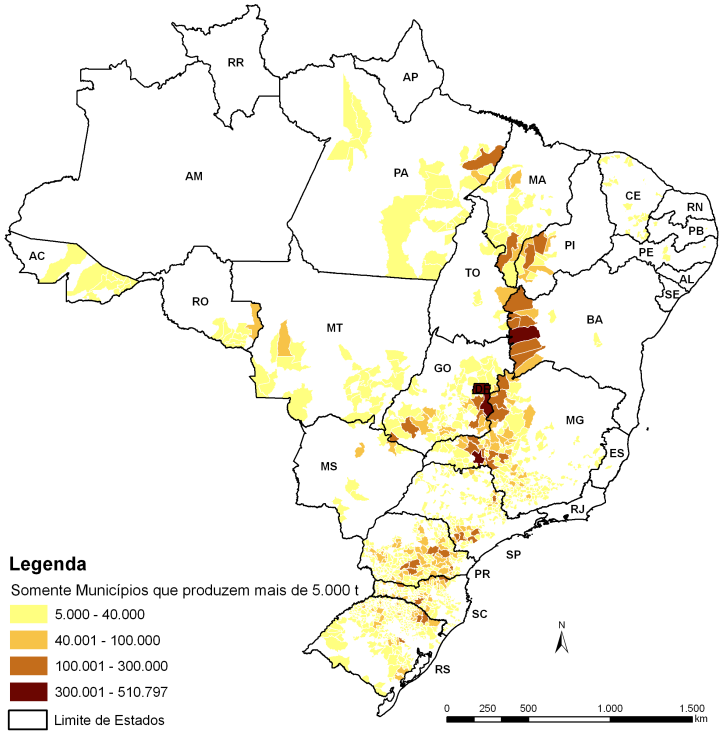
encontrava em períodos críticos para a cultura (floração e enchimento de grãos). Muitas lavouras foram castigadas pela escassez das chuvas, combinando altas temperaturas que persistiu até meados de fevereiro, nos períodos considerados cruciais para o desenvolvimento da lavoura.

No Centro-Oeste as condições eram parecidas, sendo que em Goiás, maior produtor da região, as condições climáticas desfavoráveis coincidindo com a fase reprodutiva da lavoura (formação e enchimento de grãos), fizeram com que a expectativa de produtividade fosse estimada idêntica a da safra anterior (7.633 kg/ha), para uma lavoura com potencial médio acima de 8.000 kg/ha. Acabou se consolidando em 7.544 kg/ha neste levantamento.

Nas Regiões Norte e Nordeste, especificamente na área delimitada como MATOPIBA, enquanto dezembro caracterizou-se como uma fase que apresentou excesso de chuvas, com períodos prolongados de nebulosidade e, como consequência, pouca luminosidade, em janeiro observou-se uma estiagem de aproximadamente vinte dias, atingindo as lavouras em fases sensíveis do seu desenvolvimento vegetativo.

Em março, a produtividade média já havia sido reduzida para 4.883 kg/ha, redução de 3,9% em relação ao primeiro levantamento, por razão das intempéries mencionadas. A produtividade média acabou se consolidando em 4.783 kg/ha, uma redução de 6,3% em relação ao primeiro levantamento.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

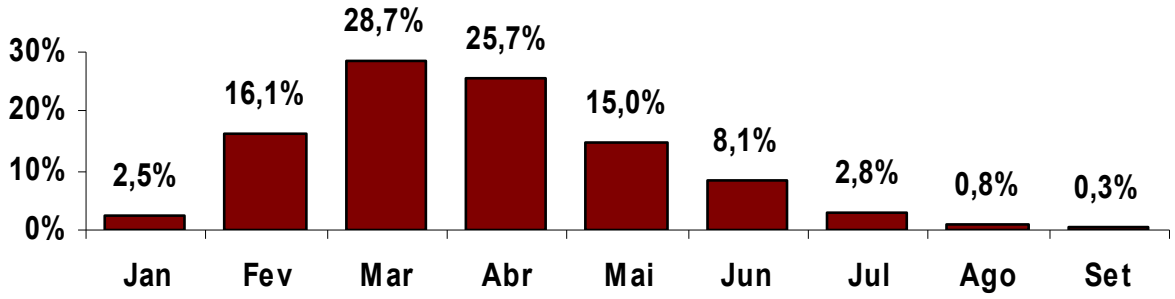
Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C						P	P	P	
RO	P	P	P		C	C	C	C	C			
AC	P	P	P	P	C	C	C	C	C			
AM	P	P			C	C						
AP			P	P	P		C	C	C			
PA	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
TO		P	P		C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	C
PB					P	P	P	P	C	C	C	C
PE							P	P	P	C	C	C
BA	P	P	P	P	C	C	C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C				
MS	P	P	P		C	C	C					
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF	P	P			C	C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
ES		P	P	P	C	C	C	C	C			
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C			P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Gráfico 38 – Distribuição mensal da colheita – Milho primeira safra



Fonte: Conab.

Tabela 67 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**397,8**	**362,2**	**(8,9)**	**2.880**	**2.843**	**(1,3)**	**1.145,6**	**1.029,7**	**(10,1)**
RR	6,5	6,5	-	2.000	923	(53,9)	13,0	6,0	(53,8)
RO	76,6	60,9	(20,5)	2.187	2.035	(7,0)	167,5	123,9	(26,0)
AC	46,1	46,5	0,9	2.421	2.340	(3,3)	111,6	108,8	(2,5)
AM	12,9	11,0	(14,7)	2.390	2.627	9,9	30,8	28,9	(6,2)
AP	2,3	2,2	(4,3)	826	921	11,5	1,9	2,0	5,3
PA	199,1	184,1	(7,5)	2.841	2.916	2,6	565,6	536,8	(5,1)
TO	54,3	51,0	(6,1)	4.700	4.378	(6,9)	255,2	223,3	(12,5)
NORDESTE	**1.695,7**	**2.113,3**	**24,6**	**1.639**	**2.248**	**37,1**	**2.779,8**	**4.750,0**	**70,9**
MA	373,0	379,0	1,6	2.000	2.266	13,3	746,0	858,8	15,1
PI	366,1	371,6	1,5	1.337	2.321	73,6	489,5	862,5	76,2
CE	408,7	480,6	17,6	240	835	247,9	98,1	401,3	309,1
RN	13,3	32,4	143,6	355	633	78,3	4,7	20,5	336,2
PB	53,1	76,6	44,3	496	462	(6,9)	26,3	35,4	34,6
PE	94,5	228,6	141,9	167	411	146,1	15,8	94,0	494,9
BA	387,0	544,5	40,7	3.616	4.550	25,8	1.399,4	2.477,5	77,0
CENTRO-OESTE	**535,8**	**422,2**	**(21,2)**	**7.679**	**7.544**	**(1,8)**	**4.114,4**	**3.184,9**	**(22,6)**
MT	75,6	68,0	(10,0)	7.079	6.209	(12,3)	535,2	422,2	(21,1)
MS	48,0	27,0	(43,8)	7.700	8.350	8,4	369,6	225,5	(39,0)
GO	377,2	288,2	(23,6)	7.633	7.500	(1,7)	2.879,2	2.161,5	(24,9)
DF	35,0	39,0	11,5	9.441	9.634	2,0	330,4	375,7	13,7
SUDESTE	**1.753,4**	**1.552,0**	**(11,5)**	**6.067**	**5.194**	**(14,4)**	**10.637,5**	**8.060,9**	**(24,2)**
MG	1.149,8	1.098,0	(4,5)	5.944	5.230	(12,0)	6.834,4	5.742,5	(16,0)
ES	24,1	22,3	(7,6)	2.547	2.711	6,4	61,4	60,5	(1,5)
RJ	5,9	4,4	(25,0)	2.250	2.332	3,6	13,3	10,3	(22,6)
SP	573,6	427,3	(25,5)	6.500	5.260	(19,1)	3.728,4	2.247,6	(39,7)
SUL	**2.400,4**	**2.168,3**	**(9,7)**	**6.624**	**6.746**	**1,8**	**15.899,4**	**14.627,4**	**(8,0)**
PR	878,1	665,2	(24,3)	8.150	8.156	0,1	7.156,5	5.425,4	(24,2)
SC	489,0	471,9	(3,5)	6.870	7.385	7,5	3.359,4	3.485,0	3,7
RS	1.033,3	1.031,2	(0,2)	5.210	5.544	6,4	5.383,5	5.717,0	6,2
NORTE/NORDESTE	**2.093,5**	**2.475,5**	**18,2**	**1.875**	**2.335**	**24,5**	**3.925,4**	**5.779,7**	**47,2**
CENTRO-SUL	**4.689,6**	**4.142,5**	**(11,7)**	**6.536**	**6.246**	**(4,4)**	**30.651,3**	**25.873,2**	**(15,6)**
BRASIL	**6.783,1**	**6.618,0**	**(2,4)**	**5.097**	**4.783**	**(6,2)**	**34.576,7**	**31.652,9**	**(8,5)**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.7.2. Milho segunda safra

A primeira estimativa da Conab para a segunda safra do milho foi realizada com informações colhidas em janeiro e refletiam um forte grau de incerteza na área a ser plantada. Apesar das condições climáticas favoráveis, o plantio ocorria de forma ainda incipiente nas principais regiões produtoras do país, uma vez que o mesmo se faz simultaneamente após a colheita da soja plantada precocemente. Na ocasião, a estimativa era de redução de 4,8% na área plantada do país, motivada pelas elevações internas e externas das cotações do algodão, ao bom desempenho da comercialização do trigo e da dificuldade de comercialização do milho na safra anterior, além do forte comprometimento que os elevados valores pagos ao frete proporcionava na rentabilidade do cereal nos estados do Centro-Oeste. Essa redução refletia o cenário dos três principais estados produtores, com redução de 5,8% no Mato Grosso, 11% no Paraná e 2,8% no Mato Grosso do Sul.

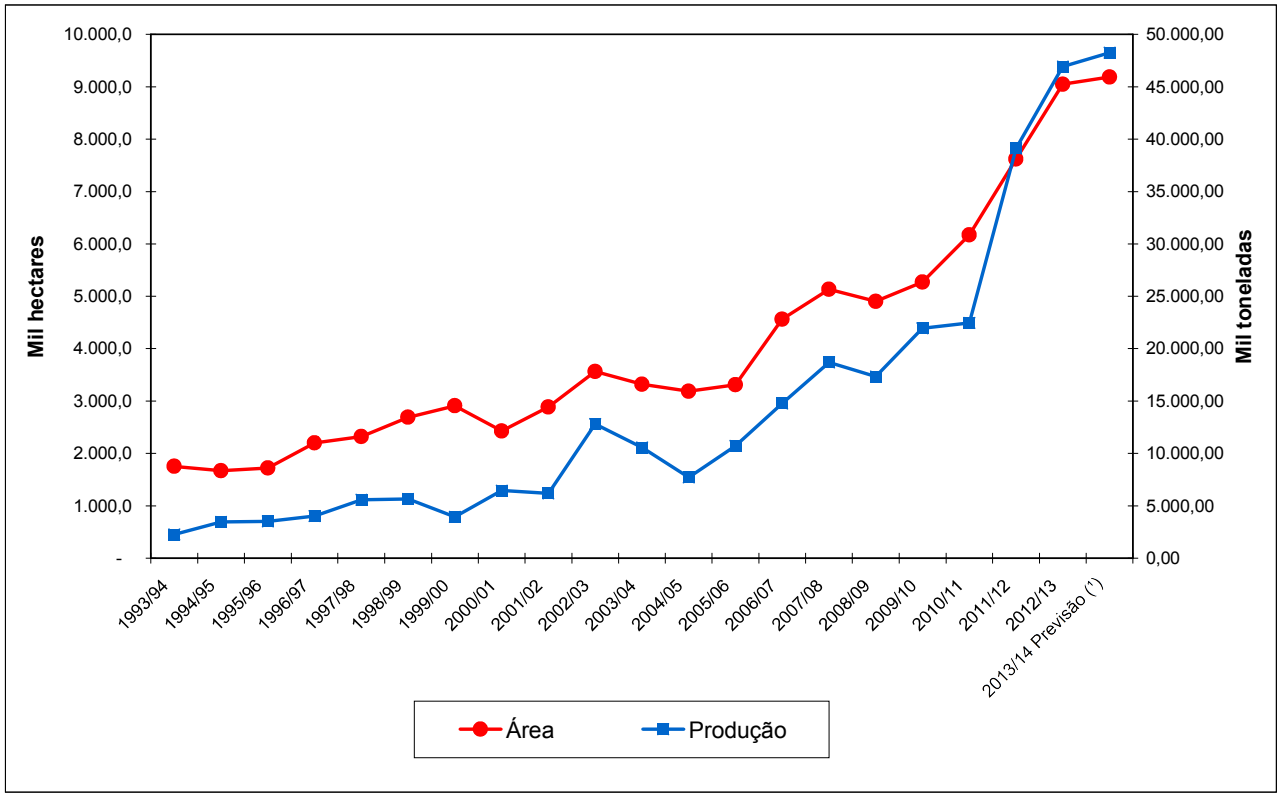
Além do indicativo de forte retração na área plantada, havia também uma previsão de redução na utilização do pacote tecnológico de produção. Com essas expectativas

iniciais, esperava-se que a produtividade brasileira sofreria uma redução de 2,4%, resultando numa produção de 42,8 milhões de toneladas.

No entanto, com encerramento da janela de plantio de algodão no Centro-Oeste, os produtores ficaram sem opção de cultivo e optaram por ocupar as áreas com o cereal, o que resultou numa menor redução quando comparada inicialmente. O Mato Grosso consolidou-se com redução de 3,6% na área plantada, enquanto no Mato Grosso do Sul apresentou um aumento de 4% em relação à safra anterior. O Paraná optou por uma reserva maior de área para o cultivo de trigo e teve uma maior redução de área do que a prevista anteriormente, chegando a 12,4%.

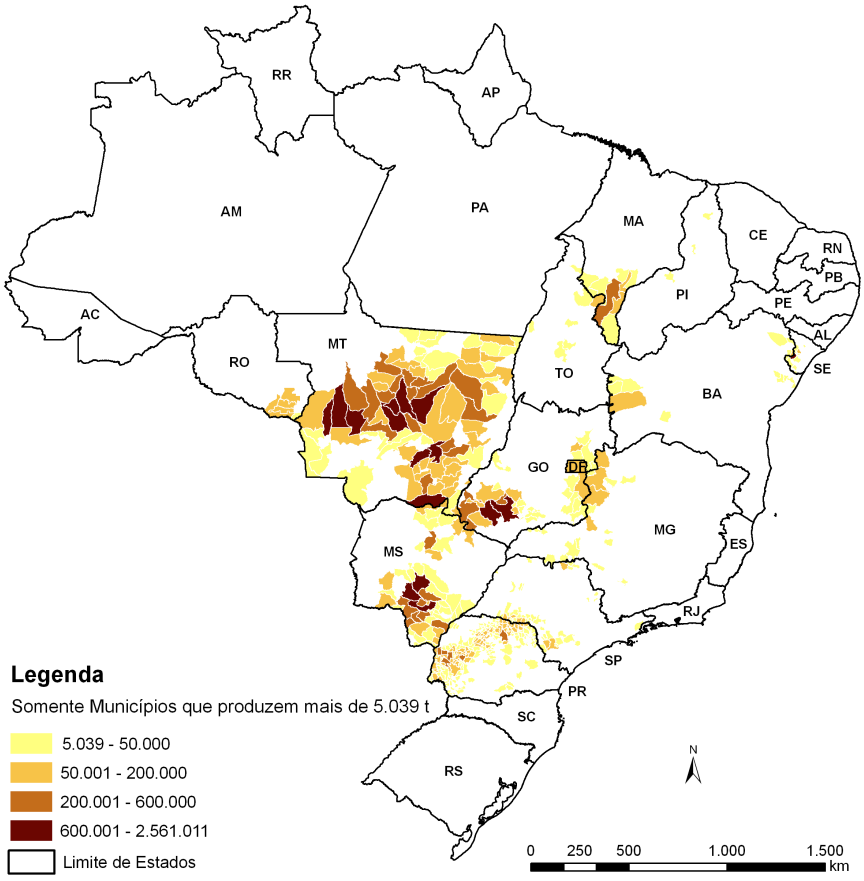
Em função das condições climáticas favoráveis ao longo de todo a fase crítica de desenvolvimento da cultura, a produtividade foi sendo corrigida ao longo dos levantamentos e deve se consolidar em 5.255 kg/ha, ante os 5.008 kg/ha estimados em fevereiro deste ano. Com isso, a produção se consolidou em 48,25 milhões de toneladas, aumento de 2,8% em relação à safra anterior.

Gráfico 39 – Evolução da área e produção brasileira de milho segunda safra



Fonte: Conab.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

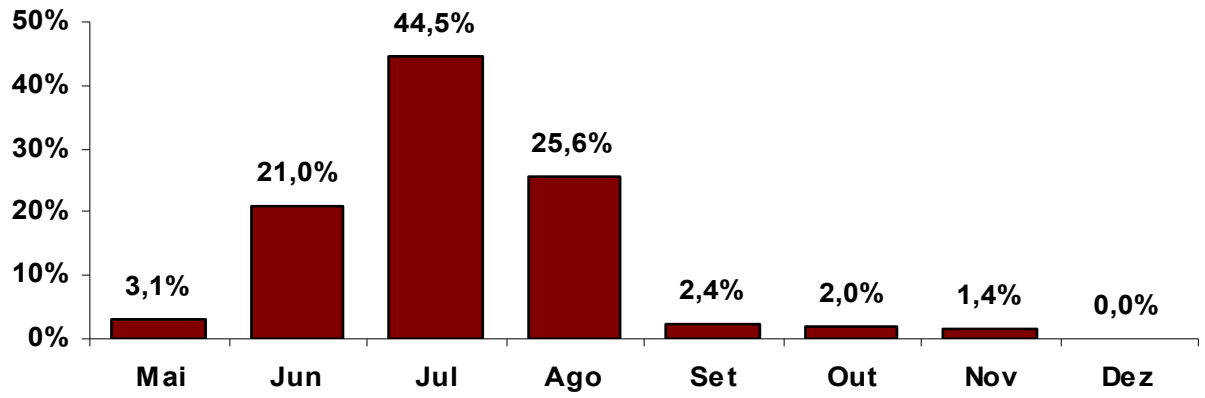
Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO				P	P	P			C	C	C	
AM							P	P			C	C
TO					P	P				C		
Nordeste												
MA					P	P			C	C		
PI					P	P	P	C	C	C		
PE	C	C					P	P	P	P	C	C
AL	C	C					P	P	P	P	C	C
SE	C	C						P	P	P	C	C
BA	C	C	C					P	P	P		C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P			C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P			C	C	C	
SP				P	P	P		C	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Distribuição mensal da colheita – Milho segunda safra



Fonte: Conab.

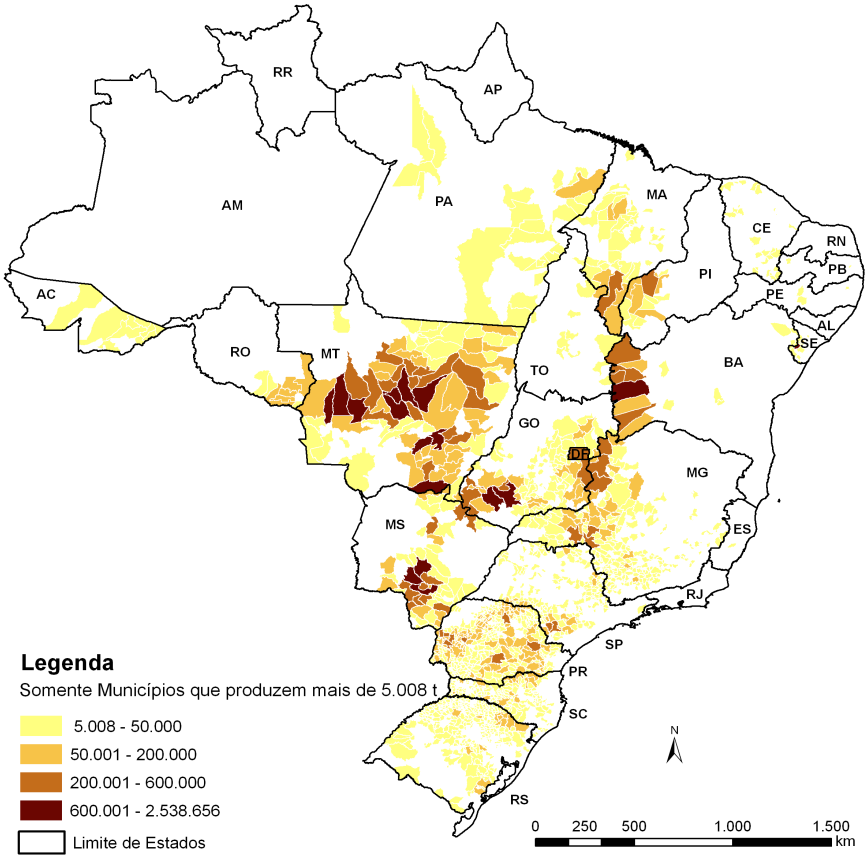
Tabela 68 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**130,5**	**189,3**	**45,1**	**4.036**	**4.183**	**3,6**	**526,6**	**791,8**	**50,4**
RO	89,6	88,4	(1,3)	3.728	3.751	0,6	334,0	331,6	(0,7)
TO	40,9	100,9	146,7	4.710	4.561	(3,2)	192,6	460,2	138,9
NORDESTE	**629,8**	**786,4**	**24,9**	**3.303**	**3.592**	**8,8**	**2.080,0**	**2.824,5**	**35,8**
MA	133,7	227,4	70,1	4.214	3.813	(9,5)	563,4	867,1	53,9
PI	13,7	33,4	143,8	3.891	4.998	28,5	53,3	166,9	213,1
AL	34,4	31,0	(10,0)	637	887	39,2	21,9	27,5	25,6
SE	206,6	226,6	9,7	4.557	4.670	2,5	941,5	1.058,2	12,4
BA	241,4	268,0	11,0	2.071	2.630	27,0	499,9	704,8	41,0
CENTRO-OESTE	**5.667,1**	**5.751,5**	**1,5**	**5.611**	**5.516**	**(1,7)**	**31.796,2**	**31.722,5**	**(0,2)**
MT	3.349,1	3.230,2	(3,6)	5.780	5.457	(5,6)	19.357,8	17.627,2	(8,9)
MS	1.461,0	1.519,0	4,0	5.100	5.140	0,8	7.451,1	7.807,7	4,8
GO	838,6	952,3	13,6	5.744	6.130	6,7	4.816,9	5.837,6	21,2
DF	18,4	50,0	172,0	9.261	9.000	(2,8)	170,4	450,0	164,1
SUDESTE	**449,6**	**554,5**	**23,3**	**4.538**	**4.810**	**6,0**	**2.040,2**	**2.667,4**	**30,7**
MG	118,8	228,0	91,9	5.200	5.265	1,3	617,8	1.200,4	94,3
SP	330,8	326,5	(1,3)	4.300	4.493	4,5	1.422,4	1.467,0	3,1
SUL	**2.169,2**	**1.901,0**	**(12,4)**	**4.834**	**5.390**	**11,5**	**10.485,9**	**10.246,4**	**(2,3)**
PR	2.169,2	1.901,0	(12,4)	4.834	5.390	11,5	10.485,9	10.246,4	(2,3)
NORTE/NORDESTE	**760,3**	**975,7**	**28,3**	**3.429**	**3.706**	**8,1**	**2.606,6**	**3.616,3**	**38,7**
CENTRO-SUL	**8.285,9**	**8.207,0**	**(1,0)**	**5.349**	**5.439**	**1,7**	**44.322,3**	**44.636,3**	**0,7**
BRASIL	**9.046,2**	**9.182,7**	**1,5**	**5.188**	**5.255**	**1,3**	**46.928,9**	**48.252,6**	**2,8**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.7.3. Milho total

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 69 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**528,3**	**551,5**	**4,4**	**3.166**	**3.303**	**4,3**	**1.672,3**	**1.821,5**	**8,9**
RR	6,5	6,5	-	2.000	923	(53,9)	13,0	6,0	(53,8)
RO	166,2	149,3	(10,2)	3.018	3.051	1,1	501,6	455,5	(9,2)
AC	46,1	46,5	0,9	2.421	2.340	(3,3)	111,6	108,8	(2,5)
AM	12,9	11,0	(14,7)	2.390	2.627	9,9	30,8	28,9	(6,2)
AP	2,3	2,2	(4,3)	826	921	11,5	1,9	2,0	5,3
PA	199,1	184,1	(7,5)	2.841	2.916	2,6	565,6	536,8	(5,1)
TO	95,2	151,9	59,6	4.704	4.500	(4,4)	447,8	683,5	52,6
NORDESTE	**2.325,5**	**2.899,7**	**24,7**	**2.090**	**2.612**	**25,0**	**4.859,8**	**7.574,5**	**55,9**
MA	506,7	606,4	19,7	2.584	2.846	10,1	1.309,4	1.725,9	31,8
PI	379,8	405,0	6,6	1.429	2.542	77,9	542,8	1.029,4	89,6
CE	408,7	480,6	17,6	240	835	247,9	98,1	401,3	309,1
RN	13,3	32,4	143,6	355	633	78,3	4,7	20,5	336,2
PB	53,1	76,6	44,3	496	462	(6,9)	26,3	35,4	34,6
PE	94,5	228,6	141,9	167	411	146,1	15,8	94,0	494,9
AL	34,4	31,0	(9,9)	637	887	39,2	21,9	27,5	25,6
SE	206,6	226,6	9,7	4.557	4.670	2,5	941,5	1.058,2	12,4
BA	628,4	812,5	29,3	3.022	3.917	29,6	1.899,3	3.182,3	67,6
CENTRO-OESTE	**6.202,9**	**6.173,7**	**(0,5)**	**5.789**	**5.654**	**(2,3)**	**35.910,6**	**34.907,3**	**(2,8)**
MT	3.424,7	3.298,2	(3,7)	5.809	5.473	(5,8)	19.893,0	18.049,4	(9,3)
MS	1.509,0	1.546,0	2,5	5.183	5.196	0,3	7.820,7	8.033,1	2,7
GO	1.215,8	1.240,5	2,0	6.330	6.448	1,9	7.696,1	7.999,1	3,9
DF	53,4	89,0	66,7	9.379	9.278	(1,1)	500,8	825,7	64,9
SUDESTE	**2.203,0**	**2.106,5**	**(4,4)**	**5.755**	**5.093**	**(11,5)**	**12.677,7**	**10.728,4**	**(15,4)**
MG	1.268,6	1.326,0	4,5	5.874	5.236	(10,9)	7.452,2	6.943,0	(6,8)
ES	24,1	22,3	(7,5)	2.547	2.711	6,4	61,4	60,5	(1,5)
RJ	5,9	4,4	(25,4)	2.250	2.332	3,6	13,3	10,3	(22,6)
SP	904,4	753,8	(16,7)	5.695	4.928	(13,5)	5.150,8	3.714,6	(27,9)
SUL	**4.569,6**	**4.069,3**	**(10,9)**	**5.774**	**6.113**	**5,9**	**26.385,3**	**24.873,8**	**(5,7)**
PR	3.047,3	2.566,2	(15,8)	5.790	6.107	5,5	17.642,4	15.671,8	(11,2)
SC	489,0	471,9	(3,5)	6.870	7.385	7,5	3.359,4	3.485,0	3,7
RS	1.033,3	1.031,2	(0,2)	5.210	5.544	6,4	5.383,5	5.717,0	6,2
NORTE/NORDESTE	**2.853,8**	**3.451,2**	**20,9**	**2.289**	**2.723**	**18,9**	**6.532,1**	**9.396,0**	**43,8**
CENTRO-SUL	**12.975,5**	**12.349,5**	**(4,8)**	**5.778**	**5.709**	**(1,2)**	**74.973,6**	**70.509,5**	**(6,0)**
BRASIL	**15.829,3**	**15.800,7**	**(0,2)**	**5.149**	**5.057**	**(1,8)**	**81.505,7**	**79.905,5**	**(2,0)**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.1.7.4. Oferta e demanda

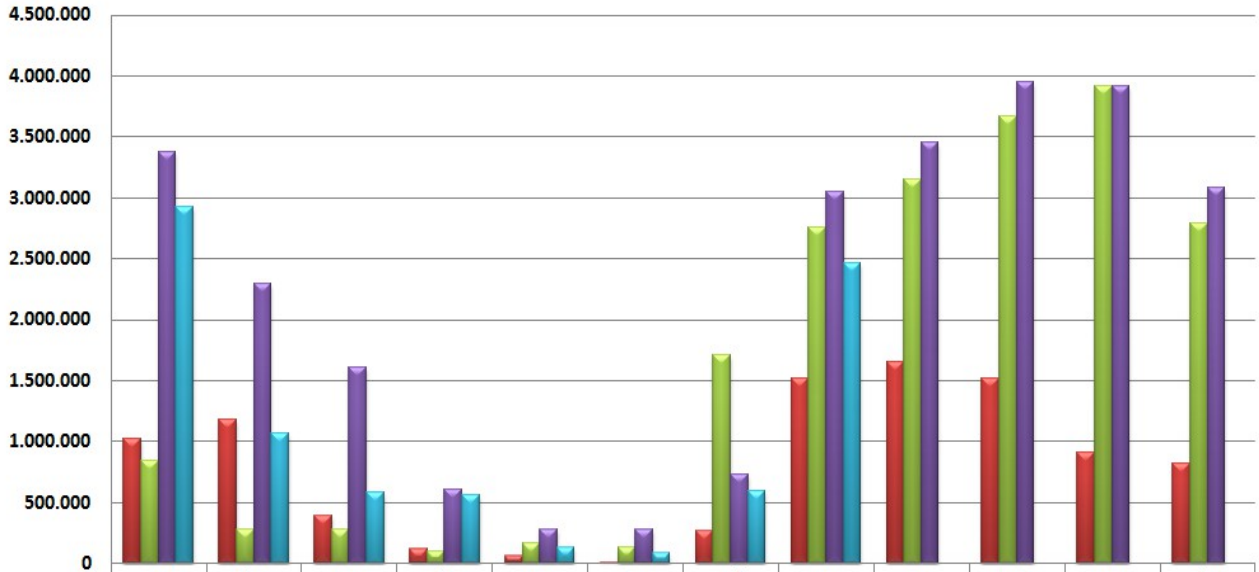
Os preços de milho no mercado internacional trabalharam em patamares baixos que variaram de US$ 3,50 a 3,60/bushel (US$ 138,00 a 142,00/t). Apesar de um ajuste no quadro de oferta e demanda de agosto, publicado pelo USDA, menor do que esperava o mercado, a expectativa de uma supersafra nos Estados Unidos tem mantido essa pressão sobre as cotações na Bolsa de Chicago.

Este fato, somado ao alto volume de milho disponível internamente, tem influenciado os preços domésticos do milho no Brasil, que se encontra em diversos estados produtores como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e a Região do MATOPIBA, abaixo do preço mínimo.

Diante disso, em agosto, foram realizados dois leilões de Pepro, com oferta de 2,8 milhões de toneladas e uma negociação de 89,58%.

As exportações de agosto fecharam em 2,46 milhões de toneladas, mostrando um aumento significativo em relação ao mês anterior, sendo este, um comportamento normal para o mercado do milho brasileiro. Porém, o volume exportado foi 19,39% inferior quando se compara a agosto de 2013 e, por essa razão, estima-se que a exportação total do Brasil para esta safra deverá se manter em 21 milhões de toneladas, não vislumbrando, até o momento, que se alcance o número exportado de milho na safra anterior.

Gráfico 41 – Exportações brasileiras de milho de jan/2011 a ago/2014 (toneladas)



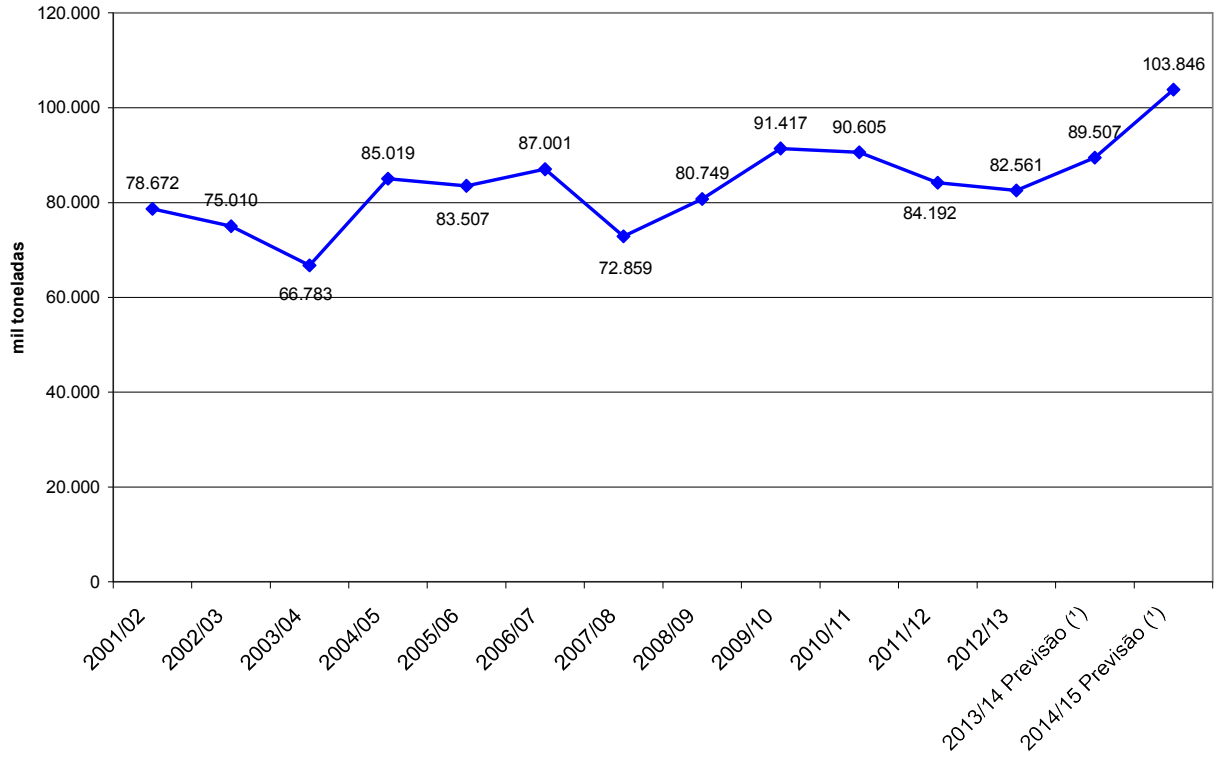
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
2011	1.022.770	1.182.557	390.178	116.916	60.088	11.094	270.981	1.521.948	1.647.995	1.518.671	907.359	814.286
2012	846.905	276.560	278.288	103.640	165.732	134.900	1.704.900	2.761.273	3.147.006	3.662.501	3.915.677	2.794.453
2013	3.372.046	2.294.784	1.609.670	608.751	275.865	276.675	733.398	3.049.100	3.450.100	3.953.300	3.911.900	3.084.900
2014	2.925.600	1.063.100	579.106	562.400	126.500	88.117	592.152	2.457.800				

Fonte: SECEX

12.1.8. Soja

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), projetou para o exercício 2014/15 uma safra americana, próxima dos 104,0 milhões de toneladas. A estimativa e o bom desenvolvimento das lavouras até o momento, tem contribuído para que o mercado amplie a pressão sobre as cotações internacionais do produto. A colheita da soja já teve início na Região Sul do cinturão produtor dos EUA, e o aumento da oferta mundial poderá contribuir para uma maior desvalorização das cotações, coincidindo com as intenções de plantio da oleaginosa na América do Sul.

Gráfico 42 – Evolução da área de soja dos EUA



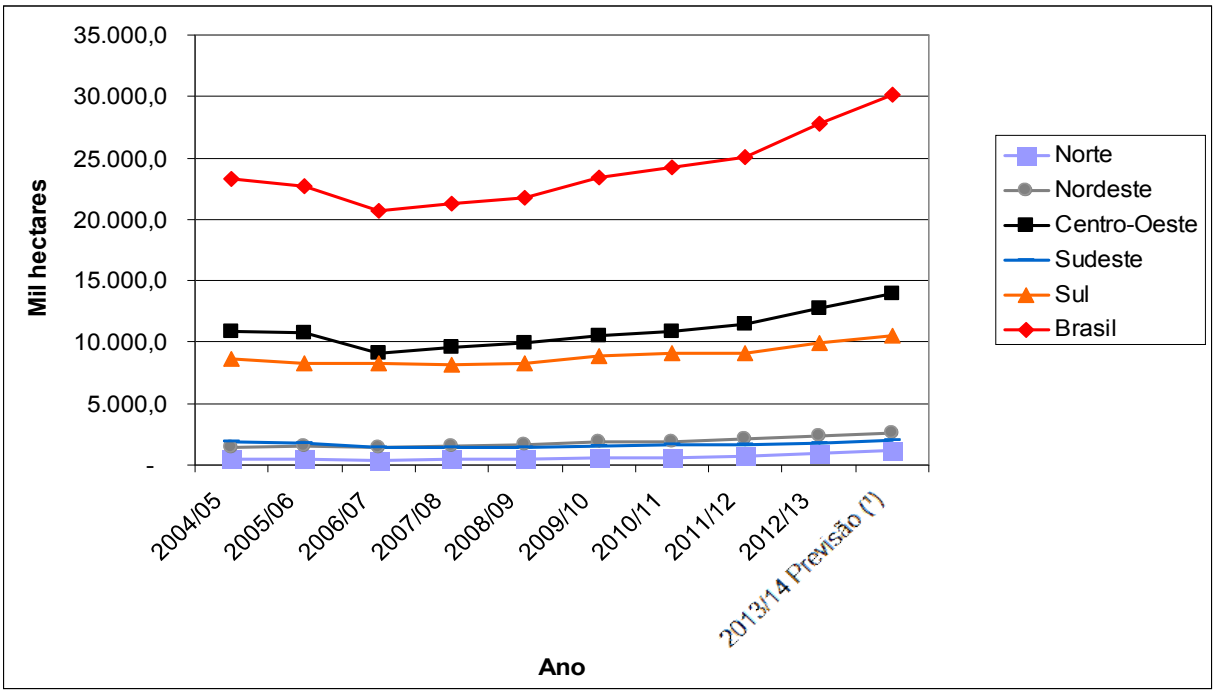
Fonte: USDA.

Dois fatores, no entanto, podem ainda dar suporte as cotações internacionais do produto. De acordo com analistas do setor, uma eventual reação nos preços poderá ser estimulada pelo reaquecimento da demanda especialmente chinesa, além das preocupações com o clima seco em importantes regiões produtoras dos Estados Unidos. De uma maneira geral, há uma expectativa de que apesar de um expressivo crescimento da produção norte-americana nesta temporada, a demanda também deve permanecer aquecida, atuando como um limitador de queda para os preços.

No Brasil, a safra de soja na atual temporada atual, atingiu 86.120,8 mil toneladas, representando um incremento de 5,7% em relação à safra anterior. A estimativa atual apresentou ajustes em relação às divulgações anteriores devido a problemas relacionados com o clima por ocasião do desenvolvimento da lavoura e colheita do produto e também pelo fraco desempenho da segunda safra de soja, em importantes estados produtores.

A maior área plantada com a oleaginosa 13.909,4 mil hectares, ocorreu na Região Centro-Oeste, apresentando nesta temporada, um incremento de 8,9% sobre o exercício anterior, gerando uma produção de 41.800,5 mil toneladas. A continuidade desse incremento regional no entanto, apresenta um certo nível de incerteza. Apesar dos preços internos terem apresentado elevação nos últimos anos, compensando a maior parte dos aumentos nos custos, o comportamento desses preços a partir do segundo semestre deste ano, já provoca o receio de que essa tendência não se reproduza.

Gráfico 43 – Área plantada por regiões

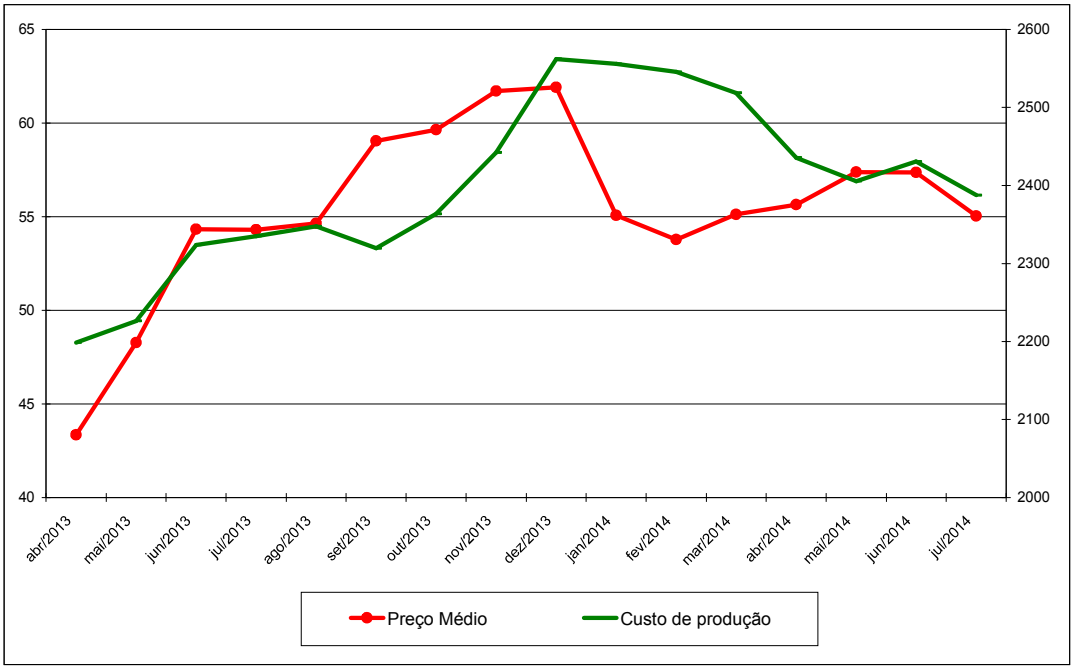


Fonte: Conab.

A rentabilidade alcançada pelo produtor brasileiro nas safras 2011/12 e 2012/13, apresentou níveis significativos em função dos elevados patamares de preços, que refletiram a redução na oferta mundial (quebras nas safras da América do Sul e Estados Unidos), enquanto a demanda internacional continuava crescente. Na safra atual, a demanda pela soja em grão e pelo farelo, continuou sustentando os preços da oleaginosa no mercado nacional, mas a queda observada nos preços da soja em Chicago a partir do segundo semestre, trouxe reflexos nas negociações internas, sendo notado atualmente, uma certa lentidão no ritmo dos negócios, numa região que já é bastante afetada pelo impacto da elevação dos fretes, acrescidos nos últimos meses pelos custos dos fertilizantes e defensivos.

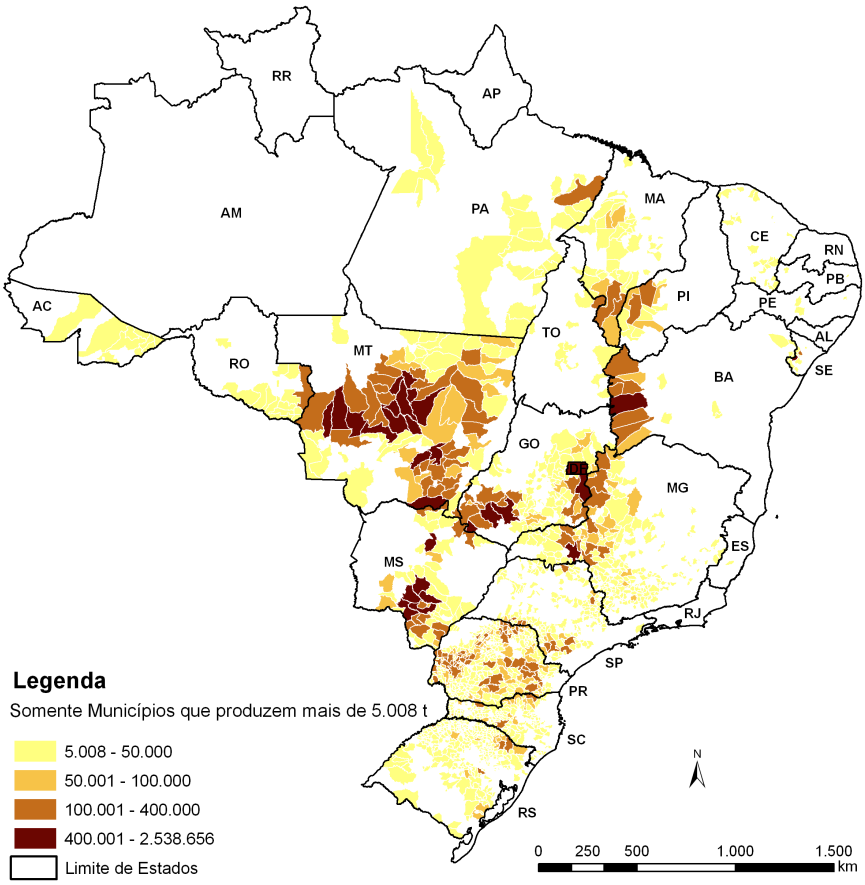
Esse quadro tem criado um travamento das negociações. Os produtores não aceitam vender aos preços atuais, considerados baixos quando comparados com os ocorridos nos meses anteriores, enquanto os compradores estão retraídos com expectativas de que as cotações cedam ainda mais neste segundo semestre, diante dos níveis decrescentes observados nos contratos de Chicago.

Gráfico 44 – Preço da soja no mercado interno (em R$)



Fonte: IMEA e Agrolink.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.

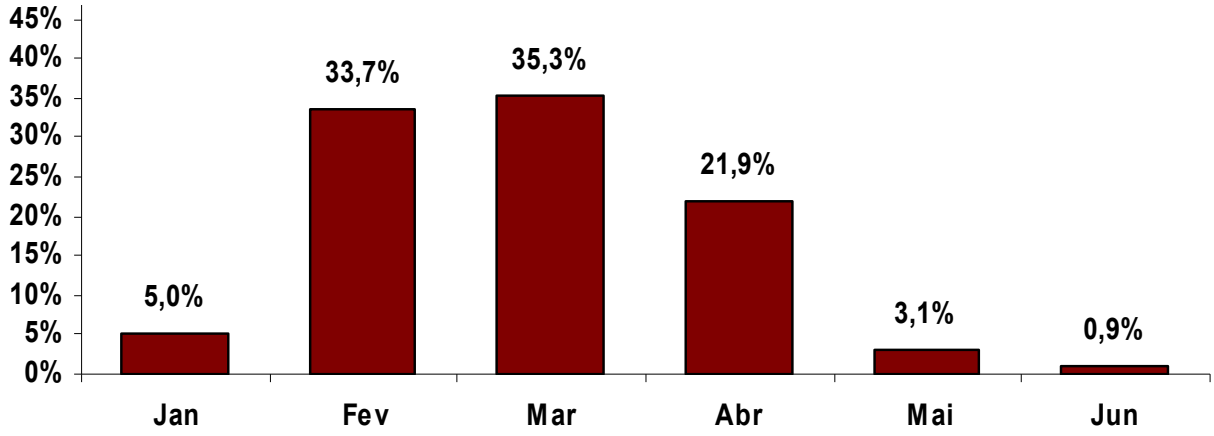
Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR								P	P			C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA		P	P	P	C	C	C	C				
PI		P	P	P	C	C	C	C				
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C					
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P	C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Distribuição mensal da colheita – Soja



Fonte: Conab.

Tabela 70 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**901,5**	**1.178,9**	**30,8**	**2.952**	**2.877**	**(2,6)**	**2.661,5**	**3.391,3**	**27,4**
RR	12,0	18,0	50,0	2.800	3.120	11,4	33,6	56,2	67,3
RO	167,7	191,1	14,0	3.216	3.180	(1,1)	539,3	607,7	12,7
PA	172,2	221,4	28,6	3.207	3.020	(5,8)	552,2	668,6	21,1
TO	549,6	748,4	36,2	2.796	2.751	(1,6)	1.536,4	2.058,8	34,0
NORDESTE	**2.414,3**	**2.602,2**	**7,8**	**2.193**	**2.544**	**16,0**	**5.294,8**	**6.620,9**	**25,0**
MA	586,0	662,2	13,0	2.877	2.754	(4,3)	1.685,9	1.823,7	8,2
PI	546,4	627,3	14,8	1.678	2.374	41,5	916,9	1.489,2	62,4
BA	1.281,9	1.312,7	2,4	2.100	2.520	20,0	2.692,0	3.308,0	22,9
CENTRO-OESTE	**12.778,2**	**13.909,4**	**8,9**	**2.981**	**3.005**	**0,8**	**38.091,4**	**41.800,5**	**9,7**
MT	7.818,2	8.615,7	10,2	3.010	3.069	2,0	23.532,8	26.441,6	12,4
MS	2.017,0	2.120,0	5,1	2.880	2.900	0,7	5.809,0	6.148,0	5,8
GO	2.888,0	3.101,7	7,4	2.965	2.900	(2,2)	8.562,9	8.994,9	5,0
DF	55,0	72,0	30,9	3.395	3.000	(11,6)	186,7	216,0	15,7
SUDESTE	**1.758,2**	**1.989,9**	**13,2**	**3.086**	**2.520**	**(18,3)**	**5.425,9**	**5.015,3**	**(7,6)**
MG	1.121,2	1.238,2	10,4	3.010	2.687	(10,7)	3.374,8	3.327,0	(1,4)
SP	637,0	751,7	18,0	3.220	2.246	(30,2)	2.051,1	1.688,3	(17,7)
SUL	**9.883,9**	**10.492,7**	**6,2**	**3.038**	**2.792**	**(8,1)**	**30.025,8**	**29.292,8**	**(2,4)**
PR	4.752,8	5.010,4	5,4	3.348	2.950	(11,9)	15.912,4	14.780,7	(7,1)
SC	512,5	542,7	5,9	3.080	3.030	(1,6)	1.578,5	1.644,4	4,2
RS	4.618,6	4.939,6	7,0	2.714	2.605	(4,0)	12.534,9	12.867,7	2,7
NORTE/NORDESTE	**3.315,8**	**3.781,1**	**14,0**	**2.400**	**2.648**	**10,4**	**7.956,3**	**10.012,2**	**25,8**
CENTRO-SUL	**24.420,3**	**26.392,0**	**8,1**	**3.012**	**2.884**	**(4,2)**	**73.543,1**	**76.108,6**	**3,5**
BRASIL	**27.736,1**	**30.173,1**	**8,8**	**2.938**	**2.854**	**(2,9)**	**81.499,4**	**86.120,8**	**5,7**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.
Obs: Inclusão da área da 2ª safra
1. No Paraná 106,6 mil hectares - (plantio em fevereiro e março)
2. Em Tocantins 53,4 mil hectares - subirrigada p/semente (plantio em maio)
3. Em Mato Grosso 159,0 mil hectares - (plantio em fevereiro e início de março)

12.1.8.1. Oferta e demanda

As cotações de soja na Bolsa de Chicago tiveram expressivas quedas em agosto, diante da expectativa de safra recorde a ser colhida no Meio Oeste dos Estados Unidos, podendo superar as 103,9 milhões de toneladas que foram divulgadas no último relatório do Usda.

Assim, os preços saíram de US$ 12,15/bushel (US$ 446,44/t) para US$ 10,89/bushel (US$ 400,32/t), uma das menores cotações desde 2010.

Mesmo neste cenário baixista, as cotações internas da soja trabalham, em período de entressafra, com preços de R$ 51,00 a 60,00/60 kg no Mato Grosso. Situação de preços muito similar ao ocorrido no mesmo período do ano anterior.

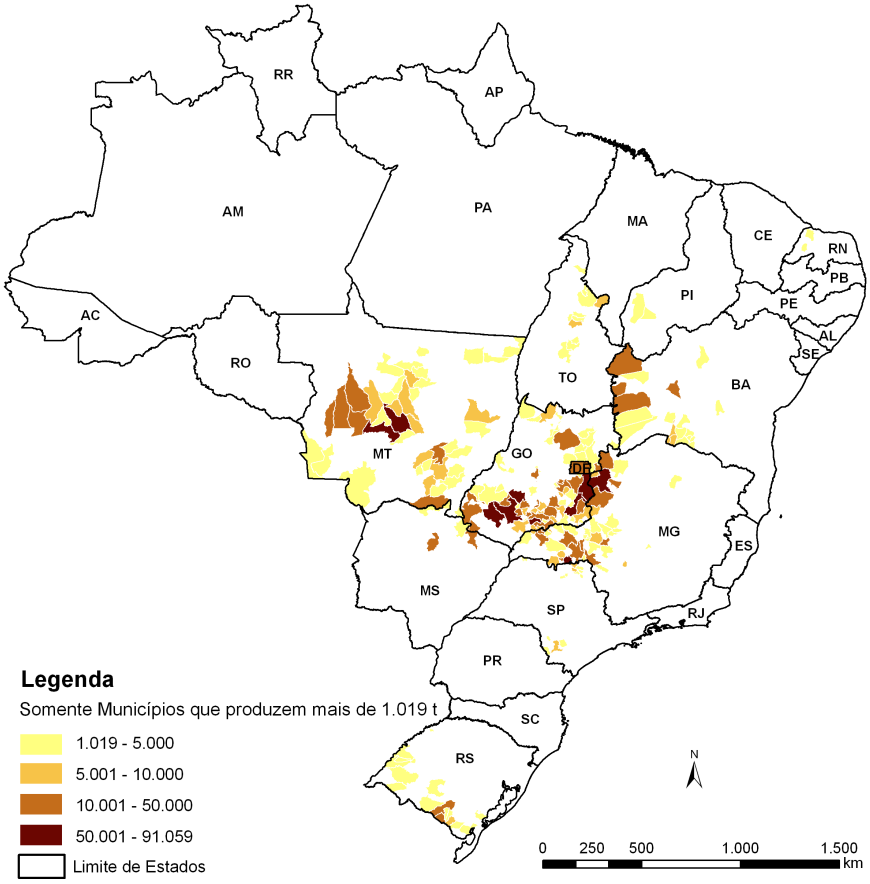
Todavia, em Paranaguá, as cotações trabalharam com valores acima de R$ 70,00/60 kg em agosto do ano passado e, neste ano, estão próximas de R$ 65,00/60 kg.

Salienta-se ainda que, para a safra atual, os fretes de soja estão mais baixos, o que interfere diretamente na formação de preços na praça produtora.

As exportações de agosto fecharam em 4,1 milhões de toneladas, diminuindo em relação ao mês anterior, mas um volume que reitera a expectativa de um alto volume de soja em grão exportado pelo Brasil, na ordem de 46,6 milhões de toneladas.

12.1.9. Sorgo

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P			C					
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 71 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

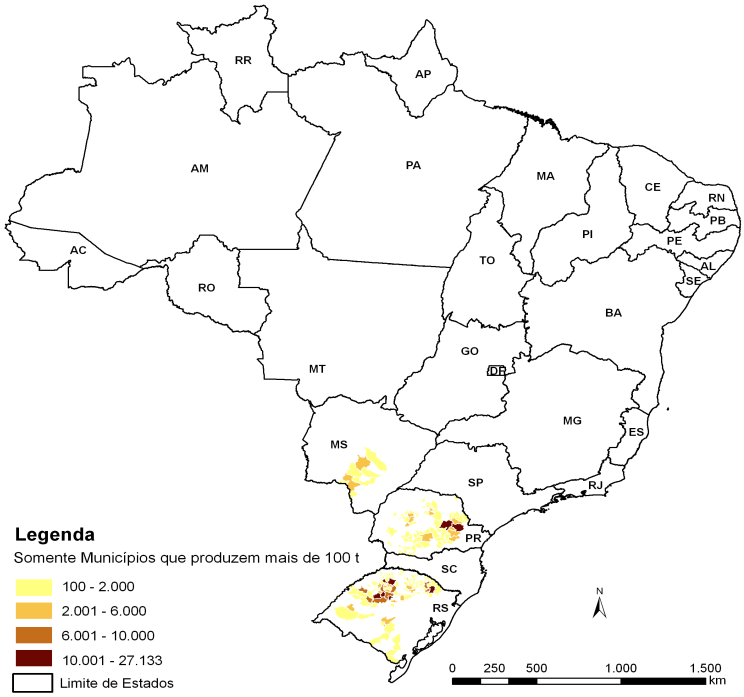
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**19,1**	**20,4**	**6,8**	**1.923**	**1.880**	**(2,2)**	**36,7**	**38,4**	**4,6**
TO	19,1	20,4	6,9	1.923	1.880	(2,2)	36,7	38,4	4,6
NORDESTE	**92,5**	**148,7**	**60,8**	**396**	**920**	**132,2**	**36,7**	**136,7**	**272,5**
PI	1,4	7,7	450,0	1.058	1.819	71,9	1,5	14,0	833,3
CE	0,6	0,7	16,6	480	2.442	408,8	0,3	1,7	466,7
RN	2,2	1,2	(45,5)	872	955	9,5	1,9	1,1	(42,1)
PB	0,2	0,2	-	800	1	(99,9)	0,2	-	(100,0)
PE	1,0	1,8	77,5	467	560	19,9	0,5	1,0	100,0
BA	87,1	137,1	57,4	371	867	133,7	32,3	118,9	268,1
CENTRO-OESTE	**478,4**	**363,7**	**(24,0)**	**2.965**	**3.096**	**4,4**	**1.418,5**	**1.126,0**	**(20,6)**
MT	163,2	139,5	(14,5)	2.727	2.526	(7,4)	445,0	352,4	(20,8)
MS	15,0	9,1	(39,3)	2.647	3.300	24,7	39,7	30,0	(24,4)
GO	291,8	206,9	(29,1)	3.085	3.420	10,9	900,2	707,6	(21,4)
DF	8,4	8,2	(2,4)	4.000	4.392	9,8	33,6	36,0	7,1
SUDESTE	**183,3**	**183,0**	**(0,2)**	**2.944**	**3.003**	**2,0**	**539,6**	**549,6**	**1,9**
MG	163,7	170,2	4,0	2.883	2.974	3,1	472,0	506,1	7,2
SP	19,6	12,8	(34,8)	3.447	3.400	(1,4)	67,6	43,5	(35,7)
SUL	**28,4**	**15,2**	**(46,5)**	**2.465**	**2.645**	**7,3**	**70,0**	**40,2**	**(42,6)**
RS	28,4	15,2	(46,5)	2.465	2.645	7,3	70,0	40,2	(42,6)
NORTE/NORDESTE	**111,6**	**169,1**	**51,5**	**657**	**1.035**	**57,5**	**73,4**	**175,1**	**138,6**
CENTRO-SUL	**690,1**	**561,9**	**(18,6)**	**2.939**	**3.054**	**3,9**	**2.028,1**	**1.715,8**	**(15,4)**
BRASIL	**801,7**	**731,0**	**(8,8)**	**2.621**	**2.587**	**(1,3)**	**2.101,5**	**1.890,9**	**(10,0)**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

12.2. Culturas de inverno

12.2.1. Aveia

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C						P	P	P	P	C	C
RS	C	C						P	P	P		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 72 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

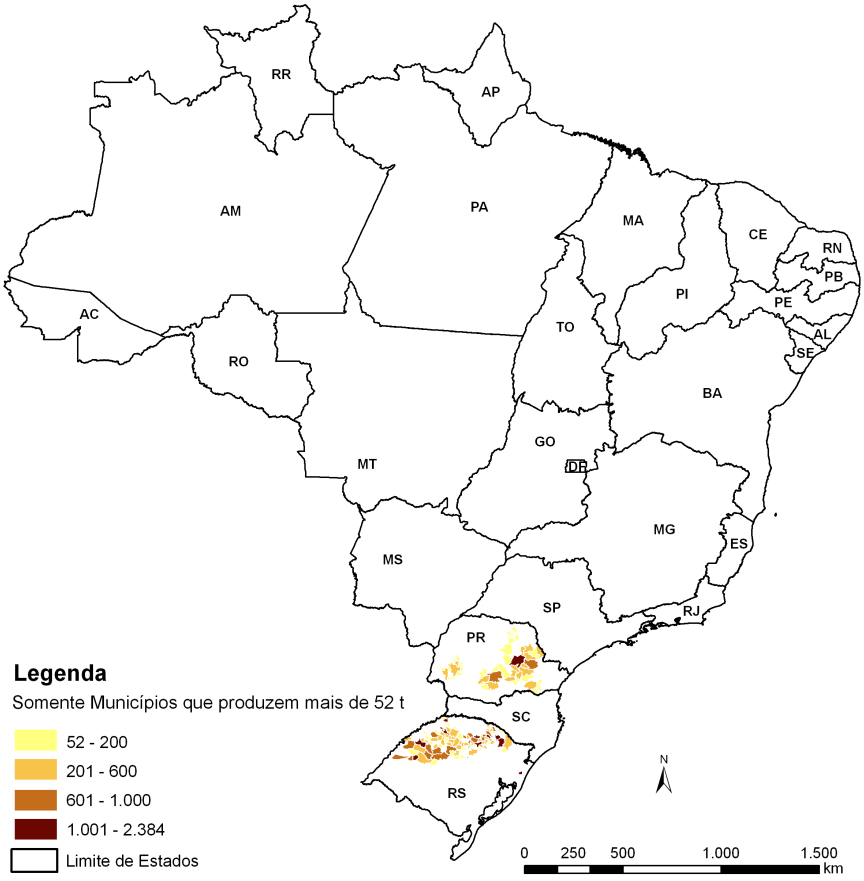
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	**5,9**	**7,6**	**28,8**	**1.695**	**1.474**	**(13,0)**	**10,0**	**11,2**	**12,0**
MS	5,9	7,6	28,8	1.694	1.470	(13,2)	10,0	11,2	12,0
SUL	**164,2**	**146,9**	**(10,5)**	**2.362**	**2.772**	**17,4**	**387,9**	**407,2**	**5,0**
PR	61,7	58,4	(5,3)	1.831	2.427	32,6	113,0	141,7	25,4
RS	102,5	88,5	(13,7)	2.682	3.000	11,9	274,9	265,5	(3,4)
CENTRO-SUL	**170,1**	**154,5**	**(9,2)**	**2.339**	**2.708**	**15,8**	**397,9**	**418,4**	**5,2**
BRASIL	**170,1**	**154,5**	**(9,2)**	**2.339**	**2.708**	**15,8**	**397,9**	**418,4**	**5,2**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

Por tratar-se de uma cultura mais resistente às oscilações climáticas, a produção nacional em 2014, deverá atingir 418,4 mil toneladas, representando um acréscimo de 5,2% em relação ao exercício passado. As condições das lavouras são consideradas boas nos diversos estados produtores, sinalizando para uma safra normal, a despeito da ocorrência de geadas atingindo as lavouras nos estágios de floração em algumas áreas do Rio Grande do Sul. Os preços recebidos pelos produtores encontram-se assemelhados aos praticados para o trigo, cotado em média a R$ 0,52 / kg. A rentabilidade, no entanto, se mostra bastante superior para o produtor de aveia, ao se comparar os custos de produção de cada lavoura.

12.2.2. Canola

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C						P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C						P	P	P		C	C

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 73 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

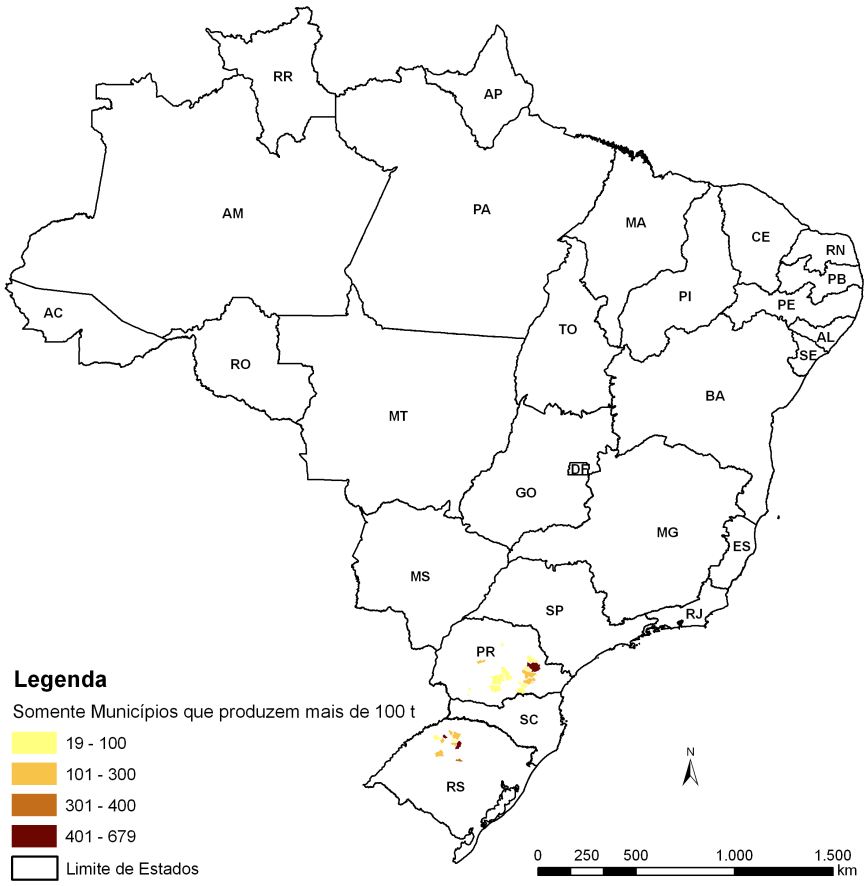
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUL	**45,5**	**45,2**	**(0,7)**	**1.330**	**1.527**	**14,8**	**60,5**	**69,0**	**14,0**
PR	15,2	6,2	(59,2)	813	1.696	108,6	12,4	10,5	(15,3)
RS	30,3	39,0	28,7	1.587	1.500	(5,5)	48,1	58,5	21,6
CENTRO-SUL	**45,5**	**45,2**	**(0,7)**	**1.330**	**1.527**	**14,8**	**60,5**	**69,0**	**14,0**
BRASIL	**45,5**	**45,2**	**(0,7)**	**1.330**	**1.527**	**14,8**	**60,5**	**69,0**	**14,0**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

No Paraná, com exceção do plantio no município de Cascavel, chama a atenção à redução observada na área plantada nesta safra. Os fatores que levaram ao presente quadro estão ligados aos problemas climáticos sofridos na safra anterior e também à ausência de tecnologias adequadas para o plantio na região. A cultura se encontra nos estágios de floração – 20%; maturação – 12% e 68% frutificando. No Rio Grande do Sul a semeadura da safra 2014 foi concluída. Algumas áreas sofreram danos na germinação pelo excesso de umidade. O incremento observado na área plantada está relacionado à disponibilidade de sementes na época apropriada, à necessidade das rotações de culturas e aos preços do produto estarem equiparados aos de soja e girassol – R$ 60,00 por saca de 60 kg.

12.2.3. Centeio

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR				C	C						P	P
RS			C	C						P	P	

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 74 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

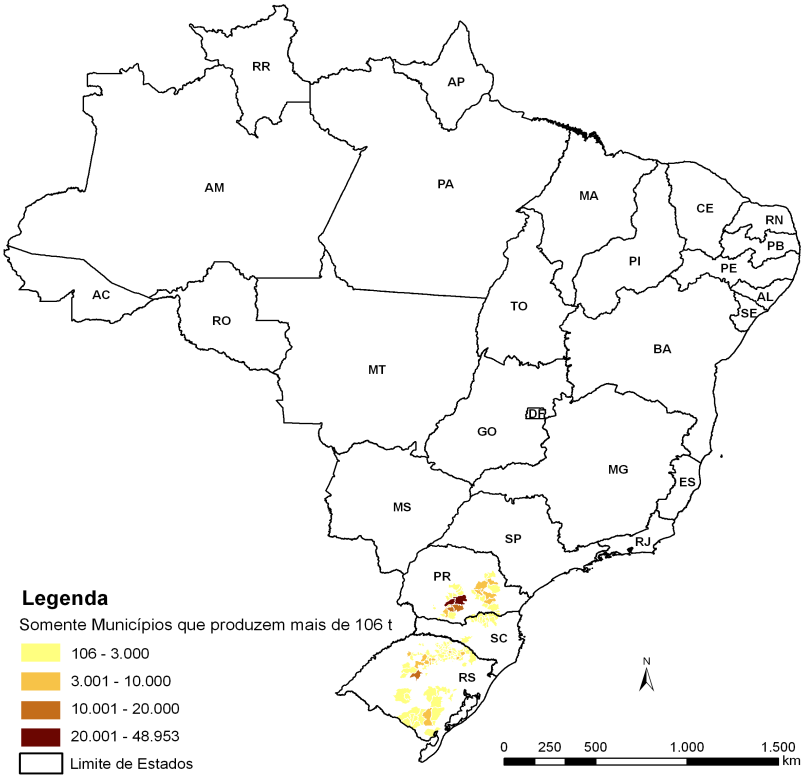
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUL	**1,5**	**1,8**	**20,0**	**1.800**	**2.000**	**11,1**	**2,7**	**3,6**	**33,3**
PR	1,0	1,3	30,0	1.904	2.192	15,1	1,9	2,8	47,4
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.500	-	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	**1,5**	**1,8**	**20,0**	**1.800**	**2.000**	**11,1**	**2,7**	**3,6**	**33,3**
BRASIL	**1,5**	**1,8**	**20,0**	**1.800**	**2.000**	**11,1**	**2,7**	**3,6**	**33,3**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2014.

No Rio Grande do Sul a área plantada já foi totalmente concluída. No estado a lavoura vem perdendo importância a cada safra. No Paraná, ao contrário, um forte incremento na área foi observado. As lavouras encontram-se na sua grande maioria, na fase de maturação e apresentam-se em boas condições.

12.2.4. Cevada

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C						P	P	P		
SC		C							P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 75 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUL	**102,9**	**118,1**	**14,8**	**3.510**	**3.527**	**0,5**	**361,1**	**416,5**	**15,3**
PR	43,7	54,2	24,0	4.157	4.150	(0,2)	181,7	224,9	23,8
SC	1,8	0,9	(50,0)	3.300	2.900	(12,1)	5,9	2,6	(55,9)
RS	57,4	63,0	9,7	3.024	3.000	(0,8)	173,6	189,0	8,9
CENTRO-SUL	**102,9**	**118,1**	**14,8**	**3.510**	**3.527**	**0,5**	**361,1**	**416,5**	**15,3**
BRASIL	**102,9**	**118,1**	**14,8**	**3.510**	**3.527**	**0,5**	**361,1**	**416,5**	**15,3**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

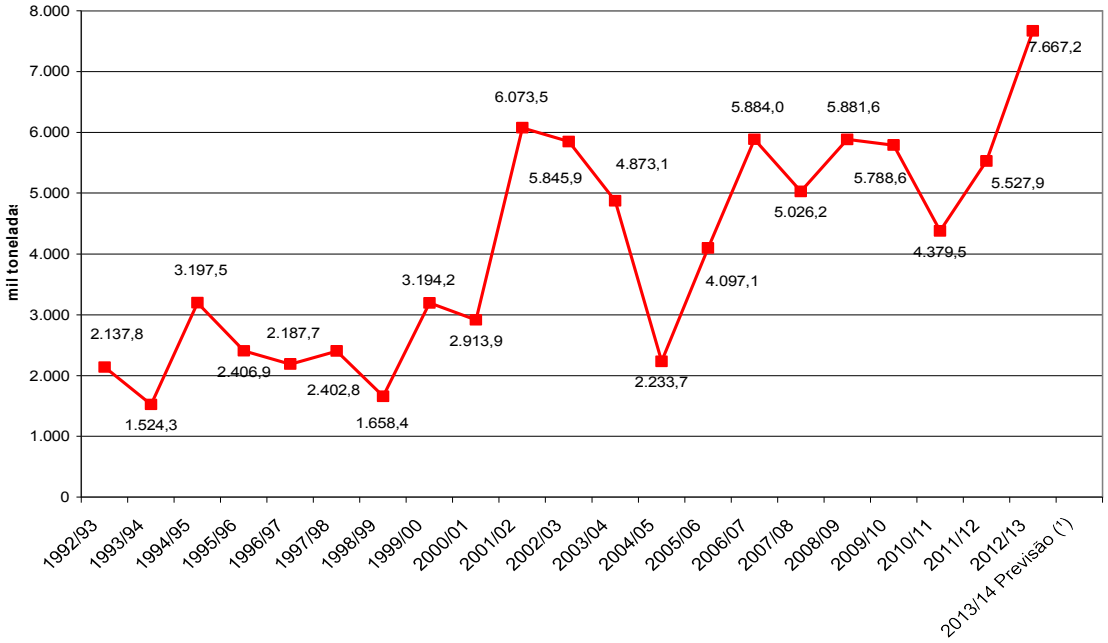
No Rio Grande do Sul a lavoura de cevada foi semeada em junho, dentro do calendário indicado pela pesquisa. A área de plantio está estimada em 63 mil hectares e a expansão da lavoura se deu em direção às regiões da Campanha, Centro do estado e Norte/Nordeste. No Paraná, o produto apresentou um forte incremento na área plantada, tendo como suporte a notícia de que duas novas maltarias, estariam se instalando no estado.

12.2.5. Trigo

A área plantada de trigo estimada para a safra brasileira em 2014 é de 2.682 mil hectares, com um aumento previsto de 21,4% em relação a 2013. Nesta safra, apesar da expectativa de produção de 7,67 milhões de toneladas, a demanda deve chegar a 12,2 milhões de toneladas, ou seja, ainda que esta produção se consolide, será necessário importar 4,5 milhões de toneladas, para atender ao consumo interno que segue crescendo a cada safra.

Historicamente, observa-se uma insuficiência do abastecimento interno com o trigo produzido no Brasil. No passado, essa lacuna era agravada pela crença de que o trigo gaúcho não possuía qualidades para moagem e panificação. Nos últimos anos houve uma clara tendência de aumento do consumo do trigo interno em relação ao importado. O principal fator para explicar esse movimento está na instabilidade política na Argentina, historicamente o maior fornecedor do grão para o país. As restrições cada vez mais rígidas das importações de trigo forçaram o Brasil a procurar novos parceiros comerciais, como Canadá e Estados Unidos, e a consumir mais o trigo produzido internamente.

Gráfico 46 – Produção de trigo no Brasil



Fonte: Conab.

Essa nova configuração foi acompanhada por um aumento dos preços internos. O trigo importado dos EUA e Canadá chega mais caro aos portos brasileiros do que o argentino (mesmo depois da isenção da TEC sob trigo importado de fora do Mercosul). Por essa razão, os preços domésticos aumentaram consideravelmente nos últimos anos, incentivando a produção interna, como a que está prevista acontecer na atual temporada.

Gráfico 47 – Consumo de trigo no Brasil

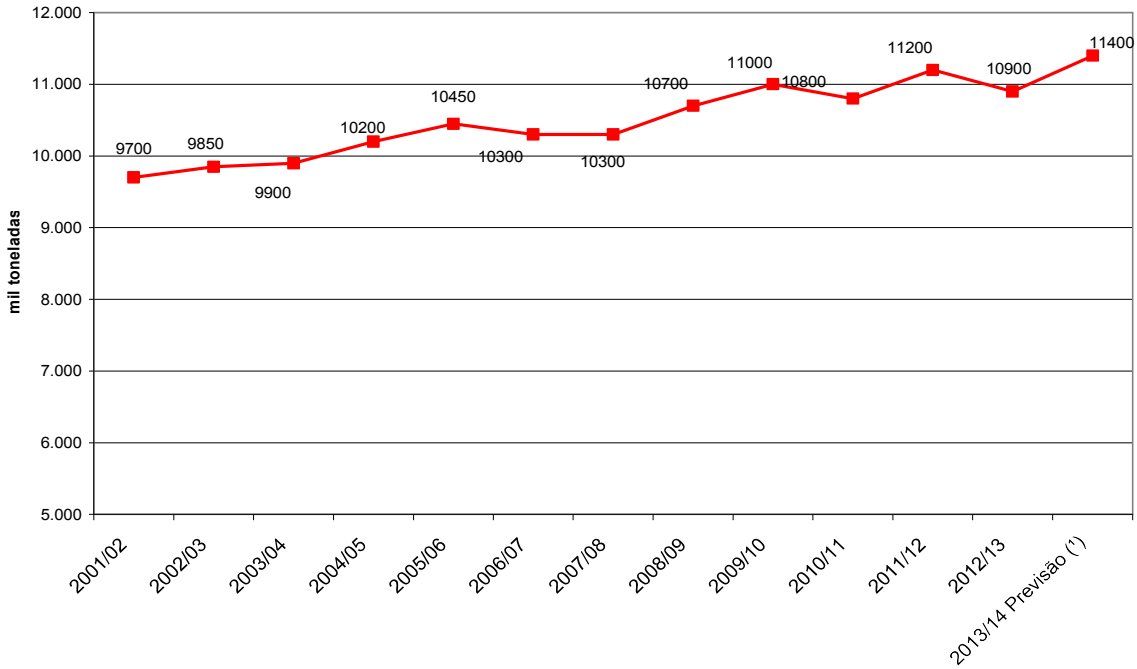
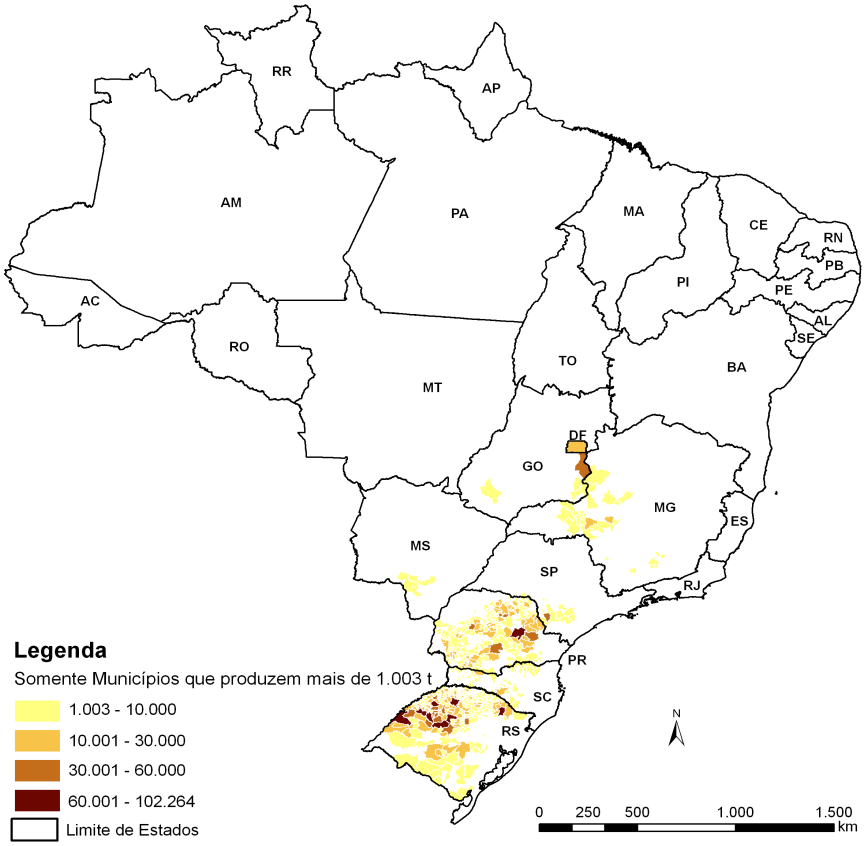


Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

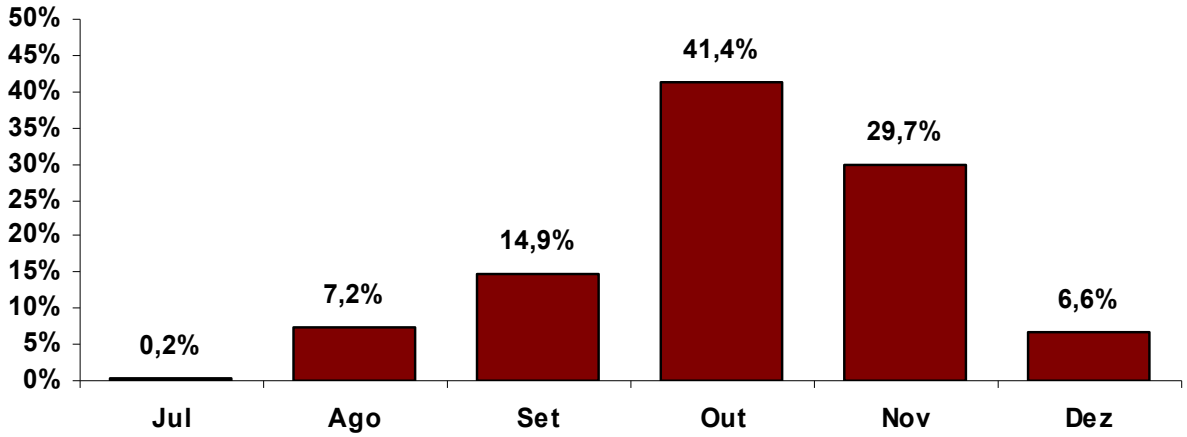
Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P	P	C	C	C
GO	C						P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P	P		C	C
SP	C						P	P	P		C	C
Sul												
PR	C	C					P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Distribuição mensal da colheita – Trigo



Fonte: Conab.

Tabela 76 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	**17,6**	**23,3**	**32,4**	**3.386**	**3.682**	**8,7**	**59,6**	**85,8**	**44,0**
MS	8,5	12,0	41,2	900	2.000	122,2	7,7	24,0	211,7
GO	7,3	9,9	35,6	5.390	5.397	0,1	39,3	53,4	35,9
DF	1,8	1,4	(22,2)	7.000	6.000	(14,3)	12,6	8,4	(33,3)
SUDESTE	**88,1**	**103,7**	**17,7**	**2.390**	**2.727**	**14,1**	**210,6**	**282,8**	**34,3**
MG	36,2	57,9	59,9	3.309	3.030	(8,4)	119,8	175,4	46,4
SP	51,9	45,8	(11,8)	1.749	2.345	34,1	90,8	107,4	18,3
SUL	**2.104,1**	**2.555,0**	**21,4**	**2.499**	**2.857**	**14,3**	**5.257,7**	**7.298,6**	**38,8**
PR	992,8	1.354,2	36,4	1.856	2.938	58,3	1.842,6	3.978,6	115,9
SC	72,6	75,7	4,3	3.260	3.000	(8,0)	236,7	227,1	(4,1)
RS	1.038,7	1.125,1	8,3	3.060	2.749	(10,2)	3.178,4	3.092,9	(2,7)
CENTRO-SUL	**2.209,8**	**2.682,0**	**21,4**	**2.502**	**2.859**	**14,3**	**5.527,9**	**7.667,2**	**38,7**
BRASIL	**2.209,8**	**2.682,0**	**21,4**	**2.502**	**2.859**	**14,3**	**5.527,9**	**7.667,2**	**38,7**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

A área semeada com trigo no Rio Grande do Sul totalizou 1.125,1 mil hectares, com crescimento de 8,3% em relação à safra anterior. Devido às condições de clima adverso, e, a pedido dos produtores e das entidades de classe ligadas ao setor, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), publicou no Diário Oficial da União (DOU), uma portaria prorrogando o período final de semeadura do trigo e da cevada no Rio Grande do Sul.

A semeadura da safra de trigo começou na primeira quinzena de maio na fronteira noroeste do estado e encerrou em fins de julho. A lavoura vem apresentando boa recuperação no seu desenvolvimento após o período de intensas chuvas no final de junho a início de julho, devido à pronta aplicação da adubação nitrogenada e ao controle de pragas e doenças que atingiram boa parte da lavoura.

O atual aspecto das lavouras dá indicações de bom potencial produtivo, podendo atingir as produtividades estimadas inicialmente, principalmente nas Regiões Norte e Nordeste do estado. No entanto, os técnicos informam que de uma forma geral, as condições do clima no início da cultura, comprometeram a possibilidade da planta

apresentar o seu máximo potencial produtivo. Com relação à comercialização, os produtores estão apreensivos com relação ao produto ainda estocado nos armazéns e o da próxima safra. Os preços apresentam-se em queda, sendo observado no momento, a ausência de compradores. Com a nova classificação do trigo, determinada pelo MAPA, o trigo gaúcho que antes tinha classificação “tipo 1”, passou, na sua grande maioria, para “tipo 2”, cujo preço é 17% menor, uma vez que o “tipo 2” ficou fora do último reajuste do preço mínimo.

No Paraná, a lavoura foi duramente afetada pelas geadas e excesso de chuvas em junho, ocorrendo inclusive o aparecimento de doenças fúngicas. A maior área plantada com o cereal no país apresentou um incremento de 36,4% em relação ao ano anterior, atingindo 1.354,2 mil hectares. No norte do Paraná, a colheita já foi iniciada, estimando-se que 8,6% do total tenha sido colhida, com níveis normais de produtividade, favorecido pelo clima seco dos últimos dias. Com a expectativa de excedentes de oferta na região, os preços do cereal já apresentam reduções e segundo informações das cooperativas, reduziu-se os interesses de aquisição, com receio de ficarem com um volume grande imobilizado em estoques sem mercado para negociação. Os preços giram em torno de R$ 32-33 a saca, valores que segundo os informantes, não remuneram os produtores.

Em Santa Catarina, a área plantada atingiu 75,7 mil hectares, 4,3% acima do ocorrido em 2013. Ao contrário do ocorrido na safra passada, quando prevaleceram as baixas temperaturas e a ocorrência de fortes geadas com neve, o clima deste ano apresenta-se mais ameno no inverno. Não há relato de ataques de pragas que possa trazer prejuízos à lavoura que se encontra em várias fases de desenvolvimento no estado, variando desde o estágio vegetativo até o de emborrachamento.

De uma forma geral, está sendo registrado um aumento de área no estado, em função do bom desempenho do mercado no exercício anterior e a necessidade do rodízio com soja, que vem aumentando ganhando espaço a cada ano. Pelos mesmos motivos, as lavouras plantadas utilizam pacotes tecnológicos avançados, que em tese, potencializam a produtividade do cereal.

No Mato Grosso do Sul foram observados alguns contratempos climáticos por ocasião do plantio, como geadas de baixa intensidade e chuvas acima da média para julho. Em decorrência, ocorreram problemas com doenças fúngicas, com destaque para o bruzone e a ferrugem. Nos municípios de Laguna Carapã, Ponta Porá, Aral Moreira e Dorados, houve a necessidade de aplicações extras de fungicidas, o que encareceu, sobremaneira, o custo de produção das lavouras. A fase predominante das lavouras atualmente é a de maturação.

12.2.5.1. Oferta e demanda

A estimativa de safra da Conab, referente a setembro, mostrou novo incremento da produção de trigo. Em relação à avaliação do mês anterior o acréscimo foi de 2,18%, passando de 7,5 para 7,66 milhões de toneladas, constituindo recorde histórico da triticultura brasileira. Em relação ao ano de 2013, a evolução foi de 38,7%, representando um acréscimo de 2,13 milhões de toneladas.

Mesmo que encerrado o ano safra de 2013, foi inserido pequeno ajuste nos volumes estimados de moagem, ou seja, de 11,1 para 11,2 milhões de toneladas, reduzindo o estoque de passagem para 933 mil toneladas, igual ao consumo requerido pela indústria brasileira para um mês de processamento.

O quadro de suprimento e uso de trigo da safra de 2014, que se encerrará em 31 de julho de 2015, sinaliza que as importações poderão ser de 5,5 milhões de toneladas, contra 6,64 e 7,01 milhões de toneladas em 2013 e 2012, respectivamente. A qualidade

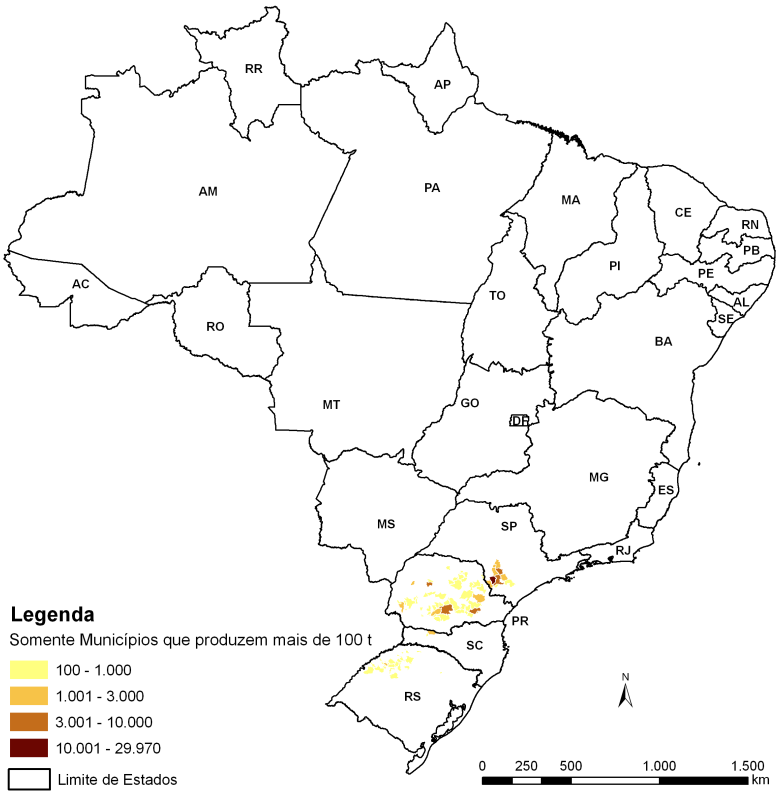
da safra nacional será decisiva para se ter esse reduzido volume de importações esperado para 2014/15.

Estima-se que as exportações com destino a paises da África, atualmente abastecidos por países produtores e exportadores do Mar Negro em situação de conflito geopolítico, poderão ser de 650 mil toneladas.

O volume de trigo destinado à moagem industrial em 2014 deverá ser de 11,8 milhões de toneladas e a demanda para sementes de 402,3 mil toneladas, restando um estoque de passagem de 1,24 milhão de toneladas, um pouco acima de um mês de consumo industrial avaliado em 983 mil toneladas. Dessa forma a demanda nacional por trigo em grão será de 12,2 milhões de toneladas.

12.2.6. Triticale

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C					P	P	P	P		C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C						P	P			

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 77 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUDESTE	**20,0**	**20,0**	**-**	**2.760**	**2.760**	**-**	**55,2**	**55,2**	**-**
SP	20,0	20,0	-	2.762	2.762	-	55,2	55,2	-
SUL	**22,8**	**18,8**	**(17,5)**	**2.175**	**2.638**	**21,3**	**49,6**	**49,6**	**-**
PR	16,9	13,3	(21,3)	2.200	2.867	30,3	37,2	38,1	2,4
SC	0,7	0,6	(14,3)	2.710	2.600	(4,1)	1,9	1,6	(15,8)
RS	5,2	4,9	(5,8)	2.015	2.015	-	10,5	9,9	(5,7)
CENTRO-SUL	**42,8**	**38,8**	**(9,3)**	**2.449**	**2.701**	**10,3**	**104,8**	**104,8**	**-**
BRASIL	**42,8**	**38,8**	**(9,3)**	**2.449**	**2.701**	**10,3**	**104,8**	**104,8**	**-**

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.

13. Histórico das estimativas de área plantada

Tabela 78 – Evolução das estimativas da área plantada no Brasil – 1° ao 12° levantamento

CULTURA	SAFRA 2012/13	SAFRA 2013/14					
		1º Levantamento			2º Levantamento		
	(a)	Lim. Inf. (b)	Lim. Sup. (c)	Média (d)	Lim. Inf. (e)	Lim. Sup. (f)	Média (g)
ALGODÃO	894,3	1.043,4	1.094,6	1.069,0	1.040,7	1.090,5	1.065,6
AMENDOIM TOTAL	96,6	**96,4**	**96,8**	**96,6**	**98,3**	**101,8**	**100,1**
AMENDOIM 1ª SAFRA	86,3	86,1	86,5	86,3	88,0	91,5	89,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	10,3	10,3	10,3	10,3	10,3	10,3	10,3
ARROZ	2.399,6	2.390,3	2.410,7	2.400,5	2.375,5	2.440,8	2.408,2
AVEIA	170,1	171,3	171,3	171,3	171,3	171,3	171,3
CANOLA	45,5	45,1	45,1	45,1	45,1	45,1	45,1
CENTEIO	1,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4
CEVADA	102,9	93,3	93,3	93,3	93,3	93,3	93,3
FEIJÃO TOTAL	3.075,3	**3.133,5**	**3.163,3**	**3.148,4**	**3.154,7**	**3.200,9**	**3.177,8**
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.125,0	1.147,5	1.177,3	1.162,4	1.168,7	1.214,9	1.191,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.299,9	1.299,9	1.299,9	1.299,9	1.299,9	1.299,9	1.299,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	650,4	686,1	686,1	686,1	686,1	686,1	686,1
GIRASSOL	70,1	68,7	68,7	68,7	68,7	68,7	68,7
MAMONA	87,4	87,4	87,4	87,4	135,8	143,0	139,4
MILHO TOTAL	15.829,3	**15.360,1**	**15.567,2**	**15.463,7**	**15.377,9**	**15.616,1**	**15.497,0**
MILHO 1ª SAFRA	6.783,1	6.362,3	6.569,4	6.465,9	6.380,1	6.618,3	6.499,2
MILHO 2ª SAFRA	9.046,2	8.997,8	8.997,8	8.997,8	8.997,8	8.997,8	8.997,8
SOJA	27.736,1	28.663,7	29.356,1	29.009,9	28.754,4	29.522,0	29.138,2
SORGO	801,7	798,3	804,0	801,2	802,3	806,4	804,4
TRIGO	2.209,8	2.181,8	2.181,8	2.181,8	2.181,8	2.181,8	2.181,8
TRITICALE	42,8	42,2	42,2	42,2	(12,1)	42,2	15,1
BRASIL	**53.563,0**	**54.177,9**	**55.184,9**	**54.681,4**	**54.344,4**	**55.526,3**	**54.935,4**

CULTURA	SAFRA 2012/13	SAFRA 2013/14					
		6º Lev.	7º Lev.	8º Lev.	9º Lev.	10º Lev.	11º Lev.
	(a)	(k)	(l)	(m)	(n)	(o)	(p)
ALGODÃO	894,3	1.092,1	1.094,8	1.092,4	1.102,8	1.119,1	1.121,6
AMENDOIM TOTAL	96,6	**106,9**	**108,5**	**106,3**	**104,4**	**104,3**	**105,3**
AMENDOIM 1ª SAFRA	86,3	96,5	94,4	94,4	92,8	92,8	94,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	10,3	10,4	14,1	11,9	11,6	11,5	11,1
ARROZ	2.399,6	2.485,7	2.416,9	2.425,3	2.404,1	2.396,2	2.396,4
AVEIA	170,1	170,1	170,1	170,1	143,4	143,5	153,9
CANOLA	45,5	45,5	45,5	38,3	42,5	42,1	45,3
CENTEIO	1,5	1,5	1,5	1,6	1,7	1,7	1,8
CEVADA	102,9	102,9	102,9	109,0	115,8	115,9	118,1
FEIJÃO TOTAL	3.075,3	**3.129,4**	**3.359,2**	**3.363,6**	**3.414,1**	**3.328,2**	**3.334,5**
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.125,0	1.175,2	1.174,3	1.191,5	1.191,1	1.166,3	1.165,7
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.299,9	1.268,1	1.530,0	1.525,0	1.567,0	1.485,1	1.494,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	650,4	686,1	654,9	647,1	656,0	676,8	674,5
GIRASSOL	70,1	131,5	139,9	137,6	144,3	143,5	145,7
MAMONA	87,4	105,9	112,3	106,3	102,2	103,3	101,3
MILHO TOTAL	15.829,3	**15.127,5**	**15.465,9**	**15.321,2**	**15.726,3**	**15.745,7**	**15.769,1**
MILHO 1ª SAFRA	6.783,1	6.435,4	6.629,4	6.614,0	6.695,1	6.678,1	6.642,1
MILHO 2ª SAFRA	9.046,2	8.692,1	8.836,5	8.707,2	9.031,2	9.067,6	9.127,0
SOJA	27.736,1	29.797,6	30.006,3	30.033,0	30.105,4	30.110,2	30.135,4
SORGO	801,7	848,4	808,0	804,5	797,5	797,5	719,3
TRIGO	2.209,8	2.209,8	2.524,0	2.546,3	2.616,9	2.627,6	2.667,6
TRITICALE	42,8	42,8	42,8	41,3	39,7	39,6	38,8
BRASIL	**53.563,0**	**55.397,6**	**56.398,6**	**56.296,8**	**56.861,1**	**56.818,4**	**56.854,1**

Fonte: Conab.

14. Balanço de oferta e demanda

Tabela 79 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2008/09	675,0	1.213,7	14,5	1.903,2	1.004,1	504,9	394,2
	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	30,0	2.069,1	870,0	660,0	539,1
ARROZ EM CASCA	2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.161,7	1.000,0	14.243,8	12.000,0	1.100,0	1.143,8
FEIJÃO	2008/09	230,0	3.502,7	110,0	3.842,7	3.500,0	25,0	317,7
	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.444,1	100,0	3.673,3	3.350,0	45,0	278,3
MILHO	2008/09	7.675,5	51.003,8	1.181,6	59.860,9	45.414,1	7.333,9	7.112,8
	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.498,3	26.174,1	8.258,9
	2013/14	8.258,9	79.905,5	500,0	88.664,4	53.905,6	21.000,0	13.758,8
SOJA EM GRÃOS	2008/09	4.540,1	57.161,6	99,4	61.801,1	32.564,0	28.562,7	674,4
	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	889,0	87.920,1	39.935,8	46.565,0	1.419,3
FARELO DE SOJA	2008/09	2.569,0	23.187,8	43,4	25.800,2	11.644,0	12.253,0	1.903,2
	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	5,0	29.219,8	14.100,0	13.579,4	1.540,4
ÓLEO DE SOJA	2008/09	246,2	5.872,2	27,4	6.145,8	4.250,0	1.593,6	302,2
	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	5,0	7.425,4	5.500,0	1.373,5	551,9
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	7.667,2	5.500,0	14.100,8	12.202,3	650,0	1.248,5

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2014.
Estoque de passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de dezembro - Arroz: 28 de fevereiro - Milho: 31 de Janeiro - Trigo: 31 de julho

SUREG AC
Felomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL
Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM
Thomaz Antônio Periz da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP
Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA/SE
Rose Edna Mata Vianna Pondé
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE
Francisco Agenor Pereira
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF
Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Quadra 5
71.200-000, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES
Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO
Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA
Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS
Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT
Ovídio Costa Miranda
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG
Osvaldo Teixeira de Souza
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA
Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB
Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D´Avila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE
Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI
Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR
Erli de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ
Luís Roberto Pires Domingues
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN
Luís Domingues
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO
Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR
Zelia Olanda Mar
Av. Venezuela n° 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS
Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC
Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SP
Alfredo Luíz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO
Vilmondes de Castro Macedo
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/2210/6230
http://www.conab.gov.br / geasa@conab.gov.br

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento